

**REVISTA GÊNERO NA AMAZÔNIA**

Belém, n. 3, janeiro/junho, 2013



## **GEPEM-Grupo de Estudos e Pesquisas “Encida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero**

### **Coordenação**

Maria Luzia Miranda Álvares ( UFPA)

### **Vice-Coordenação**

Eunice Ferreira dos Santos ( UFPA)

### **Conselho Científico**

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel (UFPA); Alda Britto da Motta (UFBA); Ana Alice Alcântara Costa (UFBA); Benedita Celeste de Moraes Pinto (UFPA); Cecília Sardenberg (UFBA); Celecina de Maria Sales (UFC); Cristina Donza Cancela (UFPA); Denise Machado Cardoso (UFPA); Eunice Ferreira dos Santos (UFPA); Gema Galgani Esmeraldo(UFC); Glória de Lourdes Rabay (UFPB); Iraíldes Caldas Torres (UFAM); Jorge Lyra (UFPE); Jussara Reis Prá (UFRGS); Luanna Tomaz de Souza (UFPA); Margarete Edul Lopes (UFAC); Maria Ângela D’Incao (UNESP); Maria Angelica Motta-Maués (UFPA); Maria Cristina Alves Maneschy (UFPA); Maria de Nazaré dos Santos Sarges (UFPA); Maria Luzia Miranda Álvares (UFPA); María Rosal Nadales (Universidad de Córdoba/Espanha); Mercedes Arriaga Flórez (Universidad de Sevilla/Espanha);Scarleth Yone O’hara Arana(UFPA); Telma Amaral Gonçalves (UFPA).

# REVISTA GÊNERO NA AMAZÔNIA

Belém, n. 3, janeiro/junho, 2013

## Editoras

**Maria Luzia Miranda Álvares** é Professora Associada 3 (IFCH/UFPA); graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará; mestrado em Planejamento do Desenvolvimento/NAEA e doutorado em Ciência Política/IUPERJ. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em estudos eleitorais e partidos políticos, participação política das mulheres e relações de gênero. É Jornalista de “O Liberal”/PA; coordenadora do GEPEM/UFPA e coordenadora Regional do OBSERVE.

**Eunice Ferreira dos Santos** é Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA); graduada em Letras; mestrado em Teoria Literária; doutorado em Letras (UFMG); vice-coordenadora do GEPEM. e coordenadora do GT-Gênero, Arte/Literatura e Educação/GEPEM. Desenvolve pesquisa sobre a autoria feminina na história literária do Pará.

Copyright ©-2013 – Gepem. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610/19.02.1998.

**Staff Editorial**

**Edição**

Maria Luzia Miranda Álvares  
Eunice Ferreira dos Santos

**Web Designer**

Leandro Machado de Sousa

**Projeto Gráfico**

Eunice Ferreira dos Santos

**Formatação Eletrônica**

Maria Auxiliadora Prado

**Capa (criação e arte)**

André Stenico

**Copidesque**

Eunice Santos (português)  
Izabel Maria Silva (inglês)  
Antônio Maldonado (espanhol)  
Lilian Adriane Ribeiro (espanhol)

**Revisão Técnica**

Eunice Ferreira dos Santos

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)**

---

Gênero na Amazônia / Universidade Federal do Pará/ GEPEM.  
- n. 3 (jan./jun.. 2013). - Belém: GEPEM, 2013.

ISSN 2238-8184

1. Mulheres - Amazônia - Condições sociais - Periódicos.

CDD - 22. ed. 305.4209811

---

**GEPEM**

Cidade Universitária José da Silveira Neto (UFPA/IFCH - Altos).  
Av. Augusto Corrêa, n.1 - Guamá - Belém/PA- 66075-110  
Fone: (91)3201-8215.

**E-mails:** [secretariagepem@ufpa.br](mailto:secretariagepem@ufpa.br); [luziamiranda@gmail.com](mailto:luziamiranda@gmail.com);  
[efsantos47@gmail.com](mailto:efsantos47@gmail.com)

**Sites:** [www.ufpa.br/projetogepem](http://www.ufpa.br/projetogepem); [www.jornaliaras.ufpa.br](http://www.jornaliaras.ufpa.br);  
[www.generonaamazonia.ufpa.br](http://www.generonaamazonia.ufpa.br)

# Sumário/Sumario/Contents

## *Dossiê/Dossier*

### **Relações Amorosas e Conjugalidades**

*Relaciones Amorosas y Conyugalidades*

*Loving Relationships and Conyugalities*

**Dossiê: relações amorosas e conjugalidades, 9**

*Dossier: relaciones amorosas y conyugalidades*

*Dossier: loving relationships and conyugalities*

Telma Amaral Gonçalves

**Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira, 13**

*El Amor, el Matrimonio y la Fidelidad en la Cultura Brasileña*

*Love, Marriage and Fidelity in the Brazilian Culture*

Mirian Goldenberg

**Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugalidades contemporâneas e usos de mídias digitais, 25**

*Traiciones, Pequeñas Mentiras e Internet: conyugalidades contemporâneas y usos de los medios digitales*

*Betrayals, small lies and the Internet: contemporary conyugalities and the use of the digital media*

Larissa Pelúcio

Mariana Cervi

**“A Gente Escolhe Amar”:** o noivado e as representações sobre o cônjuge ideal, 53

*“La Gente Elige Amar”:* el noviazgo y las representaciones sobre el cónyuge ideal

*“We Choose Love”:* engagement and the representations about the ideal spouse

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar

**Amor, Conjugalidade e Diversidade: um ensaio, 83**

*Amor, Conyugalidad y Diversidad: un ensayo*

*Love, Conjugality and Diversity: an essay*

Maria Angela D’Incao

**Três Mulheres e suas Histórias de Amor: Stein, Yourcenar e Bishop, 109**

*Tres Mujeres y sus Historias de Amor: Stein, Yourcenar y Bishop*

*Three Women and their Love Stories: Stein, Yourcenar and Bishop*

Telma Amaral Gonçalves

**“Como se eu Sonhasse o Sonho de outro Dono”: dificuldades e desafios sobre conjugalidades, 131**

*“Como si yo Soñara el Sueño de otro Dueño”: dificultades y desafíos sobre conyugalidades*

*“It is as if I dreamed the dream of another owner”: problems and challenges in conjugalities*

Audrei Vieira de Alencar

---

---

*Multiplicidade/ Multiplicidad / Multiplicity*

---

---

**Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil, 143**

*Cuando la Mujer Comenzó a Hablar: literatura y crítica feminista en Inglaterra y en Brasil*

*When Women Began to be Heard: literature and feminist literary criticism in England and in Brazil*

Dignamara Pereira de Almeida Sousa

Daise Lilian Fonseca Dias

**Mulheres Idosas em Narrativas de Autoria Feminina no Acre, 169**

*Mujeres Ancianas en Narrativas de Autoría Femenina en Acre*  
*Elderly Women in Female-authored Narratives in Acre – Northwestern Brazil*

Margarete Edul Prado de Souza Lopes

**Rachel de Queiroz em Caminos de Piedras: una mirada autobiográfica, 183**

*Raquel de Queiroz em Caminhos de Pedras: uma mirada autobiográfica*

*Rachel de Queiroz as portrayed in Stone Path: an autobiographical glance*

Lilian Adriane Ribeiro

**O Emprego Doméstico e as Relações de Gênero no Mundo do Trabalho, 207**

*El Empleo Doméstico y las Relaciones de Género en el Mundo Laboral*

*Domestic Work and Gender Relations in Labor World*

Maria Cristina Maneschky

---

---

*Entrevista/Interview*

---

---

**Maria Angela D' Incao, 219**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

**Maria Luzia Miranda Álvares, 229**

Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GPEM/UFPA)

---

---

**NORMAS DE PUBLICAÇÃO, 232**

---

---





## **Dossiê: Relações Amorosas e Conjugalidades**

*Dossier: relaciones amorosas y conyugalidades*

*Dossier: loving relationships and conjugalities*

**Telma Amaral Gonçalves**

O **Dossiê Relações Amorosas e Conjugalidades** reúne um conjunto de trabalhos que colocam em pauta, de forma articulada, dois temas instigantes que têm conquistado, contemporaneamente, cada vez mais espaço de debate e análise acadêmica em diversas áreas do conhecimento, em especial nas ciências humanas e sociais. Convém considerar que as concepções em torno desse tema têm sofrido inúmeras transformações, produzindo novos significados e atribuindo configurações diversas aos modelos normativos até então existentes, daí a necessidade de esses temas serem pensados no plural como o título do dossiê suscita. Ademais, outro aspecto visível, ao ser observado o conjunto dos trabalhos, é que eles contemplam especificamente o universo homossexual feminino e, também, as novas configurações que a heterossexualidade tem assumido na atualidade.

Do ponto de vista metodológico, os artigos, à exceção do ensaio de D’Incao, resultaram de pesquisa etnográfica ou de dados secundários ou da coleta de dados virtuais- este, um novo campo de pesquisa constituído no bojo das inovações tecnológicas de comunicação virtual cujos desdobramentos são infindáveis. Por fim, destaco as inúmeras associações possíveis com outros temas que atravessam a questão central aqui posta em debate, tanto nos trabalhos que tratam especificamente das relações amorosas dissociadas da ideia de conjugalidade quanto naqueles

---

---

**Telma Amaral Gonçalves** é Professora adjunto do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEN/UFPA).

E-mail: [telmaral@ufpa.br](mailto:telmaral@ufpa.br)

---

---

que investigam esse universo, ou seja, diversas articulações temáticas como sexualidade(s), heterossexualidade(s), homossexualidade(s), heteroconjugalidade(s), homoconjugalidade(s), juventude(s), gênero(s), família(s) e outros de caráter mais específico como infidelidade, traição, amor, paixão, amizade, vida cotidiana, conflitos, expectativas, insatisfações e desejos em torno da relação.

Todo esse quadro explora a constituição da diversidade que caracteriza essa área de estudo cujos temas, até a algumas décadas, eram pouco privilegiados academicamente por serem pensados como situações do cotidiano, portanto, banais, sem importância e sobre os quais nada havia a dizer. Atualmente, este campo é fecundo resultando em trabalhos de qualidade como os que fazem parte deste dossiê .

Mirian Goldenberg além de apresentar um resumo da própria trajetória de estudos nessa área ao longo dos últimos 23 anos, identifica três tipos de sentimentos presentes no casamento: o amor, a paixão e a amizade. Neste sentido, analisa os diferentes comportamentos e discursos de homens e mulheres das camadas médias urbanas sobre amor, casamento e fidelidade, ressaltando que, em uma época em que os casais não acreditam no amor eterno, é instigante pensar na idealização da fidelidade, que permanece fortíssima entre os pesquisados como um valor, embora, diz a autora, homens e mulheres traíam e sejam traídos - fato que expressa a discrepância existente entre discursos e comportamentos quando este é o tema .

Esta contradição é evidenciada no artigo de Larissa Pelúcio e Mariana Cervi que investigam o mercado das traições sigilosas online, tomando por base pesquisa em sites voltados para relações extraconjugais que são, segundo elas, situações recentes no Brasil. Concentradas nos perfis masculinos e no universo da heterossexualidade, as autoras mostram que os homens traem não com o objetivo de ter amantes duradouras, mas para manterem casos paralelos ao relacionamento conjugal que eles não intenciam romper – ocorrência que, segundo as autoras, ao mesmo

tempo configura transgressão e reiteração ao modelo monogâmico, já que não interfere na estabilidade da relação.

Trabalhando também com o modelo heteronormativo, numa etapa que antecede o estabelecimento de uma relação de conjugalidade no sentido formal, pois implica a construção de vínculos jurídicos e religiosos, Breno Alencar problematiza a escolha do conjugue, pesquisando noivos em processo de casamento e que participam/participaram de curso preparatório em uma paróquia da cidade de Belém. O autor constatou que a representação do cônjuge ideal é parte de um longo processo de tipificação social que se dá no decorrer das trajetórias socioafetivas dos indivíduos. Assim, segundo Breno Alencar, as alternativas, o gostar e a crença na escolha individual seriam socialmente construídos de acordo com os interesses pessoais e coletivos. Desse modo, as escolhas não tendem a resultar apenas de decisões calculadas, mas também de expectativas atendidas em razão da convergência de valores presentes no contexto social.

Maria Angela D’Incao apresenta interessantes reflexões em estudo que reúne os temas amor, conjugalidade e diversidade. Compreendendo a diversidade constituída como traço distintivo da família brasileira e, conseqüentemente, na diversidade de arranjos conjugais, afetivos e sexuais resultantes desta, a autora considera que o *amor ainda se faz presente em nossa cultura* globalizada apresentando, também, facetas diferenciadas e interpretações diversas. Segundo D’Incao, ele permanece no centro dos interesses e buscas do ser humano e se mostra mais importante do que era em outros tempos. Prova disto é a procura das emoções da paixão associada à ideia de segurança que o amor traz, fenômeno que tem ocasionado na atualidade, simultaneamente, descontentamento e busca incessante.

Utilizando um recorte metodológico diferenciado, Telma Amaral Gonçalves recupera a história de amor de seis mulheres que formam três parcerias homoconjugais vivenciadas ao longo da primeira e segunda metades do século XX, na França e no Brasil. Estas mulheres, de certa

forma, são pioneiras na expressão dessa homossexualidade. Suas vidas nos permitem pensar acerca das representações construídas em torno da sexualidade homossexual naquele período específico e suas repercussões nos dias de hoje. Vale ressaltar que nestas histórias de vida há temas correlatos aos dos demais trabalhos, entevendo-se as articulações existentes entre os amores do passado e os que são vividos na atualidade.

Por fim, Audrei Alencar atravessa, de certo modo, os outros trabalhos ao refletir acerca da experiência de pesquisa em torno das relações amorosas e das conjugalidades. Neste sentido, estimula a reflexão de que o encontro etnográfico, no qual o pesquisador e seus interlocutores se veem profundamente envolvidos, pressupõe uma relação de troca e, por isso, não pode ser concebido fora das relações de intersubjetividade, pois, afirma a autora, o outro não pode ser apreendido inicialmente como objeto de estudo e posteriormente como alguém com quem se troca ideias, uma vez que ambas as condições se interpenetram.

Como se vê, tratar de relações amorosas e conjugalidades é evidenciar a intimidade afetiva que permeia as vivências e convivências entre humanos e humanas. E se antes os estudos exploravam a dimensão física, o que se observa aqui, entre os achados de autores e autoras reunidos neste dossiê, é a complexidade de atributos que delineiam os desejos, afetos e pulsões da condição humana.

# Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira

## *El Amor, el Matrimonio y la Fidelidad en la Cultura Brasileña*

### *Love, Marriage and Fidelity in the Brazilian Culture*

Mirian Goldenberg

**Resumo:** neste texto, são analisados, comparativamente, os diferentes discursos de homens e mulheres a respeito do amor, do casamento e da fidelidade. Para isso, foram extraídos dados de pesquisa realizada com 1279 homens e mulheres, dos 20 aos 60 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro, por meio de questionários e entrevistas em profundidade. Os resultados desse estudo evidenciaram que: a fidelidade permanece como o principal valor para os pesquisados, apesar das significativas mudanças que eles apontam nas relações amorosas na atualidade; homens e mulheres traem e são traídos: a relação entre discursos, comportamentos e valores se mostra complexa e paradoxal quando a questão é a (in)fidelidade.

**Palavras-chave:** amor, casamento, fidelidade, gênero, cultura.

**Resumen:** la finalidad de este trabajo es analizar los diferentes discursos de los hombres y las mujeres acerca del amor, del matrimonio y de la fidelidad. La encuesta se realizó entre 1.279 hombres y mujeres de entre 20 y 60 años, residentes en la ciudad de Río de Janeiro, a través de cuestionarios y entrevistas. Los resultados evidenciaron que: la fidelidad sigue siendo el principal valor de los encuestados, a pesar de los importantes cambios que resultan en la actualidad en las relaciones amorosas. Como muestran los datos de las encuestas, los hombres y las mujeres engañan y son engañados. La relación entre discursos, comportamientos y valores se muestra compleja y paradójica cuando el tema es la (in) fidelidad.

**Palabras claves:** el amor, el matrimonio, la fidelidad, el género, la cultura

**Abstract:** the different male and female discourses about love, marriage and fidelity are analyzed in the study. 1279 men and women aged between 20 and 60 from the city of Rio de Janeiro provided data for the research by means of questionnaires and in-depth interviews. Findings suggest that the participants in the research still assign a major importance to fidelity despite the remarkable changes in the current romantic relationships. They also suggest that both men and women betray and are betrayed. The interwoven relationship of discourses, behaviors and values is complex and paradoxical as far as infidelity is concerned.

**Keywords:** love, marriage, fidelity, gender, culture.

---

**Mirian Goldenberg** é antropóloga e professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora convidada da Casa do Saber/ Rio de Janeiro; colunista do jornal *Folha de São Paulo*. É autora de: *A Outra; Toda Mulher é meio Leila Diniz; A Arte de Pesquisar; Os Novos Desejos; Nu & Vestido; De perto ninguém é normal; Infel: notas de uma antropóloga; O Corpo como Capital; Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade; Noites de Insônia: cartas de uma antropóloga a um jovem pesquisador; Por que Homens e Mulheres Traem?; Intimidade, Corpo, Envelhecimento e Felicidade; Tudo o que Você não Queria Saber sobre Sexo*. Tem realizado e orientado dezenas de pesquisas nas áreas de gênero, corpo, moda, consumo, envelhecimento, casamento, infidelidade, sexualidade e novas conjugalidades na cultura brasileira.

<http://www.ppgsa.ifcs.ufrj.br>; [www.miriangoldenberg.com.br](http://www.miriangoldenberg.com.br); [miriangg@uol.com.br](mailto:miriangg@uol.com.br)

---

## INTRODUÇÃO

Nos meus 20 anos, li todos os livros de Simone de Beauvoir: seus romances, suas memórias, seus ensaios. Seus livros, principalmente *O segundo sexo*, foram decisivos para que me tornasse a mulher que sou e uma estudiosa das relações de gênero.

*O segundo sexo* foi publicado na França, em 1949, e se tornou uma bíblia das feministas de todo o mundo. Neste livro, está a clássica frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A filósofa fez uma defesa radical da liberdade feminina, afirmando que as mulheres deveriam escapar das prisões do casamento e da maternidade. Não são os indivíduos os responsáveis pelo malogro do casamento, dizia, é a própria instituição do casamento, desde a origem, pervertida. Declarar que um homem e uma mulher devem se completar de todas as maneiras durante toda a vida é “uma monstruosidade que engendra necessariamente hipocrisia, mentira, hostilidade, infelicidade”, escreveu Simone.

Ela apontou, como problemas do casamento, a dissimetria e a dupla moral sexual que permite ao homem “trazer para seu leito escravas, concubinas, amantes e prostitutas” enquanto a esposa “deve-lhe a virgindade e uma fidelidade rigorosa”. No entanto, Simone de Beauvoir acreditava no amor. Ela dizia que numerosos matizes são possíveis nas relações entre um homem e uma mulher: na camaradagem, no prazer, na confiança, na ternura, na cumplicidade, e também no amor. Eles poderiam ser um para o outro a mais fecunda fonte de alegria, de riqueza, de força que se propõe um ser humano.

Simone de Beauvoir junto com Jean-Paul Sartre constituiu um casal mítico do século XX, ao fundar uma relação amorosa em torno das ideias de liberdade irrestrita e de transparência absoluta: contariam tudo o que lhes acontecessem, inclusive seus amores contingentes. O relacionamento deles, que se tornou um modelo desejado e imitado por muitos, não se encaixava em nenhum arranjo existente. Em suas memórias, ela escreveu

sobre esse pacto lendário, que durou mais de cinquenta anos, de 1929 até a morte de Sartre, em 1980.

No entanto, ao ler *Cartas a Nelson Algren*, descobri uma Simone de Beauvoir que me era desconhecida: uma mulher que faria qualquer coisa para manter o amante, menos se separar de Sartre. Em 1947, aos 39 anos, Simone conheceu o escritor norte-americano em uma viagem aos Estados Unidos.

Em uma carta para o amante, para justificar sua relação com Sartre, Simone fez uma distinção entre os sentimentos presentes em seu amor necessário – amizade verdadeira, fraternidade absoluta, compreensão, paz, equilíbrio – e os que estavam presentes em seu amor contingente – amor verdadeiro, desejo sexual, falta, medo.

Simone revelou que sua ligação com Sartre excluía o sexo. Era fundamentalmente uma relação de “alma”. Com o amante, era muito mais, era “coração, alma e corpo”. Mencionou, ainda, a relação que teve anteriormente com um belo jovem, que era apenas “corpo”. Distinguiu três tipos de relação: a que é baseada na amizade, a que é limitada ao sexo e, por último, a que significa o amor verdadeiro e total, pois reúne amizade e sexo. Nesse sentido, para ela, a relação com o amante era a mais completa das três. Mas ela não aceitou se casar com ele e nem se separar de Sartre, como escreveu em outra carta ao amante.

A infidelidade se tornou um grande problema para os amantes. Em inúmeras cartas, Nelson Algren se questionou sobre a possibilidade de dormir ou não com outras mulheres. Simone de Beauvoir respondeu, a todas, dizendo que ele deveria, sim, dormir com outras mulheres, desde que não deixasse de amá-la. Para ela, a única fidelidade possível era aquela exercida com liberdade e não compulsoriamente. Ela seria fiel ao amante porque era livre para escolher dormir com o único homem que realmente desejava. Nas cartas, ela afirmava incessantemente que eles eram marido e mulher e que era “fiel como uma esposa exemplar e convencional”.

Simone construiu, simultaneamente, em suas memórias, em suas cartas ao amante, em seus romances e ensaios, diferentes versões sobre

o relacionamento com seu amor necessário, Jean-Paul Sartre, e com seus amores contingentes. Nesses diferentes livros, descobri uma mulher contraditória, uma defensora da liberdade da mulher, e outra totalmente submissa ao seu amor necessário e aos contingentes; uma feminista radical e uma típica mulherzinha dependente de seus homens.

O impacto foi tão grande que voltei a reler todos os livros de Simone de Beauvoir, os mesmos que li e reli aos 20 anos, para compreender melhor a obra de uma mulher que influenciou decisivamente minha vida e meu interesse pelos estudos de gênero.

Será que o amor e o problema da fidelidade são capazes de tornar até mesmo uma mulher como Simone de Beauvoir “meio idiotizada”?

### **1. Amor, Amizade e Paixão**

Os homens e mulheres que tenho pesquisado nos últimos 23 anos apontaram três tipos de sentimentos presentes no casamento: o amor, a paixão e a amizade. O amor aparece como um sentimento amplo e difuso. É diferente da paixão, um sentimento inicial e provisório, que necessariamente se transforma em amor ou, mais comumente, acaba. Para os pesquisados, é impossível estar em um estado de paixão permanente por dois motivos: porque a paixão não resiste ao cotidiano e porque é insuportável a irracionalidade e a loucura inerentes ao estado de paixão. A paixão, quando não acaba como fogo de palha, se transforma em algo mais tranquilo e administrável: o amor, que, para durar, deve conter resíduos dessa paixão inicial ou corre o risco de se transformar em outro tipo de sentimento: a amizade. O casamento deve conter uma combinação destes três sentimentos: uma grande dose de amor, com algumas pitadas de paixão e de amizade.

Os casais devem evitar o risco de desequilibrar essas porções, já que uma grande dose de amizade poderia transformar a relação dos cônjuges em uma relação de irmãos, desertizada. Na hierarquia dos meus pesquisados, o polo mais valorizado é o do amor, e o menos valorizado



é o da amizade. E é a paixão que evita que o amor se transforme em amizade.

Apesar de o amor ser considerado o sentimento mais fundamental para a manutenção do casamento, é o mais difícil de ser definido por eles. O amor se encontra entre a paixão e a amizade, é menos explosivo do que a primeira, mas menos morno do que a segunda. É mais seguro do que a paixão, mas menos garantido do que a amizade.

Se a paixão é insuportável pela sua imprevisibilidade e loucura, a amizade é perigosa pela sua racionalidade e rotina. Um equilíbrio complicado é necessário para que uma e outra estejam presentes, mas que não sejam mais fortes do que o amor.

A paixão é associada ao excesso de sexo. A amizade está associada à falta de sexo. O amor exige o sexo, mas não aquele tipo de sexo que domina o indivíduo. O sexo é algo que pode e deve ser administrado, deve ser frequente e agradável, mas mais controlável do que na paixão. O casal deve estar atento para não deixar o sexo cair na rotina e se tornar burocrático, fantasma que ameaça as relações conjugais.

A ideia de que é possível administrar esses três sentimentos apareceu entre os meus pesquisados. A paixão, a mais irracional dos três, deve ser domada, domesticada, mas não pode ser excluída do casamento. A insegurança, uma dose controlada dela, a incerteza sobre a posse do outro, é considerada necessária para o desejo sexual sobreviver.

Essa matemática complicada torna os casais reféns de lógicas diversas, e, muitas vezes, contraditórias. Os pesquisados apontam como perigos para o casamento: a rotina, o cotidiano, a burocratização, a mesmice, a certeza de possuir o outro, a segurança que leva à morte do desejo. Mas falam também da necessidade de fidelidade, do problema do ciúme, da insegurança, da vontade de possuir o ser amado, de ter certeza de que se é amado por quem se ama.

O maior problema da amizade é a morte do desejo sexual. O desejo sexual se alimenta da falta, da ausência, da conquista. Não se deseja o que

se tem, mas o que não se possui. Como conciliar a estabilidade de um casamento e o desejo sexual?

## 2. O Valor da Fidelidade

Em 2007, o Datafolha realizou uma pesquisa com 2093 entrevistados, em 211 municípios brasileiros. Para a pergunta: “O que é mais importante no casamento?”, os pesquisados responderam: fidelidade (38%), amor (35%), honestidade (15%), filhos (5%), vida sexual satisfatória (2%) e dinheiro (2%).

Em uma pesquisa com a mesma temática, realizada pelo Datafolha em 1998, 23% dos pesquisados declararam que a fidelidade era o fator mais importante para o casamento feliz, uma porcentagem bastante inferior à de 2007. Em 1998, o amor foi apontado em primeiro lugar como o mais importante (41%), seguido da honestidade (24%) Este dado revela que a fidelidade, com o passar dos anos, tornou-se um valor ainda mais básico do que o amor para os casais brasileiros.

Para a questão: “O que é mais prejudicial a um casamento?”, a resposta foi ainda mais categórica: 53% dos pesquisados disseram traição, seguida com uma expressiva distância de falta de amor (15%), ciúmes (11%), incompatibilidade de gênios (5%), desemprego (4%), dificuldades financeiras (3%), brigas com a família do companheiro (3%), vida sexual insatisfatória (1%), um dos parceiros gastar demais (1%) e não ter filhos (1%).

Os dados do Datafolha comprovam o que tenho encontrado em minhas pesquisas: a fidelidade é um valor fundamental para os casais contemporâneos. Nos mais diferentes tipos de arranjos conjugais, inclusive na relação entre o homem casado e a sua amante, a fidelidade é um valor básico.

Apesar de muitos comportamentos masculinos e femininos não estarem mais tão distantes, inclusive no que diz respeito à traição - como mostram os dados da minha pesquisa em que 60% dos homens e 47%

das mulheres afirmaram já terem sido infiéis – os discursos femininos e masculinos são extremamente diferentes.

Um dado a ser pensado é o diferente posicionamento de homens e mulheres no que diz respeito às causas da traição. Os homens se justificam por terem uma natureza propensa à infidelidade. Nas respostas femininas encontrei insatisfação com o parceiro como a principal justificativa para a traição. Muitas mulheres, mesmo sendo mais livres em seus comportamentos sexuais, adotam o discurso de vítima da dominação masculina.

No discurso dos homens e das mulheres, a culpa da traição é sempre do homem: seja por sua natureza incontrolável, seja por seus inúmeros defeitos (e faltas) no que diz respeito ao relacionamento.

Numa época em que os casais não acreditam no amor eterno, é instigante pensar na idealização da fidelidade, que permanece fortíssima, inclusive nas relações extraconjugais. As Outras, as amantes de homens casados, que pesquisei acreditam que seus amantes não têm relações sexuais com as esposas. Os homens casados que pesquisei acreditam que suas amantes lhes são fiéis sexualmente. Não só no casamento, mas também no adultério, a fidelidade é um valor. Encontrei raríssimos casais que defendiam o casamento aberto, em que o marido e a esposa poderiam ter relações extraconjugais, desde que contassem tudo um ao outro, sem colocar em risco a relação principal.

Como já mostrei em livros e artigos, no Brasil, ter um marido é uma verdadeira riqueza, especialmente em um mercado em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. As mulheres casadas que pesquisei se sentem muito poderosas, pois, além de terem um marido, acreditam que são mais fortes e independentes do que eles (mesmo que eles ganhem muito mais do que elas e sejam mais bem sucedidos em suas profissões). Em um mercado em que os maridos são escassos, as brasileiras casadas sentem-se triplamente poderosas: por terem um produto raro e extremamente valorizado no mercado; por se sentirem superiores e imprescindíveis para seus maridos e, principalmente, por acreditarem que

eles são fiéis. Criei então o conceito de que, no Brasil, o marido é um capital.

Pode-se pensar que, no caso de muitas brasileiras que não possuem o “capital marital”, o amante fiel é considerado um outro tipo de capital, um pouco menos valorizado do que o marido fiel, mas ainda desejado.

Encontrei, entre os meus pesquisados, uma ideia que chamei de “fidelidade paradoxal”. Qual é o paradoxo da (in)fidelidade que aparece entre os meus pesquisados?

Em primeiro lugar, o valor da fidelidade, mesmo quando os indivíduos são efetivamente infiéis. Pode-se pensar que é justamente porque os indivíduos são, em grande parte, infiéis que a fidelidade é um valor.

Em segundo lugar, a fidelidade pode ser vista como uma ilusão. Mesmo sabendo que é provável que o parceiro seja ou tenha sido infiel, deseja-se acreditar que ele é fiel. Os pesquisados querem a ilusão de fidelidade muito mais do que a própria fidelidade.

O importante é acreditar na fidelidade, muito mais do que ser efetivamente fiel. Neste sentido, o depoimento de um dos meus pesquisados é exemplar para se compreender o paradoxo da infidelidade: o cafajeste, o homem que é mestre em ser infiel, pode ser considerado “o cara mais fiel do mundo”, porque sabe representar muito bem o papel de homem fiel com diferentes mulheres (e não apenas com uma).

Sabe qual é o maior paradoxo? O cafajeste é o cara mais fiel do mundo. Ele é o único que faz com que muitas mulheres se sintam únicas. Cada mulher com quem ele se relaciona se sente especial na vida dele. E é isso o que uma mulher quer ser: especial, única, ou melhor, ela quer acreditar que é a única. O cafajeste é o único cara que consegue transar com dez mulheres e fazer com que cada uma das dez se sinta a única na vida dele. E não é isso o que as mulheres querem? Serem únicas? Então o cafajeste é o cara mais fiel do mundo. É o único que faz com que dez mulheres acreditem que ele é fiel e que elas todas são únicas. Moral da história: é melhor ser cafajeste do que um cara fiel, porque elas acreditam mais no cafajeste do que em nós. Não é um paradoxo maluco?

Quando perguntei “Quais os principais problemas que você vive ou viveu em seus relacionamentos amorosos?”, percebi enormes diferenças entre os discursos femininos e masculinos. De semelhante, deve-se destacar que, entre os principais problemas apontados por homens e mulheres, dois são comuns: infidelidade e ciúme.

Os homens apontaram que o principal problema que viveram em suas relações, além da infidelidade e do ciúme, foi a falta de compreensão.

As mulheres responderam: falta de amor, falta de intimidade, falta de carinho, falta de romance, falta de confiança, falta de sinceridade, falta de diálogo, falta de liberdade, falta de paciência, falta de atenção, falta de companheirismo, falta de maturidade, falta de tempo, falta de tesão, falta de sexo, falta de respeito, falta de individualidade, falta de dinheiro, falta de interesse, falta de reciprocidade, falta de sensibilidade, falta de intensidade, falta de responsabilidade, falta de pontualidade, falta de cumplicidade, falta de igualdade, falta de organização, falta de amizade, falta de alegria, falta de paixão, falta de comunicação, falta de conversa etc. Algumas ainda afirmaram que falta tudo.

Enquanto os homens foram extremamente objetivos e econômicos em suas respostas, algumas mulheres chegaram a anexar e grampear folhas ao questionário para acrescentar mais e mais faltas.

Na questão em que peço que descrevam um modelo ideal de vida de um casal, os homens responderam: “com compreensão”. Um número expressivo de homens respondeu: “com paz”. É curioso que vários homens responderam “sem brigas”, enquanto muitas mulheres fizeram questão de destacar que o modelo ideal seria “com algumas brigas”.

Em um dos meus grupos de pesquisa, uma viúva de 68 anos me disse que está muito feliz, pois namora, há mais de dois anos, um homem bem mais jovem do que ela. Ele tem 40 anos e é casado com uma mulher de 32. Ela contou que eles se encontram quase todos os dias da semana, sempre na hora do almoço.

Ele diz que está comigo porque sou carinhosa, compreensiva, alegre. Ele me chama de sweetheart. Eu adoro! Reclama que a mulher dele é muito mandona, briga muito, exige demais. Ele morre de medo dela. Sabe como ele chama a mulher? Madame Mim, bruxa, megera... Ele sente falta de amor, de carinho, de aconchego, quer alguém que cuide dele, que o admire, que o respeite. Sei que não é por falta de opção que ele está comigo. Então, eu capricho. Estou sempre cheirosa e arrumada, sou super carinhosa, cuido dele, faço muita massagem, preparo comidinhas gostosas, sou compreensiva, atenciosa, digo que ele é o melhor amante do mundo. Não cobro nada, não reclamo de nada. E ele sempre volta para mim.

Após um debate sobre os casamentos contemporâneos, uma mulher me disse: você tem que me entrevistar, eu tenho uma Outra. Ela contou que é casada há dez anos, tem dois filhos e que sempre achou, e ainda acha, que é 100% heterossexual. Só que sua amante consegue lhe dar tudo o que falta na relação com o marido: amor, atenção, carinho, delicadeza, diálogo, amizade e, especialmente, intimidade física e emocional.

Sou heterossexual. Só que nunca consegui ter a intimidade que tanto desejo com um homem. Eles não sabem dar um abraço aconchegante ou escutar verdadeiramente uma mulher. E, quando tento explicar a diferença entre uma conversa íntima e uma fala vazia, eles não compreendem. O sexo com minha amiga é consequência de horas e horas de intimidade. Só com ela consegui ter a intimidade que sempre busquei. Nunca me senti tão próxima de um homem, nunca me senti tão escutada por um homem. Acho que os homens são completamente ignorantes em tudo o que diz respeito à intimidade.

Por fim, não posso deixar de mencionar a questão do amor virtual. Entrevistei homens e mulheres que vivem ou viveram esse tipo de relacionamento pela internet. Conheci inúmeros casos amorosos e sexuais que começaram pela internet e provocaram intensas paixões, mas, também, causaram extremos sofrimentos, ciúmes, separações, instigando uma discussão acirrada sobre se as relações que se limitam ao computador devem ser consideradas infidelidades ou apenas uma nova forma de masturbação estimulada pelas novas tecnologias de comunicação.

Entrevistei homens e mulheres que disseram ter uma vida amorosa e sexual bastante intensa e excitante com seus amantes virtuais. Disseram que as vantagens desse tipo de relação são incomparavelmente superiores às desvantagens, tais como: poder estar com o amante somente quando tem vontade; deletar o amante quando está cansado dele; não correr o risco de contrair doenças; não se sentir traindo verdadeiramente o cônjuge já que a relação é apenas virtual.

Uma das mulheres que pesquisei, relaciona-se, há quase um ano, com um homem que conheceu na internet. Ele mora em uma pequena cidade dos Estados Unidos e ela no Rio de Janeiro. Ele tem 43 anos, ela 47. Falam-se todos os dias, algumas vezes chegam a conversar mais de seis horas, durante a madrugada. Ela me disse que tem muito mais intimidade e diálogo com ele do que tem com o marido, com quem é casada há muitos anos. Disse que a intimidade foi se construindo ao longo dos meses, sem nenhuma expectativa de que a relação se tornasse mais séria.

É um tipo de namoro antigo, uma intimidade a distância, por mais paradoxal que possa parecer. É uma sedução e uma conquista passo a passo, como não existe mais no mundo real. Primeiro nos conhecemos, começamos a conversar muito só teclando. Depois nos falamos pelo skype, só com o microfone. Eu enviei minhas fotos, ele enviou as dele. Tudo muito mais lento do que se eu estivesse tendo um caso no mundo real. Só depois de alguns meses, concordei em ligar a minha câmera de vídeo. Hoje, nos falamos todas as noites, quando o meu marido está dormindo ou viajando. É tudo muito romântico. Adoro a sua voz, ele adora a minha voz. Fazemos sexo, quase todas as noites. Ele quer se casar comigo. Eu quero continuar como estamos. Não quero correr o risco de perder algo tão importante para mim: a nossa intimidade. Sei que pode ser só uma fantasia, uma projeção e que tudo pode acabar se nos encontrarmos no mundo real. Sei que posso não gostar do seu hálito, dos beijos, do cheiro do seu corpo. Prefiro a intimidade que temos no mundo virtual, mesmo que seja apenas uma ilusão de intimidade.

No material da minha pesquisa, chama muita atenção o fato de as mulheres reclamarem da falta de intimidade com seus parceiros, enquanto os homens se queixam da falta de compreensão de suas mulheres. Talvez aqui, neste descompasso entre os desejos femininos e masculinos, esteja a chave para compreender os amores de verdade e as verdades do amor.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo 2: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. *A Outra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *Intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2010.



# Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugualidades contemporâneas e usos de mídias digitais<sup>1</sup>

*Traiciones, Pequeñas Mentiras e Internet:  
conyugalidades contemporâneas y usos de los medios digitales*

*Betraysls, small lies and the Internet:  
contemporary conjugality and the use of the digital media*

Larissa Pelúcio  
Mariana Cervi

**Resumo:** neste artigo, as autoras exploram o mercado das traições sigilosas online baseando-se na percepção de usuários do site Ashely Madison que aceitaram colaborar. Para tanto, valeram-se do método etnográfico e de abordagem multidisciplinar para entender como amor e mercado, tecnologia e intimidade se encontram e de como valores tradicionais ligados à família, conjugualidade e masculinidade se articulam no universo das traições online. Neste sentido, acessaram perfis no site Ashely Madison privilegiando interações com os de homens entre 38 a 70 anos.

**Palavras-chave:** infidelidade, masculinidades, sites, traições, etnografia online.

**Resumen:** en este artículo, las autoras exploran el mercado de las traiciones sigilosas/silenciosas online a partir de la percepción de los usuarios del site Ashely Madison que aceptaron participar. Para ello, utilizaron el método etnográfico y el abordaje multidisciplinar para entender cómo amor y mercado, tecnología e intimidad se encuentran y de como los valores tradicionales conectados a la familia, conyugalidad y masculinidad se articulan en el universo de las traiciones online. En este sentido, accedieron a perfiles en la web Ashely Madison, y se centraron en las interacciones con perfiles de hombres que tienen entre 38 a 70 años.

**Palabras claves:** infidelidad, masculinidades, webs, traiciones, etnografía online.

**Abstract:** in the present paper, the authors carry out an exploratory analysis of the market of confidential online betraysls by examining the perceptions of the issue of those Ashely Madison Site users participating in the research. The ethnographic method and a multidisciplinary approach were employed in order to understand how love and market, technology and intimacy come together, and how traditional values related to family, conjugality and masculinity articulate in the world of online betraysls. Interactions between men aged between 38 and 70 were favored in the analyses.

**Keywords:** infidelity, masculinities, sites, betraysls, online ethnography.

---

**Larissa Pelúcio** é Professora assistente doutora do Departamento de Ciências Humanas – Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC, UNESP, Campus Bauru).

**E-mail:** [larissapelucio@yahoo.com.br](mailto:larissapelucio@yahoo.com.br)

**Mariana Cervi** é Graduanda em Psicologia (UNESP- FC, Campus Bauru).

---

<sup>1</sup> Este artigo, apesar de escrito em parte na primeira pessoa, conta com a colaboração de aluna de graduação Mariana Cervi, quem contribuiu com coleta de dados, análises de perfis e leitura de revisão do mesmo. Por me valer de alguns trechos textuais de seus relatórios como bolsistas PIBIC em projeto orientado por mim e por sua efetiva participação nos resultados aqui apresentados, considero-a como uma das autoras desse texto. Sempre que os dados e análises forem resultado deste esforço conjunto uso a primeira pessoa do plural para indicar essa produção.

## INTRODUÇÃO

Ele era um homem alto. Não grande, mas alto e magro, com aspecto um tanto frágil. Talvez essa impressão tenha sido provocada pelo seu ar cansado, ou pelos cabelos que começavam a ficar mais ralos e embranquecidos nas laterais da cabeça. Ele me reconheceu assim que entrei na confeitaria onde havíamos combinando de nos encontrar, em São Paulo, capital. Levantou-se. Foi quando vi que era alto e quase triste no seu terno azul escuro e suas mãos muito brancas. Pensei logo que ele não parecia um homem que trai. Difícil não acionarmos os estereótipos, mesmo quando estamos imersas/os em um campo científico, balizadas/os por nossos recursos teóricos e metodológicos. Em seguida afastei essa impressão tão de senso comum. Mas quando comecei a redação do diário de campo, naquela mesma noite depois do encontro com Adilson<sup>2</sup> na confeitaria, entendi que precisava voltar àquele julgamento súbito que tive quando o vi. Por que ele me pareceu um homem que não teria amantes? Como deve parecer um homem que traía a esposa? Estas questões se somaram a outras que já vinha mobilizando minha atenção investigativa desde que passei a pesquisar conjugalidades contemporâneas, intimidades e tecnologias, relações afetivas e mídias digitais, concentrando-me em sites comerciais que oferecem para pessoas casadas a possibilidade de se viver casos amorosos em sigilo.

Estas são reflexões iniciais oriundas de um campo relativamente recente vinculado ao meu projeto de pesquisa intitulado *Infidelidades.com*

<sup>2</sup> Todos os nomes de usuários do site citados neste texto são inventados para fins desta pesquisa.

<sup>3</sup> A pesquisa de Cervi intitula-se “Traição on-line: transgressão ou manutenção das normas? Uma análise dos perfis masculinos nos sites para relacionamentos extraconjugais no Brasil”.

- *a economia dos afetos nos sites brasileiros de traição*, desenvolvido juntamente com Mariana Cervi, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq)<sup>3</sup>. O objetivo geral é explorar o mercado das traições sigilosas *online*, a partir de pesquisa em sites que oferecem este serviço no Brasil, assim como na análise de algumas ferramentas publicitárias que

estes utilizam para divulgar seus serviços, bem como a repercussão na mídia e a aceitação do público alvo. Interessava-nos entender como amor e mercado se encontram (ILLOUZ, 2009). Como transgressão à ordem monogâmica pode servir, justamente para reiterá-la, hipótese aventada logo nas primeiras incursões por aqueles sites. Naquele primeiro momento exploratório nos perguntávamos, enquanto percorríamos ainda sem muita habilidade as páginas *online* do Second Love e do Ashely Madison, por que mesmo com a possibilidade se divorciar as pessoas preferem continuar casadas, ao mesmo tempo em que pretendem manter casos amorosos clandestinos? O que esse desejo, traduzido no número de usuários e usuárias dos sites<sup>4</sup>, pode nos informar sobre os matrimônios contemporâneos? Como a internet alterou relações afetivas de contornos mais tradicionais como são percebidos comumente os casamentos monogâmicos e heterossexuais?

Dados recentes mostram que as pessoas se separam cada vez mais<sup>5</sup> e que, diferente de outras épocas, muitas optam por permanecerem solteiras<sup>6</sup>. Mesmo diante desse quadro, homens e mulheres continuam se unindo para constituir uma família em relações reconhecidas perante o Estado. Essa aposta no matrimônio se traduz no número de uniões que, segundo o IBGE, aumentou nos últimos anos<sup>7</sup>. Ter esta parceria reconhecida tem se constituído, inclusive, umas das principais demanda políticas do movimento brasileiro de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).

Passadas mais de três décadas desde a aprovação do divórcio no Brasil<sup>8</sup>, o que se assiste não é o fim da instituição casamento,

<sup>4</sup> O Second Love tem no momento, segundo dados oficiais, 1 milhão de usuários no Brasil, sendo 65% deles homens.

<sup>5</sup> 243.224 divórcios registrados em 2010; houve um acréscimo de 36,8%, em relação a 2009, quando se atingiu 174.747 divórcios concedidos (IBGE, Estatísticas do Registro Civil 2010)

<sup>6</sup> A proporção de pessoas de 10 anos ou mais de idade, por estado conjugal, em 2010, no Brasil era: 50,0% viviam em união; 35,4% nunca viveram em união; 13,5% não viviam, mas já viveram em união (IBGE, Resultados preliminares da amostra do Censo Demográfico 2010)

<sup>7</sup> Houve um incremento de 4,5% no número de casamentos em relação a 2009. Já os recasamentos (casamentos em que pelo menos um dos cônjuges era divorciado ou viúvo) totalizaram 18,3% das uniões, 11,7% a mais que em 2000 (IBGE, Estatísticas do Registro Civil 2010).

<sup>8</sup> Lei nº 6.515, de 26 de Setembro de 1977.

mas o aumento desse tipo de união, engrossada pelos “recasamentos” (pessoas separam-se para casar novamente). Se o número de divórcios poderia contribuir para a hipótese de ser o casamento uma instituição desacreditada, os dados censitários recentes mostram que as pessoas continuam investindo nesse tipo de união, mesmo havendo maior permissividade social para que outros roteiros de vida sejam experienciados.

Como entender uma sociedade que aposta no casamento monogâmico, heterossexual (ou não), com fins procriativos (ou de constituição de prole) e a significativa adesão de inscritos/as nos sites de traição<sup>9</sup>?

<sup>9</sup> A base de usuários do Ashley Madison no Brasil subiu de 370 mil para 520 mil usuários, após comprar a base de dados do Ohhtel (<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/04/site-de-traicao-ashley-madison-compra-base-de-usuarios-do-ohhtel.html>)

Estes serviços aportaram no Brasil gerando muita publicidade e mobilizando a atenção dos *mídia*, o que, em nossa interpretação ainda aproximativa, traduz ansiedades coletivas frente às patentes mudanças nas dinâmicas das relações contemporâneas, atribuídas,

entre outros fatores, ao acesso crescente às novas tecnologias de comunicação. “Refletir acerca dos relacionamentos virtuais é refletir sobre a mais radical mudança no campo dos relacionamentos humanos na época contemporânea. Ainda que do ponto de vista quantitativo o número de pessoas que tem acesso a essas novas formas de relação seja pouco significativo”, afirmou o doutor em comunicação social, Márcio Gonçalves, em seu “Amores virtuais” (2009, s/n).

Estas mudanças, porém, afetam de forma distinta homens e mulheres. Miriam Goldenberg (1997, 2006), Andrea Moraes Alves (2009) e Marion Arent (2009), em seus estudos que envolvem traição conjugal, chamam atenção para o recorte de gênero que atravessa as relações extraconjugais buscadas fora ou por meio da internet. Atentas a este marcador, focamos nossas observações nos homens que procuram relacionamentos com mulheres. Pretendemos, assim, não só dar densidade às maneiras como estes homens mobilizam valores da masculinidade

(ou os desafiam) quando se filiam aos sites de traição, como também, problematizar as relações heterossexuais e estáveis, relegadas pelos estudos mais recentes sobre sexualidades que têm priorizado as homossexualidades.

Especificamente, procuramos compreender como homens casados que se anunciam como heterossexuais em um site que promete serviços seguros para a traição conjugal apresentam-se a si mesmos, o que dizem que procuram, como expressam seus desejos sexuais e afetivos, que tipo de relação estão buscando, o que esperam das possíveis parceiras e, sobretudo, como falam do casamento. Com estas questões em mente empreendemos o esforço de entender em que medida a internet interfere nas formas desses homens se relacionarem, inclusive no plano doméstico. Instiga-nos o fato de muitos revelarem que desejam manter seus casamentos, ainda que estejam desejosos por “aventuras” e por viverem novas emoções fora deles.

## 1. A Vida é Curta, Curta um Caso<sup>10</sup>

Em outubro de 2011, Mariana Cervi abriu seu primeiro perfil nos sites voltados para traição. De início eram três, o Ashley Madison, o Second Love e o Ohhtel. Este último foi comprado pelo primeiro e seu banco de dados transferido para o comprador. De maneira que já no início da pesquisa reduzimos os espaços de observação para dois sites. Naquele primeiro momento, a ideia era conhecer como funcionavam e explorar as suas ferramentas, mas não interagir com os homens que, por ventura, viessem a fazer contatos pelos mecanismos disponibilizados naquelas plataformas. No mês seguinte, eu mesma, Larissa Pelúcio, fiz também meus perfis. A partir deles passei a interagir com alguns usuários, trocando mensagens com base em ferramentas disponibilizadas pelos próprios sites, mantendo algumas conversas pelo Messenger e, posteriormente, trocando e-mails por intermédio de uma conta que criei especialmente para este fim.

<sup>10</sup> Slogan do Ashley Madison.

<sup>11</sup> De acordo com uma matéria da Folha Online (<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1185591-site-de-adulterio-vai-abrir-escritorio-no-brasil-e-lancar-servico-para-bissexuais.shtml>), de novembro de 2012, a questão da impossibilidade de contatar ambos os sexos seria resolvida: “Site de adultério vai abrir escritório no Brasil e lançar serviço para bissexuais”, diz a manchete. No entanto, a própria matéria diz apenas: “homens casados que desejem ter relações extraconjugais com pessoas do mesmo sexo”, aparentemente, esse contato já é possível através do site, mas continua restrito a apenas um dos sexos por perfil. A matéria também revela intenções do site de criar um domínio específico para esse tipo de relacionamento, ao que Eduardo Borges, diretor do AM no Brasil afirma: “As pessoas que procuram esse tipo de relacionamento não são gays, mas sim homens casados [com mulheres] que estão buscando novas experiências”. Nada é dito sobre mulheres casadas que busquem relacionamentos extraconjugais com outras mulheres. Outra novidade poderá ser uma ferramenta no site para ‘mulheres idosas e homens que se dispõem a sustentar parceiras mais novas’. A novidade seria só no Brasil, no exterior os sites como o [www.seekingarrangement.com](http://www.seekingarrangement.com) já são muitos, um deles diz ter dez anos de existência.

Logo ficou claro que ao abrirmos perfis femininos não poderíamos interagir com homens e mulheres simultaneamente. Ambos os sites nos quais nos cadastramos (Ashley Madison e Second Love) não disponibilizam esse recurso. Ou se é uma mulher que busca relacionar-se com outra ou uma mulher que procura homens. A bissexualidade não é dada como opção<sup>11</sup>. Impeditivo que aparece nas limitações de escolhas no ato de cadastramento.

Optamos por não criar perfis masculinos, mesmo que fossem apenas para atuarem como “lukers”, ou seja, são observadores que não interagem (ver mais sobre essa forma de realizar pesquisa na internet em Amaral, 2010), pois pouco se pode fazer nestes sites com contas masculinas e gratuitas. Para realmente interagir como homem é preciso pagar. Mulheres, ao contrário, podem ter perfis sem custos, utilizar de todas as ferramentas disponíveis e ainda, no caso do Ashley Madison, enviar mensagens a cobrar para aqueles que venham a interessá-las.

Mudanças na dinâmica comercial dos sites, nossa paulatina familiaridade com as referidas plataformas e o desafio em administrar um volume bastante grande de informações fez com que optássemos por concentrar nossas

observações em apenas um dos sites, o Ashley Madison<sup>12</sup>. O site garante ter no momento (fevereiro de 2013) 17.890.000<sup>13</sup> de usuários anônimos cadastrados, reivindicando para si o título de “maior site de traição do mundo”. Na página de rosto da versão brasileira pode-se ler que

Ashley Madison é o site mais bem sucedido para encontrar um caso e parceiros de traição. Tenha um caso hoje na Ashley Madison. Milhares de esposas e maridos querendo trair se inscrevem todos os dias à procura de um caso. Somos o site mais reconhecido para encontros discretos entre os casados. Ter um caso nunca foi tão fácil. Com o nosso pacote de garantia podemos garantir que você vai encontrar o caso perfeito. Registre-se gratuitamente hoje (Página inicial do site: <https://www.ashleymadison.com>)

A mensagem fática vem abaixo da imagem comercial mais difundida do site: a foto parcial do rosto (não vemos seus olhos) de uma jovem mulher com o dedo indicador esquerdo nos lábios pedindo silêncio, como naquelas clássicas fotos de enfermeiras que ilustravam hospitais antigamente. No dedo anelar da garota propaganda reluz uma aliança. À esquerda da foto fica um quadro branco onde figura a logomarca Ashley Madison (cuja letra “o” simula uma aliança caída) e, logo abaixo, o slogan: “a vida é curta, curta um caso” (ambos trazem o r maiúsculo circulado, símbolo internacional de marca registrada). Em seguida, ainda no mesmo quadro, o convite para que o/a visitante experimente o site: “Para começar, diga o status do seu relacionamento”. São seis opções: “homem comprometido procura mulheres”; “mulher comprometida procura homem”; “homem solteiro procura mulheres”; “mulher solteira procura homens”; “homem procurando homens” e “mulher

<sup>12</sup> Esta escolha se deveu ao fato deste site ter mais usuários, ser mais dinâmico, pois oferece uma série de ferramentas que permitem interação mais ágil e produtiva para os fins desta pesquisa, além de ter sido por meio dele que obtive o maior número de contatos pela ferramenta de mensagens do site; recebi “piscadelas”, presentes virtuais, bem como de usuários que se dispuseram a participar da pesquisa. Assinalo que Mariana Cervi mantém, atualmente apenas um perfil como observadora, enquanto eu interajo com os usuários que entram em contato comigo.

<sup>13</sup> Segundo dados fornecidos via e-mail pelo próprio site, “no Brasil, temos 1 milhão de usuários, sendo que 65% deles são homens. 37% dos usuários são de SP, 11% do RJ, 10% de MG, 7% do PR e 6% do RS”.

procurando mulher”. Feita a escolha, abre-se uma nova página na qual um quadro apresenta um formulário de cadastramento sob a promessa “Você está quase terminando! Invista 30 segundos do seu tempo para completar seu perfil e começar a fazer buscas”. Ao fundo, empalidecido, os perfis de possíveis pares já são vislumbrados, mas não acessíveis.



É o próprio site que usa a palavra “pares”. Já na página de rosto o imperativo aparece: “veja seus pares”. Atenho-me um pouco aqui, antes de seguir apresentando a interface do AM. Interesse-me pelo “par”. Pela “paridade” sugerida na própria raiz da palavra. Na promessa linguística de se encontrar alguém parecido com você com quem você poderá partilhar segredos e desejos. Sem, contudo, afetar o par que se tem domesticamente.

Eva Illouz, socióloga que tem se notabilizado por suas discussões sobre amor e mercado na modernidade tardia, escreve que “nesta unidade”, o par contemporâneo, “os sentimentos são considerados reflexos de sua própria liberdade”. Podemos escolher. “O que implica que a sua ligação é livremente escolhida e que eles são livres para deixar uma ao outro” (Illouz, 2013: s/n. Tradução nossa). Nas conversas que mantenho por e-mail com alguns usuários do AM, essa sensação de liberdade em escolher e abandonar (sem mágoas, desejavelmente) pessoas com quem se estabelece contato via site é um elemento de atração frequentemente mencionado.

A possibilidade de lidar com um amplo leque de escolhas tem sido, certamente, um outro atrativo dos sites de relacionamentos desde que surgiram. Os encontros nas plataformas *online* e aqueles *off-line* proporcionados pelo contato prévio na *web* são organizados “sob a égide



da ideologia liberal da ‘escolha’. Nenhuma tecnologia que eu conheça radicalizou de maneira tão extrema a ideia do que como ‘selecionador’ e a ideia de que o encontro romântico deve resultar da melhor escolha possível. Em outras palavras, o encontro virtual é literalmente organizado dentro da estrutura do mercado” (ILLOUZ, 2011: 114).

Anunciar que são mais de 17 milhões de perfis anônimos disponíveis é operar mediante uma economia afetiva de abundância, diante da escassez de modelos de relacionamentos socialmente disponíveis e da miséria emocional que marca a experiência de pessoas que usam serviços de diferentes sites de relacionamentos<sup>14</sup>. O marketing do AM promete, com esse número, um excelente investimento: um (você) diante de muitos à sua escolha. Dezessete milhões! É como se toda a grande São Paulo ficasse ao alcance do seu toque, do seu escrutínio. O que é falacioso. Os próprios mecanismos do site colaboram para a queda vertiginosa de opções no catálogo de “pares”. O primeiro deles refere-se ao gênero que se procura, se homem ou mulher. O outro tem a ver com o Código de Endereçamento Postal (CEP) a ser preenchido no ato de cadastramento e que não ficará visível, mas servirá circunscrever uma área geográfica de interesse. Há ainda os limites que cada usuário vai elencando como faixa de idade das pessoas que lhes interessam, tipo físico, entre outros, mais subjetivos, relativos à maneira como as/os possíveis parceiras/os se apresentam, construindo sua “vinheta pessoal”<sup>15</sup> a fim de entrar no catálogo do site.

<sup>14</sup> Ver Beleli, 2012; Facioli, 2013; Illouz 2011; Miskolci, 2012; Zago, 2013.

<sup>15</sup> Segundo Luís Felipe Zago, as vinhetas pessoais “são expressões que combinam palavras escolhidas pelos próprios usuários para serem reconhecidos neste espaço, de modo que seus significados se articulam para produzir uma vinheta – uma mensagem prévia, uma introdução ou breve apresentação – das características e informações que cada sujeito escolhe para ser reconhecido ali” (Zago, 2009: 12).

Por fim, a internet coloca toda pessoa que está à procura de outra num mercado, em franca competição com outras. Ao se inscrever no site, você se coloca imediatamente numa situação em compete com os outros que não lhe são visíveis. Portanto, a tecnologia da internet posiciona o eu

de maneira contraditória: faz o sujeito dar uma guinada profunda para dentro, isto é, exige que ele se concentre em seu próprio eu para captar e comunicar a essência única que há nele, sobre a forma de gostos, opiniões, fantasias e compatibilidade afetiva; por outro lado, a internet também faz do eu uma mercadoria em exibição pública. O processo de busca de parceiro na rede é, ao mesmo tempo, a conjunção de um subjetivismo intenso – que assume uma forma psicológica – e de uma objetificação do encontro, através da tecnologia e da estrutura de mercado do site (ILLOUZ. 2011: 114)

Essa dinâmica citada por Illouz, de imersão no seu “eu”, ocorre também quando, na troca de e-mails com alguns usuários, pergunto-lhes o que procuram de fato no AM (é assim que muitos usuários grafam o nome do site). Que tipo de relação desejam, como elegem as mulheres para as quais irão enviar mensagens. Luiz, um carioca na casa dos 40, com nível superior completo e emprego na área das Tecnologias da Informação, me diz que busca “parceiras entre 35 a 50 anos, experiência de vida para mim é fator importante, tem que ter estória para contar nos momentos antes e depois”. Luiz gosta de escrever, me manda longos e-mails, aos quais

correspondo em extensão. Em trocas que nos levam aquele processo imersivo citado acima.

Talvez seja o meio, quero dizer, o e-mail, que provoque, mais do que o MSN, essa textualização da subjetividade, presente nos contatos que venho realizando eivado de perguntas, mas também de relatos sobre a pesquisa, sobre meus achados e mesmo algumas questões pessoais demandadas por meus interlocutores. São momentos de introspecção no qual a maior parte dos homens que se dispôs a colaborar com meu trabalho, 28<sup>16</sup> até o momento, parece fazer profundas análises sobre sua presença no site, seus desejos, casamento, trabalho, frustrações, provocados por essa aproximação sistematizada balizada pelos interesses de pesquisa.

<sup>16</sup> Este número corresponde àqueles que enviaram mensagens mais longas e responderam a um primeiro convite de participação da pesquisa. Porém, recebi mensagens de abordagem e aproximação de cerca de 230 homens que, via este serviço (o de mensagens) disponibilizado na própria plataforma, redigiram texto comentando meu perfil e procurando contato comigo. O número de mensagens mencionado corresponde ao período de janeiro de 2012 a março de 2013 e inclui também mensagens enviadas pelo Second Love, site com o qual não trabalhamos mais.

Nossa situação [dele comigo] parece-me mais com um divã com um analista sem rosto para mim... e me dando a conhecer, creio ajudar na identificação de meu comportamento e das ‘ações’ a mim associadas... Talvez eu me abra com você para expurgar minha culpa, também. Tenho pensado nisso. Não sou exibicionista nem ‘voyeur’ e até acho estranho o quanto falo esse respeito contigo... reli minha nota anterior e vi que estou precisando mesmo é desabafar... “untold crimes”... asfixiam a gente!! E o pior é que não sinto muita vontade de me relacionar mais intimamente com ninguém que conheci... caramba, vou acabar num divã de verdade logo logo! Qual é a minha afinal? (Ricardo, 48 anos, por e-mail)

Ricardo, certamente um dos mais instigantes interlocutores, já não está mais no site. “Desencantou-se”. Em um de seus últimos e-mails para mim escreveu:

Eu sou um ‘desencantado’ e já estou até meio saturado desse ‘novo espaço’ que você busca para pesquisa. O problema é que eu não o busquei um dia para pesquisa, mas sim como forma de ampliar minha realidade - isso mesmo, ter aquelas sensações que não vêm da tela do cinema nem dos microcomputadores. (...) sendo a “vida curta demais”, não podemos perder o tiro de largada, pois nem sempre dá para recuperar o que foi perdido (tks. Pink Floyd!!) (Ricardo, em 06/07/2012)

## 2. Afinal, que Tipo de Homem Abre Mão de ‘Caçar’ Mulheres para ser “Estudado”?<sup>17</sup>

Adilson é usuário do AM, site canadense voltado para relações amorosas e sexuais fora do casamento, que há desde o segundo semestre de 2011 oferece este serviço no Brasil. Já foi entusiastas dos chats, as salas e bate-papo online, onde conheceu uma mulher com quem viveu uma tórrida paixão que terminou por ciúmes dele e por desejo de independência dela, que durante o *affair* com Adilson separou-se do marido. Ambos sofreram muito com esse rompimento, contou-me ele olhando com olhos tristes para uma xícara de café.

Comprometi-me com Adilson em não mencionar nunca sua profissão e outras referências que pudessem, ainda que remotamente,

<sup>17</sup> Interrogação feita por Ricardo em uma de suas longas mensagens de e-mail trocadas com a pesquisadora.

torná-lo alguém “identificável” nos textos que ele espera que eu produza a partir da pesquisa com a qual ele aceitou colaborar. Posso dizer que tem filhos, que até o momento de nosso encontro naquela tarde paulistana, estava casado (desde 1986) e que acerca de um ano entra “esporadicamente” no AM, enviando mensagens para perfis que o atraem. Seu carro novo e visivelmente caro, sua escrita correta e abundante, seu gosto por literatura são elementos sociológicos que me ajudam a localizá-lo em um lugar de classe. Um perfil sócio-antropológico que o aproxima da maior parte dos 28 homens que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa.

Em uma de nossas tantas trocas de e-mail, Ricardo me perguntou como seriam, “afinal, que os colaboradores” que me veem? “Os dados e informações fornecidas são confiáveis ou são apenas um pano de fundo para outras intenções? Eles ficam muito tempo nesse processo ou caem fora logo? (aposto na segunda hipótese, com duração de poucas semanas... mas é chute!)” (Ricardo, em 01/03/2012).

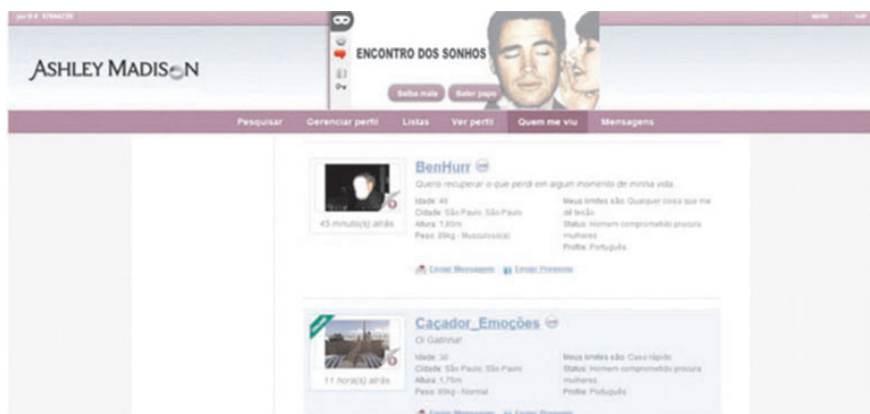
Na tentativa de responder este conjunto de perguntas fui organizando alguns elementos capazes de traçar perfis, sem, contudo, pretender criar “tipos”. Aqueles que se entregam de fato à pesquisa são os que estão muito mais dispostos a se dedicar à escrita introspectiva de um e-mail do que aqueles que apostam na dinâmica interativa de canais como o MSN. Teclei com poucos homens por este último canal, precisamente três. Com exceção de um deles, JCarlos, os demais procuraram me seduzir com abordagens diretas, pedindo para se mostrarem na webcam, solicitando insistentemente que eu fizesse o mesmo, trocando sempre suas fotos de apresentação no perfil do Messenger e esfriando a conversa na medida que iam percebendo que eu não desistia de manter o foco na pesquisa, perguntando-lhes sobre os usos que faziam do site, se já haviam conhecido alguém por aquele meio, como faziam para se diferenciarem quando criavam seus perfis, o que lhes atraía nos perfis femininos. Paralelamente, procurava responder a algumas de suas perguntas sobre minha vida pessoal, tornando de novo a questões pertinentes à pesquisa. Um deles me disse que precisava sair, havia aparecido um imprevisto. O outro, simplesmente desconectou-se.

Se os que escrevem e-mails ficam muito tempo trocando mensagens comigo? Em média trocamos em torno de seis e-mails.

Alguns desistem rapidamente, pois como Nei, representante comercial, 52 anos, gostariam que eu fosse menos focada na pesquisa. Apesar de ter sido gentil e de ter respondido muitas de minhas perguntas, em maio de 2012 ele colocou um fim nas interações com o seguinte e-mail: “Acho que não estamos procurando a mesma coisa não é, também já ajudei um pouquinho, né mesmo. Boa sorte aí na pesquisa, Ok”.

Outros como Ricardo se cansam, se decepcionam, desistem<sup>18</sup>. Ou como Adilson, entram esporadicamente no catálogo do site, pois já têm uma lista de contatos de mulheres pelas quais mantêm interesses diversos, inclusive de amizade e companhia, não apenas sexual, e podem acioná-las fora do site, por meio de outras plataformas ou mídias digitais.

<sup>18</sup> Ricardo voltou ao site um pouco antes de eu finalizar este artigo. Mudou o nickname e sua foto de perfil. No seu e-mail de retomada de nossas conversas me explica o porquê de ter voltado ao site. “Meus (ainda) altos & baixos profissionais acabaram me empurrando de volta. Às vezes, falta do que fazer, tédio... às vezes, vontade de ‘testar’ a popularidade no site, sei lá!”, Mais adiante analisa por que havia apagado seu perfil e ficado distante do AM: “A verdade é que eu tive uma ‘overdose’ de vida virtual e fiquei (mesmo!!) vários meses longe dela. Desencanei e ponto! Tenho hoje a certeza que existe no AM um ‘inferno fake’, tanto em relação a pessoas em si quanto às simulações do próprio serviço, mas por fim fraquejei e criei um perfil novo há cerca de um mês atrás”. (e-mail enviado em 19/03/2013).



Em comum, todos têm relativa familiaridade com esses meios. Já faziam uso de e-mails desde meados dos anos de 1990, naquele momento, quase sempre para fins comerciais. Ainda que 1/3 dos 28 homens com quem troquei algum tipo de mensagem via AM, tenham usado chats nos anos 90 com fins de socializar-se, conhecer mulheres e paquerar.

A maior parte dos homens com quem interajo ou interagi em algum momento desta pesquisa tem curso superior completo e mora no estado de São Paulo. Somente Luiz é da cidade do Rio de Janeiro. Apenas

<sup>19</sup> Em sua pesquisa de doutorado intitulada *Os Meninos - corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos* (2013), Luiz Felipe Zago utilizou ferramenta semelhante para fazer a aproximação com possíveis interlocutores. No Manhunt, site para relacionamentos entre homens, estudado por Zago, é possível se fazer invisível na lista de visitas, mas também usá-la como uma forma de chamar atenção sobre si. No caso do AM, o “chamariz” pode resultar em uma economia de cinco créditos para efetivar um contato (mulheres não pagam para usar as várias ferramentas do site, não ocorre o mesmo com os homens), caso o perfil feminino visitado se sinta estimulada, atraída, em efetuar ela mesma a primeira aproximação. (os créditos custam entre R\$ 0,35 a 0,50, conforme o tipo de conta o tem o usuário, ou seja, com tipo básico com um conjunto limitado de serviços ou com mensalidade mais alta, mas com direito a um pacote mais amplo de serviços. Os preços também variam conforme o uso: quanto mais mensagens enviar, menos pagará por cada uma. Estas informações foram fornecidas pelos administradores do AM no Brasil).

Teo, Aurélio e Fernando, 42, 57 e 70 anos, respectivamente, não estão comprometidos. Os dois primeiros estão recém-separados, o último é viúvo há três anos. Apensar de ter uma namorada, Fernando, o mais velho dos homens com quem conversei até o momento, não se sente, de fato, comprometido, segundo me escreveu. Dos 25 perfis restantes, três deles têm namoradas ou noivas, os demais são casados. A média de tempo dos casamentos é de um pouco mais de 13 anos (13,4).

Diegoqueroce, Amanteouro, Homemcultosedutor, JoaoAndarilho, Kawboysp, Guri57, Gatopaulistano45, lindoAtleta, são alguns dos *nicks* usados por homens que se inscreveram no site. Estes procuram reunir no nome de apresentação dados e características que ajudem a anunciar idade, artifício dos mais usados; localidade de onde teclama; gostos e estilos corporais, além de sintéticas investidas de sedução. Quando visualizamos os perfis, além dos *nicks*, outros elementos gráficos e ortográficos servem para dizer mais sobre quem é aquele homem ou como ele pretende ser visto. Uma das ferramentas que utilizo para apresentar com mais detalhes os perfis esta disponibilizada como aba acima de meu próprio perfil: “quem me viu”<sup>19</sup>. Este é um recurso interessante. Fica claro para mim que nem todos que viram meu perfil se

interessaram em fazer contato. Mas esta é também uma ferramenta que pode funcionar como sedução, um convite.

Quando um usuário ou uma usuária acessam esta aba visualizam uma tela como a mostrada acima. Tem-se um conjunto de informações fornecidas pelo/a próprio/a criador/a do perfil<sup>20</sup>, acrescida das ferramentas de acesso que o site oferece, além da tarja verde que fica sobre a foto do perfil avisando se aquela pessoa está *online*.

Quero chamar atenção nestes classificados contemporâneos das frases escolhidas para constarem logo abaixo do *nick*. Mariana Cervi dedicou-se a arquivá-las a partir da observação dos visitantes de seu perfil de mulher de 28 anos, comprometida. Frases como “quero sentir de novo o friozinho na barriga” ou que insinuam busca por emoções prazerosas, são muito comuns e reiteram a publicidade do site, que promete reacendê-las, sem gerar, contudo, consequências desagradáveis<sup>21</sup>. “Gosto do sabor da conquista, do prazer do novo, da adrenalina”, informa este outro, acionando um dos motes desses ambientes virtuais de conquista: a aventura.

A aventura, escreve Mary Jane Spink, é definida “como a disposição de correr riscos. Trata-se de um componente importante da modernidade, expressa, por exemplo, na disposição de investir, motor principal da economia liberal” (2001: 1283). Investir na relação passaria também por correr certos riscos. Ainda que nos sites – tanto no AM como no Second Love, que compôs inicialmente nosso campo investigativo – haja um esforço em mostrar que estes seriam riscos controlados, por isso mesmo, podem ser desejados.

<sup>20</sup> Muitas pessoas não colocam foto no perfil, às vezes as deixam apenas para a Galeria Privada, a qual só é possível obter acesso mediante permissão do dono ou dona da conta. É possível solicitar a chave de acesso à Galeria Privada a partir de uma ferramenta própria. Assim, a solicitação chegará à lista de mensagens da pessoa abordada, cabendo a ela enviar ou não a “chave”, ou seja, a permissão. Os perfis sem foto figuram com uma silhueta cinza, nas dimensões e postura de uma foto 3 x4. A para homens apresenta uma figura de cabelos curtos, cinza com detalhes vazados que permitem visualizar um terno com gravata. Para mulheres a figura insinua cabelos longos e silhueta delgada.

<sup>21</sup> O que, como era de se esperar, não se concretiza de todo, como será discutido no tópico a seguir.

É ainda Spink, bebendo em diversas fontes, quem atenta para os sentidos da gestão do risco no nível da pessoa, na modernidade tardia.

Já a gestão no nível da pessoa, concerne, sobretudo ao imperativo de gestão da informação numa sociedade cada vez mais destradicionalizada e à luz de mudanças substantivas na natureza da informação (...). Tornando-se [a informação] uma exigência para a produção de sentidos no cotidiano, implica novas formas de vigilância, agora subsumidas pelo autocontrole do estilo de vida e pela monitoração constante de indicadores de qualidade (...). O cruzamento do imperativo da informação com os processos de destradicionalização tem implicações importantes. Há, antes de tudo, uma tendência à desnormalização, sendo a norma substituída pelo imperativo da opção (SPINK, 2001: 1282).

Um pouco dessa proposta aparece nos e-mails de Antônio Carlos, quando procura dar sentido ao que busca nos sites, uma vez que assumiu que não vê possibilidades de encontrar alguém “completo” por ali. Essa impossibilidade, teoricamente, seria uma forma de gestão do risco de que essas incursões on-line possam abalar seu casamento. Por outro lado, são essas “entradas” que o fazem sentir “vivo”.

Sabe aquele arrepio bom, quase tesão, de alguma coisa q vc talvez não vá fazer, mas q por alguns minutos te elevam a adrenalina? (...) dá um friozinho gostoso saber q vc está conectando pessoas de carne e osso como vc, com seus defeitos, virtudes, vontades, pecados. E que (não me interprete mal!) se vc apertar o botão certo, a pessoa se abre, te conta a vida. Todos temos necessidades de falar da gente mesmo pros outros (Antônio Carlos, 48, por e-mail).

Nessa “textualização da subjetividade” esperada e ansiada por nosso interlocutor, estaria o prazer, o gozo, experimentados de forma razoavelmente controlada. Ao acompanharmos os perfis, mensagens e e-mails dos usuários destes sites, temos a impressão de que seus administradores sabem muito bem o que estão oferecendo.

A linha entre o controle e a entrega parece ser tênue, daí a reiteração do “mantra” do amor à família, do respeito à esposa, da vida doméstica



como “porto seguro”. Alguns se apaixonam, mesmo quando acreditavam estar no controle de suas emoções e relações. Aconteceu com Karl, 41 anos (trabalha com arte e publicidade), casado pela segunda vez há cinco anos. No trecho de um de seus e-mails conta como se deu a aproximação com a usuária do site por quem se apaixonou:

Varias vezes quase nos encontramos, mas ela sempre dava alguma desculpa e fugia na última hora. Mas nos falávamos sempre, só nas palavras. Sentíamos muito desejo um pelo outro, um desejo diferente, pois o que mais erotizava esse desejo era justamente a distancia e as palavras. Sempre elas. (...) Nos encontramos há uns 2 meses atrás, passamos o dia juntos, foi maravilhoso, dessa vez ela estava 100% pronta para isso e totalmente entregue. Eu tb estava, embora confesso que tenha me sentido um pouco culpado qdo fui para casa. Mas não me arrependi, de forma alguma (E-mail enviado em 15/01/2013).

A mulher pela qual Karl se apaixonou mantinha um perfil “fake”, quer dizer, que não oferecia seus dados verdadeiros, mas o encontro e o que ele viveu ao lado dela foram experimentados como profundamente reais. Esta veracidade também é anunciada como mote de venda pelos administradores do site que garantem serem os perfis de pessoas que realmente existem e que desejam relações sigilosas<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> O site oferece ferramentas para “denúncia” de usuários que possam estar violando as normas do site. Estas podem ser acessadas na página de entrada do mesmo.

As relações mediadas digitalmente (...) são um fenômeno recente, mas que conquistou adesão rápida e massiva sem deixar também de suscitar temores como o de conhecer, ou pior, envolver-se com alguém perigoso. Manchetes sobre crimes digitais, vazamento de e-mails, fotos e dados pessoais, às vezes, ainda se somam a casos de sequestro e morte. Haveria algo intrínseco às novas mídias digitais, um espaço novo e com regras próprias que precisaríamos aprender a explorar para sentir segurança em seu uso? (MISKOLCI, 2012: 35)

Miskolci responde esta questão valendo-se dos aportes de Nancy Baym (2010), para quem os estudos iniciais sobre o ciberespaço tenderam

a tratá-lo como uma esfera diferenciada e descolada da vida *off-line*, quando o que verificamos é que “real” e “virtual” são mais complementares que termos excludentes. Ainda assim, é preciso admitir, que há particularidades próprias das sociabilidades pela e na internet.

### 3. O AshleyMadison.com Foi Criado para Salvar Casamentos, já o Facebook...<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Frase de apresentação do site em sua página oficial no Facebook.

<sup>24</sup> Para Illouz duas lógicas econômicas aparentemente contraditórias convivem e se tencionam quando as pessoas usam a internet para buscar relacionamento amoroso/sexual: a da escassez, típica da busca pelo amor romântico; e a da abundância, própria desse universo onde o número de perfis disponíveis é farto, maximizando as opções de escolha.

<sup>25</sup> Em *A Transformação da Intimidade*, Giddens refere-se ao lar como o *locus* de apoio emocional, uma espécie de consequência do investimento moderno no amor romântico, um empreendimento que fez do casal conjugal colaboradores em um empreendimento emocional conjunto.

Como se comportar, por exemplo, diante da abundância<sup>24</sup> de ofertas de emoções que os sites para relações extraconjugais oferecem e, ao mesmo tempo lidar com as previsibilidades cotidianas altamente regradas? Estas parecem anular o campo das possibilidades de experiências que envolvem aventura, paixão, *frisson*, anunciadas como artigos disponíveis no mercado dos afetos *online*. Ao mesmo tempo em que, a vida ordinária parece oferecer um referente seguro em um mundo cambiante<sup>25</sup>. Talvez por isso, os homens com quem estou interagindo não desejem mudar de vida, mas viver momentos que os ajudem suportar o dia-a-dia conjugal, emprestando a ele um calor que vem, justamente, do que se vive fora do casamento. Os sites oferecem a preços relativamente acessíveis (R\$ 70,00 em média), emoções revigorantes, estas também associadas de certa forma a consumo.

Antônio Carlos, 48 anos, mora em São Paulo diz, por e-mail, que tem “uma vida e uma família maravilhosas”. Foi apenas por “desejo” que se inscreveu no site. Pois, continua ele, mesmo que considere “utópico” gosta de acreditar que pode encontrar por

essa via “alguém completo”. O que para ele tem a ver com a reunião de atributos físicos e intelectuais que atendam suas expectativas. E se isso acontecer, Antônio Carlos deixará sua mulher? Depois de longo e-mail, onde se assume como contraditório, e por isso mesmo, humano, diz que não acredita nessa possibilidade. Por isso, não abandonaria a mulher, afinal o que ele busca é uma “utopia”.

O casamento não parece, nos casos citados acima, uma instituição que tenha provocado infelicidade para esses homens. Esta mais próxima da visão clássica durkheimiana da sociologia da família que toma o casamento como uma instituição capaz de proteger os indivíduos em um mundo anômico. “Sendo um instrumento de construção nômica, o casamento tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com um certo sentido” (Féres-Carneiro, 1998: s/p). O imperativo da opção como dispositivo avesso à norma, descrito por Spink em citação feitas nas páginas anteriores deste artigo, parece, esgarçar os desejos desses homens com quem troco e-mails. Pois, a maioria se diz felizes com o relacionamento que têm. Destradicionalizar esta instituição tradicional é enfrentar normas que conferem sentido de pertencimento a um grupo doméstico específico, o que também dá coerência aos atos repetidos do cotidiano destes homens. De maneira que o próprio exercício da masculinidade tende a ser percebido como bem sucedido. São bons provedores, quando têm filhos/as mostram-se zelosos quanto ao seu presente e futuro e a maior parte deles considera-se um bom companheiro.

Ao contrário dos dados apresentados em outras pesquisas (MAGALHÃES, 1993; PERLIN, 2006; GOLDENBERG, 2009 e 2010), os homens com os quais me comunico via sites para relacionamentos extraconjugais não parecem associar o casamento apenas à constituição de família, mas também como uma relação de amor e companheirismo. O que se mostra como novidade é a insistência em sustentar o casamento. Assim, quando sentem que a relação amorosa e sexual está em risco, fragilizou-se,

esfriou, não procuram sair dela, mas mantê-la, vivendo fora do doméstico as emoções que julgam terem perdido com a esposa.

“No fundo sinto falta de mais humor, mais arte e mais cultura no meu relacionamento. Se isso é a causa, jamais arriscaria dizer que sim, afinal cada um de nós é um ser tão complexo e de tantos ‘ocos’ que buscar no parceiro tão profunda explicação seria no mínimo covardia...”, analisa Karl, quando pergunto por que cadastrou-se no AM. No mesmo e-mail, ele segue na autoanálise que parece conduzi-lo para uma espécie de rearranjo, de acomodação de suas emoções dentro do casamento: “Acho que o que de fato me leva a essa possibilidade do proibido, da libido secreta é a minha incompletude...eterna, disso sei, mas as aventuras certamente são passageiras, acho que em breve a tendência é ‘voltar à linha’, como tantas vezes estive...” (E-mail enviado em 14/01/2013)

Antônio Carlos escreve sobre o respeito e mesmo amor que tem pela esposa, mas queixa-se da falta de sexo e de romance no dia-a-dia do casal. No caso de Natal, 44 anos, casado há três anos e meio, não é a falta de sexo que o estimula tentar outras relações pelo site, mas o seu desinteresse sexual pela esposa. “Amo ela com muito carinho e coração (...) No entanto, faz já tempo que não sinto mais desejo (sexual) por ela (...) A minha mulher se tornou basicamente a minha melhor amiga, e a mãe dos meus filhos... mas já não a amante que queria ter” (E-mail enviado em 19/03/2013).

Ricardo, “um devasso de família” que não tem histórico de “escapadas”, ou seja, de infidelidade. Quando o questiono sobre o porquê se inscreveu no site, diz, em um primeiro momento, que não tem um propósito definido, mas que descobriu ter prazer em interagir com mulheres da sua mesma faixa etária em contatos intermediados pelas mídias digitais. Um mês depois, em um de seus longos e reflexivos e-mails aventa a hipótese de ter ido buscar no site “uma válvula de escape” para a situação profissional que estava vivendo.

Parei para pensar e percebi que minha entrada no AM coincidiu com isso tudo [mudança de emprego, de uma situação de estabilidade entrou como sócio em uma empresa ainda iniciante] ou seja, provavelmente eu andava ansioso e esperava ter no AM uma válvula de escape qualquer. De início, tanto o trabalho quanto o AM pareciam ok e eu estava desencanado, mas parece-me que de uns tempos para cá (tipo no mês de maio) ‘caiu minha ficha’ e eu ando de baixo astral e preocupado, mesmo. O pior é que as perspectivas de curto prazo tb. não são animadoras. (...) fiquei meio ‘apavorado’ pela solidão que eu estava! (Ricardo, e-mail enviado em 11/06/2012)

Juan, atualmente em seu terceiro casamento que já dura há nove anos, é psicanalista, 57 anos, faz análises pormenorizadas de suas relações sem buscar verdades conclusivas.

Reconheço em mim desejos insatisfeitos. Além disso, sei que é impossível que minha mulher satisfaça tudo o que desejo. Esse reconhecimento é um indicador de que mantemos um relacionamento saudável. Se meu discurso fosse do tipo “ela é tudo para mim” seria uma total alienação e desresponsabilização diante de sucessos e de fracassos. Classifico o site de relacionamentos como um espaço de possibilidades para realização de desejos. A pergunta pertinente passa a ser “qual ou quais desejos quero satisfazer?” Sempre que penso sobre isso a primeira resposta que me ocorre é “gostaria de ter uma grande amiga” (Juan, e-mail enviado em 30/01/13).

Não parecem ser “amores fáceis” (COSTA, 2005), estes com os quais esgrimam esses homens. A tensão entre o exercício da individualidade e os compromissos da conjugalidade que pressupõem “unidade no par” (FÉRES-CARNEIRO, 1998) os tem colocado diante de dilemas reais. Como analisa Sofia Aboim, valendo-se de um leque expressivo de autores,

[...] o ideal de casal romântico, legitimado por um amor domesticado e sexualmente diferenciado, enfrentaria agora os desafios impostos pela crescente igualdade de gênero, a visão dinâmica e erotizada da relação e a valorização da individualidade (Giddens, 1996; Beck e Beck-Gernsheim, 2002). Na modernidade avançada, os ideais românticos seriam estreitos para conter a busca de auto-realização afetiva e a vida familiar

individualizar-se-ia ainda mais, impondo novos desafios às lógicas holistas tradicionais (Dumont, 1985; Velho, (2002 [1986]); Vaitsman, 1994). Já não seria o duo conjugal a quebrar amarras com a comunidade e o parentesco, nuclearizando-se, mas o indivíduo a enfrentar as tensões entre a busca de liberdade individual e as gratificações amorosas de uma vida a dois (ABOIM, 2009: 108)

<sup>26</sup> Aquele da modernidade tardia, articulado às mudanças comportamentais sensíveis vividas depois da segunda metade do século XX. Neste arranjo amoroso que, segundo Anthony Giddens, pressupõe simetria de gênero, investimento na transparência da relação, desobrigação da monogamia e comprometimento do par com o prazer sexual do casal, a separação não é protelada ou evitada, mas atualizada em nome do ethos individualista.

<sup>27</sup> Tereza Rodrigues Vieira, doutora em Direito Civil, esclarece que em termos legais “o casamento impõe determinados direitos e deveres para ambos os consortes. Assim, prescrevem os incisos I e V do art. 1566 do novo Código Civil a fidelidade recíproca e o respeito e consideração mútuos como deveres de ambos os cônjuges (art. 231, I do CCB de 1916). Cabe ressaltar que o Cód. Civil de 1916 não previa o “respeito e consideração mútuos” como um dos deveres; portanto, discute-se aqui a inserção da infidelidade virtual reiterada e comprovada como infração também do disposto no art. 1.573, VI, em razão de conduta desonrosa, com exercício repetido de prática de sexo virtual com um interlocutor” (VIEIRA, 2003: 11-12).

O que percebo nessas conjugalidades que estou acompanhado em longos e-mails trocados com meus interlocutores é que não se trata de viver o “amor confluyente”<sup>26</sup> (GIDDENS, 1993). Talvez se trate, e vejam que estou tomando como uma hipótese provisória, das consequências indesejadas desses arranjos das relações íntimas. Da flagrante contradição entre uma gramática social do prazer e da fruição permanente de emoções e aquela da conjugalidade, ainda orientada por relações contratuais de compromissos relativos ao cuidado, ao respeito e à fidelidade<sup>27</sup>.

#### 4. Tecle aqui para Sair

Os sites nos apontam para profundas mudanças nas relações conjugais, que passam pelas alterações nas relações de gênero, mas também pelas possibilidades que a internet como artefato cultural e como cultura em si mesma (HINE, 2004) apresenta, sobretudo para uma geração que ainda a tem como novidade. É preciso também considerar, como diversos/as autores/as já assinalaram, que *online* e *off-line* são espaços que determinam um ao outro. O aparecimento de serviços virtuais para traição

por si só já nos pede que considerações acuradas do presente, da vida fora da tela.

Os serviços que oferecem infidelidade sigilosa e *online* aportaram no Brasil gerando muita publicidade e mobilizando a atenção dos media, o que, em nesta interpretação ainda aproximativa, traduz ansiedades coletivas frente às patentes mudanças nas dinâmicas das relações contemporâneas, atribuídas, entre outros fatores, ao acesso crescente às novas tecnologias de comunicação.

Até o momento, o que tenho percebido é que estes homens não estão em busca de amantes, no sentido clássico, ou seja, da “outra” (GOLDENBERG, 2009). Querem, isso sim, “casos”. Desejam se sentir “vivos”, verificar se ainda têm “tesão como antes”, poder romper com a rotina de anos de casamento, sem, contudo, comprometer a relação. Os sites aparecem, então, como um espaço possível para essas “aventuras”, aparentemente, sem grandes consequências. Pois, muitos deles acreditam que terão controle sobre as relações que estabelecerão por ali. “Não tenho medo de ficar apaixonado”, conta Antônio Carlos, pois segundo admite, seu “porto seguro” é o matrimônio.

Não muito diferente do que Ricardo diz desejar:

vi no AM o único local que não precisaria mentir (muito...) para conseguir o ideal de “conhecer uma mulher para uma aventura recompensadora e descompromissada”. Tudo começou aí: na curiosidade da busca, na satisfação vinda das respostas recebidas e na idealização de um improvável encontro íntimo. Mas com tudo parando por aí também, sem chance de repeteco. Meu chamariz para o AM era esse: ter alguém interessante e coisas íntimas, ao vivo, de curta duração e sem culpas nem modificações na vida (E-mail enviado em 13/05/2013)

Ao fim, o lar, o casamento, a esposa, ainda se configuram para esses homens como valores a serem preservados, mesmo que para isso, tenham que trair. Porém, o que alguns têm constatado é que há mais imprevistos do que podiam imaginar a princípio ali, do outro lado da tela. Há também muitas decepções, não apenas com o próprio serviço oferecido, mas com o

tipo de mulheres que têm encontrado quando se conectam às plataformas. Elas parecem “assanhadas demais”, “problemáticas”, “vêm de relações infelizes”, “querem já partir para os finalmente”, desestabilizando, assim as expectativas de gênero para alguns desses homens.

Por outro lado, o sentimento de que a vida é curta e de que eles não são “*nenhum Georg Cloney, Eike Batista ou Mark Zuckerberg*”, faz com que considerem que as mulheres mais desejáveis no restrito mercado da traição estejam fora de seu alcance. Instalando um grande sentimento de frustração e os confrontando com seus medos de serem refutados e preteridos por sua idade, tipo físico ou condição socioeconômica. Em alguma medida, todos parecem, ali, correr certo risco de emasculação, o mesmo risco que correm se mantendo na rotina conjugal<sup>28</sup>. Talvez, estejamos diante de outros experimentos de masculinidade, vividos de forma ainda pouco elaborada, mas que têm esgarçado sentimental e socialmente estes homens.

Reflexivo, Karl escreve que

É engraçado o universo masculino de um homem sensível... por mais que a testosterona e a vontade de conquistar, seduzir e ter uma mulher desejada me insinue a buscar um site assim, qdo encontro uma mulher como essa, quem se entrega como motivo é o meu lado romântico, que no fundo parece ainda procurar uma mulher ideal (que não existe e se existir não ficará comigo... “eu, tantas vezes vil” e “reles mortal”). (E-mail enviado em 14/01/2013)

Talvez seja a constatação de que há mais homens como Karl no AM do que “liberados sexuais” em busca de prazer, que leve Ricardo a formular sua provocativa questão: “Não seria o AM um local de frustrados, muito mais do que de tarados ou liberados sexuais?”. Tendo a responder esta provocação com uma negativa. Os homens que me escrevem são



econômica e socialmente mais privilegiados que a média da população: a maioria absoluta tem nível superior, esta empregada ou se lançando em novos empreendimentos como autônomos, cultivam gosto por poesia, literatura, música e arte. Realizam em boa medida seus desejos, inclusive com breves conquistas logradas via site. Têm filhos, o que costumam apontar como fator de realização pessoal. Porém, os seus relatos denunciam insatisfações com algo que parece ser pessoal e interno. Parecem estar perdendo algo. Talvez seja essa sensação pouco sistematizada que Ricardo esteja classificando como frustração. Volto, enfim, àquele pergunta que ficou me rondando naquela noite em que redigia meu diário de campo depois de encontrar Adilson na confeitaria: “como deve parecer um homem que trai a esposa?”. Depois destas tantas páginas escritas entre leituras de muitas outras pesquisas, interlocuções profundas, releituras necessárias e imersões em mais de 300 páginas de e-mails arquivados, responder esta questão de maneira taxativa seria leviano e tolo. Mas uma hipótese se insinua. O homem que trai tem a cara do tempo presente.

## REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. “Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, jun. 2009, vol.24, n.70, p.107-122.

ALVES, Andrea M.. “Fronteiras da relação: gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais”. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, v. 3, p. 10-32, 2009.

ARAÚJO, Maria de Fátima. “Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações”. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 22, n. 2, Jun., 2002 .

ARENT, Marion. “(In)Fidelidade Feminina: entre a fantasia e a realidade”. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol.21, n.1, p..153-167, 2009.

AMARAL, Adriana. “Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas”. *Revista da USP*. São Paulo, n. 86, ago. 2010.

Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n86/11.pdf>

BAYM, Nancy K. *Personal Connections in the Digital Age*. Cambridge: Polity Press, 2010.

BELELI, Iara. “Amores On-line”. IN PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago e MAGALHÃES, Bóris. *Sexualidade, gênero e mídia – olhares plurais para o cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica. 2012.

COSTA, S. “Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia”. *Novos Estudos*, 73: 111-124, 2005.

FALCIOLI, Lara. *Conectadas: uma análise de práticas de ajuda-mútua feminina na era das Mídias Digitais*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. “Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”. *Psicologia: reflexão e crítica*, vol.11, n.2, Porto Alegre, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. 2a.ed., São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. *A outra: a amante do homem casado*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *Por que homens e mulheres traem?*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

GONÇALVES, Márcio S. “Amores virtuais”. *Logos*, ano 6, n. 10, 1º semestre/1999.

HINE, Christine. *Etnografia Virtual*. Barcelona: UOC, 2004. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. 2004

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. *El consumo de la utopía romántica. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Katz Editores: Madrid. 2009.

LEWGOY, Bernardo. “A invenção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço”. *Civitas* (Porto Alegre), v. 9, p. 185-196, 2009.

MAGALHÃES, Andréa S. *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-Rio. 1993.

MISKOLCI, Richard. “A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente”. IN PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago e MAGALHÃES, Bóris. *Sexualidade, Gênero e Mídia – Olhares Plurais para o Cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica, 2012.

PERLIN, Giovana Dal Bianco. *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. 2006. 284 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RÜDIGER, Francisco. “Love on-line: paixão e poder no mundo da cibercultura”. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 16, p. 61-77, dez. 2008.

SPINK, Mary Jane. 2001. “Tópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia”. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 17, p. 1277-1311.

VIEIRA, Teresa R. “Do dever de fidelidade e da prova da infidelidade conjugal na internet”. *Terra e Cultura*, Londrina - PR, v. n. 36, p. 10-17, 2003.

ZAGO, Luiz Felipe. *Masculinidades disponíveis.com - Sobre como dizer-se homem gay na internet*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

ZAGO, Luiz Felipe. *Os Meninos - Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Doutor em Educação.

ZELIZER, Viviana A. “Dinheiro, poder e sexo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 32, Junho. 2009.



**“A Gente Escolhe Amar”:**  
**o noivado e as representações sobre o cônjuge ideal**  
*“La Gente Elige Amar”:*  
*el noviazgo y las representaciones sobre el cónyuge ideal*  
*“We Choose Love”:*  
*engagement and the representations about the ideal spouse*

**Breno Rodrigo de Oliveira Alencar**

**Resumo:** a escolha do cônjuge é fenômeno moderno e está associada às transformações vivenciadas pelos indivíduos no âmbito íntimo e familiar. Neste sentido, no presente trabalho são analisadas trajetórias socioafetivas de noivos em processo de casamento, extraídas dos resultados de pesquisa mais ampla que resultou na dissertação “Entre a regra e as estratégias: uma análise antropológica sobre a escolha do cônjuge”, realizada junto ao Curso de Noivos da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré em Belém, capital do Pará. Por meio de entrevistas e observações, constatou-se que a representação do cônjuge ideal é parte de um longo processo de tipificação social decorrente das trajetórias socioafetivas dos indivíduos.

**Palavras-chave:** noivado, escolha, cônjuge, representação.

**Resumen:** la elección del cónyuge es un fenómeno moderno y está asociada a las transformaciones vividas por los individuos en el ámbito íntimo y familiar. En este sentido, el presente trabajo analizará trayectorias socio-afectivas de prometidos que están en proceso de bodas, extraídas de los resultados de una investigación más amplia que resultó en la tesina “Entre la regla y las estrategias: un análisis antropológico sobre la elección del cónyuge”, realizada junto al Curso de Prometidos de la Parroquia de Nuestra Señora de Nazaré en Belém, capital de Pará. A través de entrevistas y observaciones, se constató que la representación del cónyuge ideal es parte de un largo proceso de caracterización social decurrente de las trayectorias socio-afectivas de los individuos.

**Palabras claves:** noviazgo, escoja/elección, cónyuge, representación.

**Abstract:** choosing a spouse is a modern phenomenon and is associated to the changes that have taken place in family life recently. The present paper analyzes data collected for the author's masters' dissertation research and focus on the socio affective trajectories of the engaged couples preparing for marriage in the Marriage Preparation Courses at the Lady of Nazareth Parish, in Belém, the Capital City of Pará, in Northern Brazil. Data collecting procedures included interviews and observation. It was found that representations of the ideal spouse are part of a long process of social typification resulting from socio affective trajectories of the participants.

**Keywords:** engagement, choice, spouse, representation.

---

**Breno Rodrigo de Oliveira Alencar** é Antropólogo (PPGCS/UFGA), etnógrafo do Museu Paraense Emílio Goeldi, professor e pesquisador da FUNBOSQUE, membro das Associações Brasileira e Portuguesa de Antropologia. **E-mail:** [brenoedai@yahoo.com.br](mailto:brenoedai@yahoo.com.br)

---

## INTRODUÇÃO

Tema frequente entre demógrafos, de modo geral, a escolha do cônjuge é um objeto de estudo muito importante para as ciências sociais,

<sup>1</sup> Representando os valores supremos da “cultura moderna ocidental”, o individualismo enquanto categoria deve ser aqui compreendido como o exercício de uma subjetividade pautada no desejo de liberdade. Baseando-se na noção de “igualdade natural” e na concepção de que todas as restrições e desigualdades eram produzidas artificialmente, tendo sido banidas, abririam espaço para o surgimento do homem perfeito na moralidade e na beleza, enfim, o homem em essência (GRUMAN, 2006; DUMONT, 1993; VELHO, 1981).

uma vez que lhe serve de termômetro para avaliar o impacto do individualismo na vida moderna<sup>1</sup>, principalmente no que se refere às alterações promovidas no âmbito da família e da intimidade.

O pioneiro nesses estudos foi o inglês Francis Galton, cujos *Essays in eugenics*, publicados no final do século XIX, chamou pela primeira vez a atenção para a soberania das influências sociais sobre as escolhas pessoais (CASTAÑEDA, 2003, p. 911). Porém, a especialização do tema ocorreu a partir da segunda metade do século XX, quando pesquisadores franceses passaram a analisar os efeitos que a morte de 50 milhões de pessoas poderia causar sobre os índices de natalidade e a conseqüente reconstrução dos países afetados pela II Guerra Mundial. Dentre os trabalhos mais destacados neste contexto, está o de Alain Girard que realizou um levantamento pioneiro acerca das condições e circunstâncias sob as quais se dava o casamento na França, analisando as distâncias sociais ou demográficas (grau de homogamia), as atitudes e o número de filhos entre 10.000 famílias. Os resultados obtidos com este estudo (principalmente os publicados em 1964) transformaram Girard na principal referência da então chamada sociologia empírica, sobretudo porque entre suas teses estava a de que a escolha do cônjuge não era uma questão de sentimento, mas essencialmente um “fenômeno social”.

Além de Girard, outros pesquisadores franceses se destacaram ao abordar o tema. Louis Henry em vários artigos (1966, 1968, 1969),

por exemplo, analisou o processo de seleção do cônjuge em meio às perturbações causadas pelas guerras e fenômenos de igual magnitude. Pesquisando a história da constituição dos casais de Vraiville, no interior da França, Martine Segalen e Albert Jacquard, em 1971, aproximaram-se de um viés etnográfico e concluíram que o grau de seletividade conjugal é tão importante que poderia promover o surgimento e o consequente desaparecimento de uma classe social. Por sua vez, Michel Bozon e François Herán, ao longo da década de 1980, deram continuidade às questões levantadas por Girard e lançaram as bases para uma pesquisa cujo foco era os casais que haviam selado união entre 1960 a 1983. Nesse estudo, demonstraram, por meio da análise dos ‘coabitantes não casados’ (categoria que havia sido excluída por Girard em sua pesquisa), a recorrência de novas modalidades de arranjo já existentes na sociedade francesa (Bozon e Herán, 1987; 1988). Anos depois, dos resultados desta pesquisa Bozon concluiu que a escolha do cônjuge ancora-se no jogo de constrangimentos morfológicos, de disposições inconscientes e de finalidades estratégicas, por meio do qual a sociedade, dada sua morfologia e a criação de subconjuntos sociais, cria uma forma de pré-seleção dos indivíduos, determinada pela sua origem social (BOZON, 1991; 1992).

Neste sentido, e em continuidade ao debate sobre a relação entre o imaginário e as práticas, as representações e os comportamentos envolvidos no processo de seleção, identificação e escolha do parceiro com quem se espera/quer casar, no artigo **“A Gente Escolhe Amar”: o noivado e as representações sobre o cônjuge ideal**”, mediante resultados de uma pesquisa<sup>2</sup>, privilegiou-se abordagem sobre a escolha do cônjuge como fenômeno social, analisando-se discursos acerca da trajetória socioafetiva

<sup>2</sup> Dessa pesquisa, resultou também a dissertação de mestrado **Entre a regra e as estratégias: um estudo antropológico sobre a escolha do cônjuge** (ALENCAR, 2011), na qual foram discutidos os valores, os gostos, as referências e as preferências presentes no processo de encontro e qualificação do cônjuge ideal entre noivos seguidores do catolicismo.

<sup>3</sup> Existem vários cursos de noivos oferecidos pelas paróquias de Belém. O Curso de Noivos do qual participei é promovido pela Pastoral Familiar da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré e ocorre todos os primeiros finais de semana do mês (à exceção de Julho, por ocasião das férias, e em Outubro, em razão dos preparativos do Círio de Nazaré) no Centro Social de Nazaré, próximo à Basílica Metropolitana de Belém. Dá-se início às 18h de sexta-feira e neste dia termina por volta das 22h. No sábado se inicia às 14h e finaliza às 18h. Já no domingo inicia às 8h e termina por volta das 12h. Em média são frequentados por cerca de 30 casais, que para realizar o curso devem pagar uma taxa de manutenção de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais)

<sup>4</sup> A teoria do amadurecimento agrega-se aos estudos psicanalíticos, principalmente no que diz respeito à evolução infantil. Segundo Winnicott, o conceito de amadurecimento está associado ao nascimento da consciência no indivíduo. Este conceito associado às anotações obtidas durante a pesquisa, quando usado por meus interlocutores, permitem postular que ao se manifestar o interesse pelo casamento se espera que os pretendidos exerçam um papel que se ajuste ao que pode ser chamado de “status cognitivo”, isto é, estado em que o sujeito é capaz de entender e atribuir o valor correspondente à natureza da relação. Para mais detalhes, ver Santos (2006) e Winnicott (1996).

de 24 frequentadores do Curso de Noivos da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré<sup>3</sup>, em Belém, capital do Pará.

## 1. As Tramas da Aliança

Atualmente as pessoas que optam pelo casamento percorrem uma trajetória que, em linhas gerais, pode ser dividida em três etapas: 1. Ficar, onde ocorrem os primeiros contatos e um período de avaliação/reconhecimento do(a) parceiro(a); 2. Namoro, em que pode ou não haver o pedido de namoro seguido de um longo processo de convívio e aproximação sócio-afetiva; e 3. Noivado, quando se dá início aos preparativos para a celebração do matrimônio.

Estas etapas combinam entre si a característica de segmentar a evolução sócio-afetiva do casal, permitindo-lhes avaliar se a mesma deve ou não avançar para “algo mais sério”. Segundo os noivos que participaram desta pesquisa, a seriedade num relacionamento tem haver com o amadurecimento<sup>4</sup>, quer seja do relacionamento ou dos próprios envolvidos.

O “ficar”, considerado por Heilborn (2006) como uma forma de não-compromisso codificado e agregado à classificação das formas de engajamento das pessoas no aprendizado da sexualidade, é onde os parceiros trocam os primeiros olhares e contatos, se conhecem e convivem de maneira informal, sem que haja aí um “relacionamento sério”. Para Lago (2002)



seria a menor forma possível de relacionamento amoroso entre duas pessoas. Entre os entrevistados esse período durou dias ou semanas, não mais que um mês. Também ficou demonstrado que tanto homens como mulheres tomam a iniciativa para iniciar esse primeiro envolvimento.

A segunda etapa é chamada de namoro e é, dentre as três que foram identificadas na pesquisa, a que mais durou – cerca de quatro anos. Não foi identificado um padrão específico para identificar o início do namoro, como se supõe que ocorra com o “pedido de namoro”, mas foi verificado que para estar namorando é preciso que o casal assuma tal relacionamento publicamente, seja andando de mãos dadas ou mudando o perfil nas redes sociais de “solteiro” para “em relacionamento”. Frequentar o círculo de amizades e a residência do parceiro também foram identificados como demonstração de uma relação mais séria. Diferentemente do que ocorre na fase do ficar o namoro é, para os noivos, um envolvimento “mais sério”, por se tratar de um relacionamento onde os parceiros consideram estar preparados para seguir certas rotinas ou obrigações perante o parceiro, como, por exemplo, fazer-lhe companhia ou ser fiel.

O namoro, porém, tal como ressalta Lago (2002), tem sua manifestação caracterizada sobre duas perspectivas distintas, que variam em decorrência da faixa etária dos indivíduos e do tempo de relacionamento do casal. A primeira é particular aos adolescentes e corresponde ao que Thales de Azevedo (1986) descreve a respeito da manifestação inicial da tendência biológica à formação de pares por atração sexual, que se desenvolve entre os seres humanos a partir das mudanças orgânicas da puberdade. A segunda é própria dos noivos que participaram desta pesquisa, pois tendo convivido por longa data (e em alguns casos sendo coabitantes) e possuindo entre 20 e 30 anos, que justificavam o relacionamento não pelo carinho ou afeto recíprocos, mas pelo desejo de casar, demonstrando que o namoro havido entre eles não se tratava de um namoro propriamente típico de adolescentes, onde o envolvimento é julgado como puramente afetivo e não há pretensões futuras, mas de um “namoro pra casar”, no qual o envolvimento é caracterizado pela certeza de que o parceiro se adequa ao objetivo de estabelecer um vínculo oficial e duradouro.

## 2. O Noivado como Rito de Passagem

<sup>5</sup> Para Gaudemet (1987) e Molin e Mutembe (1974), o noivado encontra suas bases no direito romano clássico. Representava uma etapa fundadora do casamento, mas não criava obrigações entre os consortes. Com o advento da Igreja Católica, passou-se a assegurar sua publicidade e solidez, não sendo mais permitida sua ruptura. Era acompanhado da entrega de um anel, de presentes e, depois do século IV, de um depósito de noivado, o que posteriormente deu origem ao *dote*, os quais confirmavam a promessa e serviam de garantia para o casamento.

<sup>6</sup> Não encontrei entre os noivos uma definição objetiva do que seria esta “situação ou amadurecimento”. Boa parte deles, sem distinção de gênero, relaciona este termo à situação financeira, outros a situação afetiva – intensidade do sentimento, qualidade do relacionamento – destacando sempre que o mais importante é não estarem brigando e se envolvendo em desentendimentos ocasionados por traição ou mentiras. O carinho e atenção dedicados ao/a parceiro/a são sempre o “termômetro” – nas palavras de uma noiva – dessa *situação do casal*.

O noivado é a última etapa antes do casamento e se caracteriza por sua peculiaridade ritual<sup>5</sup>. Ainda que considerado “fora de moda” ele resiste e se manifesta através do “pedido da mão”, troca alianças e preparativos para o casamento. Durante sua vigência o namorado que pretende fazer o pedido, sozinho, ou na companhia de amigos, parentes e até mesmo da namorada, passa a visitar com frequência joalherias ou ourives que fabricam ou vendem alianças a fim de encontrar aquela que será trocada com a parceira. Também é um período marcado pelo diálogo sobre a decisão e as reflexões sobre o casamento. O casal se torna mais íntimo e em muitos casos, que não são raros, dá-se início aos primeiros intercursos sexuais.

A origem do interesse pelo casamento se manifesta pela intenção de trocar alianças ou dar um anel como prova de compromisso. Para os noivos esse momento é condicionado pela situação socioeconômica e a maturidade do relacionamento<sup>6</sup>. É levado em conta também, segundo relato das noivas, o fato de que há um momento certo e oportuno em que o pedido de noivado é compatível com a *situação* do casal. Fora o noivado condicional, geralmente ocasionado por uma gravidez não planejada, o casal estabelece o momento ideal para noivar depois que alguns de seus objetivos pessoais

são alcançados, o que envolve geralmente a idade, a aceitação – seguida da vigilância – dos familiares, conquistas pessoais, como aquisição de emprego, escolaridade e estabilidade financeira. Conforme mencionado anteriormente, o noivado ocorre quatro anos após o início do namoro. O noivado em si demora em média cerca de um ano.

Os dados colhidos por meio de formulário também demonstram que o pedido de casamento ainda é considerado uma obrigação do homem. Houve, porém, relatos de que muitas parceiras tomam a iniciativa de estimular o noivo a realizar o pedido. Uma das estratégias para isso está em questionar o parceiro a respeito de seus objetivos em relação ao futuro do casal, o que segundo as noivas, leva em conta o fato de que todo namoro tem um “tempo de vida útil”, algo como “validade” do relacionamento e que, portanto, exige do mesmo uma progressão, evolução, como se fosse uma *etapa* natural do relacionamento.

Por ser considerado um rito de passagem (Van Gennep, 1909 [e de maneira mais detalhada, 1943]), o noivado se caracteriza por sua ambiguidade, onde os sujeitos não são mais namorados, mas também não são marido nem esposa<sup>7</sup>. De acordo com os noivos essa condição lhes retira do “mercado matrimonial”. O uso da aliança na mão direita é a principal característica dessa ambiguidade, sugerindo tanto que eles não estão disponíveis como escolheram oficializar um relacionamento. Sugere ainda, dizia-me um dos noivos, que a pessoa está presa, transmitindo a ideia que a aliança poderia ser associada às algemas usadas por pessoas limitadas em sua liberdade (presidiários).

De fato, tornar-se noivo segundo os mesmos era inserir-se num novo conjunto de valores e comportamentos que lhes impedia de agir sem a vigilância do outro. Assim, frequentar espaços públicos desacompanhados da parceira, como festas, boates, shows, etc. ou andar em companhia de

<sup>7</sup> Coumoult (2003) usa o termo “mou”, que em tradução livre significa “frouxo”, para representar a *maleabilidade* do rito do noivado, demonstrando que o noivado católico é para a modernidade um rito sujeito a existência incerta, sem codificações jurídicas e litúrgicas, e, por ser considerado uma tradição antiga, ocorre sem maiores questionamentos.

parceiros do sexo oposto, isoladamente ou em grupo, sem o consentimento da noiva, já não eram mais tão tolerados como de costume.

Para os homens esta condição refletia a posse e o controle do noivo por parte da parceira. Amigos e parentes tratavam de usar isto para, de maneira jocosa, insultá-los afirmando: “Virou canoa”, “agora tá usando um bambolê de otário”, “tá amarrado”, “tá na coleira”, “ei teleguiado”, “*game over* pra ti”<sup>8</sup>. Alguns noivos afirmam que foram repreendidos por amigos mais próximos e parentes que, considerando ter passado por tais experiências, alertavam-lhes sobre os riscos uma escolha inoportuna, onde “marinheiros de primeira viagem” normalmente se arrependem, mas não tem coragem de “voltar atrás”. No caso das mulheres, apesar de semelhante conotação, foi possível perceber um prestígio deliberadamente maior em relação ao status de noiva, indicando que o mesmo elevava suas qualidades pessoais e morais.

### 3. “A Gente Escolhe Amar”

Às vezes quando nos interessamos por alguém surge a curiosidade de saber como e por que isso ocorreu. A tendência é que as pessoas atribuam esse interesse a algum episódio de sua vida, como uma festa, uma fase de carência, em função da proximidade, seja na escola, no trabalho ou da vizinhança, pela admiração em relação ao parceiro, quer pela beleza física ou traços de personalidade, entre outras tantas razões. Por outro lado, essas mesmas pessoas também afirmam que resolveram casar com o seu parceiro porque consideram estar diante da “pessoa certa”, por que “já estava na hora”, por que “ele/a era a sua cara-metade”, por que “esse era o destino de ambos” ou por que “Deus quis assim”.

<sup>8</sup> Vale notar que a esse respeito Radcliffe-Brown já havia demonstrado em seus estudos que em diferentes culturas estes insultos cumprem a função de estabelecer e manter equilíbrio social num tipo de situação estrutural que é muito particular referente às relações que envolvem casamento. Para saber mais, consultar Radcliffe-Brown (1973,p.137).

Percorrendo a intimidade de casais que passaram por essa experiência é possível afirmar que o mais comum é tornar o acaso a explicação mais contundente para sua escolha. Com o auxílio dos três noivos que foram selecionados para nos guiar neste debate ficará claro que há muitas variáveis presentes na suposição de que é o acaso o responsável pela escolha da pessoa com quem vamos casar.

Fabiane, Aline e Douglas<sup>9</sup> são servidores públicos do município de Belém e possuem renda média acima de quatro salários mínimos. A idade média deles é de 27 anos e a de seus noivos 25. Não foram os únicos a serem entrevistados, mas foram os mais permissivos em analisar suas trajetórias amorosas. Foram, portanto, escolhidos para esta análise porque, além de possuírem características em comum, como ocupação, renda e faixa etária, apresentaram um material de análise mais rico, em detalhes, clareza e profundidade, sobretudo porque possuem trajetórias familiares semelhantes.

Fabiane nasceu e foi criada no Jurunas, um dos bairros mais tradicionais da cidade de Belém. De origem humilde, sempre estudou. Sua maior frustração era saber que após 26 anos de casamento seus pais haviam decidido se divorciar; Douglas, por outro lado, é maranhense, de São Luiz, a capital do Estado, e, tal como Fabiane, é filho de pais divorciados. Sempre morou com a mãe, mas, depois da aprovação em um concurso público, foi obrigado a se afastar dela para morar em Belém, no Satélite, bairro popular da cidade; Aline, por outro lado, nasceu no Rio de Janeiro e veio para Belém ainda criança, em razão da transferência do pai, que à época era militar da aeronáutica. Sempre morou em Val-de-cães, bairro de classe média, mas quando dos preparativos do casamento se preparava para mudar para Ananindeua, uma cidade da região metropolitana de Belém.

A trajetória afetiva desses três personagens começa na adolescência, entre a escola e a vizinhança, tendo vivido inúmeras experiências afetivas antes de vir a conhecer seus parceiros. Portanto, não eram “marinheiros

<sup>9</sup> Todos os noivos entrevistados durante a pesquisa tiveram sua identidade preservada, por isso, os nomes citados no texto são fictícios.

de primeira viagem”. A única diferença entre os três é o fato de Fabiane não ter vivido relacionamentos longos antes de casar. Segundo ela pesava o fato de ser muito criteriosa, pois “sempre observava os defeitos, nunca as qualidades. Ai, por exemplo, quando eu entrei na faculdade, eu comecei a namorar um amigo meu. Só que eu via somente as coisas ruins dele. Ai, que eu criei uma barreira, nem suportava mais o menino. Nem queria que ele chegasse perto. Ai eu não conseguia.” Essa característica foi justificada por ela em razão do seu nível de instrução (bióloga com mestrado na área), uma vez que pretendia encontrar seu parceiro no interior do círculo de relações profissionais ou área de formação que atendessem suas expectativas futuras: ascensão social, independência financeira, realização profissional.

Douglas, por outro lado, viveu muitos relacionamentos “por curtição” e na época em que conheceu sua noiva, Diana, estava envolvido com uma namorada de longa data. Ele não admitiu possuir critérios de seleção, mas sugeriu que preferia ficar, namorar, com mulheres de “pernas grossas e bunda empinadinha”, além do que possuíssem uma personalidade de mulheres submissas. Enquanto isso, para Aline importava que seu relacionamento possuísse química, ou seja, que seu parceiro fosse suficientemente maduro para lhe agradar afetiva e sexualmente.

Compatibilidade profissional, corpo/personalidade e amadurecimento foram assim os critérios utilizados por meus interlocutores para justificar suas escolhas e a perspectiva de que os cônjuges com quem estavam estabelecendo uma relação duradoura eram parceiros ideais. Entretanto, foi possível constatar que alguns fatores contribuíram para que essas “vontades” ou “desejos”, se assim podemos entender, não se realizaram objetivamente, porque tidas como representações não encontraram na realidade um cenário que se ajustasse ao conjunto de variáveis a elas condicionadas.

Assim, mesmo querendo casar com um homem com o mesmo nível de formação, Fabiane escolheu um de seus alunos. Douglas, entretido que

estava com a ideia de encontrar uma *Amélia* que atendesse suas necessidades sexuais, escolheu Diana, alguém, segundo ele, muito diferente da maioria das mulheres que conheceu. Aline, por sua vez, embora não tenha se surpreendido tanto escolheu para si um vizinho de infância, por quem jura que não daria a mínima se não lhe recordasse tanto a figura do pai – que ela própria não conheceu.

Em linhas gerais, parte dessas contradições está no fato de que invariavelmente as escolhas que estes indivíduos fizeram esteve subordinada ao contexto social em que estavam inseridos e a, ainda forte, pressão exercida pela família e padrões sociais existentes, que além de estabelecer normas de comportamento, também criam códigos de valor e representação em torno do cônjuge ideal.

A seguir poderemos compreender melhor esta constatação percorrendo suas trajetórias pessoais em condições mais objetivas e próximas da realidade que suponho tenham experimentado ao longo deste processo.

### **Fabiane**

Nossa primeira interlocutora é Fabiane, uma filha inconformada com a difícil relação dos pais. Segundo relata,

[...] a relação deles [dos pais] nunca foi um exemplo, por que eles sempre brigaram. Era o tempo todo brigando. Era discutindo. Era uma falta de respeito. Eu sempre dizia assim “de dia a gente briga, a noite a gente se ama”. É por que eles amanheciam brigando, trocando ofensas.

Tal característica influenciou profundamente sua visão de família e relacionamento, que segundo ela lhe afastavam da ideia de casar quando a mesma era adolescente. Anos depois, após conviver com um de seus tios passou a tomar o seu relacionamento como referência positiva, uma vez que, segundo ela, “Vivem [ele e a esposa] como se fossem dois namorados, pois passeiam juntos, se faziam felizes, compartilhavam os problemas”.

É preciso compreender que parte dessa comparação havida entre o casamento dos pais e o do tio surge também de sua ideia a respeito do processo de formação da família. Assim, Fabiane considera que existem dois tipos de relacionamento que levam ao casamento. Por um lado, aquele condicionado por uma eventualidade, como a gravidez, por exemplo, e aquele baseado no planejamento, em que tudo parece dar certo:

**Tipo 1:**

Por exemplo, a minha mãe. Ela conheceu o meu pai. Ela tinha 20 anos. Veio do interior para estudar. Então o meu pai já era um homem bastante vivido apesar da idade. Ai ela acabou engravidando e acabou casando com ele.

**Tipo 2:**

Por exemplo, meu tio, irmão do meu pai. Ele primeiro namorou durante uns anos, depois ele noivou, depois ele casou. Ai teve primeiro aqueles dois anos de casamento, pra depois virem os filhos. Hoje eles vivem superbem. Pra mim é um *exemplo de casal*. E como eles se tratam. Por exemplo, os filhos já estão adultos, então eles não vivem em função dos filhos. [...] Ai eu acho que assim que dá certo. Então eu vejo assim que o relacionamento é muito relativo. Não acho que eles representam meu referencial de casamento. Eu os admiro. Eu não fico pensando assim, “Nossa! Eu quero que o meu casamento seja igual ao do meu tio”. Eu sei que não vai ser igual. Pode ser igual, pode ser pior.

Os dois tipos de casamento podem ser considerados, sob o ponto de vista de nossa interlocutora, como aprovável (o do tio) e reprovável (o dos pais), o que nos assegura a constatação de que há sempre uma avaliação positiva ou negativa de outros relacionamentos quando se pretende optar pelo casamento como estilo de vida. Presume-se, no entanto, que tal avaliação se dá no interior do círculo familiar.

Em 2006, quando estava lecionando para estudantes de uma universidade de Belém, Fabiane, que à época também fazia um curso de pós-graduação, conheceu Flávio. Suas expectativas naquele momento eram de se concentrar nos estudos e se qualificar, não dando oportunidade para envoltimentos amorosos, e caso houvesse essa possibilidade desejava



encontrar alguém com a mesma formação que a sua e com um nível socioeconômico semelhante ou superior ao seu. Flávio, todavia, era bem diferente de tudo isso. Era aluno, não possuía emprego e ainda morava com a mãe, da qual era responsável, uma vez que a mesma estava passando por grave problema de saúde.

Para Fabiane o seu interesse por Flávio foi despertado no primeiro dia em que o viu em sala de aula.

[...] quando eu me interessei pelo Flávio, foi assim, eu tava chegando pra conhecer a turma, não conhecia nenhum aluno, e acabei o vendo, caminhando em direção à sala. E naquele momento logo, *eu me interessei*. É bem difícil ter esse interesse logo, olhar e me interessar pela pessoa, pelo menos da minha parte, é difícil. Então alguma coisa me chamou a atenção. E para minha surpresa, quando eu entrei na sala ele era meu aluno. Então houve uma empatia, logo desde o início. Era um aluno que sempre levava as coisas lá para o laboratório. Sempre quando terminava a aula ele levava o data-show, cpu. Mas a princípio ficou só nesse interesse meio que... *despretensioso*.

Esse interesse despretensioso evoluiu para uma admiração que se baseava no fato de Flávio ser um homem sério, contrastando, assim, com e a média dos rapazes da sua idade - o mesmo era quatro anos mais novo -, o que era um aspecto fundamental para o caso dela vir a se relacionar com ele afetivamente. Segundo Fabiane, ao contrário dos homens que conhecia, “ele era um rapaz que não ficava falando de mulheres”. A posituação aferida a seriedade pode ser explicada pela projeção negativa que Fabiane fazia em relação aos homens não-sérios associados, em alguma medida, ao pai, que nos seus relatos “bebem”, “procuram raparigas na rua”, “batem na mulher”, “falam palavrões”, “são mal educados”, “destratam os filhos”. Também foi muito importante o olhar que Flávio lhe lançava, pois ao mesmo tempo que revelava seriedade, também lhe permitia ver um homem carente.

Eu não sei por que [...] Não tem nada. Era um olhar diferente. Eu sentia uma *carência* no olhar dele. Eu não sei te dizer se era isso. Mas foi o olho

dele que me chamou a atenção. Não sei te definir, mas foi o olho. E daí a gente começou a conversar e conversar bastante, muito sério, respeita bastante. Até ficava comentando entre os alunos.

O olhar de carência a que se remete nossa interlocutora na verdade justifica o fato de que Flávio estava triste com a situação vivida pela mãe, doente e dependente de sua assistência. O colo, a companhia e esse sentimento de complementaridade entre ambos favoreceram-lhes em sua manifestação de amor recíproco a ponto deles passarem a ver que o relacionamento deveria evoluir para algo mais sério. Esse evento pode ser definido como o centro de referência sobre o qual orbita a origem do envolvimento afetivo entre Fabiane e Flávio que justificou a intenção de casar. Isto por que é a partir do momento em que Fabiane decodifica o olhar de Flávio através de sua história de vida que ela alega ter se envolvido a ponto de supor de que com ele viria a casar.

Há, todavia uma série de considerações que os próprios sujeitos fazem de si que precisam ser avaliadas no tocante a decisão de estreitar os laços afetivos. No caso de Fabiane dois fatores foram fundamentais: a idade e a posição social que ela ocupava na relação.

Mais velha que Fábio quatro anos, Fabiane considera que isto implica numa relação de poder assimétrica em que ela ocupava uma posição privilegiada por se considerar mais segura.

E ele diz que eu sou muito segura, “parece que nada te abala”. *Isso é um critério pra ele.* Ele me vê assim como um porto seguro. Tudo ele consulta. [...] Ele tem uma relação de admiração por mim. Ele admira a minha história de vida. O fato de eu ter uma pós-graduação. Ele fala que eu sou muito inteligente. Então isso pra ele chama muita atenção. Então ele diz “ah, esse é o maior tesouro que eu tenho, ah então eu não posso perder”.

A segurança, um comportamento atribuído as pessoas que se julgam invulneráveis, foi o que alimentou essa representação de si para Fabiane. Logo não era da idade a que estava se referindo, mas a sua representação de geração, que normativamente tende a tornar quem é mais velho experiente

em relação aos assuntos da vida. A posição que ela atribui a si, portanto, deriva eminentemente dos dispositivos de hierarquização elencados por seu meio social, o que a leva à conclusão de que a diferença de idade, a escusa de apontar uma diferença apenas de ordem cronológica e biológica, serviu de fonte para que estabelecesse uma assimetria na relação que possuía com seu parceiro. Disto deriva que, no tocante à suposta posição que acredita possuir na imaginação do parceiro, a idade e o conjunto de símbolos que representa sobre si própria (experiência profissional, grau de instrução, círculo de amizades, emprego, renda, local de moradia) perante o parceiro, indica, na sua visão, ser ela quem arbitrava o relacionamento, estabelecendo uma relação de poder capaz de determinar os rumos e destinos do casal. Ou seja, para Fabiane foi ela quem escolheu ser escolhida.

### **Douglas**

Nosso segundo interlocutor é Douglas, um ludovicense que abandonou o lar para trabalhar em Belém como professor de Educação Física. Seus pais se separaram quando ainda era adolescente em decorrência dos traumas causados pelo falecimento de seu irmão mais velho. A combinação destes eventos é capital para o entendimento da trajetória afetiva de Douglas, uma vez que segundo ele mesmo afirma transformou sua mãe em um dos principais agentes reguladores de sua vida amorosa. A razão para isto está no fato de que após sua saída de casa sua mãe julgava ter perdido “*os homens que tanto amava*”, o que a tornou uma mulher solitária e profundamente vigilante em relação às decisões que ele viria a tomar.

Tal particularidade condicionou Douglas a se afastar de compromissos sérios e relações duradouras, afirmando se envolver afetivamente “apenas por curtição”. A brevidade de seus relacionamentos era prova disso, pois se baseavam em vínculos puramente sexuais, cujo seu interesse se resumia a “coxas grossas e bunda empinadinha” e uma boa dose de submissão.

Quando Douglas conheceu Diana em 2006 logo se interessou por ela, mas descobriu que os estereótipos que havia elegido não se confirmavam em seu perfil.

Naquele momento [em que se conheceram] o amor à primeira vista foi essa questão da empatia, o que a gente sentiu realmente um pelo outro, a atração, atração física, atração pelo que a pessoa realmente é, o que ela demonstra naquele momento. E a questão da intuição é... aquela coisa interna, assim, tu olha uma pessoa – eu pelo menos tenho muito isso, pelo menos com todas as pessoas com as quais me relacionei sentia muito isso – eu vou ter alguma coisa com essa pessoa. Na maioria das vezes isso realmente se concretiza. Não sei explicar o que é, mas talvez seja, *quando tu percebe, a questão do caminhar, como a pessoa se expressa corporalmente, isso faz... isso se manifesta assim, acaba tendo alguma semelhança com o que tu gosta.*

Por mais confuso que lhe tenha parecido, seu interesse por Diana demonstrou que o suposto “amor à primeira vista” surgiu de uma empatia entre eles, que não se manifestou através do corpo, mas por meio de disposições subjetivas. O que significa dizer que a projeção de Douglas em relação à Diana não se confirmava em relação às suas experiências anteriores.

O amor à primeira vista é sempre uma provocação do espírito àquilo que se apresenta diante dos nossos sentidos como algo singular em si próprio. O que o torna transcendente é fato dele compatibilizar-se com os gostos e preferências inconscientemente projetados pelo indivíduo em direção a pessoa amada. Se considerarmos que o gosto representado aqui através do amor à primeira vista resulta de condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existências, poderemos entender que, assim como pensa Douglas, alguém interessante aciona princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a um objetivo: paquerar, ficar, namorar, casar, transar, fazer ciúme para o parceiro, etc; sem supor que essa intenção consciente de fins resulta da obediência a algumas regras e é coletivamente orquestrada, sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (ver BOURDIEU, 2009, p. 87).

Tendo iniciado uma paquera logo após se conhecerem, Douglas percebeu que seu interesse pela nova parceira era diferente de tudo que já vivera antes. O fato de Diana fazer o mesmo curso que ele, frequentar os

mesmos círculos de amizade e planejar trajetórias pessoais e profissionais semelhantes não só os aproximavam afetivamente como imprimiam significado às escolhas que Douglas estava disposto a fazer. Trata-se de um ponto precisamente comum ao discurso dos noivos presentes neste estudo: o fato da identificação do momento em que se está preparado para iniciar a trajetória para o casamento. Isto não significa que se quer casar, mas os noivos deixam bem claro que há um momento em que casar passa a ser uma opção.

Porém, um detalhe chama atenção a este respeito. Douglas pensou em casar com Diana por que ela era exatamente o oposto do que ele esperava em uma possível esposa. Afinal, ela o colocou contra a parede: “*E aí? Vamo ficar nisso até quando?*”. Em outras circunstâncias Douglas admitiu que ficaria enrolando até onde pudesse. Consciente de que não conseguiria adiar a oficialização do relacionamento como havia feito com suas ex-paqueras, Douglas assume o relacionamento em 2007, não antes de considerar que ao estarem ficando “a gente já estava namorando, só não tinha oficializado, como as mulheres querem ou gostam de... por exemplo, a gente tá noivo, a gente compra um anel, dá pra pessoa, mas ela quer fazer, a questão do jantar, falar pros familiares.” É oportuno afirmar que esta visão corresponde ao duplo significado do relacionamento afetivo em nossa sociedade, pois se por um lado ainda se espera do homem a iniciativa em pedir a mulher, seja em namoro, noivado ou casamento, por outro lado não se admite à mulher uma relação indefinida, cujo significado não lhe atribua o status de namorada, noiva ou esposa.

Namorando Diana, Douglas teve a oportunidade de analisar algumas características que ainda não havia se dado conta quando de outros relacionamentos. Entre eles estavam as características pessoais de sua parceira, que no seu julgamento eram o que a tornava uma pretendente ideal. “A minha noiva tem uma *personalidade* muito forte, muito decidida no que vai fazer” é a principal demonstração disso e me possibilitou compreender as motivações do nosso interlocutor para identificar em sua parceira uma possível esposa.

Personalidade é uma variável muito comum nos discursos sobre a escolha do cônjuge. Aparece como um dado objetivo ligado a manifestação de comportamentos racionais e ao fato de uma pessoa “ter atitude”, “ser decidida” frente a uma situações de tensão ou que lhe são desfavoráveis. Tal como Fabiane, Douglas considera que a personalidade imprimia na conduta da sua parceira um espírito de planejamento que, na sua concepção, era um aspecto muito importante para o casamento vir a dar certo. E isso, segundo ele, deriva de uma particularidade de sua vida familiar: a referência de conjugalidade.

Novamente é a família que serve de modelo para o noivo se decidir pelo casamento. Assim como no relato de Fabiane, Douglas também adverte que o casamento dos pais não era um bom exemplo, seja porque as brigas eram o motivo da infelicidade entre o casal, seja porque eles não haviam se planejado para formar uma família. Coincidentemente, foi também no relacionamento de um cognato, desta vez uma tia, em que Douglas se espelhou para refletir sobre o modelo ideal de casamento que queria para si.

Ela [tia] médica, ele [marido] médico, três filhos, uma vida estável. Os filhos estudando num bom colégio, todas as férias viajando, sempre juntos e tu vê aquele *album* sempre com os cinco e tudo. Aquela coisa acontecendo, vamo dizer, parece que foi programado e que deu realmente certo, e que deu certo. Então quando eu olhava pra família da minha tia e do meu tio, *eu tinha ele como meu exemplo*. Eu falava “*é isso que eu quero*”. E eu sempre usava isso como exemplo pra dar pra minha mãe, por que “eles se conheceram na faculdade, se formaram juntos na mesma turma, foram fazer a residência no Rio de Janeiro juntos, voltaram, se casaram – meu tio era o mais velho, tinha uns 28 anos, minha tia tinha 24, por aí – ai eles foram construíram uma vida, trabalhando, trabalhando, e foram ter filho depois de um certo tempo, esperaram o momento certo e hoje tão aí muito bem de vida. Era isso que eu queria que acontecesse na minha casa, mas não acontecia. Então eles tinham realmente essa questão. *A gente não tem o exemplo em casa acaba procurando fora*, e encontrando realmente fora.

Pode-se constatar com este relato que, tal como o observado na trajetória de Fabiane, a família ocupa um lugar privilegiado na referência

para o casamento, seja porque é um modelo a ser seguido ou por que não o é. Em todo caso, parece que não se vai muito longe em busca de um parâmetro para a vida conjugal, pois nos dois casos observados até aqui são os tios que alimentam a esperança de um casamento feliz. O planejamento também ocupa um espaço importante, pois é entendido como a fórmula de sucesso para a realização das expectativas do casal. Em ambos os relatos esse fato foi um diferencial na relação dos tios, que ao contrário dos pais obtiveram sucesso em seu casamento em razão de uma suposta habilidade no planejamento familiar. Soma-se a isto o fato de que para Douglas o casamento, sendo algo planejado, deveria corresponder a um estilo de vida baseado em conquistas materiais e econômicas. E como *a grama do vizinho parece sempre mais verde*, o casamento que para ele deu certo foi aquele em que a felicidade era algo tido como natural ou uma expressão de que tudo deu certo em razão das semelhanças entre os parceiros.

Tomado pela referência positiva do casamento da tia, Douglas toma a decisão de noivar. O noivado de Douglas, porém foi condicionado pela intriga havida entre sua mãe e os familiares de Diana que criticaram veementemente a atitude do casal em “dormir junto”. Para Douglas, mesmo o noivado podendo ser encarado como uma resposta a uma pressão exercida pelos familiares, o mesmo não figurou como uma obrigação, pois aos seus olhos tratava-se de um caminho natural na relação.

Com ela teve essa questão de estar namorando, primeiro começar a ficar, depois dar o primeiro passo, namorar, já tinha que dar o segundo passo, que é essa questão do noivado, que veio logo, um ano depois do namoro. E aí, um ano e meio depois já veio o casamento. *Quis seguir com ela o padrão fica, namora, noiva e casa.*

Uma vez que o noivado não se deu de maneira espontânea, mas por circunstâncias adversas, assumi-lo foi visto como uma atitude de coragem e insubordinação perante a mãe, que julgava Diana inapropriada para a Douglas. O mesmo recorre ao episódio para demonstrar que sua escolha pelo casamento se deu em razão da personalidade que ele possui, a

<sup>10</sup> A concepção de cônjuge preferencial à qual me refiro fundamenta-se na análise de Lévi-Strauss, ou seja, baseado no princípio de reciprocidade, a noção de escolha presente em seus escritos é delimitada automaticamente por um grupo de parentes (“classe de parentes”) ou pela “determinação de uma relação, ou de um conjunto de relações, que permitem dizer em cada caso se o cônjuge considerado é desejável ou excluído” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.159).

realização afetiva da mulher. Neste contexto o sentido atribuído ao papel do homem é menor, sua relação com o ritual é a de coadjuvante e sua sentimentalidade pouco relevante. Em função disso, o campo de ação do homem diante de *uma decisão como essa* é o de sua própria intimidade. Numa sociedade em que a expressão de sentimentos masculinos é tolhida e ridicularizada, o espaço para a reflexão e questionamento está diretamente ligado ao grau de autonomia que o sujeito adquire em sua relação com os outros. Quanto mais dependente da opinião dos amigos, dos pais, dos familiares ou das revistas especializadas em casamento, mais o homem é tido como inseguro, logo incapaz de assumir compromissos e exercer sua honra como futuro homem do lar. Talvez por isso que Douglas fizesse sempre questão de afirmar que encarou

mesma que aos seus olhos tornaram Diana uma cônjuge preferencial<sup>10</sup>. Sendo um tema muito frequente nos relatos que colhi de Douglas, uma vez que simboliza sua trajetória sócio-afetiva a personalidade torna-o um personagem bastante interessante para refletir sobre as emoções no âmbito do noivado.

Como retratei (Alencar, 2011), o noivado, anteriormente assim como o casamento, do ponto de vista da sociologia das emoções, é um ritual profundamente vinculado ao universo feminino, cujos valores e significados refletem a

[...] o noivado como um compro... um compromisso, assim, vamo dizer, tá namorando, mas seria um namoro mais sério. Eu encarei o noivado mais ou menos como isso. Por que a gente noivou, eu tive o gasto somente com as alianças e com o jantar que a gente fez no restaurante em que a gente convidou a família. Mas aí, depois disso, eu acho que a idéia de noivar, e o próprio passo para casar foi amadurecendo.

O fato de Douglas assumir o noivado como compromisso repercutiu no ato de levá-lo a termo como recurso para manter o relacionamento,



muito embora soubesse que essa escolha fosse encontrar obstáculo no descontentamento da mãe e nas condições econômicas para assumir o casamento. Apesar disso, procurou a estabilidade necessária para garantir que iria cumprir com a promessa de casar com Diana. Daí sua migração para Belém, onde acreditava poder encontrar as condições necessários para oferecer-lhe casa e condições que ele julgava adequadas para o casamento.

Assim, é possível pensar que o fato de ter sido aceito por sua esposa, à revelia de ela ter sido maltratada pela sogra, fez Douglas considerar que, além da personalidade e, coincidentemente, o fato de Diana não atender suas expectativas afetivo-sexuais, o casamento com ela o tornaria um homem independente e dono do próprio nariz, mesmo que isso significasse apontá-lo na mesma direção que o da noiva.

### **Aline**

Aline é bióloga e professora. Tendo cedido sua entrevista logo assim que casou relatava estar muito feliz, sendo aquela ocasião a primeira oportunidade para conversar e pensar sobre o que havia acabado de fazer. Diferente dos outros entrevistados, para Aline casar estava nos planos, mas só viria a ocorrer se, durante o relacionamento, houvesse o que ela convencionou chamar de “química”.

Ouvindo suas experiências afetivas pude notar que seu conceito de “química” era muito influente em sua vida pessoal, tendo sido o motivo para Aline ter se afastado de namorados que mesmo interessantes e possíveis candidatos a cônjuges, não correspondiam as suas expectativas afetivas. A principal razão era de que a química possibilitava uma relação amorosa mesmo em situações adversas, como quando seu primeiro namorado, ainda estudante, estava desempregado e “não tinha dinheiro nem para me levar pra tomar um sorvete”, segundo ela relata.

Sugerindo ter mudado de opinião quando encontrou Beto, seu atual marido, Aline se dedicou, ao longo das nossas conversas, a refletir sobre o por quê da química ser uma característica que julgou necessária para vir a se envolver em um relacionamento.

Eu passei por várias fases na minha vida. Em vários momentos eu acreditei em coisas diferentes. Antes eu achava que relacionamento era *a química do olhar*. Via a pessoa e queria ficar com ela e pronto. Hoje não, isso tá muito diferente na minha cabeça, hoje é muito mais do que química. Sabe é conhecer a pessoa. E várias coisas também. Se ela quer trabalhar, se ela quer crescer, se ela é uma pessoa generosa, se ela é uma pessoa companheira, se é uma pessoa fisicamente bonita pra ti, se tem uma família que... assim, a recíproca seja verdadeira. Então hoje tem muitas coisas envolvidas. Eu também aprendi uma coisa de alguns meses pra cá. Que a pessoa com a qual a gente decide casar, a pessoa que a gente decide amar é uma escolha. A gente escolhe amar. Então a gente pode amar qualquer um. E antes eu achava que não, a gente sentia aquilo e não podia evitar. Hoje eu sei que a gente escolhe quem ama.

Associada às sensações provocadas por ações hormonais, feromônicas ou adrenalínicas, a química a que se remete Aline é uma de suas explicações que justificam o interesse pelo que lhe é empático, traduzindo-se nos efeitos sensoriais que se manifestam através do desejo de conhecer o outro. Logo, ao contrário da intuição – que projeta no outro algo de si –, a química encerra uma compatibilidade entre dois sujeitos que se envolvem afetivamente, por meio das carícias, do toque e do contato. Entretanto, o próprio processo de amadurecimento de Aline a fez traduzir (para não dizer substituir) a química como um condicionante para o relacionamento e que se baseia na avaliação da beleza, da generosidade e da aptidão para o trabalho, demonstrando assim que há espaço para os indivíduos reconsiderarem seus valores e projeções a fim de adaptá-los a condições objetivas de vida e existência. Por mais pragmático que possa parecer (e o é), tal consideração nos leva a pensar que o fato de se apaixonar pelo olhar (ver Fabiane), gostar da personalidade (ver Douglas), ou considerar que deve haver química entre o casal, estas representações não justificam a escolha do cônjuge, mas apenas provocam o processo de sua avaliação, uma vez que irão se associar a outras variáveis ao longo da relação.

Outro ponto fundamental que pode ser abordado com a experiência afetiva de Aline está na ocorrência de autoavaliação. Isto por que, assim

como se formula opiniões valorativas acerca do outro, nossa interlocutora admite que também faz considerações acerca de si própria, como em relação ao seus hábitos, gostos, práticas e comportamento no intento de observar se eles se ajustam ou não aos parceiros com quem se pretende estabelecer uma relação. Um exemplo disso é o comportamento sexual, que lhe serviu de referencial para se autoavaliar diante dos parceiros:

Eu sempre digo pras minhas amigas “a gente quer ser a mulher mais gostosa”, mas claro! É o que a gente quer, ser a mulher mais gostosa. Mas não adianta tu fazer um monte de coisa se tu não quer, que tu não tem vontade. Não é nada disso. Breno eu namorei oito anos, eu nunca fiz nenhuma peripécia, e eu o *deixava louco*. Era Deus no céu e eu na terra. Ainda bem que foi a minha primeira experiência, ainda bem que eu aprendi logo que a gente não precisa fazer mirabolâncias. Isso é tudo besteira. “Ah! Aquela mulher que tem o corpo, que rebola, e terêê”. Eu sei que isso *pesa pro homem*, mas o que acontece é que essa mulher que te deixou louco hoje, por que ela tem o corpinho, por que é boa daquele jeito, não vai durar. Essa empolgação não dura, não dura. Tudo isso passa. Tudo isso, eu digo, que não é pra mim. Pra mim é uma coisa sólida, até que a morte nos separe. Tu não pode casar com uma mulher por causa disso, por que isso passa. E se o corpo for lindo, ele vai cair, ele vai cair.

Ora, a reflexão que Aline elaborou a respeito de seu desempenho sexual demonstra que essa variável, ao caracterizar-se como critério a ser avaliado, a torna uma parceira ideal naquilo “que se é bom em fazer ou ser”, o que conseqüentemente a transforma em cônjuge preferencial. Em síntese nossa interlocutora procura deixar claro que se ela foi escolhida é porque condicionou seu parceiro a isto por meio de seu desempenho sexual, o que refuta a ideia de que os indivíduos são sujeitos passíveis, isto é, são escolhidos durante o processo de união conjugal. Na verdade, cada indivíduo lança mão dos atributos que são mais valorizados pela sociedade para tornar-se alvo da escolha de alguém. O conjunto de experiências por que passou Aline prova isso, pois se notabilizaram em transformá-la em uma mulher com olhar apurado para identificar um parceiro que não só atendia suas expectativas pessoais como dava atenção para o que ela julgava ter de melhor.

Foi assim que um vizinho lhe chamou atenção. Era Beto, alguém que Aline já conhecia, mas que nunca havia chamado-lhe atenção por se tratar de um tipo por quem não se interessaria. Para ela o que despertou seu interesse por Beto foi sua insistência em se aproximar dela, isto porque na sua interpretação isso revelava que ele a tinha como alguém especial e pela qual se prestaria a se dedicar em conquistar, mesmo sabendo que Aline ainda tinha namorado.

Somou-se a investida de Beto o fato de Aline não se sentir mais entusiasmada com seu namorado (atualmente ex-namorado), julgando que ele não estava preparado para um relacionamento mais sério. Considerando-se convencida de que podia corresponder a insistência de Beto, Aline passou a considerá-lo como um parceiro interessante. Em sua opinião, o que motivou o surgimento desse interesse foi o contato – emocional e físico – e o fato dela perceber que se encontrava num contexto pessoal e afetivo que lhe sugeria estar apta a um vínculo mais forte e duradouro:

[...] o meu interesse é a partir daquilo que eu conheço. Pronto, conheço, aí aquilo pode me interessar. Como eu não conhecia então eu não tinha interesse nenhum, mas depois... sim. Fisicamente eu achava ele muito charmoso e o jeito dele ... ele era muito prestativo ... muito romântico [*reticente ao falar*], talvez romântico, muito companheiro, isso me fez ficar mais interessada.

[...] *Eu tô num momento da minha vida em que eu já queria casar.* Mas eu não iria forçar uma situação para querer, tanto que eu nunca coloquei essa situação, eu nunca pedi, eu nunca falei de casamento pra ele. Eu nunca falei, por mais que eu já sentisse depois de uns meses pra cá, eu nunca falei.

Note-se que o contexto no qual emerge o sentimento de querer casar é compatível com um maior envolvimento de Beto, um parceiro que, aos olhos de Aline era, além de romântico, companheiro e muito prestativo, mas também “um funcionário público e meu vizinho”, portanto pertencente ao mesmo grupo social e detentor de atributos que o

tornavam interessante para um enlace conjugal. Vale ressaltar que naquele contexto Aline também já encontrava empregada e considerava oportuno um envolvimento que a levasse ao altar (ou ao cartório).

Beto, porém, não representou num primeiro momento alguém que estivesse preparado para casar. Restou a Aline sugerir-lhe que realizasse algumas mudanças de hábito e de comportamento para que eles continuassem juntos. Essa condição imposta por Aline tem haver com o fato de ela julgar que Beto “não tinha tudo aquilo que [ela] queria”, pois “[...] ele era de um jeito bem diferente dos homens que eu gostava de estar. Sempre gostei de homens mais velhos, mais envolvidos com o relacionamento. E ele não era tão assim. Gostava muito de amigos”, segundo Aline relata.

Ora, apesar dos atributos necessários Aline considerava que deveria haver no comportamento de Beto uma postura em relação ao relacionamento que a predispusesse a querer algo mais sério além de um namoro.

Só que nos últimos meses ele também resolveu mudar. Ele também começou a enxergar certas coisas e passou a ficar mais... e aí assim, foi aí que eu decidi que queria casar com ele. Ele ficou mais envolvido no relacionamento. Mais preocupado com a *causa*, mais junto, mais perto, não que ele não fosse assim, mas também ele se preocupava muito com o outro lado.

Para Aline um relacionamento duradouro, conforme sua avaliação do tipo de envolvimento que estava desejando àquela altura, era uma *causa*, ou o motivo pelo qual o seu pretendente devesse se dedicar afim de mostrar-lhe que o relacionamento era, de veras, sério. Seriedade que, conforme podemos perceber ao longo do discurso de Aline, tem o sentido de valorização dos seus sentimentos, ou seja, de sua visão de casamento. Visão que não podemos nos renunciar a analisar, posto ser ela o resultado da interação entre o comportamento de Beto e os valores familiares de Aline produzidos ao longo de sua trajetória pessoal.

De acordo com Aline, um dos motivos que a impediam de se interessar por Beto no começo do relacionamento, apesar de sua insistência, era o fato de que ele bebia muito e vivia saindo com os amigos.

Inicialmente a minha família não gostava dele e... de certa forma, tinha motivos, mas hoje não. [E QUAIS SERIAM OS MOTIVOS PARA SUA FAMÍLIA NÃO APROVAR, DE INÍCIO O RELACIONAMENTO DE VOCÊS?] Bebida. Ele gostava muito de beber, de estar na rua, na roda de amigos, em festas. Às vezes, mesmo acompanhado, mesmo comigo. Ele queria o tempo todo. A gente não tinha um momento reservado, uma coisa mais família, uma coisa mais... Era o tempo todo, essa farra.

Portanto, tão logo mudasse esse comportamento mais fácil seria ser aceito por Aline e sua família. Não podemos esquecer que o interesse em se casar era, a princípio, de Aline, e, conforme ela descreve, Beto, ao contrário do seu ex-namorado, percebeu que suas relações e o fato de não dedicar atenção suficiente a ela, poderiam provocar a ruptura do relacionamento. Ruptura que, como se percebe, não ocorreu por que Beto, segundo Aline, amadureceu.

Tal amadurecimento correspondeu ao que Aline considera ser o ato de ser dedicar a sua causa (casar), mostrando estar em condições de assumir um compromisso sério, não só por que ela assim o determinava, mas por que isso seria a condição objetiva para ele se tornar um cônjuge ideal. O fato de Beto ter “mudado” pode até nos levar a pensar que ele usou de uma estratégia para demonstrar que estava preparado para atender as expectativas de Aline, mas não deixa de ser uma evidência significativa de que, atendendo suas demandas ele também se via investido de uma identidade social que correspondia às expectativas afetivas de sua futura esposa e as representações sociais de sua família.

## CONCLUSÃO: Entre a Regra e as Estratégias

Neste estudo adotou-se como objeto de análise o discurso sobre o processo de escolha do cônjuge entre noivos católicos que participaram dos cursos de noivos oferecidos pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, capital do Estado do Pará. Com o objetivo de rastrear suas experiências sócioafetiva, o trabalho aponta para a existência de critérios que determinam as expectativas, os imaginários e as representações a respeito da conjugalidade e do cônjuge ideal.

Primeiramente se buscou caracterizar as etapas que precedem o casamento. Foram, assim, identificados três fases: o “ficar”, o namoro e o noivado, que em resumo possuem a característica de servir de referência na avaliação do parceiro e do momento ideal para se estabelecer um vínculo conjugal. Constatou-se que tanto o amadurecimento é a característica fundamental para alcançar tal fim.

As entrevistas com os noivos possibilitaram constatar também que a ideia ou representação do cônjuge ideal é o resultado de um processo de avaliação e comparação que se dá no decorrer das experiências sócioafetiva dos indivíduos. Servindo-se dispositivos de classificação (critérios de seleção), como o corpo e o comportamento, a maturidade ou olhar, eles elaboram tipificações que passam a ganhar uma realidade própria a partir do momento que atendam não só suas expectativas pessoais, mas também as expectativas do grupo a que pertencem. Neste sentido, as pessoas estariam sujeitas a um profundo embate consigo mesmas, procurando analisar se o casamento é uma opção adequada e se a pessoa que estão escolhendo se adapta as suas expectativas.

As alternativas, o gosto e a crença na escolha individual seriam, então, socialmente construídos, em conformidade com os interesses pessoais e coletivos, de tal forma que as escolhas realizadas não são unicamente resultado de decisões calculadas, mas de expectativas atendidas em razão da convergência de valores presentes em seu contexto social.

**REFERÊNCIAS**

ALENCAR, B. *Entre a regra e as estratégias: uma abordagem antropológica do processo de escolha do cônjuge*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

AZEVEDO, T. *As regras do namoro à antiga: aproximações socioculturais*. São Paulo: Ática, 1986.

BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOZON, M. Lechoix du conjoint. In: SINGLY, François de. (dir.). *La famille: l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1991.

\_\_\_\_\_. Sociologie du rituel du mariage. *Population*, Paris, v. 47, n. 2, p. 409-433, 1992.

BOZON, M; HÉRAN, F. La découverte du conjoint: I. Évolution et morphologie des scènes de rencontre. *Population*, Paris, v. 42, n. 6, p. 943-985, 1987.

\_\_\_\_\_. La découverte du conjoint: II. Les scènes de rencontre dans l'espace social. *Population*, Paris, v. 43, n. 1, p. 121-150, 1988.

CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde*. Mangueiras, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, Dez./ 2003.

COULMONT, B. Politiques de l'alliance: les créations d'un rite des fiançailles catholiques. *Archives de sciences sociales des religions*, Paris, n. 119, p. 5-27, 2002.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GAUDEMET, J. *Le mariage en Occident. Les mœurs et le droit*. Paris: Cerf, 1987, p. 165-170.

GIRARD, A. Le choix du conjoint: une enquête psycho-sociologique en France. *Population*, Paris, v. 19, n. 4, p. 727-732, 1964.

GRUMAN, M. *Individualismo, família e projeto: negociando identidades em casais formados por judeus e não judeus*. Tese (Doutorado em Antropologia), Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.



HEILBORN, M. L. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HENRY, L. Perturbations de la nuptialité résultant de la guerre 1914-1918. *Population*, Paris, v. 21, n. 2, p. 273-332, 1966.

\_\_\_\_\_. Problèmes de la nuptialité. Considérations de méthode. *Population*, Paris, v. 23, n. 5, p. 835-844, 1968.

\_\_\_\_\_. Schémas de nuptialité : déséquilibre des sexes et âge au mariage. *Population*, v. 24, n. 6, p. 1067-1122, 1969.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 128, nov./1980.

LAGO, S. P. *Namoro pra casar? Namoro pra escolher (com quem casar)*. 122 f. Dissertação (Mestrado), Curso de Mestrado em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

MOLIN, J.; MUTEMBE, P. *Le rituel du mariage en France du XIIe au XVIe siècle*. Paris: Éditions Beauchesne, 1974.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTOS, E. S. *Winnicott e Heidegger: a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana*. 243 f. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2006.

SEGALEN, M.; JACQUARD, A. Choix du conjoint et homogamie. *Population*, Paris, v. 26, n. 3, p. 487-498, 1971.

WINNICOTT, D. W. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996.

VAN GENNEP, A. *Manuel de folklore français contemporain*. Paris: Picard, 1943.

\_\_\_\_\_. *Os ritos de passagem* (1ª Edição 1909). Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade complexa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.



## Amor, Conjugalidade e Diversidade: um ensaio

*Amor, Conyugalidad y Diversidad: un ensayo*

*Love, Conjugality and Diversity: an essay*

Maria Angela D’Incao

**Resumo:** este ensaio é uma reflexão acerca do amor à luz do que se entende por diversidade e conjugalidade, no Brasil. Para isso, privilegiaram-se questões abrangendo a problemática da família, especificamente sobre as relações entre as formas dos distintos grupos familiares e, neles, as posições do papel do amor na permanência das uniões, na sociedade pós-moderna. Neste sentido, presume-se que o ensaio suscite questionamentos para debates futuros, tais como: em que aspectos seriam afetadas as múltiplas formas de famílias na sociedade brasileira? O amor aqueceria ainda as uniões na considerada pós-modernidade brasileira?

**Palavras-chave:** amor, conjugalidade, diversidade, família, pós-modernidade.

**Resumen:** este ensayo es una reflexión acerca del amor a la luz del que se entiende por diversidad y conyugalidad, en Brasil. Para eso, se centró en cuestiones que comprenden la problemática de la familia, concretamente sobre las relaciones entre las formas de los diferentes grupos familiares y, en ellos, las posiciones del papel del amor para mantener las uniones, en la sociedad post-moderna. En este sentido, se presume que el ensayo suscite cuestionamientos para debates futuros, tales como: ¿En qué aspectos serían afectadas las múltiples formas de familias en la sociedad brasileña? ¿El amor calentaría aún las uniones en la considerada post-modernidad brasileña?

**Palabras claves:** amor, conyugalidad, diversidad, familia, post-modernidad.

**Abstract:** this essay brings a reflection on love in the light of what is understood by diversity and conjugality in Brazil. Analyses focused on issues regarding family relationships, especially, the ones established between the different kinship groups and the role love has played in long-lasting unions in the post-modern society were carried out. It is assumed that the essay could potentially raise questions for future debates that include the following ones: How would the different kinds of families be affected in the Brazilian society? Would love still have a role in relationships in the Brazilian post-modernity?

**Keywords:** love, conjugality, family, diversity, post-modernity.

---

**Maria Angela D’Incao** estudou no curso de Ciências Sociais na USP e fez Pós-Doutoramento na Universidade de Oxford – Inglaterra. É professora na UNESP, Pesquisadora na área de Sociologia e consultora nos estudos de camponeses e família rural e urbana, com ênfase na região amazônica. Pesquisadora filiada ao GEPEM/UFPA. Desenvolve estudos comparativos de família, relações entre globalização no Brasil e relações internacionais. Além disso, é organizadora de diferentes eventos acadêmicos nacionais e internacionais. É autora de livros e editora. Entre seus livros, no período 2001-2010, destacam-se: *Mulher e Modernidade na Amazônia, tomo II* (org.); *Diversidade Biológica e Cultural da Amazônia* (org.); *O Brasil não é mais aquele... Mudanças sociais após a redemocratização*; *Uma Região, uma Cidade e sua Gente*; *A Amazônia e a Crise da Modernização* (org.); *Democracia, Crise e Reforma: estudos sobre a era FHC* (org.). **E-mail:** [madincao@uol.com.br](mailto:madincao@uol.com.br)

---

## INTRODUÇÃO

*A mulher que eu amo... É o ar que eu respiro e nela eu me inspiro pra falar de amor... E o chão que ela pisa se enche de flor... Tem a luz das estrelas... Se ela está sorrindo eu sorrio também... Tudo nela é verdade... E com ela eu acredito na felicidade... Roberto Carlos<sup>1</sup>*

O amor tem presença cada vez maior em nossa sociedade. Pensar nele... ouvir sobre ele entenece-nos e muitas vezes até nos recompõe. Sentimos falta e ambicionamos encontrá-lo como sempre sendo: o verdadeiro amor. Diz-se que ele compõe uma das características importantes de nossas vidas.

<sup>1</sup> Trechos da música *A Mulher que eu amo* no CD *Esse Cara sou eu* de Roberto Carlos.

<sup>2</sup> Não vamos produzir uma reflexão do sentido de conjugalidade. Assumimos que é a vida em comum que ocorre em qualquer formato de uniões familiares, com ou sem sexo por todo o período da união.

Refletir sobre o tema do amor à luz do que se entende o que é conjugalidade<sup>2</sup> e diversidade no Brasil é o objetivo central deste ensaio. Assim, trataremos, sob a prismática dos sentimentos – de compreender as formas dos distintos grupos familiares e a presença do amor na conservação das uniões.

Trata-se, evidentemente de uma tarefa ampla, porque cada um dos itens contidos na relação que o tema encerra é em si suficientemente complexo para uma análise ensaística. Assim, começamos admitindo que a família é uma instituição bastante focada na modernidade. Último reduto da antiga comunidade, ainda que tenha assumido novos contornos, recebe designações bastante favoráveis tais como: *locus* de amor e compreensão, célula *mater* da sociedade, entre outros. Especialmente no Brasil, com os programas de auxílio à pobreza, o foco na família necessitada tem sido constante e recorrente e, também, contribuidor da visibilidade das múltiplas formas de família no Brasil.

Como pano de fundo, mencionamos algumas inquietações: em que aspectos seriam afetadas as múltiplas formas de famílias na sociedade brasileira? O amor aqueceria ainda as uniões na considerada pós-modernidade brasileira? A análise dos sentimentos estaria restrita

unicamente à presença do amor nas relações conjugais ou outros sentimentos poderiam ser incluídos?

Assim, a *primeira parte* deste ensaio aborda a compreensão do que seja família no Brasil, pretendendo-se um esboço histórico e o delineamento de algumas questões que os estudos têm proposto no contexto da modernidade brasileira, em particular.

Na *segunda parte*, pretende-se uma análise da globalização em países como o Brasil e das relações entre a globalização e a transformação da compreensão dos diversos formatos da família. E na *terceira parte*, pretende-se estimular alguns pontos para reflexão e estudos futuros.

## 1. A Família e sua Compreensão no Brasil

Os estudos de família, depois dos estudos demográficos e históricos, feitos tanto na Europa quanto no Brasil, têm demonstrado que o passado da família em geral não permite visualizar uma uniformidade de origem e, nem mesmo, no tocante ao número de membros, um encolhimento visível na família contemporânea<sup>3</sup>. Os distintos grupos familiares guardam relações profundas com as circunstâncias históricas e culturais das quais vieram, tanto nos aspectos econômicos quanto nos simbólicos e religiosos ou míticos. Assim, o conjunto da simbologia relativa às relações afetivas entre seus membros, seus valores e ambições, presentes em todas as comunidades, ainda que as distingam em suas particularidades prevalece nos estudos da antropologia social e da sociologia dos sentimentos, quando estas estudam a persistência de certos valores considerados passados nas sociedades humanas em transformação.

Os estudos dos sentimentos modernos que moldaram a chamada família burguesa<sup>4</sup> estimularam-nos a entender

<sup>3</sup> Ver D'Incao, M. A. Sentimentos Modernos e Família no Brasil, tese mimeografada – Capítulo número 1 – Havia famílias pequenas e constituídas sem a figura paterna.

<sup>4</sup> A família burguesa no Brasil desenvolveu-se no século XIX na esteira da necessidade de “civilizar” nossa sociedade de então. Esta tendência de fechamento da família sobre si mesma foi o início do que chamamos de processo de privatização dela, marcado pela valorização da intimidade familiar e... Ver - D'Incao, M. A. (1997). Ver também o lúcido artigo de Maria Rita Kehl (2003).

que, tanto nas sociedades europeias quanto no Brasil, o advento do amor como condição de escolha do parceiro para o casamento ou união agregou diferentes grupos de indivíduos quanto à origem – em geral em situações urbanas, mas não só a necessidade de buscarmos uniões por esse critério. É essa a condição essencial e a marca desses tempos que podemos entender que vão da modernidade à pós-modernidade.

Assim, na vida contemporânea constituída por indivíduos fora de seu *locus* de origem comunitária –, especialmente no Brasil, um país ainda de grande mobilidade social horizontal e vertical –, encontramos a busca do amor como condição das uniões que levarão ou não à formação de grupos familiares e como conquista importante na construção do ideário conjugal.

Para situar de modo mais universal, tomamos Georg Simmel, o qual observa e descreve o momento de transformação da sociedade europeia que culminou na modernidade. No conjunto de textos que compõe a tradução para o português de seu livro *Filosofia do amor*<sup>5</sup>, Simmel aponta o amor como egoísmo, condizente com o novo homem que ele vê surgir. O amor como algo transcendente à realidade vivida. Um sentimento, portanto, que vai além do sexo. Também trata do sentimento da sedução, referindo que o fato de se sentir atraente e atrair constitui um jogo<sup>6</sup>. Discorre sobre o bem e o mal que o amor pode trazer, desde a maravilha do início da relação amorosa até as dificuldades posteriores da convivência. Neste sentido, destaca algo importante sociologicamente: a realidade não combina com o dar-se em uma sociedade em que já a competição e certo anonimato eram condições da nova sociabilidade nos agrupamentos humanos que vivenciam a expansão do capitalismo. No estudo que Simmel<sup>7</sup> faz sobre

<sup>5</sup> George Simmel, **Filosofia do Amor**, 2006, tradução da Editora Martins Fontes, SP. Compõe o livro: Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro (1892); Sobre a sociologia da família (1895); O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmento de uma filosofia do dinheiro (1898); Cultura feminina (1902); Psicologia do coquetismo (1909); Fragmento sobre o amor (Escritos póstumos); Fragmentos e aforismos; Posfácio à memória de G. Simmel (G. Lukács, 1918).

<sup>6</sup> Psicologia do coquetismo (1909).

<sup>7</sup> Simmel em *A Metrópole e a Vida Mental*, em 1903, descrevia o homem vivendo em uma antítese ao que se viu na comunidade, o homem *blasé*. A precisão do capitalismo, a falta de tempo e a precisão em uma estrutura construída na impessoalidade levam a uma imprecisão das coisas e ao sentido da indiferença.

a metrópole, evidencia um tipo social: o indivíduo *blasé* e superficial que circula pela metrópole, desatento aos demais. Trata-se do indivíduo que havia perdido suas relações com a comunidade e refaz sua vida na cidade grande, onde o dinheiro é o ponto de partida. A modernidade assim é percebida por Simmel como antítese do espírito da sociação, que é o estar junto, que é a ajuda mútua constante nos grupos anteriores, na comunidade. O individualismo aí impera<sup>8</sup>.

É o período em que ninguém pode esperar o outro, como seria na comunidade. Todos precisam se realizar rapidamente. A própria construção dos pequenos palácios prevalece ao grande castelo que demorava gerações e quem os iniciava não era quem inaugurava e usufruía. A compreensão da finitude da vida faz todos buscarem se apossar, na própria vida, de tudo o que construíram ou patrocinaram. Entre o que procuram está de modo especial o que poderia distinguir e enobrecer uma pessoa: o amor.

É neste contexto que o amor vai se tornando essencial e geral. Como algo, porém, transcendente, uma vez que a realidade é antagônica aos outros, ao coletivo e comunitário. Assim, em uma vida voltada para o indivíduo, sem laços comunitários, de familiares e parentesco, o amor promete o infinito.

Procurando a compreensão da modernidade, Niklas Luhmann, em seu texto *Amour comme passion*, originalmente publicado em 1982, apresenta o amor como uma relação de comunicação interpessoal e social. Ele não deve ser compreendido, ou mesmo tratado, como sentimento; é um código simbólico que informa sob que condições o sujeito irá amar outra pessoa. O autor revela que o amor passa a ser percebido como uma fonte de informações, e não mais como uma invenção mental. O que se pensa então sobre o amor? É que ele se constitui em um sentimento que existe antes mesmo de os sujeitos encontrarem um parceiro, pois há um código partilhado, que é construído anonimamente por todas as pessoas

<sup>8</sup> Ver Francisco Cetrulo, Simmel: sociabilidade e sociedade moderna. In: **Espaço e Sociedade**, org. por M. A. D'Incao, Ed. Grupo, (2000) SP.

e é comum a todos. Para Luhmann, o amor “permite ao outro dar alguma coisa precisamente sendo tal como ela é” (LUHMANN, 1990, p. 40). E diz ainda que “Através da simbólica da diferenciação plena da *passion* e do acaso e da técnica de codificação da paradoxização, o mundo moderno não dispõe de qualquer princípio pelo qual foi possível prever a estabilidade quer do casamento quer das outras relações íntimas”.

Assim, essa situação, na qual a semântica do amor entra em conflito com as exigências de sentido duradouro para mundos pessoais, o romantismo reage por meio da intensificação excessiva. Podemos perguntar: Por que a separação dói? O amor vira “objeto em si mesmo”. A separação causa a perda do “objeto” que vem a ser a perda do amor. A perda é um demérito em uma sociedade em que ter e ganhar são valores.

Isso pode ser identificado na obra *Fragmentos de um discurso amoroso*, publicada originalmente em 1977 pelo filósofo, escritor e semiólogo francês Roland Barthes. O que revela essa obra? Que, por vezes, na *anulação*, característica de um dos fragmentos desse discurso amoroso, o amor vira “objeto em si mesmo”. O amor torna-se um fenômeno procurado pelos amantes que resulta em uma anulação pessoal quando acreditam que o encontram. Para Barthes existe, portanto, uma relação de dependência com o objeto amado. Os amantes sentem uma sensação de ausência de realidade quando amam. Como que flutuassem distantes da realidade, segundo falas de apaixonados relatadas para nós.

A epígrafe escolhida, neste ensaio, do poeta, músico e cantor, Roberto Carlos fala dessa ausência da realidade e... Os amantes vivem algo como o autoengano nas relações entre o amor e a realidade não vista. Enquanto apaixonados não conseguem enxergar nada a não ser o objeto de paixão de modo extremamente lúcido, belo, puro e, claro, real. Há quem diga que a paixão é algo que se assemelha à loucura ou doença: sentimos, ouvimos e vemos o que não existe.

Dada a grande proximidade dos amantes, o amor se dilui ao mesmo tempo em que a realidade emerge das, digamos assim, sombras devido



à cegueira e o casal enfrenta a separação. Triste e, às vezes, eternamente triste para algumas partes que continuam amando cegamente e sentindo o vazio do casal, do outro.

A realidade da sociedade altamente competitiva é que vai diluir esse discurso e essa imagem dos dois em um. Poderíamos exemplificar, hoje, como mostramos em um artigo<sup>9</sup> é o embate da vida, do supermercado, das contas a pagar, dos filhos a educar ou a curar, dos velhos e doentes, que os dois em um se recompõem na origem dos dois indivíduos separados. A comunhão não persiste à realidade densa, visível, competitiva e concreta que é a vida real.

É senso comum dizer-se que a quantidade de divórcios existentes na sociedade brasileira reflete a importância que o amor confere às uniões conjugais. Não se compreende mais a permanência de uniões da qual haja a ausência do amor. A busca de relações com o outro e com o amor é marca deste século. Ao mesmo tempo, o é a busca da liberdade e a necessidade de se manter livre. Essas características evidenciam uma relação especial. Seria o que Zigmund Bauman, refletindo sobre as relações atuais em *“Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”* (2004), chama de relações humanas líquidas, na pós-modernidade. Trata-se de uma característica essencial da pós-modernidade: tudo se torna frágil, duvidoso, frouxo, livre e inseguro. Naquilo que diz respeito a essa obra, o autor ilumina as relações amorosas do século XXI e destaca que a frouxidão é a principal característica de tais relações. Bauman aponta a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> O Amor e a Separação de M. A. D’Incao in: **Amor, casamento e Separação:** a falência de um mito, Ieda Porchat (org.), Ed. Brasiliense, 1992, SP.

<sup>10</sup> A fragilidade dos vínculos humanos são misteriosos, conflitantes e inseguros na medida em que o homem contemporâneo está abandonado ao seu próprio aparelho de sentido, de modo que tal aparelho tem, ao mesmo tempo, grande facilidade de conceder e descartar sentido nas “relações amorosas”.

Diante da dúvida é que o outro e o eu se relacionam, toda relação oscila “entre sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro” (BAUMAN, p. 8). A copresença da satisfação e insatisfação da relação traz a dúvida: devemos escolher sabendo dos riscos do nosso investimento, todavia, os casais “estão sozinhos em seus

<sup>11</sup> Publicação do NEPO, n.º. 27. “Razão e Emoção na união conjugal”, S/D.

<sup>12</sup> Costa, nesse artigo, se ressentido de uma falta de definição na Sociologia de amor romântico. Entendo que essa carência não existe. Há uma disponibilidade grande, no Brasil e no exterior, de abordagens que tratam desse tema. Também a busca de uma definição pronta e justa pode sufocar as múltiplas faces do amor romântico.

solitários esforços para enfrentar a incerteza” (BAUMAN, p.10). O autor também pontua que a relação pode acabar da noite para o dia. Ao “eu te amo” pode suceder-se o “acabou”! “Neste contexto, as uniões ao mesmo tempo em que crescem em número, não persistem por toda vida”.

Poderíamos dizer que nos encontramos frente a um paradoxo. Contudo, como enfatiza Maria da Conceição Quinteiro<sup>11</sup> apoiada em Macfarlane (1990) referindo-se ao desenvolvimento da paixão sexual e do amor sob o capitalismo, a esfera da emoção e dos sentimentos, uma vez disciplinados, transformou-se em elemento dinâmico do sistema capitalista. Ambos se fundam na escolha individual, na posse, na propriedade e na livre iniciativa.

Nessa mesma direção das relações do amor com o mercado, Sérgio Costa (2005) observa agudamente que,

... Nas sociedades contemporâneas a economia está presente em diversas esferas do amor, oferecendo produtos culturais que marcam os ideais e sentimentos amorosos, além de contextos para a vivência dos rituais românticos. Nem mesmo em seus momentos pragmáticos o relacionamento se livra da presença do mercado, que com seus manuais, terapeutas e gestores de crises familiares ensinam os termos de uma convivência justa.

Essa abordagem compreende as relações entre o amor romântico e o mercado. Todavia o Autor<sup>12</sup> distingue que o que define a relação amorosa não é somente o consumo desses rituais românticos, mas “o

sentido singular que os amantes conferem à sua relação e às atividades conjuntas”. Uma posição que entende algo além do mercado. Diz ele: “Nesse sentido simbólico-expressivo, a obliteração das fronteiras entre mercado e interação amorosa significaria o fim do amor romântico<sup>13</sup>”. Entretanto entendemos que é difícil sustentar essa posição como uma lei geral para todos. Psicologicamente, sabe-se que cada caso é um caso.

## 2. Modernidade, Globalização e Diversidade Familiar no Brasil

A passagem para o mundo moderno, no caso do Brasil, já foi observada por intermédio da leitura e análise de romances urbanos<sup>14</sup>. E desse modo, , tanto a escolha pessoal no casamento quanto a oposição entre o homem e a comunidade é vista diante da ascensão da família burguesa, com a adoção de atitudes de privacidade e de domesticidade. O foco descritivo das novelas se dirige paulatina e intensamente para os interiores da casa, das mentes e das relações entre pais e filhos<sup>15</sup>.

Assistimos assim, nesse período, a um novo mundo familiar no contexto urbano civilizado brasileiro: o mundo burguês que não tem laços com a comunidade e nem com os diferentes. Neste mundo, a família constitui um mundo em si mesmo. É autossuficiente e toda a autoridade vem da cabeça do casal, o pai, o novo patriarca<sup>16</sup> que apresenta doçura paternal e compreensão. Agora, nessa nova realidade que atinge também as relações entre a

<sup>13</sup> Para uma análise histórica importante sobre o tema do amor romântico, sugere-se consultar Heilborn, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

<sup>14</sup> D’Incao, M. Angela, Sentimentos Modernos e Família, Ed. Brasiliense, 1995.

<sup>15</sup> Os romances posteriores a José de Alencar, especialmente os de Machado de Assis, vão tratar desses temas e do mundo íntimo das almas. Mário de Andrade, em *Amar, Verbo Intransitivo*, escrito em 1927, na cidade de São Paulo, trata não só da alienação da esposa, transformada em dona casa, uma espécie de bibelô, como da necessidade de encontrar alguém que ensinasse sexo ao herdeiro e que fosse tal o aprendizado que o jovem soubesse também, após as lições, a distinção entre sexo e amor.

<sup>16</sup> Chamamos de *novo patriarca*, pois é o patriarca amenizado por sentimentos de amor e amizade aos filhos e mulher.

família e a sociedade, as pessoas precisam aprender sobre coisas comuns como sexo e amor.

Mais que isto: precisam aprender a ter o sentimento correto sobre essas relações amorosas. Aprender a diferença entre elas. As emoções comuns são controladas, civilizadas. Quando isto ocorre, a sensibilidade burguesa está instituída.

A pergunta que precisa ser feita há algum tempo é: no Brasil, essa sensibilidade burguesa abrange toda a sociedade?

Evidentemente, não. A variedade cultural dos arranjos e motivos familiares é múltipla. Vejamos: sabe-se que tipos de camponeses, como sitiantes, caboclos, caipiras, sertanejos etc., ainda mantêm o essencial de sua cultura. E o mantêm mesmo sofrendo modificações na sua superfície, chegando assim, a perspectiva de assimilar o novo, via reelaboração, não só pela sua lógica produtiva, mas também pela sua lógica simbólica e mítica, preservando inclusive rituais de iniciação, de passagem entre categorias de idade, que remontam traços da sua ancestralidade indígena muito longínqua em relação aos habitantes desta região, que foi uma das primeiras impactadas pelos portugueses.

Tomamos como exemplo o caso sobre os sitiantes sergipanos estudados pelos Woortmann (1991), na qual a presença da forte autoridade paterna estava assentada no repasse de conhecimentos tradicionais, transmitidos pelos mais velhos. Esta agricultura vem sofrendo uma modernização por influência da atuação do estado na extensão rural via EMATER. Mas o que foi verificado é que apesar da aquisição de novas técnicas, o seu complexo sistema simbólico integrado de representação está intacto, no qual os gêneros, a idade e a natureza se relacionam coerentemente, e cada qual tem o seu papel e significado, e que no todo as representações servem de princípio filosófico tanto para as técnicas de manejo já existentes quanto para a elaboração e aquisição de novas técnicas, que são integradas tanto na lógica do manejo antigo quanto no referido sistema simbólico.

Ao mesmo tempo, tradições antigas ainda são perpetuadas, tais como um ritual de iniciação dos meninos. Estes, quando já adquirem um domínio satisfatório das técnicas de manejo e da elaboração simbólica, são passados por um ritual de iniciação, em que são também iniciados na vida sexual. Nesta ocasião, se faz uma festa e prostitutas são contratadas para que, durante a festa, se portem como namoradas dos meninos e com eles se divirtam e dancem. Em certa altura da festa, os casais discretamente saem e vão até o roçado, ocorrendo aí o ato sexual. Este ato sempre se dá no roçado, de acordo com as elaborações simbólicas dos agricultores. A mulher deitada no roçado representa a terra e o pênis, durante a cópula, a maniva sendo enterrada. A terra, fecundada com a maniva, vai produzir a planta da mandioca. A mulher fecundada vai produzir um embrião na barriga até desenvolver-se em um filho completo que vai nascer, desligando-se da mãe, tal como a mandioca quando é colhida. Além disso, foram registrados, entre os agricultores, discursos diferentes, aparentemente contraditórios. Esta ambiguidade expõe uma forma de resistência (palavra ruim essa), de manutenção de sua identidade, da mesma maneira que a incorporação de novas técnicas dentro de seu sistema lógico e simbólico<sup>17</sup>.

A superposição da família como unidade reprodutiva e produtiva vai além de uma transmissão de conhecimento tradicional e de uma solidariedade entre gerações, transmissão de patrimônio e teias ou redes de solidariedade. Ela é a guardiã de toda uma cultura simbólica muito própria, e de mecanismos de regulação social que asseguram a continuidade<sup>18</sup>, como a

<sup>17</sup> Ver Humberto Cotta Jor. 'Família, Gênero de Vida e Sociedade Complexa no Tempo e no Espaço, onde se apoia no texto dos Woortmann (1991), Mimeo, Pós Graduação em Sociologia, UNESP/Araraquara. 2005.

<sup>18</sup> E o interessante é que esta organização se mantém apesar de crises econômicas crônicas de nosso país, de ser uma região desassistida, mais pobre e de viver em um ambiente natural relativamente rigoroso, e sujeita a um constante êxodo décadas a fio, além de ter se espalhado por todo o país numerosas escolas técnicas agrícolas, além do superior, e nem por isto a aprendizagem direta, o saber fazer perdeu o seu valor.

existência de classes de idade, formadas não na constituição de classes escolares, mas em um ritual de iniciação que confere ao iniciado a passagem entre categorias de idade e atribui a este um novo conjunto de direitos e obrigações, assim como um novo papel social. A partir desta passagem, o menino é considerado um adulto pleno.

Quadro semelhante ou equivalente ocorre por todo este imenso país, mas estes sítios de Sergipe mostram que nem sempre o isolamento geográfico é fator de manutenção cultural como foi o caso dos caipiras paulistas (CÂNDIDO, 1964).

Não se pode deixar de mencionar que há no campo dos estudos dos grupos humanos um quadro complexo e multiforme, com exemplos de diversos tipos de mudanças sociais e de caminhos possíveis e variados prognósticos e tendências, devido ao multivariado ambiente cultural e natural, povos e paisagens, e também políticas locais diferenciadas umas das outras, o que poderá gerar uma fonte inesgotável de diversificadas lições referentes aos estudos de família. Tudo isto é produto da interface entre a colonização ibérica e a presença de uma enorme diversidade de etnias. Da interface do barroquismo, produto da sociedade de fachada ibérica, com a antropofagia e poligamia (MARTINS, J. S., 1993). É esta complexidade que provoca a compreensão de que as famílias no Brasil não seguem uma evolução igual.

<sup>19</sup> Conferir o artigo de Cláudia Fonseca, “Amor e Família: vacas sagradas da nossa época?” In: Ribeiro, I. & Ribeiro A. C. orgs. 1995.

<sup>20</sup> Berquó, Elza, Arranjos familiares no Brasil In, *História da vida privada no Brasil, Vol. 4. Cia das Letras, 1999.*

Daí a questão de que o modelo muitas vezes chamado de evolucionista não consegue explicar a variedade e a complexidade dos grupos familiares no Brasil (FONSECA, 1995).<sup>19</sup> O fato é que também são muito diferenciadas as políticas locais, o que poderá gerar uma fonte inesgotável de diversificadas lições além de variados arranjos familiares, mesmo que discursos dos entrevistados se apresentem como “modernos” e amorosos.

Como sustenta Elza Berquó, na *História da vida privada no Brasil – o século XIX*<sup>20</sup>, em primeiro lugar, na segunda metade do século XX a família

“hierárquica” organizada em torno do poder patriarcal, começou a ceder lugar a um modelo de família no qual o poder é distribuído de forma mais igualitária. Trata-se da família igualitária onde o homem e a mulher, mas também, aos poucos, os filhos, começam importar nas vontades e atitudes do grupo familiar.

Assim, se o poder foi, digamos assim, repartido, sem dúvida o papel da mulher sofreu transformações – a começar pelo ingresso no mercado de trabalho, com a consequente emancipação financeira que durante tantas décadas foram tão dependentes do homem, o “chefe da família”. Com isto, o número de separações e divórcios vem aumentando assim como a idade em que as mulheres vêm decidindo se casar – em proporção direta ao aumento dos índices de escolaridade feminina, diz Berquó. O número de relações conjugais “experimentais”, ou seja, não legalizadas, entre jovens, também vem crescendo<sup>21</sup>, em função não apenas da maior independência financeira das moças – que se veem em condições de arriscar um pouco mais nas escolhas amorosas – quanto em função da liberdade sexual conquistada há quase meio século pelas mulheres.

Com isso, o papel tradicional do tabu da virgindade, declina. Contribui nesta direção, a descoberta e a democratização das técnicas anticoncepcionais. Em contrapartida, hoje, o número de mulheres que se encontram sozinhas com filhos para criar vem aumentando, porque além da gravidez não programada entre as adolescentes, ter filhos sem a oficialização do matrimônio é comum, aceita socialmente na modernização brasileira e amparada por leis nacionais<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Talvez fosse melhor dizer que esses arranjos não oficiais das uniões passaram a ter maior visibilidade e não simplesmente cresceram, uma vez que se sabe que o casamento civil tem uma história própria e não extensiva a todos no Brasil por diversos motivos, entre eles o econômico, que não cabem ser elucidados aqui.

<sup>22</sup> Tanto o direito à propriedade para parceiros e filhos fora da união oficial quanto a legitimidade por exames de DNA refletem causas da visibilidade e aceitação de filhos fora da união oficial.

<sup>23</sup> Goldenberg aborda um ponto importante sobre a mulher e a conjugalidade no Brasil, em seu Home Page (<http://miriangoldenberg.com.br/>) “A brasileira se sente infeliz, onde ela compara a mulher alemã e a brasileira. Diz: O discurso dessas mulheres gira em torno de duas questões: o homem (ou a falta dele) e a decadência do corpo. O que é que essas mulheres me dizem? Primeiro, aparece um discurso que é muito típico da mulher brasileira: “Falta homem no mercado”, “os homens da minha idade não querem mulheres da minha idade, querem uma mulher muito mais jovem”, “quando um homem se separa, imediatamente ele se casa, enquanto, para a mulher, é muito mais difícil encontrar um parceiro que a respeite”. Esse é o discurso centrado no homem. Já o discurso feminino centrado na decadência do corpo traz muito fortemente percepções do tipo “meu corpo já não é mais o mesmo”, “eu me tornei invisível”, “eu não me acho mais uma mulher atraente”, “não sou considerada uma mulher desejável”. Esses dois discursos aparecem com muita força. É um discurso de vitimização. Eu chamo este fenômeno de “miséria subjetiva” porque, se você olhar para as conquistas da mulher que pratica esse discurso, verá que ela tem dinheiro, tem independência, ela está se realizando, está bem fisicamente. Mas ela não internaliza as conquistas objetivas como um poder... Já na Alemanha, eu encontrei a mulher poderosa - subjetivamente e objetivamente.

<sup>24</sup> D'INCAO, Maria Ângela, “Mulher e Modernidade na Amazônia” in *Mulher e Modernidade na Amazônia*, Ed. CEJUP, Belém, Pará, 1997.

Os estudos de relações de gênero<sup>23</sup> constituem importante fonte de compreensão nas diferenciações pelas quais a família tem passado. Os conteúdos de gênero nas relações familiares permitem compreender ao longo da história e das diversidades de contextos socioculturais, as transformações de homens e mulheres, das mentalidades e dos significados e dos desejos de realização do amor e da família. As especificidades dos papéis sociais distintas marcam a multiplicidade de transformações pelas quais passam os papéis masculinos e femininos, nos conteúdos das relações parentais e conjugais. Mais que isto, indica os processos de formação familiar, sua expansão, dissolução, recomposição, e permanência. E assim, a pluralidade de tipos de família.

Conforme referimos<sup>24</sup>, a modernidade, na globalização, em países como o Brasil chega a algumas ilhas da sociedade. Este fato é importante quando se considera a instituição familiar. Tratamos de ideias, sentimentos e subjetividade quando tratamos da família. Em uma palavra, o que Marx chama de superestrutura. Todos querem se apropriar da modernidade sejam tradicionais, modernos, tribais ou comunitários, rurais ou urbanos. Entre os muitos meios de apropriação, está o estilo de vida que queremos ter e as implicações econômicas e sociais desse desejo.



Como a modernidade invade a nossa vida?

A construção do modelo da família nuclear dentro da economia capitalista e o desejo de educar adequadamente os filhos induzem ao desejo de rompimento com a grande família. Tanto os meios de comunicação cada vez mais disponíveis entre as diferentes classes ou camadas sociais quanto a informação em tempo real concorrem para a idealização do projeto familiar ideal.

Assim, as expectativas da população na sociedade moderna se dão em condições do tipo da modernidade pelo avesso, isto é, sem os aspectos positivos da modernidade<sup>25</sup>. A apropriação da modernidade se faz também pelo ideário da apropriação das mercadorias que não param de se apresentar aos indivíduos. Com a permanência das condições expropriativas para as populações que não se apropriaram dos efeitos positivos da modernidade, a família e sua diversidade no cenário do país ainda que possa ter como ideário a família pequena e burguesa (no sentido histórico) se organiza dentro das possibilidades de seus grupos de origem e das diferentes organizações culturais que esses grupos apresentam.

Pode-se enumerar os tipos de família no Brasil como segue: família tradicional; família nuclear com poucos laços com a parentela; família regida por mulheres; família regida por homens; família de irmãos e eventualmente com sobrinhos; família da rua; família ideal dos sonhos e a constante busca; família single; a família homossexual e lésbica<sup>26</sup> – com a reivindicação da procura de adoção de crianças –; a família do asilo de crianças e seu ideal; a família mantida pela avó, entre outras.

Nesta sociedade os papéis familiares se modificarão profundamente. Estão presentes pais sem a complementação burguesa ou tradicional; o desejo de autorrealização dos diferentes sexos e a presença do envolvimento de todos na tarefa do cotidiano familiar.

<sup>25</sup> D'INCAO, M. A. opus cit. 1997.

<sup>26</sup> Ver especialmente: Amaral-Gonçalves, T. (2011) **Falando de amor – discursos sobre o amor e as práticas amorosas na contemporaneidade**, mimeografado, Tese de doutorado, UFPA, Belém. Mello, L. (2005) *Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil*. Cadernos Pagu (24), janeiro-junho de 2005, pp.197-225.

Os estudos sobre o passado da mulher no Brasil revelam que ela tinha algum poder na sociedade tradicional, como já anotamos algum tempo atrás<sup>27</sup>. O poder que ela vai assumir na modernidade é sempre por meio do trabalho e da realização econômica, mesmo com a jornada dupla ou tripla de trabalho.

Assim, pode-se compreender que a constituição da primeira modernidade nas relações familiares foi o aprisionamento da mulher no lar com a realização do ideário da família burguesa, na qual a mulher é a dona de casa que supervisiona o andamento dos trabalhos de casa assim como a recepcionista das seletas visitas, já distantes do povo<sup>28</sup>. Há a tendência ao fechamento da família sobre si mesma foi o início do que D’Incao<sup>29</sup> chama de processo de privatização da família, marcado pela valorização da intimidade.

A constituição da segunda modernidade, na globalização, está sendo a libertação desse lar aprisionante e a reformulação de seu papel de mulher, pessoa feminina dentro da sociedade capitalista.

Que família se tem, então, no Brasil?

Todas essas que viemos falando ao mesmo tempo e dentro de um mesmo território.

As políticas sociais precisam se dar conta da natureza de qual família ela vai se referir. Em todas as instâncias de grupos sociais familiares, as transformações não seguirão necessariamente a evolução de muitos grupos até o apagar deste século. Este é o preço ou papel da modernidade neste país: trazer rapidamente ao convívio social os valores de grupos sociais de outras circunstâncias sociais.

<sup>27</sup> D’INCAO, M. A. (1996), *Sentimentos Modernos*, Brasiliense.

<sup>28</sup> Naquele período, o desenvolvimento das cidades e da vida burguesa influenciou também na arquitetura das residências, procurando tornar o convívio familiar mais íntimo, mais aconchegante, o que significa: mais separado do tumulto das ruas e do burburinho da gente do povo.

<sup>29</sup> D’INCAO, M. A., 1997 “A Mulher Burguesa” in *História das Mulheres no Brasil*, Mary Del Priore (org.), ed. Contexto, SP.

A evolução do capitalismo brasileiro para a fase chamada de neoliberalismo criaria situações de transformações para o grupo familiar? Com toda a certeza, os cuidados sociais, que vão desde a Bolsa Escola, Família; Bolsa alimentação (para mulheres grávidas ou em estado de amamentação); auxílios de diversas ordens, em especial o PETI (programa de erradicação do trabalho infantil nos Estados e municípios); Renda cidadã; até ao Cheque do cidadão, levariam a uma circunstância econômica menos apertada para os grupos que propiciam a posse de mercadorias produzidas pela modernidade produtiva. Evidentemente não só a escola, mas os meios de comunicação acessível a parcelas maiores da população, além da escola e dos valores desses meios, acabam por fazer parte, com algum tempo, das mentalidades que compõem esses diversos grupos familiares, contribuindo para a constituição do ideário da família conjugal seja ela que formato tenha.

A contribuição das análises feitas na área de Psicologia é importante para a percepção analítica das diversas manifestações sentimentais e emocionais no que se refere às mentalidades e sentimentos em transformação. Também contribuem para a abordagem interdisciplinar necessária para temas que envolvem variadas questões.

Maria Rita Kehl no artigo *Em defesa da família tentacular* menciona que a satisfação sexual está entre os requisitos da escolha do cônjuge. Assim, a independência sexual das mulheres e a possibilidade de separar a vida sexual da procriação – o que Elisabeth Roudinesco<sup>30</sup> chama de “poder de atentar contra o caráter sagrado do sêmen masculino”, fizeram com que alguns conservadores atribuíssem ao novo “poder das mães” a responsabilidade pela dissolução da família e dos costumes.

O fato é que com a possibilidade de as mulheres controlarem o número da prole e de, assim como os homens, poderem também procriar filhos de diversos leitos e fazê-los coabitarem em famílias ditas ‘coparentais’, ‘recompostas’, ‘biparentais’, (...) <sup>31</sup>, elas ganharam poder.

<sup>30</sup> Citado por Maria Rita Kehl E. Roudinesco, cit., p. 155.

<sup>31</sup> Opus cit. 2003.

A partir desse momento, os laços conjugais já não escondem mais a base erótica – portanto, instável – de sua sustentação. Os filhos deixaram de ser a finalidade, ou a consequência inevitável, dos encontros eróticos, diz Kehl.

As separações e as novas uniões efetuadas ao longo da vida dos adultos foram formando, aos poucos, um novo tipo de família que vou chamar de família tentacular, diferente da família extensa pré-moderna e da família nuclear que aos poucos vai perdendo a hegemonia.

Na família tentacular, irmãos não consanguíneos convivem com “padrastos” ou “madrastas”, “tios” ou “tias”, de uniões de um de seus pais. Adicionam também os vínculos com pessoas que não fazem parte do núcleo original de suas vidas. Todo esse grupo é relacional e relativo a um tipo novo, digamos assim, de parentesco.

Também em “Conjugualidades contemporâneas: um estudo sobre múltiplos arranjos conjugais na atualidade”<sup>32</sup>

<sup>32</sup> De Vanessa Dinis da Silva e Poliana Figueira Rodrigues (2010), In Departamento de Psicologia, PUC/Rio. ([puc-rio.br/pibic/relatorio.../resumos\\_ctch\\_psicologia](http://puc-rio.br/pibic/relatorio.../resumos_ctch_psicologia))

indicam a presença, no consultório, de arranjos conjugais tipo: poliamor, recasamento, casamento em casas separadas, namoro, “ficar”, noivado, casamento civil, união estável/coabitação. Os sujeitos do arranjo “ficar” onde os

mesmos ressaltaram as vantagens e desvantagens deste tipo de relação; no arranjo “poliamor” foi possível observar a ênfase na exigência de acordos entre os parceiros da relação. Tais acordos vão desde o número de parceiros sexuais que cada membro poderá ter, passando pelas concepções de fidelidade e de projetos futuros. Contudo, dizem as autoras, há discursos contraditórios e conflitantes. Concluem elas que ainda hoje, há jovens que preferem as formas ditas tradicionais de relacionamento.

Importante ainda anotar o que Kehl revela no artigo já citado: Uma das queixas que os psicanalistas mais escutam em seus consultórios é esta: “eu queria tanto ter uma família normal...!”. “Adolescentes, filhos de pais separados ressentem-se da ausência do pai (ou da mãe) no lar.

Mulheres sozinhas queixam-se de que não conseguiram constituir famílias, e mulheres separadas acusam-se de não ter sido capazes de conservar as suas. Homens divorciados perseguem uma segunda chance de formar uma família. Mães solteiras morrem de culpa porque não deram aos filhos uma ‘verdadeira família’”, menciona Kehl. E os jovens solteiros depositam grandes esperanças na possibilidade de constituir famílias diferentes – isto é, melhores – daquelas de aonde vieram<sup>33</sup>.

Assim, podemos afirmar que, no devir, esses valores serão buscados, pelo menos nos desejos e sentimentos dos novos formadores de famílias. As circunstâncias reais, contudo, terão sua cor e conformação nessas histórias individuais.

Do mesmo modo, o fato de saber de onde as famílias do presente vieram significa, acima de tudo, reconhecer que os grupos familiares do passado e de hoje são múltiplos e tributários a um conjunto particular de circunstâncias – em que cada caso tem sua explicação e são elas que podem oferecer ao pesquisador, elementos de compreensão sobre o tema. Desse modo, o que se pode dizer é que o modelo de família do passado e também o modelo almejado hoje, se constituem em uma idealização não só das pessoas, como dos governos<sup>34</sup>, mas, também, de muitos pesquisadores da área de família.

Para chegar ao final desta parte, acreditamos que somente construindo a história dos grupos sociais familiares será possível saber das tendências jogadas ao futuro em que os modelos servirão para orientação da busca de relações que possam levar ao modelo idealizado.

<sup>33</sup> Opus cit. 2003.

<sup>34</sup> Como diz Kehl, para um discurso institucional que responsabiliza a dissolução da família pelo quadro de degradação social em que vivemos. Os enunciadores desses discursos podem ser juristas, pedagogos, religiosos, psicólogos. A imprensa é seu veículo privilegiado: a cada ano, muitas vezes por ano, jornais e revistas entrevistam “profissionais da área” para enfatizar a relação entre a dissolução da família tal como a conhecíamos até a primeira metade do século XX e a delinquência juvenil, a violência, as drogas, a desorientação dos jovens, etc. Como se acreditasse que a família é o núcleo de transmissão de poder que pode e deve arcar, sozinha, com todo o edifício da moralidade e da ordem nacionais.

### 3. O Amor ainda nos Aquece? À guisa de Conclusões.

Em que aspectos, hoje, a família é afetada na sociedade brasileira? O amor aquece ainda as uniões na considerada pós-modernidade brasileira? A análise dos sentimentos está restrita unicamente à presença do amor nas relações conjugais ou outros sentimentos poderiam ser incluídos? Essas duas questões nos orientaram nessa reflexão que agora precisa ser encerrada.

Nessa sociedade capitalista, altamente competitiva, violenta para alguns, de relações importantes mantidas por uma rede computacional, a imprevisibilidade das relações, a traição amorosa<sup>35</sup>, entre outras, os relacionamentos práticos e oportunos, o cartão de crédito como forma de antecipação da satisfação, a subordinação do amante e a opressão do amado, os sentimentos amorosos, mesmo que idealizados, aparecem como um bálsamo para as opressões da competitividade.

<sup>35</sup> Segundo Mirian Goldenberg: A Folha de São Paulo, analisando os dados do IBGE de 1996, mostrou que 71% dos pedidos de separação feitos por mulheres foram motivados por traição masculina. A infidelidade é tão recorrente no Brasil que movimenta um mercado próprio. Na Internet, um site chamado *Álibi* presta um serviço para arrumar, justamente, *álisis*. Eles enviam convites para eventos, fazem reservas em hotéis e prestam assistência telefônica. Assim, se uma esposa quiser entrar em contato com seu marido, uma recepcionista atenderá de maneira a garantir que ela acredite que ele está ocupado trabalhando ou em algum evento importantíssimo.

O que todos querem é encontrar o amor que poderá transformar e expugnar a alteridade que os separa daqueles a que amam. Ter que separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida, diz Bauman (2004).

“Que melhor maneira de atingir este objetivo do que transformar o amado numa parte inseparável do amante? Aonde eu for você também vai; o que eu faço você também faz; o que eu aceito você também aceita; o que me ofende também ofende você. Se você não é nem pode ser meu gêmeo siamês, seja o meu clone!” (BAUMAN, 2004, p. 29).

Conforme vimos, Bauman pontua que as uniões nessa sociedade podem acabar da noite para o dia. E, então, “as uniões ao mesmo tempo em que crescem em número, não persistem por toda uma vida. O não persistir uma união deriva como vimos, da emergência de que destruir a alteridade, formando o dois em um, traz, dada a fragilidade da união, a visão da realidade individualista, competitiva”.

O amor está presente na cultura globalizada ainda que como diga Oltromari (2009), com diferentes faces e interpretações para ainda permanecer no centro dos interesses e buscas do ser humano. Ele não perdeu sua força. Hoje, é mais importante do que era em tempos atrás. A procura das emoções da paixão com a segurança que o amor traz por meio da confiança, ainda aquece os corações na sociedade atual. Talvez seja esta dupla função incorporada pelo amor no mundo contemporâneo o que tem trazido descontentamento e ao mesmo tempo sua busca incessante.

Poderíamos assumir que boa parte das mentalidades do período, poderia simbolizar a marca da época, a razão de ser da persistência e do engano que esconde a realidade. O lado do escuro da sociedade seria coberto por esse sentimento de que o amor é possível. Isso dá o brilho e a chama que nos indica que caminhar é possível. Mas, muitos vão descobrir que é uma caminhada somente de um trecho.

A análise dos sentimentos modernos, nos estudos de família, favorece a compreensão de que por sentimentos não se deve somente pensar no amor, também o desamor ou a indiferença entram na análise.

Sentimento, como a própria palavra diz, é aquilo que sentimos. Assim, é sentimento tudo o que, como o amor, sentimos e nos organizamos para atingir ou fugir desse sentimento, ainda que idealmente. Para os camponeses dos Woortmann, por exemplo, com suas tradições, ao amor sexual não poderá faltar, pelo menos na imaginação, a figura da maniva e do roçado. Caso migrem para a região urbana, essa imagem deverá acompanhá-los em sua errância.

<sup>36</sup> Hoje as defensoras mais sofisticadas da virgindade pré-marital assumem-se como feministas, precisamente para não serem vistas como prisioneiras de tradições arcaicas e repressivas... Não sei se tantas conversões de mulheres europeias e americanas ao Islã em anos recentes não se deva, em parte, a essa corrente de sentimento, de fugir a esse ambiente de sexualização compulsiva. Enfim, há variadas tendências e contra-tendências neste domínio... (...) Um romance sobre o assunto vendeu mil exemplares por dia. Deve haver um público sedento para este tema ou esta atitude perante o mundo. Depoimento pessoal de Hermínio Martins.

<sup>37</sup> (AVEN) – L'Assexual Visibility and Education Network (Visibilidade Assexual e Rede de Educação), fundada em 2001 pelo americano David Jay, reivindique que já existe 70mil membros em todo o mundo.

<sup>38</sup> Do Jornal Le Monde | 26.04.2013 à 20h10

<sup>39</sup> FONSECA, Cláudia, opus cit. 1995. A Autora, ainda que não trate desse tema, menciona casos de senhoras na França que não haviam se casado por motivo de ordem familiar e sentiam-se orgulhosas por isso.

Portanto, se tomamos a paixão sexual como uma meta nas relações de conjugalidade, em que incluiríamos os que entendem que está na assexualidade a verdadeira razão de ser do ser livre<sup>36</sup> e, assim, da livre escolha?

A sociedade de “*asexuals*” representa 1% da população no mundo<sup>37</sup> e reivindicam o direito de sair da sombra, uma vez que entendem que a sociedade apresenta o sexo como uma obrigação. E lamentam que há quem defenda que a falta da via erótica seja considerada como uma espécie de tara<sup>38</sup>.

Poderíamos assumir que boa parte das pessoas que vivem relações conjugais longas e que conhecem a dinâmica do longo tempo sem sexo, poderia ser incluída nesses casos? Há muitos casais dentro de uma relação conjugal de longa duração – sabemos por depoimento de psiquiatras – que ficam longos anos sem sexo, dentro do casamento estável e que esse fato, algumas vezes, pode vir a ser um ‘problema’ para levar ao consultório.

Em minhas leituras e pesquisas sobre amor e conjugalidade – observei que muitas pessoas não colocam o casamento (com sexo) em suas prioridades, mas sim, o manter as regras familiares<sup>39</sup> de honra, por exemplo, mas não só, e se sentem orgulhosas devido a isso. Com a sensação do “dever cumprido” – Até se não se casam, não lamentam, pois o que valorizam é a manutenção dos deveres da família. Poderíamos entender esse comportamento dentro de uma análise dos sentimentos.

Desse modo, a análise dos sentimentos tem serventia para análises que não focam somente o amor romântico, moderno, como alguns autores assim entendem.. Do mesmo modo, cometem o engano de pensar que a análise dos sentimentos que privilegia o amor romântico na caracterização



das famílias burguesas, não encerra como algumas vezes assumem que as famílias do passado não tinham amor. O amor como se sabe sempre existiu, o que torna peculiar na situação da família burguesa e na pós-modernidade é o fato de o amor se tornar o centro dos relacionamentos conjugais e, neste sentido, a razão de ser deles é a busca desse sentimento para a união.

Um aspecto final que gostaríamos de pelo menos tocar, para encerrar, diz respeito à presença, cada vez maior, de uma sexualidade presente no aqui e agora e também com novos recursos. Ou seja, a presença da masturbação também entre as mulheres. Como sabemos, também no Brasil há um crescente uso de tecnologia e parafernália relativa à masturbação. Não seria sem sentido afirmar que muitas mulheres e homens sentem-se livres da necessidade de ter um parceiro para o prazer sexual. Este aspecto da sexualidade certamente traz entendimento para a presença cada vez maior de *singles* na sociedade contemporânea. O declínio dos casamentos, em grupos de jovens já resolvidos economicamente, pode ser indício dessa nova tendência.

Acrescentam-se o que Hermínio Martins aponta<sup>40</sup>: 1) a procura cada vez maior de *sex toys* da parte de mulheres e homens, não só para substituir o sexo normal (eg, vaginas artificiais), mas também para acompanhar o sexo genital normal, uma espécie de mecanização do sexo; 2) o sexo *online*, aliás, de variadíssimos tipos, não só *dating*<sup>41</sup>, nudez, pornografia,

<sup>40</sup> Martins, H. (2013) depoimento pessoal. **Hermínio Martins** é Professor e *Emeritus Fellow da University of Oxford* e Doutor *Honoris Causa* pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), dividindo sua vida entre os dois países. Pesquisador na área de sociologia teórica e filosofia e sociologia da tecnologia e, também, professor de sociologia em Portugal e no Brasil. Autor de muitos artigos e entre seus livros destaca-se *Experimentum Humanum*, editado em Portugal e no Brasil. E. mail [herminio.martins@virgin.net](mailto:herminio.martins@virgin.net)

<sup>41</sup> *Online dating*: - Diz Martins, - Os sites de *online dating* variam imenso, para todos os gostos e para todas as idades, honestos e mercenários, de todos os tipos. Possivelmente vai haver ainda mais variedade nos próximos anos. Mas enquanto o contacto *face-to-face* contar, será uma limitação importante. Com a “teleportação” dos corpos, sei lá, no século XXII, então seria outra coisa... Mas os sites não são só para relacionamento: muita gente os frequenta não porque procuram alguém, mas simplesmente para se sentirem menos sós... “Les solitudes interactives”... E servem mais para desentendimentos que para outra coisa... Em parte uma extensão da “pornocracia” (uma expressão já de Proudhon no século XIX!).

Vi numa revista americana um artigo de uma feminista dizendo que de fato são as mulheres que os controlam, os pobres dos homens esforçam-se imenso escrevendo mensagens elegantes, muito cuidadosas, poéticas, encantadoras, praticamente sem resultados proporcionais... há demasiada escolha para as mulheres, para brincar ou a sério. O que seria de esperar do mundo *offline* talvez. Alguns sites são de compra pouco disfarçada... Há de tudo. Um ramo importante do *e-comercio*... Quem de fato os aproveita mais são – ou pelo menos, foram – as minorias sexuais, outrora com receios, escondidas, que assim puderam conhecer outras pessoas com a mesma orientação ou pelo menos sem saber o que eram ou queriam ser. Imensa propaganda para converter os indecisos a se juntaram a essas minorias... Verdadeiros missionários das heterodoxias sexuais...

Outro tema seria a intimidade on-line, a epistolografia on-line da busca de parceiros (as), ou pelo menos de correspondência mais ou menos amorosa.

<sup>42</sup> Sobre cibersexualidade e assuntos afins, ver o artigo de Martins, H. "Empresas, mercado, tecnologia - uma perspectiva biográfica" na Revista NADA nº 16, 2012, p. 14-37.

<sup>43</sup> *Sexting*: uma variante de *texting*: SMS, mensagens de texto com conteúdo sexual ou erótico de uma forma ou de outra. Como os jovens pelo menos na Inglaterra e nos EUA enviam muitas mensagens de texto a toda hora, e muitas delas com referências sexuais explícitas ou indiretamente, inventou-se essa palavra, para dizer que quando enviam SMS, ou *texting*, estão de fato a enviar *sexting*.

<sup>44</sup> Cf: BBC News Uk, 15 May 2013: There is a "crisis of masculinity in Britain" because of the pressures rapid economic and social change have placed on masculine identity, shadow health minister Diane Abbott is to claim.

<sup>45</sup> MARTINS, H. Léxico. In: Progress: termos das ciências sociais e humanas em línguas estrangeiras. Ainda não publicado.

<sup>46</sup> MARTINS, H. opus. cit cita **Saitō Tamaki** *Hikikomori: adolescence without end*. Univ. Minnesota Press, 2013.

<sup>47</sup> Na França, de acordo com H. Martins, os casos são designados como de "retrait social". Há casos em outros países europeus (Espanha, Itália) assim como a Coreia do Sul. No Brasil, deverá existir também.

mas também orgasmos por via online ou pela internet, com ou sem *webcams*, digamos a "cibersexualidade"<sup>42</sup>, o que acompanha certas tendências para viver cada vez mais *off-line* (o caso extremo são os jovens japoneses que se fecham nos seus quartos meses e anos, vivendo praticamente só online, e não só japoneses, há centenas de casos semelhantes em França); 3- a prevalência do *sexting*<sup>43</sup>, da troca de fotos de nus, a perda de privacidade diante do mundo online, na adolescência, com consequências talvez para a formação de sentimentos (sem falar dos enganos e da falsificação de tudo a que muita gente se habitua); a pornificação (o termo usado por muitas feministas) mesmo do que aparentemente não é claramente pornográfico, o que afeta, indiretamente ou subtilmente, as mentes e atitudes de rapazes e moças<sup>44</sup>.

A questão dos *singles* na sociedade contemporânea é uma área cada vez mais importante de estudo. Do mesmo modo, a dificuldade crescente da sociabilidade real entre jovens, mas não só. O *Léxico-in-Progress* de Termos de Ciências Sociais e Humanas<sup>45</sup> contém o tópico de um fenômeno emergente, ou como já chamam os psiquiatras, de 'epidemia' o *hikikomori*<sup>46</sup>, na sociedade japonesa<sup>47</sup>: trata-se da preferência de muitos jovens, no Japão, de viverem em casa como reclusos sem nenhuma vontade de se comunicarem com o mundo exterior, não somente devido aos jogos e internet. Esses fenômenos estão a clamar por atenção e compreensão dos estudiosos também na sociedade contemporânea brasileira.

Encerra-se esta reflexão pretendida em focar as relações amorosas na diversificada conjugalidade presenciada no Brasil à luz da importância que o amor e a análise dos sentimentos podem oferecer ao pesquisador. Procurou-se buscar relações entre as várias ideias de autores de se debruçaram sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL-GONÇALVES, T. *Falando de amor – discursos sobre o amor e as práticas amorosas na contemporaneidade*, mimeografado, Tese de doutorado, UFPA, Belém, 2011.
- BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. (M. V. M. de Aguiar, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Z. (2006) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, (Trad. Carlos Alberto Medeiros) Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2006.
- BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil. In: *História da vida provada no Brasil*, Vol. 4. Cia das Letras, 1999.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*, São Paulo: Ed. Duas cidades, 1964.
- CETRULO, F. *Simmel: sociabilidade e sociedade moderna*. In Espaço e Sociedade, org. por M. A. D’Incao, São Paulo: Ed. Grupo, 2000.
- COSTA, S. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos*. – Cebrap, n.73. São Paulo. Nov. 2005.
- COTTA JR, H. *Família, gênero de vida e sociedade complexa no tempo e no espaço*, Pós Graduação em Sociologia. Araraquara: UNESP, 2005 (mimeo)
- D’INCAO, M. A. *Níveis de sociabilidade*, Anpocs, 1987( mimeo).
- D’INCAO, M. A. A casa, a família e modos de vida. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Marília, SP: UNESP, 1992.
- D’INCAO, M. A. *Sentimentos modernos: a família na literatura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996
- D’INCAO, M. A. *A Mulher burguesa*. In: Mary Del Priore (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997a
- D’INCAO, M. A. ; ÁLVARES, Maria Luzia; SANTOS, Eunice Ferreira dos ( orgs). *Mulher e modernidade na Amazônia*. Belém/PA: Ed. CEJUP, Belém/Pará, 1997.
- D’INCAO, M. A. O Amor e a Separação. In: PORCHAT, Ieda (org.). *Amor, casamento e separação: a falência de um mito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, SP, 2009.
- FONSECA, C. Amor e Família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, I. & RIBEIRO A. C. orgs, *Família em processos*

contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades* (M. Lopes, Trad.). São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, M. *Ciúme & traição: algumas reflexões antropológicas*. (<http://miriangoldenberg.com.br/>).

GOLDENBERG, M. (S/D) *A brasileira se sente infeliz, home Page* (<http://miriangoldenberg.com.br/>): 14/05/2013.

KEHL, M. R. *Em defesa da família tentacular*. artigos e ensaios, 2003.

HEILBORN, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LUHMANN, N. *O amor como paixão*. Lisboa: Difel, 1991.

MACFARLANE, A. *História do casamento e do amor*. (Tradução de P. Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MARTINS, J. S. (1993) *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, H. Empresas, mercado, tecnologia - uma perspectiva biográfica. *Revista NADA*, n. 16, 2012, pp. 14-37. Versão em inglês ampliada, de 2013, esta online no site da revista.

MARTINS, H. *Léxico-in-Progress: termos das ciências sociais e humanas* (ainda não publicado).

MELLO, L.(2005) Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho, p.197-225, 2005.

OLTRAMARI, L. C.(2009) Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, nº 4, p. 669-677, out./dez., 2009.

ROUGEMONT, D. *História do amor no ocidente*. (P. Brandi, E. B. Cachapuz, Trad.). São Paulo: Ediouro, 2003.

SILVA, V. D. da & RODRIGUES, P. F. In: Departamento de Psicologia. PUC/Rio. ([puc-rio.br/pibic/relatório.../resumos\\_ctch\\_psicologia](http://puc-rio.br/pibic/relatório.../resumos_ctch_psicologia)), 2010.

SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Original publicado em 1909)

WOORTMANN, E. F. & WOORTMANN, K. *O Trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília (DF) Ed. da UnB, 1991.

## Três Mulheres e suas Histórias de Amor: Stein, Yourcenar e Bishop<sup>1</sup>

*Tres mujeres y sus Historias de Amor: Stein, Yourcenar y Bishop*  
*Three Women and their Love Stories: Stein, Yourcenar and Bishop*

Telma Amaral Gonçalves

**Resumo:** neste artigo, é apresentada a trajetória amorosa de três pares femininos que viveram relações homoafetivas no século XX, formados por Gertrude Stein/Alice B.Toklas, Marguerite Yourcenar/Grace Frick e Elizabeth Bishop/Lota Macedo. Neste sentido, foram analisados o significado do amor e o impacto da escolha amorosa no âmbito pessoal e no contexto específico em que o par viveu, assim também seu cotidiano marcado por realizações, alegrias, conflitos e tensões.

**Palavras-chave:** mulheres, amor, homoafetividade.

**Resumen:** este artículo presenta la trayectoria amorosa de tres parejas femeninas que vivieron relaciones homoafectivas en el siglo XX, formadas por Gertrude Stein/Alice B.toklas, Marguerite Yourcenar/Grace Frick y Elizabeth Bishop/Lota Macedo. En este sentido, se analizó el significado del amor y el impacto de la elección amorosa en el ámbito personal y en el contexto específico en que vivía la pareja, así como su vida cotidiana marcada por logros, alegrías, conflictos y tensiones.

**Palabras claves:** mujeres, amor, homoafectividad.

**Abstract:** this paper focuses on the loving trajectories of three female gay couples – Gertrude Stein/Alice B.Toklas, Marguerite Yourcenar/Grace Frick and Elizabeth Bishop/Lota Macedo – who lived their homoaffective relationships during the 20<sup>th</sup> century. The meanings the couples assigned to love, the impact of their choices on their personal lives and on the context in which each couple lived as well as their everyday lives marked with achievements, joys, conflicts and tensions were analyzed.

**Keywords:** women, love, homoaffectivity.

---

**Telma Amaral Gonçalves** é Professora adjunto do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero (GPEM). **E-mail:** [telmaral@ufpa.br](mailto:telmaral@ufpa.br).

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado nos Anais do 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, ocorrido em novembro de 2012 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A republicação do texto na revista [www.generonaamazonia.ufpa.br](http://www.generonaamazonia.ufpa.br) foi devidamente autorizada pela referida editora, a quem agradecemos. <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/249/232>.

## COMO TUDO COMEÇOU

Neste artigo, analiso a trajetória de três escritoras que tiveram relações amorosas com outras mulheres formando parceiras durante um longo período de suas vidas. Trata-se, portanto, de um debate em torno da homoafetividade desde a constituição do vínculo amoroso que uniu o par, desdobrando-se para a vivência cotidiana, marcada por alegrias, realizações, conflitos e tensões.

Os pares amorosos a que me refiro são formados por Gertrude Stein, escritora norte-americana que se destacou pelo estilo bastante peculiar e cuja obra mais conhecida provavelmente é “A autobiografia de Alice B. Toklas”(1933)<sup>2</sup> – Alice foi sua parceira ao longo de trinta e sete anos de vida em comum. Outra parceria é composta por Marguerite Yourcenar, escritora francesa autora do romance histórico “Memórias de Adriano”(1995[1951])<sup>3</sup> considerado um clássico. Ela viveu um relacionamento de quarenta anos com a professora universitária americana Grace Frick. E, por fim, a história da poeta norte-americana

<sup>2</sup> Stein, G. A autobiografia de Alice B. Toklas. Rio Grande do Sul: L&M Pockets, 2006[1933]

<sup>3</sup> Yourcenar, M. Memórias de Adriano. São Paulo: Record, 1995[1951].

<sup>4</sup> Amaral Gonçalves, Telma. “Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade”. Tese de Doutorado. Belém: UFPA/PPG-CS. 2011.

Elizabeth Bishop, a qual durante quinze anos viveu com Lota de Macedo Soares, uma brasileira pertencente à elite carioca. Em todos os casos, estas mulheres partilharam uma vida em comum, inclusive residindo no mesmo espaço físico e usufruindo de uma convivência com a elite intelectual e artística de sua época.

Antes, porém, de apresentar os dados acerca do universo dessas mulheres remeto o leitor para a gênese de meu interesse em investigar tão instigantes vidas.

Em minha tese de doutoramento intitulada “Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade”<sup>4</sup>, analisei o amor e as práticas amorosas – o discurso elaborado e expresso sobre ele, bem como sua prática atualizada mediante o estabelecimento de

diádes amorosas pertencentes ao universo homo e heterossexual. Para tal, trabalhei com dez parcerias, distribuídas, segundo o critério de gênero, da seguinte forma: três heterossexuais, três homossexuais femininas e quatro homossexuais masculinas – todas pertencentes a segmentos das camadas médias urbanas da cidade de Belém.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, utilizei nomes fictícios de parcerias históricas ligadas à literatura e eternizadas em filmes<sup>5</sup>. Desse modo, investiguei com profundidade a vida daqueles personagens que iriam me acompanhar ao longo da tese. Este trabalho demandou esforço e dispêndio de tempo com o qual eu não contava, mas ao mesmo tempo me permitiu o contato com um universo que sequer imaginava existir. Pude então no âmbito da tese reconstituir, ainda que de forma limitada, a história amorosa dos pares selecionados e estabelecer algumas correlações entre estas vidas e a de meus interlocutores originais identificando similaridades e discrepâncias. Foi exatamente este esforço que me fez refletir que essas outras histórias de amor dariam uma “tese” à parte, pois levantei dados substanciais que não foram explorados no trabalho final.

É este material – mais especificamente o universo homossexual feminino, nesse caso – que privilegio neste artigo, objetivando reconstituir/ analisar as histórias de amor destas parcerias cujos amores foram vividos intensamente dentro dos limites que o contexto histórico permitia. Todas têm rica trajetória de vida e, no campo amoroso, apresentam percurso diferenciado por estarem em desacordo com os padrões vigentes à época (e por que não dizer ainda hoje, de certo modo) de afetividade e de exercício da sexualidade. Além disso, foram mulheres expressivas na sociedade em que viveram, ganhando visibilidade pública e influenciando

<sup>5</sup> Foram estes os pares que nomearam meus entrevistados na tese: Ennis Del Mar e Jack Twist, Alfred Douglas e Oscar Wilde, Armand e Albert, Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, Elizabeth Bishop e Lota Macedo, Gertrude Stein e Alice B. Toklas, Marguerite Yourcenar e Grace Frick, Charles Darwin e Emma Wedgwood, Tristão e Isolda e Anah Pereira de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco.



– no campo específico em que atuaram – a cultura de seu tempo, e muitas vezes estando à frente dela.

## 1. Seis Mulheres, Três Histórias de Amor

### 1.1 Gertrude Stein (1874-1946) e Alice Babbete Toklas (1877-1967)

Gertrude e Alice nasceram e foram educadas nos Estados Unidos. O par se conheceu em Paris, em 1907, e passou a viver junto dois anos depois, em 1909, somando trinta e sete anos de relacionamento.

Gertrude era filha caçula de empresários judeus e havia perdido a mãe para o câncer, aos quatorze anos; e o pai, aos dezessete. Nascida na Pensilvânia, morou na Áustria e depois na França, com o irmão mais velho, onde se estabeleceu definitivamente. Foi neste país que começou a tentar seriamente a carreira literária e a se interessar e adquirir

<sup>6</sup> É sempre assim que ela aparece nas referências a seu nome, suas ou de outros.

<sup>7</sup> Aliás, em algumas das crônicas escritas por Hemingway e reunidas depois na conhecida coletânea – que repete sua frase famosa sobre a cidade luz – “Paris é uma festa” (2000[1964]) – este autor apresenta um rico painel de sua relação com Alice e Gertrude, bem como do estilo de vida e da personalidade das duas e da importância e repercussão do movimentado “salão” da casa da escritora onde todos da chamada “geração perdida” eram recebidos.

obras de arte moderna o que se tornou uma paixão cultivada longamente. E foi também na França que adquiriu notoriedade como escritora.

Alice B. Toklas<sup>6</sup> nasceu em São Francisco, Califórnia, em uma família judia de classe média. De modo semelhante à Stein, perdeu a mãe para o câncer aos vinte anos. Em viagem por Paris conhece Gertrude e se junta a ela e ao grupo de artistas expatriados com os quais esta mantinha estreita relação, a exemplo Picasso, Matisse, Hemingway e tantos outros<sup>7</sup>. Ela ficou fascinada por Gertrude, por sua aparência, voz e porte altivo, conforme relata: “as duas coisas dela que mais me impressionaram foram o broche de coral que usava e a voz” (STEIN, 2011, p.9).

Alice permanece na França e passa a morar com Gertrude assumindo a posição de secretária, amante, administradora da casa e, de certo modo,



da vida da escritora, pois é ela quem cuida de tudo que diz respeito não só ao cotidiano do par, mas também, gerencia a vida profissional de Gertrude. Cercadas por um círculo de amigos que se tornariam ilustres, elas desfrutavam constantemente da presença destes em casa, mas até disso Alice cuidava e tratava de despachar aqueles que considerava indignos do salão de Stein. Esta, por seu turno, habituada a ser cuidada e a deixar que os outros realizassem por ela as mínimas tarefas, cuidava apenas de sua produção literária o que não lhe exigia muito esforço, pois seu ritmo de trabalho era lento – ela apenas escrevia e Alice datilografava e traduzia se fosse o caso; além disso, Stein considerava-se um gênio e afirmava que “ser gênio leva muito tempo, você tem que ficar sentada por muito tempo, sem fazer nada, absolutamente nada” (*Apud* MALCOLM, 2008, p.45), preceito que ela seguia à risca.

Assim, mesmo se colocando fora dos refletores e à sombra de Stein, Alice desempenhava um papel central na vida de ambas e, em especial, na carreira literária de Gertrude que ela acompanhava com extremado zelo, mesmo depois que esta faleceu. A consagração de Stein se deu com a publicação, em 1933, da obra “A autobiografia de Alice B. Toklas” que dá visibilidade à Alice, mas sempre sob a pena de escritora de Stein, reproduzindo, desse modo, literariamente, o que foi a vida de ambas. Aliás, vida que também foi retratada em “O livro de cozinha de Alice B. Toklas” (1996[1954]), este escrito por ela mesma, tratando das memórias de suas vidas tomando por base as inúmeras receitas experimentadas por Alice ao longo dos anos de convivência do par.

Foram quase quarenta anos de convivência intensa –, que atravessaram a França ocupada pelos alemães – de uma vida partilhada em que Alice e Gertrude estiveram sempre juntas. Vítima de câncer, Gertrude sucumbe aos sessenta e oito anos, deixando Alice desolada. Ainda assim, continua exercendo o papel de administradora da obra de sua parceira. Foi difícil sua velhice em meio à pobreza, pois ainda que em testamento Gertrude tenha deixado para Alice parte de sua coleção de arte moderna, o usufruto desses bens só poderia ser em vida; e por morte, ficaria na posse do

sobrinho de Gertrude, o que impossibilitava a comercialização do acervo. Vale ressaltar que este sobrinho faleceu antes de Alice, tornando mais delicada a situação, pois agora eram vários herdeiros que monitoravam a herança. Em função disso, Alice sofreu inúmeras privações e teve que contar com a ajuda de alguns poucos amigos.

Para a posteridade, permaneceu Gertrude e sua obra; para os conhecedores da vida destas duas mulheres, ficou registrada uma singular história de amor.

## **1.2 Marguerite Yourcenar (1903-1987) e Grace Frick(1903-1979)**

Marguerite e Grace conheceram-se em 1937, ocasião em que Grace, que era americana, estava em viagem pela França. Encantada por Marguerite, Grace se apaixona e passa com ela todo o restante de sua vida o que soma quarenta anos de relacionamento.

Marguerite era oriunda de uma família aristocrática e, tendo perdido sua mãe onze dias após o parto, foi criada pelo pai de quem recebeu uma educação clássica, complementada por inúmeras viagens pelo mundo. Desde jovem, passou a se dedicar à literatura, tornando-se uma escritora consagrada, a ponto de, em 1981, ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa.

Grace Frick também pertencia a uma família abastada do sul dos Estados Unidos e, tendo ficado órfã, cedo foi criada por um tio. Obteve diploma de Bacharel em Arte, em 1925, e Mestrado em Literatura Inglesa, em 1927, após o que tornou-se professora universitária.

Depois do contato inicial, Marguerite e Grace iniciam uma relação de amizade que resultou em algumas viagens que realizaram juntas. Primeiramente, Grace viaja com Marguerite pela Itália e pela Grécia. Depois será a vez de Marguerite visitar os Estados Unidos. O registro das diversas etapas das viagens realizadas por elas era feito por Grace que até o final de sua vida cultivou o hábito de anotar em agendas ocorrências do cotidiano, eventos, viagens e tudo aquilo que ela considerava significativo. O fato é que Grace estava apaixonada o que ela registra num bilhete

que envia a Marguerite no ano de 1938, no qual afirma: “So I love you, believe it or not” (Savigneau,1991, p.168). Esta, por sua vez, tinha estado recentemente apaixonada por seu editor que era homossexual e que não correspondeu ao seu amor, o que constituía para ela uma situação não de todo resolvida; apesar disso, e mesmo ciente do amor de Grace, ela mantém uma relação amorosa na Europa, desta feita com outra mulher.

No entanto, em 1939, devido à guerra que se alastra na Europa e da qual ela queria fugir, Marguerite toma a decisão de embarcar para os Estados Unidos para uma estadia de seis meses a um ano. Chegando lá, ela se instala no apartamento de Grace e elas de fato iniciam uma vida em comum primeiramente em Manhattan, depois em Connecticut e, definitivamente, no Maine, numa ilha chamada Montes Desertos, onde adquiriram uma casa denominada por elas de “petite plaisance”. Marguerite passou os dez primeiros anos de sua vida conjugal com Grace sem sair dos Estados Unidos, país do qual ela ganhou nacionalidade, mas que nunca foi verdadeiramente seu, pois ela possuía um vínculo muito forte com a Europa, além de ter um “espírito nômade” que a impulsionava a mudar sempre. Apesar disso, ela ficou com Grace e disse “eu não decidi nada, deixei-me levar”. Deixou-se levar, pelo amor, pela vida tranquila, pela solicitude sempre presente de Grace, pela possibilidade de dedicar-se inteiramente ao trabalho de escritora, enfim por tudo aquilo de bom que a possibilidade de ficar oferecia.

Na fase inicial, ela trabalhou como tradutora, fez alguns trabalhos jornalísticos, turnês de conferências até se estabelecer como professora universitária de literatura e retomar à vida de escritora. Grace, porque tinha interesse em reter Marguerite perto de si, cuidava de todos os detalhes da vida diária, assumindo os papéis de amante, ajudante, secretária e tradutora dos livros de Marguerite para o inglês – tarefas que ela desempenhou até ao final de sua vida.

Após dez anos de exílio nos Estados Unidos, Marguerite retoma seus contatos na Europa e passa a viajar regularmente para lá, sempre acompanhada de Grace da qual ela raramente se separava. Foram quarenta

anos de vida em comum, marcados pela “paixão inicial”, como disse certa vez Marguerite, e também por momentos de turbulência. Os anos mais difíceis foram especialmente os dez últimos em que Grace lutou bravamente contra um câncer, o que obrigou Marguerite a permanecer isolada da Europa, no que ela definia como uma “vida imóvel”, anos que coincidiram com seu apogeu como escritora e que geraram uma insatisfação contida como ela mesma diz: “não sei quando acabará essa má sorte. Pois é sempre má sorte estar imobilizada contra a sua vontade” (SAVIGNEAU, 1991, p.368). Nesse período, ela se recusou a deixar Grace, ainda que isso lhe fosse extremamente penoso, e permaneceu junto a ela até os últimos momentos, embora marcados por certa animosidade entre ambas – em parte, devido ao estado crítico de saúde de Grace entremeado de dores atroz, ao temperamento e ao envelhecimento das duas que se encontravam, nessa altura, na casa dos setenta anos. A “má sorte” de Marguerite só acabou quando Grace foi vencida pela doença, deixando para trás quarenta anos de um amor que enfrentou alegrias e percalços, tranquilidade e tormenta, realizações e perdas.

### **1.3 Elizabeth Bishop (1911-1979) e Lota Macedo Soares (1910-1967)**

Bishop, poeta norte-americana, viveu durante quinze anos uma intensa história de amor com a brasileira Lota Macedo. Foi um período marcado por muita alegria, mas também permeado por inúmeras dificuldades que separaram o casal.

Lota era oriunda de família aristocrática vinda para o Brasil no tempo da colonização. Nascida em Paris, falava fluentemente francês e português e dominava menos o inglês. No âmbito familiar, era vista como intelectual, anticonvencional e homossexual. Apesar de não ter cursado uma universidade, tinha conhecimentos profundos em vários campos, como arte, arquitetura e urbanismo, e era considerada pelos amigos uma mulher inteligente, espirituosa, sofisticada, generosa e determinada. Desgastada emocionalmente com a separação dos pais, resolveu morar

sozinha aos vinte e cinco anos, o que significou um pequeno escândalo na alta sociedade da época. Retornando de um período em Nova York, projetou e construiu casa própria, com ajuda de um arquiteto, no bairro de Samambaia, em Petrópolis, Rio de Janeiro – construção que se tornou um marco da arquitetura brasileira moderna.

Elizabeth ficou órfã de pai quando tinha oito meses e a mãe, que entrou em surto psicótico depois desse fato, passou o resto da vida em clínicas psiquiátricas e sem convivência com a filha, a qual foi criada inicialmente pelos os avós maternos, em seguida pelos os avós paternos e depois por uma tia materna. Bishop terminou os estudos e iniciou carreira como poeta e escritora. Tímida e insegura, sua trajetória foi marcada por estados depressivos, momentos nos quais ela recorria ao álcool, chegando a se internar várias vezes para tratamento.

A escritora chegou ao Brasil em novembro de 1951, passando, inclusive, por Belém e Vigia, conforme relata em uma de suas crônicas (1996, p. 135). Ela pretendia passar aproximadamente quinze dias, mas conheceu Lota e com ela permaneceu no país por quinze anos<sup>8</sup>. Hospedada na cobertura de Lota na praia de Copacabana, a atenção dispensada pelos brasileiros a encantou. Mais tarde, quando foi para a casa de Samambaia ainda em construção, Lota declarou-se apaixonada e pediu-lhe que permanecesse ali, dizendo que cuidaria dela e construiria um estúdio perto da casa no qual ela poderia se dedicar à poesia, o que de fato aconteceu. Elizabeth que se definia como “a pessoa mais solitária que jamais viveu” registrou em uma carta: “foi a primeira vez que alguém me ofereceu um lar, tanta coisa”, e considerou que estava “extremamente feliz pela primeira vez na vida”(GIROUX, 1995). Ao lado de Lota, ela viveu um dos períodos mais harmoniosos e produtivos de sua vida – escreveu parte substancial de sua obra nessa época – mas também um dos mais turbulentos.

<sup>8</sup> O motivo inicial da permanência de Bishop no Brasil foi uma crise alérgica provocada por um caju.

Em 1960, Carlos Lacerda, amigo de Lota, tornou-se governador da Guanabara e a convidou para realizar uma obra pública, o Aterro do Flamengo, o que fez com que as duas tivessem que se mudar para o apartamento no Rio de Janeiro. Lota dedicou-se de corpo e alma a essa obra que se transformou num processo turbulento, agravado pelo fato de estar sendo encabeçado por uma mulher sem diploma universitário, gerando inúmeros conflitos com outros profissionais que participavam do projeto. A situação foi se tornando cada vez mais insustentável e o relacionamento das duas começou a sofrer um desgaste inevitável devido aos cinco anos de obras no Parque, com Lota trabalhando de doze a catorze horas por dia. Relegada, a poeta voltara ao álcool e não mais produzia. Mesmo assim, aceitou convite para dar um curso em Seattle, nos EUA.

Aliviada por afastar-se das turbulências políticas do Brasil, Elizabeth desejava que Lota estivesse com ela, mas Lota completamente envolvida com o projeto não se prontificou a viajar. Em face dessa situação, Elizabeth pretendia voltar para o Brasil e viver com Lota “para todo o sempre”.

Com a derrota do candidato de Carlos Lacerda em 1965, Lota foi retirada do comando dos trabalhos, o que resultou um colapso nervoso sendo ela hospitalizada. O médico pediu que Elizabeth se mantivesse afastada de Lota, a fim de que esta saísse da crise. Então, Elizabeth, que já havia retornado ao Brasil, viaja para Nova York.

Em setembro de 1967, Lota enviou um telegrama à Elizabeth Bishop dizendo que estava indo para Nova York encontrá-la. Elizabeth a recebeu no aeroporto e a levou para o apartamento que estava ocupando. Lota não estava bem e mostrava-se muito deprimida e fragilizada, física e mentalmente. Na mesma noite da chegada, Lota tomou um vidro inteiro de antidepressivos. Depois de uma semana em coma, seu coração parou. Só então Bishop comunicou a família de Lota no Brasil, o que lhe rendeu inúmeros constrangimentos e acusações de responsabilidade pela morte da parceira. Depois de quinze anos junto à Lota, Elizabeth se viu sozinha novamente e teve que dar curso à sua vida.

## 2. Falando de Amor

Falar do amor que marcou tão fortemente a vida dessas seis mulheres é falar de um tema cujo alcance ultrapassa os limites das relações amorosas em si ou propriamente ditas, além de que permite pensar/interpretar a própria vida social.

Do ponto de vista acadêmico, vale considerar que o tema só muito recentemente tem sido objeto de análise nas ciências sociais e, particularmente, na antropologia. Em contrapartida, literariamente o tema do amor e todas as suas variações tem sido explorado desde sempre. A que se deve essa espécie de descaso?

Em seu estudo sobre o discurso amoroso, Barthes (2003) se refere à forma como este é visto, o que remete, de certa maneira, ao que está sendo discutido aqui sobre o tratamento dado ao amor enquanto tema de estudo. Segundo o autor, apesar de ser falado por milhares de sujeitos, este discurso não é sustentado por ninguém, sendo “relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado, ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder; mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, arte)” (p. XVI). Ainda que este autor se refira ao discurso amoroso extraído da obra de diversos autores, é possível ampliar sua análise no sentido de pensar, também, o processo de discussão e tematização sobre o amor, assim também a dificuldade para lidar com temas do cotidiano aparentemente banais e sobre os quais parece que nada há a dizer (para muitos, nunca houve)- o que é discutido por outros autores como Alberoni (1979), Azevedo (1986) e DaMatta (1986), para citar alguns nomes.

Contudo, ainda que se possa pensar o contrário, o amor é um tema fecundo. Não o amor naturalizado ou romantizado que permeia o imaginário, mas o amor que se constrói diariamente na vida a dois, marcado por encontros e desencontros, por paixões e desencantos, por mudanças e acomodações, por realizações e frustrações. Enfim, um amor feito e vivido por pessoas reais.

## 2.1. Homoafetividade: visibilidade e ocultamento

Em se tratando das histórias de amor abordadas neste artigo, alguns aspectos precisam ser considerados. No que se refere à temporalidade, todas as parcerias investigadas viveram relações amorosas no século XX ainda que o par mais antigo, Stein/Toklas, se localize na primeira metade desse século, no período de 1909 a 1944, quando tinham trinta e cinco e trinta e dois anos, respectivamente; e as demais, na segunda metade: Yourcenar/Frick entre 1939 e 1979, ambas com trinta e seis anos, e Bishop/Macedo de 1951 a 1967, a primeira com quarenta e um e a segunda com quarenta e dois anos. É interessante observar que uma vez iniciado o relacionamento ou logo após, o par passa a residir junto, num regime de coabitação, em geral na residência de uma delas, situação que se prolonga até o término do relacionamento -- nos casos em questão, se deu em função da morte de Stein, Frick e Macedo, respectivamente.

No caso Stein/Toklas, é Alice quem passa a residir com Gertrude, a qual, apesar de americana (ambas o são), estava estabelecida em Paris. Com o tempo, elas mudam de residência (inclusive devido à Segunda Guerra Mundial), mas não se separam, ou seja, ao longo do tempo em que durou o relacionamento, elas partilharam o mesmo espaço. Semelhante situação é a de Yourcenar/Frick, que se conheceram também em Paris (Marguerite era belga e Grace americana) e depois de um período em que ambas realizam inúmeras viagens juntas, sobretudo pela Europa em razão da Segunda Guerra, se estabelecem nos Estados Unidos onde permanecem residindo durante o tempo de vida em comum. Neste caso, Marguerite migra para outro país e fica apartada de seus vínculos de amizade na Europa – condição referida como causadora de contrariedade. Do mesmo modo, a situação de Bishop/Macedo se assemelha à de Marguerite e Grace, pois Elizabeth, americana que era, chega ao Brasil como estrangeiro e sem dominar a língua nativa-aliás, dificuldade com a qual lidou durante os quinze anos que viveu com Lota.



Como se pode observar, estas mulheres viveram parcerias de longa duração e representavam a si mesmas como um casal, subvertendo o modelo afetivo-sexual vigente no período. Certamente, num círculo mais restrito e íntimo, tal qual o seletivo grupo de artistas- literatos, pintores e amigos - que frequentava a casa e/ou convivia com Stein/Toklas, Lota/Bishop e Yourcenar/Frick não se desconhecia que se tratava de um tipo particular de relação – uma relação amorosa vivida em toda sua intensidade. Isso não significa afirmar a inexistência de preconceito em relação à sociedade mais ampla<sup>9</sup>, ainda que nos documentos investigados<sup>10</sup> não haja referências explícitas sobre isso.

Evidentemente, hoje, ao acessar a biografia dessas mulheres essa informação é sempre mencionada. Entretanto, no período em que elas viveram suas histórias de amor, certamente, diante da sociedade mais ampla, tiveram que ocultar, em alguma medida, o tipo de relacionamento que cultivavam entre si-, embora ao mesmo tempo em que o escondiam, o revelavam. Afinal, eram duas mulheres solteiras, sem vínculos amorosos com homens, e com aparência distinta do modelo de feminilidade em vigor. Por outro lado, como afirma Janet Malcolm, biógrafa de Stein “a palavra lésbica nunca foi pronunciada publicamente por nenhuma delas sobre sua relação” e, apesar de esse amor ter sido documentado em poemas

<sup>9</sup> Trecho de uma matéria publicada no IG online sobre filme que conta a história de Bishop/ Macedo exemplifica o que estou discutindo. “Um diretor renomado (...). A protagonista é uma das atrizes mais disputadas do cinema nacional (...). O roteiro tem como tema central a história de amor entre duas figuras importantes(...). Com todos esses atributos é fácil imaginar que a produção do filme “Flores Raras”, dirigido por Bruno Barreto (...) não teria problemas para a captação de patrocínios. No entanto, (...) “Quando apresentamos o projeto para as empresas, dizem que a história é linda. Mas na hora de dar a resposta, tiram o corpo fora alegando que não podem atrelar a imagem da empresa a esse assunto.(...)”, contou Paula Barreto, da LC Barreto Produções”. (<http://ultimossegundo.ig.com.br/cultura/cinema/2012-05-31/homossexualismo-em-filme-com-gloria-pires-afasta-patrocinadores.html>).

<sup>10</sup> Sobre Bishop/Macedo, acessei especificamente as obras “*Um Porto para Elizabeth Bishop*”, originalmente uma peça de teatro transformada em livro (GÓES, 2001), o livro “*Flores Raras e Banalíssimas, a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*” (OLIVEIRA, 1995), uma tese de doutorado “*Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*” (NOGUEIRA, 2005), o livro “*Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop*” (GIROUX, 1994) e a obra de Bishop “*Esforços do Afeto*” (BISHOP, 1996), o livro “*Duas Artes*” (MARTINS, 2006), o livro “*A arte de perder*” (SLEDGE, 2011), bem como o livro “*Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*” (BRITTO, 2012).

eróticos de Stein, estes só foram publicados após sua morte (2008, p.50). Em 1903, Gertrude produziu uma novela que ficou, segundo Toklas, “completamente esquecida” (STEIN, 2006[1933], p.89-90), em cujo enredo havia um triângulo amoroso feminino, sendo uma das personagens a própria Stein, o que gerou uma violenta crise de ciúmes quando o texto foi descoberto por Alice, conforme registros de estudiosos e biógrafos<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Sobre Gertrude Stein e Alice Toklas, é também possível encontrar uma variedade de obras, dentre as quais acessei: “*Duas Vidas*” (MALCOLM, 2008) e “*A Autobiografia de Alice B. Toklas*” (STEIN, 2006[1933]), A autobiografia de todo mundo (STEIN, 2010[1937]) e “*O livro de cozinha de Alice B. Toklas*” (TOKLAS, 1996[1954]). Sobre o par Marguerite Yourcenar e Grace Frick, me foi útil a trilogia de Yourcenar composta de três obras: “*Recordações de Família*”(1974), “*Arquivos do Norte*”(1977) “*A eternidade, o que é?*” (1988), bem como a biografia “*Marguerite Yourcenar: a invenção de uma vida*” (SAVIGNEAU, 1990) e o livro “*De olhos abertos*” (GALEY, 1983) que menciona entrevistas com a autora.

Em se tratando de Yourcenar, Savigneau (1990) afirma que ela preferia usar o termo sensualidade em vez de sexualidade, e ao referir esse assunto em carta a uma amiga afirmou: “em matéria de vida pessoal é preciso dizer tudo, firmemente e sem equívoco possível, ou ao contrário, nada dizer”(p. 291). Ela era cautelosa diante do que chamava “escolhas sensuais”. Segundo Savigneau:

“O silêncio de Marguerite Yourcenar sobre sua preferência por mulheres, que muitas vezes foi imputado a uma finura que não seria muito de seu feitio, era antes uma clara convicção de que a liberdade legitimamente reivindicada de não mais esconder o próprio modo de vida coexistia com a liberdade, do mesmo modo legítima, de nada dizer a respeito”(p. 292).

No caso específico de Yourcenar, houve preocupação em deixar para a posteridade o que considerou pertinente revelar. Assim, ao escrever a própria biografia, imprimiu uma versão pessoal dos fatos que viveu: “estou em melhor situação do que ninguém para saber que os biógrafos, mesmo quando não são voluntariamente malévolos, enganam-se quase sempre, porque só tem sobre as pessoas de quem falam informações superficiais” (*apud* SAVIGNEAU, 1990, p.15). Além disso, no último ano de vida, destruiu numerosos documentos que

foram queimados na lareira de sua casa; também fez um inventário de todos os documentos pessoais aos quais o público poderia ter acesso após sua morte-- registros estes a ser liberados, segundo determinação dela, após transcorridos cinquenta anos de seu falecimento, ou seja, no ano de 2037.

Elizabeth Bishop, durante o tempo que esteve no Brasil, manteve uma extensa correspondência<sup>12</sup> com amigos, incluindo sua terapeuta, em que falava claramente de Lota, de suas alegrias e dos problemas quando estes começaram a surgir. Ela também escreveu vários poemas em que aborda o amor entre mulheres, a exemplo o “É maravilhoso despertar juntas” (2012), conforme trecho reproduzido a seguir:

<sup>12</sup> O Livro “Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop”, organizado por Robert Giroux, cobre o extenso período que vai de 1934 até 1979. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

“É maravilhoso despertar juntas  
 No mesmo minuto; maravilhoso ouvir  
 A chuva começando de repente a crepitar no telhado,  
 Sentir o ar limpo de repente  
 Como se percorrido pela eletricidade  
 Numa rede negra de fios no céu.  
 No telhado, a chuva cai, tamborilando,  
 E cá embaixo, caem beijos brandos.(...)”

Não podendo aparecer claramente ou se apresentar como uma parceria amorosa, ou podendo aparecer apenas de certa forma especial, particular, que na verdade não revela e sim oculta (ou quer ocultar, mas revela), os pares homossexuais encontram formas de se apresentar ou de se representar socialmente a exemplo dos registros fotográficos.

No caso das mulheres mencionadas aqui, foi possível encontrar fotografias em que o par “aparece junto”, em espaços públicos e também na intimidade do lar, mas as fotos pouco revelam a não ser para aqueles que sabem que se trata de duas mulheres que têm um relacionamento amoroso, pois o que vemos nelas são duas mulheres – dependendo de

quem olha, duas velhas – em espreguiçadeiras, duas mulheres passeando na rua com um cão, nos degraus de um avião, duas mulheres numa grande

<sup>13</sup> Existem muitos registros fotográficos disponíveis na internet e nas obras consultadas que retratam essas mulheres. Identifiquei mais frequentemente imagens de Gertrude e Alice juntas em várias situações e épocas, mas nunca como um par amoroso no sentido que tenho referido. Mais escassas são imagens em conjunto de Elizabeth e Lota.

sala, bastante ataviada, sentadas em sofás que se posicionam em extremidades opostas<sup>13</sup>.

Malcolm, referindo-se a uma famosa fotografia tirada na sala da casa onde residiam Gertrude/Alice, faz a seguinte observação:

“Elas estão sentadas a uma mesa baixa, uma de cada lado, em frente a uma lareira sobre a qual se vêem quadros modernistas – Gertrude gorda, bonita, confortável e benevolente; Alice magra, feia, tensa e amarga. A fotografia é uma espécie de paródia do retrato, comum na sociedade convencional, do marido e da mulher em casa – ela cintila aparências mantidas e frases jamais ditas, características do gênero” (2008, p. 50).

## 2.2. Vida Cotidiana: o que cabia a cada uma

Ainda sob o prisma da vida cotidiana, é interessante observar como esses pares organizaram suas vidas no sentido do que cabia a cada uma realizar. Gertrude e Alice, por exemplo, partilhavam conjuntamente da vida pública, mas no âmbito privado era Alice quem administrava as questões domésticas, desde as tarefas do dia-a-dia até à organização da agenda de sua parceira, participação em eventos, recepção de amigos em casa etc. Gertrude realizava, exclusivamente, o trabalho de escritora, pois até seus manuscritos eram datilografados por Alice.

Marguerite e Grace tinham uma rotina semelhante já que era Grace quem cuidava das questões da vida cotidiana, das inúmeras viagens que fizeram, da tradução de seus trabalhos para o inglês - e isso ela fazia com competência e extremo controle. São famosas as inúmeras agendas ao longo da vida em comum, nas quais era anotado com minúcia tudo que se referia à vida cotidiana. Por outro lado, Yourcenar administrava a própria vida profissional com rigor tanto na escrita quanto na negociação com os

editores de suas obras, assim também exercendo atividades extras como professora, ministrando cursos em universidades. Para Grace, era fácil assumir a tarefa de administração do cotidiano já que nos Estados Unidos, seu país de origem, ela se sentia no controle e fazia questão que assim fosse evitando, inclusive, o retorno de Marguerite à tão amada Europa.

Já no caso de Elizabeth e Lota, a situação era bem diversa. Lota pertencia à elite carioca acostumada a ser servida e viver dentro de padrões bem acima da média das demais pessoas. Para as questões da vida cotidiana, ela contava com empregados que realizavam as tarefas fundamentais. Ademais, era uma mulher extremamente independente e ativa. Uma tarefa que monitorava de perto era a construção de sua casa em Samambaia. Era quem lidava com os operários, sendo comum vê-la entre eles dando ordens e administrando de perto a construção. Ao assumir parte das obras do aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, dedicou-se inteiramente a essa tarefa. Elizabeth, por sua vez, era uma mulher tímida e insegura, que falava o português de forma rudimentar e, portanto, não poderia pelo seu próprio perfil e pelas barreiras linguísticas ter uma atuação mais ampla, ainda que coubesse a ela administrar suas atividades como escritora. Era essa sua principal atividade. Lota construiu na casa um estúdio em que ela podia trabalhar sem ser incomodada e ali ela ficava, sentindo-se solitária e, muitas vezes, deprimida e infeliz. Apesar disso, foi no Brasil que ela produziu grande parte de sua expressiva obra.

### **2.3. As Inconstâncias do Amor**

Como todo e qualquer relacionamento, estas histórias são recheadas de momentos de grande alegria e felicidade, amizade e companheirismo, de apoio incondicional e de valorização do outro. O encontro inicial, nos três casos, se deu numa fase de maturidade, a paixão, o desejo de ficarem juntas, o início da vida a dois marcado pelos rituais amorosos, pelos mimos, cartas de amor e apelidos íntimos e amorosos usados para se referir às suas amadas/amantes. Neste sentido, foi possível identificar, por exemplo, que

Marguerite era chamada pelo diminutivo “Grete”, por sua parceira Grace durante um determinado período que correspondeu aos anos de 1948-1950. Marguerite por sua vez ao redigir o nome de Grace, sempre escrevia “Grâce” que correspondia no francês à palavra graça. Savigneau (1990) na biografia de Yourcenaur afirma: (...)

“A propósito, pode-se notar que Grace e Marguerite sempre permaneceram fiéis ao costume americano dos cartões que se envia pelo São Valentim a quem se ama. Mesmo nos piores momentos de sua vida em comum, nos últimos anos. Como se o rito, testemunhando o que foi, continuasse a dar-lhes uma existência no presente” (p. 365).

Elizabeth Bishop, numa das únicas cartas de que se tem registro (segundo GIROUX, 1995, p.499 a maioria foi queimada pelas suas rivais), se refere à Lota como “querida”; por sua vez, Alice B. Toklas chamava a escritora Gertrude Stein de “baby”.

Em contrapartida havia também inúmeros conflitos que geravam tensões que se não chegaram a separar os pares, causaram desconforto e sofrimento. Em Gertrude e Alice, assim como em Marguerite e Grace, eles eram motivados em parte pelo excessivo controle que ambas exerciam sobre a vida de suas parceiras, visto que cuidavam de tudo referente à casa e influenciavam também a atividade profissional. Essa tensão assumiu maiores proporções em Marguerite e Grace que nos últimos dez anos de vida em comum, período em que Grace lutou bravamente contra um câncer, se transformou em hostilidade declarada. Se por um lado havia a doença e todas as suas nefastas consequências, por outro havia a impossibilidade de Marguerite ausentar-se dos Estados Unidos em direção à Europa, embora isso fosse seu maior desejo ela se manteve solidária a Grace e permaneceu junto a ela até o último momento.

Em se tratando de Elizabeth e Lota, as tensões começaram nove anos depois de iniciado o relacionamento, período em que Lota assume a obra do aterro do Flamengo e se envolve tanto emocionalmente quanto fisicamente com esta atividade o que fez com que elas mudassem para

o apartamento no Rio de Janeiro. Bishop não gostava de morar no Rio, preferia a casa de Samambaia, mas teve que ir acompanhando Lota. Ademais, passou a ficar muito tempo sozinha porque Lota sempre estava envolvida com o trabalho. Como não tinha amigos no Brasil, a não ser os amigos de Lota, a situação foi se tornando insuportável. Nesses momentos, entrava em depressão e bebia o que gerava inúmeros transtornos. Lota sempre a apoiou, mas estava completamente absorvida pelo trabalho e não podia se fazer presente como Bishop precisava. Nessa fase crítica, Elizabeth viajou algumas vezes para os Estados Unidos aceitando ministrar alguns cursos em universidades, mas sua extrema insegurança lhe causava muitos sofrimentos. Foram anos difíceis para as duas. Lota tendo que lidar com inúmeras frustrações em função das disputas políticas que envolviam o trabalho do Aterro; ela que sempre foi acostumada a vencer não soube lidar com as perdas. Bishop, por sua vez, a vida inteira tendo que lidar com perdas e sempre insegura em relação ao que era capaz de fazer, soube lidar melhor com as dificuldades, o que ela bem expressa em seu poema “Uma Arte”.<sup>14</sup>

A arte de perder não tarda aprender;  
 tantas coisas parecem feitas com o molde  
 da perda, que o perdê-las não traz desastre.  
 Perca algo a cada dia. Aceite o susto,  
 de perder chaves, e a hora passada embalde.  
 A arte de perder tarda aprender.  
 Pratica perder mais rápido mil coisas mais:  
 lugares, nomes, onde pensaste de férias ir.  
 Nenhuma perda trará desastre.  
 Perdi o relógio de minha mãe.  
 A última ou a penúltima, de minhas casas queridas foi-se.  
 Não tarda a aprender, a arte de perder.  
 Perdi duas cidades, eram deliciosas.  
 E, pior, alguns reinos que tive, dois rios, um continente.  
 Sinto sua falta, nenhum desastre.  
 – Mesmo perde-te a ti (a voz que ria, um ente amado) mentir não posso.  
 É evidente: a arte de perder muito não tarda a aprender,  
 embora a perda – (*escreva tudo*) lembre desastre.

<sup>14</sup> Bishop, Elizabeth. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Apesar das inconstâncias do amor, nos três casos aqui analisados, a relação durou “até que a morte as separasse”. Quando isso ocorreu, colocou-se um problema que hoje tem sido objeto de debate no campo da homoafetividade e que se refere à situação financeira da parceira que fica e do usufruto dos bens que aquela que partiu deixou. Excetuando-se o par Marguerite/Grace, pois Marguerite na condição de escritora tinha rendimentos de suas obras e sobreviveu a Grace, tanto Alice quanto Elizabeth enfrentaram inúmeras dificuldades.

Gertrude possuía uma coleção invejável de obras de pintores modernos avaliada em uma pequena fortuna. Antes de morrer, ela deixou o usufruto de seus bens para Alice enquanto ela vivesse com possibilidade de transformar algumas obras em dinheiro. Com sua morte, os bens passariam para a mão de seu sobrinho. Ocorre que o sobrinho faleceu antes de Grace e surgiram outros herdeiros preocupados em preservar o futuro patrimônio. Alice se viu, assim, impossibilitada de negociar o que quer que fosse. Para garantir a subsistência, ela contou com a ajuda de amigos e chegou a vender às escondidas algumas gravuras de Picasso. Considerando-se que ela morreu aos noventa anos e sobreviveu vinte e um anos além de Gertrude, pode-se avaliar parte das dificuldades que enfrentou pois Gertrude não lhe deixou qualquer garantia futura, depois de trinta e sete anos de vida em comum.

Elizabeth Bishop também sofreu pressão por parte dos familiares de Lota, apesar da situação ser diferente, pois sendo escritora reconhecida tinha uma produção literária constante, ainda que em grande parte da vida tenha vivido de subsídios, bolsas e dos prêmios que recebia. O fato é que ela foi muito pressionada, acusada, abandonada e transformada em “bode expiatório” por quase todos os que amavam Lota. Ela expõe longamente esse pesar, nas cartas que escreveu a alguns amigos: “[...] Você imagina o que é chegar ao único lar (perdoe o sentimentalismo, mas é verdade) que eu já tive neste mundo e constatar não apenas que ele não era mais meu - isso eu já havia aceito – mas também que estava quase completamente vazio?” (GIROUX,1995, p.543). Os amigos levaram o que



puderam, até as fotos, “isso depois de eu viver todos esses anos com Lota” (idem)- lamenta Bishop.

Ficaram, para todas, as lembranças, as saudades, a memória de um tempo vivido, de um amor que nada pode apagar.

## REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. Portugal: Bertrand, 1979.
- AMARAL GONÇALVES, Telma. *Falando de Amor. Discursos sobre amor e práticas amorosas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, UFPA/PPGCS, 2011.
- AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BISHOP, Elizabeth. *Esforços do afeto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BRITTO, Paulo Henriques. *Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DAMATTA, Roberto. Prefácio. In: AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- GIROUX, Robert. *Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GALEY, Matthieu. *De olhos abertos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- GÓES, Marta. *Um porto para Elizabeth Bishop*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.
- HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000[1964].
- MALCOLM, Janet. *Dois Vidas. Gertrude e Alice*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- MARTINS, Maria Lúcia Milléo. *Dois Artes. Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

NOGUEIRA, Nádia. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*. Tese de Doutorado. São Paulo: Campinas, 2005.

OLIVEIRA, Carmem L. *Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SAVIGNEAU, Josyane. *Marguerite Yourcenar. A Invenção de uma Vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

STEIN, Gertrude. *A Autobiografia de Alice B. Toklas*. Porto Alegre: L e PM editores, 2011[1933].

\_\_\_\_\_. *A Autobiografia de todo mundo*. São Paulo: CosacNaify, 2010[1937]

SLEDGE, Michael. *A arte de perder*. Leya, 2011.

TOKLAS, Alice B. *O livro de cozinha de Alice B. Toklas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996[1954].

YOURCENAR, Marguerite. *O labirinto do mundo I. Recordações de família*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1974.

\_\_\_\_\_. *O labirinto do mundo II. Arquivos do norte*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

\_\_\_\_\_. *O labirinto do mundo III. A eternidade, o que é?* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

## “Como se eu Sonhasse o Sonho de outro Dono”: dificuldades e desafios sobre conjugalidades

*“Como si yo Soñara el Sueño de otro Dueño”: dificultades y desafíos  
sobre conyugalidades*

*“It is as if I dreamed the dream of another owner”: problems and  
challenges in conjugalities*

**Audrei Vieira de Alencar**

**Resumo:** neste artigo, são apresentadas questões metodológicas concernentes a trabalho de campo sobre conjugalidades, pontuando-se registros de vivência etnográfica extraídos de linguagens verbais e não verbais. Neste sentido, comenta-se que o encontro etnográfico envolve situações interdependentes porque, embora o outro inicialmente seja apreendido como objeto de estudo, posteriormente torna-se alguém com quem se troca ideias.

**Palavras-chave:** desafios, conjugalidades, linguagens.

**Resumen:** en este artículo, se presentan cuestiones metodológicas concernientes a trabajo de campo sobre conyugalidades, se puntúan registros de vivencia etnográfica extraídos de lenguajes verbales y no verbales. En este sentido, se comenta que el encuentro etnográfico envuelve situaciones interdependientes, porque aunque el otro inicialmente sea incautado como objeto de estudio, posteriormente se hace alguien con quien se intercambia ideas.

**Palabras claves:** desafíos, conyugalidades, lenguajes.

**Abstract:** this paper deals with methodological issues and challenges involved in field work of data collecting on conjugalities. It comprises analyses of verbal and non-verbal registers of ethnographic experiences. Ethnographic meetings comprise interdependent situations, that is, initially the other is a researcher's object of study, a source of data, but as time goes by they become someone with whom the researcher exchanges ideas.

**Keywords:** challenges, conjugalities, languages.

## “Ó MENINA, VAI VER NESSE ALMANAQUE COMO É QUE ISSO TUDO COMEÇOU”

*“Outra noite  
Outro sonho  
Como se eu sonbasse o sonho  
De outro dono  
Outro fumo, uma outra cinza  
Outra manhã”*  
(HOLLANDA, 2006, p. 243)

Este estudo é uma continuidade da pesquisa que apresentei, em comunicação oral, na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, de 10 a 13 de julho de 2011, em Curitiba, intitulada “**Os Não-Ditos na Investigação Antropológica: dificuldades e desafios de uma pesquisa sobre casamento e separação**”, no grupo de trabalho “**Sujeitos Sociales de Conocimiento em Antropologia: encuentros, estrategias, disputas y negociaciones en la investigación**”. Na ocasião, eu havia iniciado o trabalho de campo para a dissertação e nessa vivência pude vislumbrar os engendrados caminhos que envolvem a investigação científica acerca de amor e conjugalidade. Após esse período, continuei as reflexões, mesmo após a defesa, em junho de 2012, já que continuo no mesmo campo de estudo, no presente momento, em pesquisas preliminares para o doutorado. Deste modo, este artigo discute dificuldades e desafios do trabalho de campo no contexto dos casamentos e das separações, à luz de teóricos como Christina Toren (2002), Clifford Geertz (1926, 1980, 1997), João de Pina Cabral (2008), Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1993) e Pierre Sanchis (1996).

Na minha pesquisa de campo para a dissertação, intitulada “**Aquela Esperança de Tudo se Ajeitar: continuidades e discontinuidades nos casamentos**”, busquei compreender os mecanismos que permeavam as continuidades e as discontinuidades nos casamentos em Bragança, uma cidade do interior do estado do Pará, no norte do Brasil. Trabalhei com

treze homens e mulheres, de classes sociais variadas e idades entre 25 e 60 anos, que estavam casados, separados, ou morando em quartos separados na mesma casa.

Para empreender este estudo, tive como contribuição o artigo “**Sem Palavras: etnografia, hegemonia e quantificação**”, do antropólogo João de Pina Cabral (2008), que traça uma discussão das relações entre pensamento simbólico, poder e parentesco numa perspectiva comparativa. Como as questões levantadas neste texto fomentam debates-chave na antropologia (INGOLD, 1996), logo me remeti a outros textos que desenvolvem questões correlatas, tais como “**A Vocação Crítica da Antropologia**”, de Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1993), “**Anthropology by Comparison**”, de Christina Toren (2002) e “**A Crise dos Paradigmas em Antropologia**”, de Pierre Sanchis (1996). Desse modo, à medida que comento as questões advindas da pesquisa de campo, insiro algumas contribuições das obras referidas.

## 1 “Você não Está entendendo quase nada do que Eu Digo”: a busca de compreender o outro

*“É na soma do seu olhar  
Que vou me conhecer inteiro  
Se nasci pra enfrentar o mar  
Ou fareleiro”*

(HOLLANDA, 2006, p. 356)

No trabalho de campo acerca de relacionamentos, amor e conjugalidade, minha interação com os interlocutores envolve, além da conversa, uma ocorrência frequente de demonstrações de fundo emocional, tais como: desabafos, choro, reclamações, expressões de frustração, esperança etc. E, de forma não menos expressiva, momentos de silêncio, hesitação, negações veladas. Assim, como apreender o que não é dito? Como lidar com as emoções do outro, quando as percepções desta emotividade também me tocam? Como assimilar corretamente,

cientificamente falando, quadros mentais, muitas vezes silenciosos, que servem de referência?

Essa discussão suscita reflexão sobre o caráter e o *status* teórico do conhecimento antropológico que, para Oliveira (1993), refere-se à condição do papel do antropólogo e ao lugar da produção antropológica, devido ao caráter singular dos questionamentos da antropologia no âmbito das ciências sociais, especificamente, e das ciências de um modo geral. Então, a articulação entre a consciência hermenêutica e as questões de validade envolve a problemática de considerar o caráter local e contextualizado das produções antropológicas ao mesmo tempo em que é fundamental produzir um conhecimento científico válido. Ou seja, como fazer de um estudo local, específico, uma contribuição científica mais geral, de maior envergadura? Nas palavras de Cabral (2008):

Claro que essas hipóteses são informadas pela teoria das ciências sociais, são moduladas por metodologias complexas, são corrigidas por uma tradição de estudos anteriores sobre o mesmo assunto e, ainda, por uma prática crítica que faz parte central da parafernália científica (p. 73).

Esta demanda parece conduzir a uma ideia de vocação crítica, muito ligada à constante combinação entre saber e experiência, reflexão e ação, ciência e filosofia. Tal articulação seria característica da natureza do conhecimento antropológico, por exemplo, pelo menos desde os tempos de Malinowski, que consolidou o trabalho de campo como uma marca do trabalho do antropólogo. Esta vocação crítica da antropologia, ainda que de maneira menos explícita, já se observava nas produções antropológicas. Assim, é possível perceber que certa dose de crítica às categorias nativas, aos conceitos próprios do pesquisador, desde então se mostra essencial aos estudos etnográficos. Portanto, tanto Cabral quanto Oliveira estimulam debates-chave em antropologia:

Neste contexto, ainda que não se pudesse falar numa antropologia crítica, em sentido estrito, as implicações do que estou chamando de “dilema

constitutivo” da disciplina se manifestavam na percepção generalizada de que o empreendimento etnográfico não poderia chegar a bom termo sem que, no processo de pesquisa, o antropólogo fizesse um mínimo de crítica (ou ao menos relativizasse) às suas categorias nativas de entendimento (OLIVEIRA, 1993, p. 68).

Assim, na vivência do campo, tanto o antropólogo quanto seu interlocutor são intérpretes, atores e leitores dos fenômenos sociais, conforme dizia Geertz. Ao cruzar sua visão com a do pesquisado e encontrar significados entre elas, o pesquisador contextualiza as práticas sociais nativas, ao mesmo tempo em que relativiza suas próprias práticas sociais. Este processo, permeado pelo encontro etnográfico, permite atribuir significado ao dado e interpretar a descrição. Trata-se de compreender a etnografia para além de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa” (GEERTZ, 2008, p. 4).

Há uma aproximação da antropologia com as ciências naturais, devido à sua perspectiva teórica de tradição empirista, além de questões científicas e metodológicas. Contudo, a vocação crítica, este caráter de reflexão, sugere uma diferenciação, uma singularidade das produções antropológicas em relação às *hard sciences*. Além disso, as ciências naturais formulam seu objeto de estudo, baseando-se na comunidade científica que o leva ao mundo exterior, ao passo que os antropólogos constroem seu objeto de estudo em consonância com as representações dos sujeitos encontrados no trabalho de campo.

A constatação de que os fatos etnográficos são fruto de um empreendimento duplamente reflexivo e que, com freqüência, apresentam dimensões significativas que possivelmente não viriam à tona fora do “encontro etnográfico”, não os torna menos fidedignos ou elucidativos quanto às condições de existência dos povos ou grupos sociais estudados pelos antropólogos (OLIVEIRA, 1993, p. 78).

Estudar relacionamento, amor e conjugalidade ainda gera um estranhamento em certos setores da comunidade científica, por envolver o que comumente se compreende como parte do que é incomensurável, incompreensível, difuso. Em “Generos Confusos”, Geertz afirma que os cientistas sociais têm liberdade de compor suas produções e seguir suas inclinações; é perceptível um direcionamento no sentido de compreender “la vida social como algo que está organizado em términos de símbolos [...], cuyo significado [...] debemos captar si es que queremos comprender esa organización y formular sus principios” (GEERTZ, 1980, p. 166). Trata-se de atentar para expressões, ações e valores, em seus significados para aqueles que os vivenciam, incluindo o pesquisador que vê tudo isto através de suas lentes.

[...] a entrada do “material etnográfico” na área de interseção está condicionada ao seu potencial de interação efetivo com o universo sócio cultural de origem do antropólogo. Pois, é só despertando algum sentido no contexto desse universo que os conteúdos sócio-culturais nativos podem ser percebidos e transformados em dados pelo antropólogo (OLIVEIRA, 1993, p. 75).

Disto decorre a ideia de encontro etnográfico, um cruzamento de horizontes, valores e visões de mundo entre pesquisador e pesquisado, também chamado de fusão de horizontes. Trata-se de um processo de negociação entre interlocutores e antropólogos, no qual seus universos simbólicos (categorias culturais e tradições em sentido amplo) dialogam entre si, criando uma área de interseção entre eles; apenas o que se situar dentro desta área é passível de se estudar, na medida em que possui significado para ambos e, por isso mesmo, pode ser transformado em dados antropológicos.

[...] as contribuições do sujeito cognocente na definição do objeto cognocível, através de sua participação, não estão marcadas pelas idiosincrasias do pesquisador, mas pelas categorias e tradições que ele comparte intersubjetivamente com os atores sociais de sua sociedade/



cultura de origem. O mesmo pode ser dito em relação às representações dos “nativos” que permitem ao antropólogo elucidar o significado de suas práticas (p. 77).

Então se consolida o atrelamento entre o dado e o significado, entre a descrição e a interpretação. É prática interpretativa que o etnógrafo emprega no sentido de compreender o outro.

## 2. “A Metade do seu Olhar está Chamando pra Luta Aflita”: o outro na constituição histórica da antropologia

*“Vida, minha vida  
 Olha o que é que eu fiz  
 Toquei na ferida  
 Nos nervos, nos fios  
 Nos olhos dos homens  
 De olhos sombrios  
 Mas vida, ali  
 Eu sei que fui feliz”*  
 (HOLLANDA, 2006, p. 189)

Na realidade, creio que a discussão acerca dos não-ditos, da natureza crítica da antropologia e dos encontros etnográficos nos remete à história da disciplina, à sua constituição como tal. Para tanto, insiro a contribuição que Pierre Sanchis (1996) constrói em seu texto sobre a crise dos paradigmas em antropologia e a contribuição de Christina Toren (2002), parte de uma obra em que ela discute que a mente é uma função humana que se constitui o tempo todo nas relações intersubjetivas com os outros no mundo.

Sanchis (1996) coloca a constituição do sujeito, o homem, como objeto de estudo da antropologia: o problema do enfoque antropológico, e um problema que não parece ter solução, é a oposição entre nós e o outro. O olhar sobre o outro, cuja primeira chamada de atenção se dá pela diferença, já pode abrir o precedente para uma crise, já que “sempre

a diferença ameaçará transformar-se em pura desigualdade “(p. 26). Contudo, segundo ele, é justamente esse aspecto que “faz da antropologia uma ciência ‘crítica’ (p. 26), bem em consonância com as falas de Oliveira (1993). Ao estudar conjugalidade, pesquisei algumas das intrincadas formas como meus interlocutores compreendem o que seja isso; e em todo este processo, minhas próprias concepções acerca deste assunto perpassam pelas análises que faço, voluntária ou involuntariamente. Quanto à dificuldade de lidar com este universo de significados, sentimentos e concepções, Geertz diz que, ao falar da arte de compreender o outro,

[...] a compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade. Entender a forma e a força da vida interior de nativos [...] parece-se mais com compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada, [...] interpretar um poema, do que conseguir uma comunhão de espíritos (GEERTZ, 1997, p. 107).

Neste aspecto, a discussão se correlaciona com a visão da antropologia interpretativa e da hermenêutica, uma fusão de horizontes. Trata-se de um processo de negociação entre nativos e antropólogos. Contudo, o outro também tem uma essência e um conteúdo prontos a questionar o antropólogo em sua essência e conteúdo.

Mas o antropólogo sabe que esse seu saber – e, mais radicalmente, os instrumentos epistemológicos que supostamente lhe permitem estender esse seu saber, incluindo nele o Outro – vai ser desafiado precisamente pelo saber e os instrumentos epistemológicos – conceitos, categorias, relações pensadas e vividas – desse Outro (SANCHIS, 1996, p. 27).

A antropologia está fortemente ligada a comparações. E embora estas sejam intrínsecas aos processos constitutivos da mente, é preciso entender como as ideias se processam, como as informações passam e/ou permanecem. A comparação na antropologia envolve mostrar como ocorrem as transformações nas ideias, sendo a comparação essencial nesse

processo de transformação, já que é uma tarefa do antropólogo explicar como nos tornamos o que somos. Contrariamente a um individualismo radical, não controlamos as condições da própria existência: desde a concepção nos forjamos nas relações com outros, o que comemos, o que falamos, nossa língua, modo de vestir, nossa leitura de mundo, sexualidade etc. (TOREN, 2002). Para Geertz (1997), a análise significa “escolher entre as estruturas de significação [...] e determinar sua base social e sua importância” (p. 7), sem esquecer que o antropólogo, nesse sentido, tem de lidar com “uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (p. 7). Daí a complexidade da pesquisa acerca de amor e conjugalidade.

A antropologia é uma ciência plural, articuladora de diferenças. Desde o princípio, o encontro etnográfico envolve uma troca. O outro não é apreendido inicialmente como objeto de estudo, embora posteriormente seja visto como alguém com quem se troca ideias, conteúdos. As duas condições se interpenetram. Tal compreensão da alteridade Cabral (2008, p. 80) interpreta como própria da natureza humana: “a identificação com outrem é sempre anterior à diferenciação individual.”

É função do processo histórico da ontogênese humana a capacidade de reconhecer diferenças e semelhanças em suas variações, ou seja, o processo que vivenciamos ao fazer a própria história. As relações com os outros são essenciais para o processo de ser humano, que não pode ser concebido fora das relações sociais externas, da intersubjetividade (TOREN, 2002). É possível tecer uma relação entre isto e a constituição do “jardim de crenças” de Cabral: no que tange a compreender o processo pelo qual os sistemas de crenças se constituem até o ponto de se tornar balizadores de comportamento que conduzem às regras. Raymond Smith afirma que “o processo é muito mais complexo e só pode ser compreendido se pusermos o foco sobre esse ponto no qual os pressupostos culturais e os axiomas morais entram em conjugação com outros aspectos da realidade no processo da vida social” (apud CABRAL, 2008, p. 71).

Portanto, tal complexidade na interpretação etnográfica transcende o Nós e o Outro da análise histórica de Pierre Sanchis. A multiplicidade de aspectos contida no objeto de estudo e o pareamento deste objeto em relação ao seu sistema sociocultural e ao do pesquisador é que vai balizar, baseando-se nisso, os estudos antropológicos e configurar a nova concepção paradigmática denominada o Uno e o Múltiplo:

Mas é evidente que a afirmação da densidade e especificidade dos grupos humanos, sociais e culturais, devia também chegar a ser, ela própria, relativizada. Relativizar o relativizador. [...] Chegou uma hora em que outra dimensão da problemática, presente no próprio âmago da primeira desde o início da reflexão antropológica, deveria emergir em plena afirmação: ‘Nós e o Outro’, sim, mas o que na verdade, esta pergunta acaba significando para a humanidade: a realidade, ou pelo menos a primazia, ‘do Um, ou a do Múltiplo?’ (SANCHIS, 1996, p. 29).

Assim, as lentes com as quais os etnógrafos olhavam para seus sujeitos se ampliaram, em extensão e intensidade. Contudo, a história ainda guardava uma surpresa para a antropologia. Acostumados até então a estudar sociedades vistas como primitivas, os antropólogos, num dado momento, se viram sem ter para onde olhar, a partir do processo emancipatório atingido por estas sociedades. Nas palavras do autor:

[...] os ‘diferentes’ de ontem emergem à autonomia política, à modernidade estatal, ao uso da lógica científica. [...] Duas realidades históricas conjugavam-se, de fato, nessa conjuntura, para criar, no campo da antropologia, a maior crise de paradigmas que esta ciência possa ter conhecido. Em primeiro lugar, ela via derreter seu ‘objeto’ e desaparecer progressivamente, diante do rolo compressor que constitui a ‘modernidade’, econômico-política e também ideológica, as particularidades das ‘culturas primitivas’, particularidades das quais ela havia nutrido todo o seu esforço e que a justificavam aos olhos do ‘establishment’ científico. Por outro lado, a recusa, pelas novas elites nacionais recém-independentes, dos parâmetros tradicionais da antropologia a reduzia a uma situação, política e teórica, de impotência: o que ela pensava poder oferecer aos povos das novas nações, [...] é rejeitado, em nome destes povos, pelos seus próprios intelectuais (p. 30-31).

Assim, os antropólogos começam a olhar para seu ambiente, adaptando sua ciência ao novo contexto e reformulando muitas de suas convicções. No trabalho de campo, logo em seguida à diferenciação inicial, segundo Cabral (2008), emergem minhas semelhanças com os pesquisados – nos sentimentos, nas incertezas, nas frustrações etc. –, a exemplo desta discussão em paralelo com a própria história da antropologia. Então,

[...] a nova necessidade de aplicar seus métodos, seus conceitos analíticos, seus paradigmas explicativos às sociedades complexas e contemporâneas [...] permitiu então à antropologia uma recuperação, ou revisão, de perspectivas. [...] e permitiu uma mudança na conceituação das próprias sociedades ‘tradicionais’, objeto histórico de sua atenção (p. 31).

Contudo, essas modificações no olhar e nas formas de análise da antropologia não indicam, necessariamente, uma troca de paradigmas, no sentido da ruptura. As adaptações paradigmáticas acrescentam quase sempre coisas umas às outras, já que um novo paradigma sempre revive algo do anterior e, cada um, de forma unida e modificada, contribui para o surgimento de um terceiro, de maior complexidade. Portanto,

[...] não se trata propriamente de ‘mudança de paradigma’ [...], se por tal se entende um conjunto articulado de proposições exemplares, quadro no interior do qual tornam-se possíveis e legítimas certo número de afirmações teóricas, eventualmente divergentes, e de práticas (p. 34).

De forma semelhante, Cabral (2008), ao buscar compreender as complexidades com as quais nos deparamos a esta altura da história da antropologia, aponta a importância de olhar para o homem e atentar para a sua natureza, sem deixar de lado a sociedade – da mesma forma como algumas contribuições acertadas dos paradigmas anteriores enriquecem o atual. É necessário, então, nas palavras do autor: “caminhar em direção a um antropocentrismo novamente formulado que permita compreender os diferentes níveis de socialidade como processos em construção dentro de uma dinâmica tensa de dominação criativa” (p. 80). O desafio, então, para Toren (2002) está em tentar entender como que nós humanos somos aptos a ter o mundo em comum e para vivê-lo como uma função de nossas

histórias particulares. Um desafio para todos nós, antropólogos. E mais um debate chave na antropologia.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, João de Pina. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. *Mana*. 14 (1): 61-86, 2008.

ERICKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da antropologia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FISCHER, Michael M. J. Da antropologia interpretativista à antropologia crítica. *Anuário Antropológico/ 83*.

GEERTZ, Clifford [1926]. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. Generos confusos. La refiguración del pensamiento social. *American Scholar*. v. 49. n. 2. 1980. p. 165-179.

\_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOLLANDA, Chico Buarque de. *Tantas palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INGOLD, Tim. *Key debates in anthropology*. London: Routledge, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Editora, 1976.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. A vocação crítica da antropologia. *Anuário Antropológico/90*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

SANCHIS, Pierre. A crise dos paradigmas em antropologia. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

TOREN, Christina. Comparison and ontogeny. In: GINGRICH, André; FOX, Richard Gabriel (Ed.). *Anthropology by mcomparison*. London: Routledge, 2002. p. 187-203.

## Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil

*Cuando la Mujer Comenzó a Hablar:  
literatura y crítica feminista en Inglaterra y en Brasil*

*When Women Began to be Heard:  
literature and feminist literary criticism in England and in Brazil*

Dignamara Pereira de Almeida Sousa  
Daise Lilian Fonseca Dias

**Resumo:** neste artigo, objetiva-se estabelecer relações entre a condição feminina na Inglaterra e no Brasil, sobretudo no contexto do século XIX, sob uma perspectiva feminista. Será traçado um percurso histórico acerca da vida e das representações da mulher ao longo do tempo, destacando-se imagens e mitos, bem como transformações sofridas pelas sociedades referidas, mostrando a evolução do papel da mulher dentro e fora do universo literário, inclusive a criação da crítica literária feminista e algumas de suas características nos dois países em destaque.

**Palavras-chave:** mulher, sociedade, literatura.

**Resumen:** el objetivo de este artículo es establecer relaciones entre la condición femenina en Inglaterra y Brasil, sobretudo en el contexto del siglo XIX, bajo una perspectiva feminista. Se hará un recorrido histórico acerca de la vida y las representaciones a lo largo del tiempo, se destacarán imágenes y mitos, así como las transformaciones que las referidas sociedades sufrieron, se mostrará la evolución del papel de la mujer dentro y fuera del universo literario, incluso la creación de la crítica literaria feminista y algunas de sus características en los dos países destacados.

**Palabras claves:** mujer, sociedad, literatura.

**Abstract:** the purpose of this paper is to identify the similarities and the differences between the statuses of women in England and in Brazil in the nineteenth century from a feminist standpoint. It provides a historical background on women's lives and on the historical representations of women in the societies of the two studied countries as well as on how their roles have evolved both within and outside the literary scene. It also refers to the birth of the feminist literary criticism and to some of its features in both countries. Special attention is given to the images and myths of the feminine universe of the two countries.

**Keywords:** woman, society, literature.

---

**Dignamara Pereira de Almeida Sousa** é graduada em Letras/Língua Inglesa (UFCG); Especialista em Estudos Literários (UFCG). **E-mail:** [dignamarab@hotmail.com](mailto:dignamarab@hotmail.com)

**Daise Lilian Fonseca Dias** é graduada em Letras/Língua Inglesa (UFRN); Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UFPB); Doutora em Literatura e Cultura (UFPB); Professora da Universidade Federal de Campina Grande. Leciona as disciplinas Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa (Curso de Letras /UFCG) e Teoria do Texto Narrativo (Pós-Graduação/UFCG). Tem orientado trabalhos na Pós-Graduação (UFCG), nas perspectivas feminista e pós-colonial. **E-mail:** [daiselilian@hotmail.com](mailto:daiselilian@hotmail.com)

---

## INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas, de inúmeras áreas, têm tomado como objeto de discussão a questão da origem, ou das origens da opressão feminina. A questão essencial desses trabalhos está na necessidade de detectar os mecanismos históricos que fizeram da mulher um ser subordinado ao homem, em épocas e sociedades diversas e, por outro lado, nelas percebe-se também a busca por razões pelas quais somente nos séculos XIX e XX este estado de coisas começou a ser questionado e transformado de forma mais sistemática. Este artigo apresenta um percurso histórico da condição feminina e conquistas alcançadas pelas mulheres nos contextos anglo-americano e brasileiro, buscando estabelecer um paralelo acerca dos dilemas enfrentados pelas mulheres dentro e fora do universo literário em ambos os contextos.

### 1. Origens da Opressão Patriarcal à Mulher

A tese de Friedrich Engels (1820-1895), *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1987), retoma e amplia a análise materialista da história realizada pelo antropólogo evolucionista Lewis H. Morgan (1818-1881), na obra *Sociedade Antiga* (1963). Como um dos importantes trabalhos que esquematiza a evolução humana, especialmente em relação à história antiga e à história das sociedades primitivas, a obra de Engels (1987) está sedimentada no esquema da evolução humana, no que se refere aos modos de produção: comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo e comunismo. Engels observa que a história foi, durante muito tempo, vista como um processo unilinear, que partiu da sociedade sem classes para a sociedade de classes, retornando à sociedade sem classes.

Na sociedade primitiva, descobre-se que a força de trabalho do homem poderia se transformar em objeto de troca e consumo. Segundo Engels (1987), a função de reprodutora da espécie, que cabe à mulher ao



dar à luz, favoreceu sua subordinação ao homem. De modo que a mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz para assumir a direção e chefia do grupo familiar, exatamente, em virtude do seu período de recuperação pós-gravidez e amamentação. Assim, o homem, figura associada à ideia de autoridade, devido à força física e poder de mando, assumiu o papel autoritário dentro da sociedade, enquanto a mulher foi oprimida.

Com a proibição do incesto, as sociedades matrilineares, em que as mulheres eram tidas como superiores, por gerar a vida, foram abolidas. Surge, nesse contexto, a família patriarcal, caracterizada pela submissão ao poder paterno, enquanto a mulher passou a ficar restrita à esfera doméstica. Engels (1987) acreditava que a mulher só se emanciparia quando retornasse ao trabalho produtivo social, condição esta que seria alcançada com a grande indústria moderna que permitiria o trabalho feminino.

Do ponto de vista de Engels (1987), a dominação do sexo masculino sobre o feminino não consiste em uma questão absolutamente natural, mas em uma construção social originada pelo fator econômico, mais precisamente, desde a divisão sexual do trabalho. Entretanto, a partir da década de 1960, as reflexões de Engels passaram a ser questionadas por ele não contemplar outros tipos de modo de produção, tomando o modelo de desenvolvimento dos países europeus como universalmente válido.

Outra obra bastante relevante que discute essa temática é a do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), *As estruturas elementares do parentesco* (1947), na qual ele aponta que a dominação do homem sobre a mulher teria acontecido naturalmente, desde os primórdios da espécie, paralelamente ao processo de aquisição da cultura, quando houve a passagem da natureza à cultura, mediante a normatização da vida sexual, ou seja, o homem não podendo casar-se com sua mãe ou irmã, ainda nas sociedades primitivas, passaria a estabelecer alianças com outros homens, de outros grupos, e desse modo ele obteria mãe e irmãs por meio da troca das suas. Portanto, as mulheres teriam sido transformadas em objetos de troca. No entanto, estudos como o de Lévi-Strauss (1947) têm sido questionados por não explicarem o fato de as mulheres terem

vido trocadas e não os homens e, também, por desconsiderarem que os primeiros grupos de seres humanos eram matrilocais, com descendências matrilineares e não-patriarcais.

Muraro (2000, p. 29) aponta que no primeiro milhão de anos, os grupos humanos da África, tais como os pigmeus e os bosquimanos, eram muito frágeis e

Havia também uma relação harmoniosa entre os gêneros; não existia estratificação sexual; não havia posse de um gênero sobre outro; não havia casamento tal como o conhecemos hoje, mas sim relações menos rígidas. A mulher inclusive era considerada sagrada, porque paria. Por isso o gênero feminino era considerado hegemônico. Nesta fase, Deus era Deusa.

Entretanto, apesar de as divindades dessas culturas serem representadas por deusas/mulheres e por elas desempenharem papéis religiosos mais importantes que os homens, essas sociedades eram baseadas na parceria, e não na dominação feminina. Muraro (2000) ainda comenta que não sabe se essas culturas foram preservadas, ou até mesmo, se ainda existem. O fato é que são grupos humanos que viviam em total harmonia com o meio ambiente e entre si.

Zolin (2003), por sua vez, ao se referir aos estudos de Eisler (1996), afirma que por volta do terceiro milênio a.C., as relações de parceria entre os sexos foram sendo substituídas por outros padrões, a organização matrilinear era destruída ou conquistada pelos povos indo-europeus vindos do sul da Europa e do Oriente Médio, os quais traziam para o norte europeu uma tradição de deuses e de armas, sangue, morte e escravidão. As deusas mulheres passaram a ocupar uma posição de inferioridade em relação aos deuses masculinos. O corpo da mulher transformou-se em propriedade particular do homem, que criaram leis restringindo o comportamento feminino.

Com a descoberta da técnica de fundir metais, os homens passaram a construir instrumentos para arar a terra. Nesse período, aparece a agricultura. Já não é mais a solidariedade, a partilha, a propriedade comum

dos grupos, mas sim impera a lei do mais forte e da propriedade privada da terra. O homem já sabe quem é o pai da criança e a mulher perde toda a influência, o mundo agora é patriarcal e patricêntrico. As culturas mais antigas são sucedidas por outras mais avançadas e governadas por um Deus muito mais eficiente e funcional para os tempos modernos, que é, por exemplo, Javé, Deus dos exércitos, um Deus onipresente e transcendente. Os homens passaram a dominar o sagrado e a deter o poder; as mulheres, em geral, tornaram-se marginalizadas.

As discussões complementam-se, pois o poder do homem foi, aos poucos, se tornando absoluto e visível não apenas na vida cotidiana, mas também no mito. Um exemplo disso é que inúmeros mitos que descrevem épocas em que a mulher era considerada um ser sagrado foram, gradualmente, substituídos por outros, em que os homens detinham o poder. Como afirma Muraro (2000, p. 28), não se pode esquecer que os mitos “são fabricados por meio de cada cultura de acordo com suas necessidades de sobrevivência e definem as relações de poder entre os gêneros, entre os grupos, e as dos grupos com o meio ambiente.” Os mitos de origem das diversas fases da humanidade, onde quer que tenham aparecido, seja na religião, na ciência, no coletivo, etc., foram o princípio organizador da relação do homem com a realidade e, em última instância, da relação consigo mesmos.

## 2. Imagens da Mulher no Imaginário Patriarcal

Com relação às concepções acerca das mulheres no imaginário popular ocidental, Joseph Campbell (1904-1987), um dos maiores mitólogos do século XX, estudou 1500 cosmogonias e divide os mitos ocidentais em quatro tipos, os quais foram elencados por Zolin (2003). O primeiro refere-se a mitos em que o mundo é criado por uma deusa sem o auxílio de ninguém; o segundo tipo de mito é o da deusa criadora do universo que é associada a um consorte que a destrona; no terceiro, o mundo é criado por um deus e por uma deusa juntos; no quarto tipo

de mito, um Deus masculino cria o mundo sozinho, conforme mostra a Bíblia. Campbell defende que a última é a modalidade mais comum a partir do segundo milênio a.C. Desde então, raramente se registram mitos em que a divindade primária seja mulher.

Com a noção de moralidade e fidelidade do subordinado ao opressor, surge outro mito: o das bruxas. Este é o mito característico da Idade Média, período em que se constata a forma brutal que o poder patriarcal utilizou para normatizar a sexualidade feminina entendida como ameaçadora para a razão masculina. Nesta época, a condição das mulheres floresce, até certo ponto; elas têm acesso às artes, à ciência, à literatura. Isto acontece durante as Cruzadas, momento em que não só a Igreja alcança seu poder temporal, como também o mundo se prepara para as grandes transformações que viriam séculos mais tarde, com a Renascença. Logo depois dessa época, no período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII, aconteceu o fenômeno, generalizado em toda a Europa e nos Estados Unidos, da repressão sistemática do feminino: a “caça às bruxas”.

No entanto, como afirma Muraro (2000), a caça às bruxas terminou como tinha começado, sem ninguém saber suas origens. Novos valores passaram a surgir. As mulheres já não trabalhavam fora do âmbito doméstico, como faziam as parteiras e curandeiras. Nasce então, no século XVIII, a figura da dona-de-casa, da mulher santa, da mãe dedicada, diferente daquelas consideradas orgásticas, caso usassem o corpo para o prazer. As mulheres eram educadas ou incentivadas a serem frígidas, pois sentir prazer era coisa do Diabo e, portanto, passível de punição. Elas passaram a ser limitadas ao espaço doméstico. O saber feminino popular cai na clandestinidade. A educação para as mulheres era ministrada apenas em casa, segundo os valores patriarcais pregados de mãe para filha, em um movimento cíclico já, então, totalmente internalizados nelas, sem que lhes fosse permitido questionar. Este estado de coisas permanece durante muito tempo na vida de muitas mulheres, condições estas que variam de acordo com cada lugar, cada época, cada mulher, mas que, normalmente, reduzem-na à condição de subjugada ao homem.

### 3. A Mulher na Era Vitoriana

No século XIX, houve grandes transformações no ocidente que, conseqüentemente, afetaram o restante do mundo, a exemplo da Revolução Industrial iniciada no século XVIII, a qual mudou profundamente a vida das mulheres e dos homens. Gradativamente, elas obtiveram certos direitos, que lhes haviam sido negados durante milhares de anos, e afirmaram-se em várias profissões, devido à abertura em relação ao acesso à educação, como mostram as obras das escritoras inglesas Charlotte Brontë (1816-55) e Anne Brontë (1820-49), *Jane Eyre* e *Agnes Grey*, respectivamente, ambas publicadas em 1847, as quais denunciam a triste vida das governantas e das professoras, por exemplo. Todavia, no cenário literário oitocentista, as mulheres chegariam a ser uma grande força na produção de romances no eixo Anglo-Americano, como Jane Austen e as irmãs Brontë. Entretanto, muitas delas ainda estavam relegadas à esfera privada, e poucas tinham acesso à vida pública e social, sobretudo as que eram de classes menos favorecidas.

No cenário britânico, o século XIX é lembrado, principalmente, como a Era Vitoriana (1837-1901), em referência à Rainha Vitória, coroada em 1837. A questão da mulher foi, de fato, uma das mais debatidas, tanto dentro quanto fora do universo literário no século XIX, como mostra Woolf (2004), uma vez que se via a mulher como a responsável pela manutenção de sua casa, concentrada na família.

Conforme mostram as obras da romancista inglesa Jane Austen (1775-1817), as quais respondem criticamente aos ditames sociais patriarcais dos séculos XVIII e XIX, as qualidades principais de uma moça deveriam ser a inocência, a responsabilidade, a virtude e a fidelidade ao homem. As jovens eram criadas desde pequenas com a intenção de se tornarem “casáveis”, ou seja, de serem capazes de manter a atmosfera familiar leve (não criarem perturbações para seus maridos), sendo quase que completamente ignorantes em assuntos políticos, econômicos e sociais e, ao mesmo tempo, altamente dependentes de seus cônjuges, incapazes

de fazer uma escolha que não fosse relativa à casa e à família. As moças ricas passavam a maior parte de seu tempo lendo, bordando, visitando ou recebendo visitantes, escrevendo cartas e indo a eventos sociais para acompanhar os pais, o marido, ou simplesmente para fazer parte da sociedade, atividades que elas, aliás, começavam a desenvolver entre os 16 e os 18 anos, após a festa de apresentação à sociedade, significando que elas já estavam prontas para um possível casamento.

No novo conjunto de valores e conceitos morais do século XIX, uma nova concepção de casamento foi difundida: o casamento de conveniência. O casamento, na verdade, sempre foi a instituição basilar na Inglaterra, e o papel da esposa era fundamental para a constituição da família, a manutenção da ordem familiar e nacional, segundo mostra o romance inglês *O morro dos ventos uivantes* (1847), uma ácida crítica de Emily Brontë a tais ditames, o qual mostra a protagonista Cathy Earnshaw em crises de histeria, por não poder casar-se com um pobre homem estrangeiro de pele escura, e de classe social inferior a sua.

Como se vê, o cenário histórico da mulher inglesa no século XIX aponta um caráter totalmente utilitarista da condição feminina imposto pela ética vitoriana. As senhoras da época eram verdadeiras “rainha do lar”, elas praticamente existiam para a função da reprodução, companhia de eventos sociais e administração do lar. O máximo de capacidade que as mulheres deveriam ter era a de inculcar os valores morais nos filhos, demonstrar autoridade perante os empregados e manter o nome da família sempre conservado na sociedade.

#### **4. As Mulheres no Contexto Brasileiro do Século XIX**

No que concerne à condição feminina no Brasil oitocentista, a história da mulher brasileira, como a história de tantas mulheres, é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, legitimada pela religião cristã ocidental, transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. Elas eram – assim como as inglesas – subordinadas

e dependentes dos pais ou dos maridos, sendo feitas propriedades dos homens e silenciadas por eles. Seguindo o modelo europeu, desde menina, a mulher era ensinada a ser mãe e esposa; sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, isto é, tarefas estritamente domésticas. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros que fundamentavam a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos e, conseqüentemente, da educação formal, pois não lhe era permitido o acesso à escola.

Sabe-se que a educação das mulheres brasileiras - assim como aquela das suas contemporâneas inglesas - não estava voltada para o desenvolvimento de aptidões intelectuais profundas, ou seja, elas não tinham direito à educação formal, sua educação era voltada apenas para se comportarem na vida em sociedade tanto dentro quanto fora dos muros domésticos, precisando para isso aprender regras de convivência e de moda. Ainda assim, algumas viram no magistério uma forma viável e necessária de abrirem as portas do mercado de trabalho, tornando-se então professoras. Nessa profissão, elas poderiam, de certa forma, gerir o próprio sustento, um passo a mais na emancipação feminina e, conseqüentemente, um modo de resistência à ordem vigente de dependência e subordinação ao homem. Um exemplo disso foi Maria Firmina dos Reis (1825-1917), autora de *Úrsula* (1859), considerado o primeiro romance de uma autora brasileira. A mesma ganhava a vida como professora lecionando em casa, como era costume na época.

No contexto histórico brasileiro em estudo, as transformações sociais também atingiram a instituição do casamento. Na vida rural, a sociedade ainda era retrógrada, o casamento era estabelecido com pessoas do mesmo grupo de convívio, mantido pela relação de parentesco. Já na vida urbana, as mudanças dentro das relações conjugais eram mais perceptíveis, ou seja, para que a união conjugal acontecesse não era necessário se dar apenas entre pessoas da mesma família. A mulher começava a escolher seu futuro esposo, de forma parcial, já que ela só tinha a alternativa de casar-se com um homem que pertencesse à mesma classe social. Nos bailes das festas de

família, as moças e rapazes, de classe mais favorecida, travavam amizades e estabeleciam futuras relações matrimoniais. Além desse propósito de arranjar casamento, no caso específico da mulher, a presença nos salões era também um meio de ocupar o tempo, já que parte dele era dedicada aos afazeres domésticos, ao lazer e ao ócio, como bem ilustram os romances urbanos de José de Alencar, a exemplo de *Senhora* (1875)

Vale destacar que muitas mulheres, mesmo sendo uma minoria, desempenharam importantes papéis enquanto leitoras e escritoras assíduas para jornais e revistas, tanto produzindo poesia quanto prosa, e escrevendo livros acerca de normas sociais, como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), tudo isso apesar das restrições educacionais que lhes eram impostas.

Percebe-se que as figuras femininas como as citadas até agora não se conformaram com a condição de submissão das mulheres e com o mal da estereotipia que as assolava, por isso reivindicaram direitos, publicaram textos a favor de melhores condições de vida e lutaram para que a sociedade patriarcal as ouvisse. Muitas foram silenciadas, uma minoria foi ouvida, mas, mesmo assim, suas palavras foram eternizadas em seus escritos, por exemplo. Nesta segunda década do século XXI, percebem-se quantas mudanças e conquistas para as mulheres foram alcançadas, devido à luta das precursoras que se opunham aos mandos e desmandos de uma sociedade opressora.

## **5. Mulheres Advogando em Causa Própria**

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, as teorias críticas feministas colocaram em foco as circunstâncias socio-históricas em que se encontravam as mulheres, circunstâncias estas entendidas como determinantes na produção das representações femininas no cenário literário. Elas apontaram a tradição literária masculina que, por muito tempo, apresentou modelos significativos dessas representações, desmascarando os estereótipos negativos formados pela cultura patriarcal,



tais como o de anjo, louca, adúltera, presentes em obras masculinas, como também mostraram a desconstrução desses estereótipos, por parte das autoras, as quais, quando puderam ter direito à pena, buscaram uma nova roupagem para a figuração da mulher no texto literário e, principalmente, na sociedade.

Desde a Antiguidade Clássica, pode ser verificada, em obras escritas por homens, a condição da mulher cristalizada cultural e historicamente na literatura. Como exemplo, as obras do comediógrafo grego Aristófanes (447 a.C.- 385 a.C.), *A greve do sexo* (1996) e *A revolução das mulheres* (1996), as quais exploram as relações de poder entre homem e mulher: a submissão feminina aos homens, a generosidade da mulher, a velhice, a mulher no poder, entre outros temas que denunciam o sistema opressivo ao qual as mulheres gregas estavam circunscritas. A mulher era representada como moeda de troca, ou como aquela que transmitia poder através do casamento ou da linhagem materna, mesmo não podendo exercê-lo, como pode ser observado na *Odisseia* e na *Iliada*, de Homero, e nas tragédias *Édipo Rei*, de Sófocles, e *Medéia*, de Eurípedes.

É preciso considerar que com as limitações impostas às mulheres pela sociedade foi negado a elas o acesso à educação formal por vários séculos. Em virtude disso, suas vozes foram silenciadas, com exceção de uma minoria que gozava desse direito. Contudo, há uma gama de textos que apresentam as reivindicações do sexo feminino. Entre estes, destaca-se o de Christine de Pizan, *La cite des dames*, publicado em 1405, considerado como aquele que formulou o primeiro protesto veemente contra os preconceitos discriminadores contra a mulher. A autora não prega a mudança do papel da mulher que ela aceita como imposto por Deus, mas deseja que suas aptidões sejam reconhecidas como iguais e dignas de preencher as mesmas funções que os homens. Afirmando a igualdade sem reivindicar as conseqüências, Pizan chama suas irmãs ao engajamento mediante a paciência e a dignidade.

No século XVIII, foram divulgadas algumas declarações públicas que questionavam o poder absoluto dos homens e reivindicavam o direito

à educação para as mulheres, como também a participação delas na esfera pública. É o caso do documento *Some reflections upon marriage*, de Mary Astell, datado de 1730, que ironiza a sabedoria masculina e despoetiza as relações existentes na sociedade familiar. A autora questiona o fato de todos os homens nascerem livres e todas as mulheres nascerem escravas. Até a construção social do sujeito feminino é discutida por Astell, quando ela refere que Deus distribuiu a inteligência a ambos os sexos com imparcialidade, mas que o conhecimento foi arrebatado pelos homens a fim de que eles se mantivessem no poder.

Outro exemplo da produção de caráter feminista está na França. Marie Olympe Gouges, apresenta à Assembléia Nacional, em 1791, a sua *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (*Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*), na qual ela defende a ideia de que as mulheres devem gozar de todos os direitos que o homem tem ou quer para si, entretanto, elas devem assumir também toda sorte de responsabilidades que cabem aos cidadãos do sexo masculino. A autora inclusive cobra das mulheres vigor nas reivindicações de mais liberdade democrática para seu sexo.

Destaca-se, ainda, na luta pelos interesses femininos, a inglesa Mary Wollstonecraft, que escreve, em 1792, um dos grandes clássicos da literatura feminista, a obra já citada, *A Vindication of the Rights of Woman* (*A reivindicação dos direitos da mulher*), defendendo na mesma lógica de Astell a ideia de que a mulher deve ter todos os direitos que o homem, inclusive o de propriedade e liberdade de expressão, como também o direito à educação, para que possa aproveitar seu potencial humano e tornar-se apta para libertar-se das amarras da opressão gerada pela sociedade patriarcal. Para Wollstonecraft, não poderia haver progresso social se a maior parte da população continuasse destituída de direitos, estando as mulheres, tal como os escravos, incluídas entre as minorias dos destituídos e oprimidos. Para resgatá-las do estado de subordinação em que se encontravam, era necessária uma reestruturação da sociedade e uma regeneração plena das relações sociais entre os sexos. Estava incluída nesse pensamento a ideia de que elas deveriam ter suas próprias representantes no Parlamento, ao invés

de serem governadas sem que lhes fosse permitida qualquer participação nas deliberações do governo.

Contudo, o feminismo, enquanto movimento organizado, só entrou no cenário político tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, por exemplo, a partir dos movimentos sufragistas desencadeados por volta da segunda metade do século XIX. Em 1840, as americanas Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony fundaram a *Woman Suffrage Association* (*Associação nacional para o voto das mulheres*), e Lucy Stone criou a *American Woman's Suffrage Association* (*Associação americana para o voto das mulheres*). A primeira reivindicava o direito ao voto feminino; a segunda somava às reivindicações sufragistas a reforma das leis do divórcio. Ambas foram fundidas em 1890, para formar a *National American Woman's Suffrage (NAWSA)* (*Associação nacional americana para o voto das mulheres*), que aliadas a outras sufragistas conseguiram o direito de voto às mulheres em 1920.

O feminismo na Inglaterra foi tenazmente marcado pelas inúmeras lutas contra a discriminação imposta ou sofrida pela mulher, justificada com o suposto argumento de que ela seria intelectualmente inferior aos homens. Segundo Oliveira (2008), essa crença encontrava sustentação no aspecto religioso que pregava o valor da fidelidade à aliança matrimonial, mediante obediência ao cônjuge. Tais valores eram promulgados pela rainha Vitória em suas cartas e por suas súditas em guias vitorianos, tais como, *The Female Instructor (A professora)*, de autoria anônima, entre outros, que relembram insistentemente à esposa sua condição de dependente e submissa, devendo ser entendida como vontade divina. Vale destacar que na Era Vitoriana defendia-se a valorização da família, na qual predominava o modelo de rainha do lar; de fato, o reinado da rainha Vitória constituiu-se um período de grande idolatria à domesticidade.

Esse estado de coisas desencadeou uma série de ações que caminharam no sentido de instituir o feminismo como um movimento político organizado na Inglaterra, já que, no âmbito das práticas sociais e familiares, a realidade era diferente daquela apregoada pela lei. A partir de 1850, foram encaminhadas às autoridades petições advogando o *status*

legal da mulher, tais como o direito ao voto, à propriedade e à educação formal. Foram escritas também obras feministas que deram continuidade aos argumentos de Wollstonecraft, no final do século XVIII, conforme citado. É o caso também da obra de John Stuart Mill, *The Subjection of Women (A sujeição das mulheres)*, de 1869, na qual ele denuncia a ausência de direito da mulher que vive num regime comparado ao da escravidão. O autor afirmava que a mulher era uma escrava voluntária por não ser conquistada à força e por prestar obediência ao esposo, doando seu corpo inteiramente a ele, como seu legítimo dono (OLIVEIRA, 2008).

No que concerne ao feminismo no Brasil oitocentista, destacam-se os movimentos a favor da abolição dos escravos e da proclamação da república. A pioneira no feminismo brasileiro foi a republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-85), pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, que traduziu livremente, considerando a versão francesa, o livro da escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), o qual em português foi intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Floresta toma emprestado de Wollstonecraft ideias para enfrentar os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira, reivindicando igualdade e educação para as mulheres, porque, segundo a autora, não estavam aptas a participar da vida pública, porque lhes era negada a instrução devida. Ela não enfatizou em seu texto que há superioridade feminina sobre os homens, como Wollstonecraft fez, e sim que as mulheres deveriam gozar do direito à educação para não serem criticadas pelos homens.

Floresta (1989) acreditava que as mulheres, desde os primórdios, sofreram arduamente preconceitos, mas deveriam lutar pelos seus ideais, e não serem sombras dos maridos. Deveriam sair das margens dos oprimidos e passar a exercer funções dignas e merecedoras de estima. Apesar das limitações de distribuição e divulgação de opiniões na época, a obra dessa pioneira teve muita repercussão, sendo mencionada por escritoras até o final do século XIX, por exemplo, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, que escreve *Ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação* (1845). A

autora tinha ideias semelhantes à de Floresta, por debater que as mulheres tinham o mesmo dom criativo e inteligente dos homens. Ela advogava também a participação de suas iguais na política e nas lutas em favor de direitos. Por esse motivo, segundo Telles (1997), elas foram duramente criticadas pelos homens que as julgavam incapazes para ações políticas, revoltas e guerras.

Posto isso, sabe-se que uma das consequências das lutas feministas é o surgimento da profissão de escritora, mais precisamente nos séculos XVII e XVIII, embora com maior força no século XIX, sobretudo no contexto anglo-americano. Elas passaram, de forma mais sistemática, a refletir sobre sua condição de subalterna e passaram a representar a si mesmas, enquanto mulheres, em romances, muitas vezes utilizando pseudônimos masculinos nas suas publicações, para não terem suas obras discriminadas por serem escritas por mulheres. Algumas das escritoras que recorreram a tal recurso foram as irmãs Brontë, George Eliot e George Sand, dentre outras de grande relevância, para afirmação de uma tradição literária de autoria feminina.

## 6. Teorias Críticas Feministas

Desde que as mulheres passaram a enunciar artisticamente seus textos de modo mais sistemático, começaram as discussões em torno de uma escrita feminina como diferença do modelo canônico masculino, como também surgiu a dificuldade de instituir a produção literária de mulheres no âmbito de uma tradição que ainda as hostilizava e colocava em xeque sua existência. Essas discussões foram enriquecidas por pensadoras que, desde o início do século XX, tentam elucidar as implicações da literatura de autoria feminina no imaginário social, por exemplo, Virginia Woolf (1882-1941), em *Um teto todo seu* (1928) e Simone de Beauvoir, com *O segundo sexo* (1940). Elas discutiram a recusa, por parte da crítica masculina, de algumas escritoras, pela concepção, até final do século XIX, de que as obras femininas são marcadas por uma feminilidade como expressão de um narcisismo/sentimentalismo exacerbado. Outra suposição da crítica

masculina é indagada por essas pensadoras, no que tange à conjectura de que a escrita feminina produz uma literatura que não se equipara em qualidade estética à elaborada pelos homens, uma vez que acreditavam que elas não possuírem a mesma capacidade intelectual.

Considerada como a primeira tentativa de elaborar uma estética da criação e da recepção de obras de escritoras mulheres, Woolf (2004) reflete sobre a escrita feminina, defendendo a ideia de que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 2004, p. 8). Ela discute sobre a dificuldade das mulheres em escrever ficção, já que elas não desfrutavam dos mesmos direitos que os homens, principalmente, o direito à educação. A autora argumenta que se Shakespeare tivesse tido uma irmã com a mesma genialidade que ele, certamente, ela teria enlouquecido ou se suicidado, uma vez que não teria sido mandada à escola, como ele, muito menos teria aprendido latim e grego, línguas estudadas, em geral, apenas por homens. Caso ela tivesse escrito alguma coisa, ou se “sobrevivesse, o que quer que houvesse escrito teria sido distorcido e deformado, fruto de uma imaginação retorcida e mórbida”(WOOLF, 2004, p. 57), já que não era concedido nenhum espaço para que as mulheres se expressassem na Inglaterra elisabetana.

Woolf (2004) também aborda o tema “Mulher e Ficção”, e discute a questão do ressentimento que durante muito tempo marcou a literatura de autoria feminina. Ela parte da premissa de que a mulher deve começar no espaço literário, não como um método de expressão pessoal, mas usar a literatura como uma arte. A autora aponta que, até mesmo no século XVIII, as mulheres tinham receio de escrever, já que nada poderia se esperar delas intelectualmente, segundo a visão masculina dos fatos. Apesar disso, grandes nomes se insurgiram para escrever e fundamentar uma tradição literária feminina, que se consolidou nos séculos XIX e XX.

As reflexões de Woolf (2004) constataam que a mulher, naquele início de século XX, já estava usando a literatura como uma arte, e não apenas como método de expressão pessoal, como em muitos casos no passado. Em vista disso, Woolf conclui que ainda seria necessário que as

mulheres saltassem grandes obstáculos, ignorando os olhares masculinos. A autora afirma que as grandes mentes não pensam especialmente ou separadamente do sexo: elas são andróginas, como era andrógina a mente de Shakespeare. Desta forma, defender a necessidade do (a) autor (a) ser masculinamente feminino e femininamente masculino, para que a arte se realize e comunique experiências com integridade. As feministas da chamada primeira onda do feminismo, a exemplo de Woolf (2004), estavam preocupadas com questões materiais, com o exame cuidadoso das relações de gênero na representação de personagens femininas, com a falta de poder e condições das mulheres.

Vale destacar também outra obra importante da segunda onda do feminismo: *O segundo sexo* (1980). A autora francesa Simone de Beauvoir discute a questão da relação binária escravo/senhor, sendo a mulher pertencente ao primeiro item e o homem ao segundo. Beauvoir discute a situação da mulher segundo a perspectiva existencialista, afirmando que não basta apontar as relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina, ainda se faz necessário explicar por que as relações de propriedade foram instituídas contra a comunidade e entre os homens, já que para a autora:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Tais constatações trazem à reflexão o fato de que a mulher, no contexto discutido por Beauvoir (1980), aparentemente não se definia por si mesma, mas a partir da força que outros indivíduos exerciam sobre ela, sejam homens ou mulheres. O feminismo existencialista de Beauvoir (1980) pode, de um lado, oferecer um estudo da opressão das mulheres e, de outro, sugerir, promover o conhecimento acerca da condição delas,

a fim de emancipá-las da opressão sofrida, já que a autora analisa a problemática da mulher de modo a salientar que não existe absolutamente uma essência feminina, que afirme a submissão da mulher; existe apenas o que ela chama de situação da mulher, pelo fato de ela ser impossibilitada de ir à caça, como homens, em razão da maternidade.

## 7. A Crítica Feminista Anglo-americana

Em face das polêmicas geradas a partir do movimento feminista, destacam-se os efeitos provocados por ele em diferentes momentos. Um desses efeitos está ligado a um dos diversos instrumentos de que se dispõe para ler e interpretar o texto literário: a crítica feminista. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos norteadores os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista, implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero. Assim, a crítica feminista:

visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos (as) escritores (as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos. (...) Assim, a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de versão do pós-estruturalismo (ZOLIN, 2005, p. 182).

A crítica literária feminista propriamente dita teve seu marco inicial com a publicação da tese de doutorado de Kate Millet, *Sexual Politics* (1970). A obra suplanta o aspecto puramente literário e, com uma aguçada consciência política, traz discussões acerca da posição secundária da mulher nos romances de autoria masculina, como também por parte de escritoras e críticas literárias. Ela discute as causas da opressão feminina mediante o conceito de patriarcado, afirmando que esse sistema oprime o ser feminino desde muito cedo, ao estabelecer um sistema rígido de papéis sexuais. Concordando com Beauvoir (1980), Millet acredita que toda manifestação de poder só é concedida por parte do oprimido, ou



seja, no caso da mulher. Tal consentimento se dá por meio de instituições de socialização, tais como o casamento, a família, ou de leis que punem o aborto ou à violência contra a mulher, afirmando, de certa forma, o poder masculino sobre a figura feminina.

As discussões empreendidas a partir de Millet (1970) mostram como é recorrente em obras literárias canônicas a representação da mulher por meio de estereótipos negativos, impregnados na cultura, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, conforme personagens das literaturas brasileira e portuguesa: Capitu, da obra *Dom Casmurro* (1900), de Machado de Assis; Luísa, da obra *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz; e, ainda, a mulher incapaz, indefesa, ou anjo, como na personagem Teresa, de *Amor de Perdição* (1862), de Camilo Castelo Branco. Na verdade, há muitas outras representações que apresentam o olhar masculino sobre as mulheres carregado de discriminações, servindo como propósito para a manutenção da dominação social e cultural masculina sobre a sociedade e, conseqüentemente, sobre as mulheres. Um dos fatores importantes da perspectiva feminista é apontar para outra ótica de leitura, destacando, dentre outros, a conotação negativa que há por trás das ideologias impostas pela cultura patriarcal. Como discutido por Millet (1970), as condições sociais das mulheres foram transferidas para os textos ficcionais, atribuindo inúmeros estereótipos ao sexo feminino.

A chamada terceira onda do feminismo é marcada pelos trabalhos das americanas Elaine Showalter, *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing* (1977), e Ellen Moers com *Literary Women* (1976), bem como as teóricas feministas anglo-americanas, Sandra Gilbert e Susan Gubar, com *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination* (1979). Além desses textos fundamentais de teoria crítica feminista, há uma grande quantidade de ensaios e comunicações que visam debater, em linhas gerais, os espaços relegados à mulher na sociedade, bem como as conseqüências ou reflexos para a literatura.

Showalter (1977) empreendeu um trabalho de redescobrimto e de resgate das escritoras do passado. Estudando a vida e obra de mais de 200 escritoras, de 1800 até a década de 1970, ela analisa e classifica o percurso literário que compreende as obras de autoria feminina tendo

a cultura dominante como referencial, segundo três etapas próprias a toda subcultura literária. Conforme a autora: a primeira fase é a feminina (*feminine*), desenvolvida entre 1840 e 1880, caracterizada como a etapa de imitação e internalização dos valores e padrões masculinos vigentes. A segunda fase é chamada de feminista (*feminist*), característica do período de 1880 a 1920, compreendida como a fase de protesto contra os valores e os padrões vigentes. Por fim, a fase fêmea (*female*), que tem início por volta de 1920 e segue até os dias atuais, e caracteriza-se como o período de autodescoberta e busca de identidade própria. Essas categorias/divisões/nomenclatura não são, absolutamente, rígidas, mas misturam-se, de tal modo que é possível observar todas elas presentes na obra, inclusive, de uma mesma escritora.

Outra obra fundamental para a compreensão da relação entre Feminismo e Literatura é das feministas Gilbert & Gubar (1984), *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination* (1979), na qual elas caracterizam a mulher como uma figura dividida entre as imagens de “anjo” e “monstro”, construídas pela ótica masculina. A pergunta inicial da obra é “Is a pen a metaphorical penis?” (Seria a pena um pênis metafórico?). A resposta a essa pergunta é inicialmente “sim”, pois, segundo as autoras, o falo representa a pena e, se o órgão masculino é o que dá início ao processo de geração da vida dentro do corpo da mulher, tornando-o pai/criador, ele é também o pai/criador do texto literário. Ele detém a criação e a criatura.

É desde esse fator que surgem os estereótipos femininos de cunho negativo ou não nas obras de autoria masculina, já que o homem por possuir o falo, órgão símbolo do poder masculino, que governa a sociedade como um todo, tem autoridade de manipular não só a obra, como também seus leitores. Segundo Gilbert e Gubar (1984), na literatura repete-se a essência da sociedade patriarcal, ou seja, o autor é o pai e as relações de paternidade, as quais são de poder e que se ligam profundamente ao gênero sexual, parecem motivar a escrita. Em outras palavras, “o poeta, como Deus o Pai, é um controlador paternalista do mundo fictício que Ele criou” (GILBERT & GUBAR, 1984, p. 5; tradução nossa).

Gilbert e Gubar (1984) destacam nos textos canônicos a representação da mulher assumindo, em resumo, dois extremos opostos e sistematicamente hierarquizados: ou são anjos ou são monstros. A faceta angelical estaria associada à pureza, bondade, submissão, vida contemplativa, modéstia e entrega incondicional aos afazeres domésticos, aos filhos e ao marido. Em suma, o que define a mulher anjo seria a *passividade*. A faceta monstruosa está associada à bruxa, à louca histérica, ao monstro, ao ser maligno que se esconde nos submundos, à Medusa, à *femme fatale*, à sereia, ao dragão, à mulher vampira etc. A mulher monstro seria, como definem Gilbert e Gubar (1984, p. 28; tradução nossa), uma espécie de “imagem antitética do anjo”.

Entretanto, conforme Gilbert e Gubar (1984), por trás das associações citadas, efetuadas pelos homens, de um modo geral, estaria uma outra, muito mais produtiva e reveladora da faceta monstruosa, que também significaria a assertividade e a agressividade femininas, ou seja, as mulheres seriam consideradas como monstros por terem características masculinas, por serem não-femininas e, conseqüentemente, impróprias a uma vida comedida de pureza contemplativa, proposta pelo ideal masculino. Elas também salientam a importância de se estudar obras de autoria feminina, a fim de relacionar a vida das artistas às das mulheres da ficção, num trabalho de junção entre texto e contexto, por acreditarem que as imagens frequentes de confinamento das personagens estão associadas à prisão que as mulheres escritoras vivenciaram.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Diferente da vertente anglo-americana, a crítica feminista francesa, desenvolvida com fôlego e vigor na década de 1970, não se detém explicitamente sobre o campo literário, mas no da Linguística, da Semiótica e da Psicanálise, trabalhando no sentido de identificar uma possível linguagem feminina. Suas principais representantes são Hélène Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva.

## 8. A Crítica Feminista no Brasil

Com relação às teorias críticas feministas no Brasil, a pesquisadora Elódia Xavier traça um percurso da trajetória da autoria feminina assim como fez Showalter (1977), acerca do cenário anglo-americano. Em seu ensaio, *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da*

*trajetória* (1998), Xavier seleciona algumas autoras e obras e as toma como representantes de etapas distintas, embora a cronologia seja diferente daquela apresentada pela pesquisadora americana, conforme se verá na sequência.

A fase *feminina* aqui no Brasil seria caracterizada como aquela que reduplica os valores patriarcais por meio do seu estilo gótico e sentimental. Ela teria se iniciado com a publicação de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em 1859, obra que é apontada como a primeira narrativa de autoria feminina no Brasil, conforme mencionado. Outros romances, como

<sup>2</sup> No que tange aos estudos relacionados à mulher no Brasil, Zolin (2005) comenta que, segundo o Boletim do *GT Mulher e Literatura da Anpoll* (2000), a consolidação de trabalhos ligados à mulher e sua representação na literatura nas instituições acadêmicas brasileiras data de meados dos anos 80, com a criação de associações de estudo, grupos de trabalhos e de seminários sobre o tema. Alguns dos exemplos são a Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Letras e Linguística (AN-POLL), criada em 1984, o Seminário Nacional Mulher & Literatura, iniciado em 1985, e a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), fundada em 1986. Os diversos encontros entre os pesquisadores da área têm permitido o intercâmbio de experiências entre pesquisadores de inúmeras instituições e nacionalidades, além do estabelecimento de linhas de pesquisas nos cursos de pós-graduação e departamentos de língua e literatura.

aqueles da vasta produção de Júlia Lopes de Almeida, também fazem parte dessa fase, na qual a representação da “rainha do lar” é tão cultivada. Os contos da coletânea *Laços de família*, publicada em 1960, por Clarice Lispector, são propulsores da fase *feminista*, caracterizada pela ruptura do estado de coisas proposto pela fase *feminina*. Muitas outras autoras marcam esta fase que se estende até 1990, a exemplo de Patrícia Bins, cujos romances apresentam sempre o drama existencial de mulheres que vivem em situações-limite. Na fase *fêmea* ou a fase mulher, percebe-se autoras que, no decorrer do seu percurso literário, desenvolvem outros temas em suas obras, suas experiências amadurecem a cada escrita, como é o caso de *A república dos sonhos*, de Nélide Piñon, a qual, após passar por um longo período de carência e de opressão que a paralisava, triunfa, escrevendo um romance na fase *fêmea* da literatura escrita por mulheres no Brasil (ZOLIN, 2003).<sup>2</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar no decorrer deste artigo, as mulheres, tanto no contexto britânico quanto no brasileiro, vivenciaram realidades, até certo ponto, semelhantes, partilharam dificuldades em comum e anseios, já que, em linhas gerais, suas “qualidades essenciais” haviam sido traçadas pelo patriarcado, principalmente na época em destaque, as quais deveriam ser a pureza, a responsabilidade, a virtude e a fidelidade ao marido; a educação delas estava voltada para o espaço doméstico e, diferente do homem, não poderiam ter propriedades e desfrutar delas.

Entretanto, como um grito em meio ao silenciamento em que viveram durante muitos séculos, algumas mulheres passaram a escrever textos de cunho filosófico e literário questionando esse padrão imposto pela sociedade patriarcal ao seu sexo. Dessa forma, elas reivindicaram direitos, contribuindo, em alguns aspectos, para a renovação da sociedade, evitando a reprodução, ou a perpetuação dos ideais disseminados pelo patriarcado, e construindo, por exemplo, o que se poderia denominar em pleno século XXI de uma respeitada tradição literária de autoria feminina.

É verdade que as condições das mulheres são diferentes nas sociedades atuais, visto que elas podem trabalhar em grande parte dos setores antes dedicados exclusivamente aos homens, ter direito ao voto e à educação superior, assumir cargos públicos, entre outros. Mesmo que a realidade seja outra e o tempo também, as discussões em torno do papel feminino no meio social não podem ser limitadas a uma época específica, sobretudo porque há mulheres que ainda vivem em condições semelhantes às aquelas citadas ao longo deste trabalho: de subalternas, enclausuradas na esfera privada, sofrendo abusos moral e sexual, dentre outros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. O pensamento político de Mary Wollstonecraft. In: MONTEIRO, Maria da Conceição; LIMA, Tereza Marques de Oliveira (Org.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

AMENO, Agenita. *Crítica à tolice feminina*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AMORA, Antônio Soares. *A literatura brasileira: o romantismo*. Vol. II. São Paulo: Cultrix, 1967.

ARISTÓFANES. *A greve do sexo (Lisístrata); A revolução das mulheres/ Aristófanes*. Tradução de Mario da Gama Kury. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª edição. Maringá: Eduem, 2000.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM (Org). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CAVALCANTI, Ildney (et al.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidade*. Maceió: UFAL, 2006.

CUDDON, J. A. *The penguin dictionary of literary terms and literary theory*. Fourth Edition. New York: Penguin, 1998.

FARACO, Carlos. Todos cantam sua terra/também vou cantar a minha. In: ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. 4º ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FUNCK, Susana B.(org.). *Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GILBERT, Sandra & SUSAN, Gubar. *The Norton anthology of literature by women: the traditions in English*. 2<sup>nd</sup> edition. New York: W.W. Norton & Company, Inc, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Madwoman in the attic: the woman writer and the Nineteenth-century literary imagination*. Boston: Yale University Press, 1984.

JÚNIOR, Araripe. *Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora SA, 1978.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs.). *Dicionário de crítica feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

MILLER, Jane. *Women writing and writing about men*. New York: Pantheon Books, 1986.

MOERS, Ellen. *Literary women: the great writers*. New York: Oxford University Press, 1976.

MURARO, Rose Marie. *Textos da fogueira*. Brasília: Letra Viva, 2000.

MUZART, Zahidé L. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: *Anais do IV Seminário Internacional de História da Literatura*. Rio Grande do Sul: PUC/RS, 2001.

OLIVEIRA, Vanalucia Soares da Silveira. *A “emancipação” feminina em Senhora de Alencar*. 93f. Monografia (Especialização em Estudos Literários). Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2008.

PONTIERI, Regina Lúcia. *A viagem do olhar*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

RUFFATO, Luiz (org.). Mulheres: contribuição para a história literária. In: \_\_\_\_\_. *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp. 07-17.

SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton University Press, 1977.

\_\_\_\_\_. A crítica feminista no deserto. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.) *Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Cotovia, 2002.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão*. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

STEIN, Ingrid. *Figuras Femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

TELLES, Lygia F. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (org.) *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática*

da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Ed. Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. pp. 57-63.

TELLES, Norma. *Autor+a*. In: JOBIM (Org). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-64.

\_\_\_\_\_. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: BASSANEZI, Carla e PRIORE, Mary Del (orgs.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997, pp.401-442.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada*. São Paulo: EDUSP, 1996.

WOOLF, Virginia. Jane Austen. In: WATT, Ian. *Jane Austen: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, Inc., 1963.

\_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em A República dos Sonhos de Nélide Piñon*. Maringá: UEM, 2003.



## Mulheres Idosas em Narrativas de Autoria Feminina no Acre

*Mujeres Ancianas en Narrativas de Autoría Femenina en Acre*  
*Elderly Women in Female-authored Narratives in Acre –*  
*Northwestern Brazil*

**Margarete Edul Prado de Souza Lopes**

**Resumo:** neste artigo, o objetivo foi descrever e analisar personagens idosas retratadas em *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes de Souza, publicado em Rio Branco, em 1996. A autora conduz o leitor a refletir que a sociedade vive e se organiza através de encontros e desencontros entre as gerações, das experiências e dos conflitos dentro dos diferentes grupos aos quais pertence cada indivíduo. Foram selecionados contos mostrando as relações entre mãe e filha, sogra e nora, avó e neta, mulheres de gerações diferentes. As narrativas escolhidas, para serem lidas e analisadas neste estudo, foram: “A mensagem”, “A promessa” e “A carta anônima”.

**Palavras-chave:** mulheres, geração, gênero, literatura, autoria.

**Resumen:** este artículo describe y analiza los personajes ancianos retratados en *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes de Souza, publicado en Río Blanco, en 1996. La autora conduce el lector a reflexionar que la sociedad vive y se organiza a través de encuentros y desencuentros entre las generaciones, además de las experiencias y de los conflictos dentro de los diferentes grupos a los que pertenece cada individuo. Se seleccionaron cuentos que mostraban las relaciones entre madre e hija, suegra y nuera, abuela y nieta, mujeres de generaciones diferentes. Las narrativas elegidas, para lectura y análisis en este estudio, fueron las siguientes: “A mensagem”, “A promessa” e “A carta anônima”.

**Palabras claves:** mujeres, generación, género, literatura, autoría.

**Abstract:** the aim of this paper was to describe and analyze elderly female characters portrayed in *Sharp Conversations*, by Robélia Fernandes de Souza, published in Rio Branco, the Capital City of Acre, in Northwestern Brazil, in 1996. The author guides her readers to reflect over the fact that society lives and organizes itself through agreements and disagreements across generations and through the experiences and conflicts within the different groups each person belongs to. Analyses of three short stories – *The Message*, *The Promise*, and *The Anonymous Letter* – whose concerns are the relationships established between women of different generations – mother/daughter, mother-in-law/daughter-in-law, and grandmother/granddaughter – comprise the present study.

**Keywords:** women, generation, gender, literature, authorship.

---

---

**Margarete Edul Prado de Souza Lopes** é Doutora em Letras, Professora da Universidade Federal do Acre e Coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero na Amazônia-NEGA.

E-mail: [negaufac@yahoo.com.br](mailto:negaufac@yahoo.com.br)

---

---

## INTRODUÇÃO

*Mais do que a morte, é a velhice que se deve opor à vida. Desta, a velhice é a paródia. (...) É todo o sistema que está em jogo e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida*  
(SIMONE DE BEAUVOIR, 1990).

No grupo de escritoras de ficção que surgiu no Acre, na década de noventa, destaca-se a produção de Robélia Fernandes de Souza. A figura da mulher idosa, da avó solitária, aparece com frequência nos contos acreanos da autora. São narrativas que descrevem o ambiente familiar como espaço fortemente hierárquico e patriarcal, nas quais a mulher mais velha – a avó, sogra ou mãe idosa – sempre ocupa o lugar de prestígio e cardeal em relação às outras vozes da família, quando a figura do homem está ausente. Significa que a mulher descrita nos contos é, geralmente, uma mulher viúva. Segundo Alda Britto da Motta, viuvez é uma questão especificamente de gênero, um fato feminino porque somente no caso das mulheres a viuvez é predominante, as mulheres vivem sete anos mais que os homens, segundo as estatísticas, significando, primordialmente, a quebra da aliança social fundamental: o casamento. A mulher sozinha sempre simbolizou, historicamente, a origem de um “perigo”. Sem o marido, o protetor, provedor, chefe, elas se tornam um peso social, um contrassenso (MOTTA, 2002 a).

Neste artigo, descrevemos e analisamos personagens idosas retratadas no livro *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes, publicado em Rio Branco, em 1996. Foram selecionados contos mostrando as relações entre mãe e filha, sogra e nora, avó e neta, mulheres de gerações diferentes. As narrativas escolhidas foram: “A mensagem”, “A promessa” e “A carta anônima”. Nas três histórias, foi possível observar que as mulheres apresentadas estabelecem mais relações de rivalidade do que de amizade. A rivalidade permanece mesmo na idade avançada, quando com a perda da beleza, do viço, as mulheres se tornam ainda mais competitivas,

autoritárias e ciumentas. A autora conduz o leitor a refletir que a sociedade vive e se organiza através de encontros e desencontros entre as gerações, das experiências e dos conflitos dentro dos diferentes grupos aos quais pertence cada indivíduo. Após breve biografia da autora e algumas considerações sobre a velhice, foi feito um resumo para posterior análise de cada história, levando em conta as relações de gênero.

Alda Britto da Motta alertou para o fato de que as pioneiras do segundo movimento feminista envelheceram sem se ocupar das questões sobre a velhice. A não ser pelo vanguardismo de Simone de Beauvoir e pelos livros mais recentes de Betty Friedan, não há relatos de experiências, nem depoimentos pessoais, estudos gerais ou discussões específicas. Alda Motta afirma que não se trata somente de reconhecer os preconceitos contra certas categorias sociais, mas o importante é estudar e denunciar situações concretas. Propor mudanças da condição de vida de determinados segmentos sociais (MOTA, 1998).

Mara Rúbia Sant'Anna segue a mesma linha de pensamento ao afirmar que velhice e relações de gênero são coisas antigas, mas novas para o pensar da academia. A autora ressalta ainda a importância de articular a questão da velhice à categoria de análise de gênero. A suposição de uma linearidade e de uma unicidade espaço-temporal na questão do idoso levou à negação das relações de gênero entre estes, pois, de forma equivocada, julgam que todas as diferenças decorrentes do sexo já foram anuladas; como se o fato de não mais serem férteis pudesse torná-los assexuados (SANT'ANNA, 1996).

De acordo com Motta, a condição de gênero tem sido absolutamente definidora da vida dos idosos, por serem as mulheres que mais alcançam a condição de velhice. A maioria dos idosos se constitui de mulheres em fins de século XX, uma vez que a esperança de vida para elas tende a ser maior que a dos homens. A mulher, antigamente, levava uma vida comedida e controlada, sem excessos e farras, sem tantos acidentes e violências de gangues ou com turmas de rua, que os homens viveram. Em suma, a mulher idosa, nos fins do século XX, teve uma vida mais regrada

conforme as expectativas sociais que foram construídas para ela; esposa, mãe, dona de casa. Em pleno século XXI, a mulher se tornou mais livre para circular e se expressar como indivíduo. No Brasil, pelo menos 60% da população de idosos é de mulheres. Assim, “ser velho é, em boa parte, ser mulher” (MOTTA, 1998).

Robélia Fernandes nasceu em Manaus, em 20 de fevereiro de 1938, mas foi criada e educada em Rio Branco. Sua mãe era professora de conceituada escola de Rio Branco, porém casou-se e mudou para Manaus. O casamento naufragou em pouco mais de um ano, por problemas de traição do marido, obrigando a jovem professora a voltar para o Acre sem emprego e sem perspectivas. Aqui sofreu toda sorte de preconceitos, pois na década de cinquenta não se aceitava uma mulher desquitada, e a mãe de Robélia Fernandes teve que trabalhar como costureira, ofício que aprendeu com a mãe dela, porque nas escolas não se admitia uma mulher desquitada ensinando as crianças. A profissão de costureira era de menor status e também não proporcionava o mesmo rendimento financeiro, sendo impossível comprar uma casa e Robélia e sua mãe moravam com a avó, mãe da mãe dela, que era enfermeira no Hospital da Maternidade e uma senhora muito austera, muito autoritária, presa aos valores do patriarcado e muito católica.

Robélia Fernandes graduou-se em Letras, pela Universidade Federal do Acre, em 1975, e durante o período de 1976 a 1992 realizou vários cursos de especialização em Língua Portuguesa, Leitura, Supervisão Escolar e Relações Humanas. Paralelamente às atividades docentes, Robélia Fernandes sempre gostou de escrever e se dedicar a atividades literárias, produzindo contos e poemas. Como ela teve muita convivência com mulheres mais velhas e sem par, ou seja, solteiras, viúvas ou separadas, partilhou e vivenciou da amargura daquelas que não tiveram um parceiro permanente em suas vidas. Robélia mesmo, agora com mais de 70 anos, tem mais de 50 anos de casada e vários filhos e netos.

Estreou na literatura nos anos 80, com poemas publicados em antologias<sup>1</sup> locais e nacionais. Mais tarde publicou dois livros, em Rio Branco: *Asa de vida* – poemas (1992) e *Conversa Afiada* – de contos (1996). O último é constituído de 14 narrativas curtas, escritas muito tempo antes de sua publicação, retratando principalmente a situação de vida de mulheres sozinhas: viúvas, solteiras ou descasadas e como administram a solidude. As outras obras de Robélia Fernandes são: *Boquinha da Noite* – Folclore Infantil (2003); *ConVerso Novamente* - poemas (2004), *Verdes Anos* (2007) e *Contos Esparsos* (2009).

“A mensagem” descreve a visita de uma neta a sua avó, no dia em que a velha senhora está completando oitenta e sete anos de idade. A neta traz, de presente, um vestido novo para a avó, mas a mesma já não sente muita necessidade de ter roupas novas: “Você tendo este trabalho comigo, do que adianta? Não saio de casa, velha doente... Meu dia está chegando. Oitenta e sete anos não é brincadeira. Aqui, abandonada, só espero chegar este dia” (SOUZA, 1996, p.56).

A velhice é mostrada em seu lado negativo, a velha solitária, com raras visitas de filhos e netos, o sentimento de abandono e inutilidade. A velhice é vista no conto conforme Simone de Beauvoir: “Enquanto ele (o homem) envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; (...) cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida adulta” (BEAUVOIR, 1980).

A avó é descrita sem vaidades, seus vestidos envelhecem no armário porque as ombreiras pesam, os sapatos novos machucam os pés. Com a velhice, a pessoa vai encolhendo, os vestidos não cabem mais. A velha senhora manda reformar seus vestidos com bolsos para os óculos, remédios, o terço, ou seja, a vaidade é substituída pela praticidade e conforto exigidos pela idade:

<sup>1</sup> Algumas dessas antologias foram: MODESTO, Mauro (Org.). *Antologia dos poetas acreanos*. Rio Branco: Fundação de desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto, 1986; VERAS, João (Org.). *Fala(do) poema: poesias acreanas*. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 2001. 1 CDROOM.

No guarda-roupa, vestidos pendurados, endurecidos pela falta de uso, as ombreiras embranquecidas pelo pó.

– Porque a senhora não usa esses vestidos, vovó? Alguns estão ótimos. [...] Aqui tem roupas boas, sapatos de couro [...] que os sapatos machucam os joanetes, as alparcatas são mais confortáveis. Os vestidos fazem calor, as ampulhetas (ombreiras) pesam, sufocam. Além disso, quem repara numa velha? Sair para onde? Nem a novena ia mais. Ir com quem?

A neta procura naqueles vestidos antigos as histórias de vida, tecidas nas rendas, nos detalhes das golas, presas pelos botões. Alguns deles viajaram no tempo e agora estavam ali como peças de museu lembrando um passado feliz. Outros, mais recentes, mais modestos, foram perdendo as fitas, as flores, as cores, os decotes e ganharam as mangas, as golas e os bolsos tão úteis para os óculos, terço, remédios, chaves que agora faziam parte do seu dia-a-dia (SOUZA, 1996, p.57).

Assim, o conto descreve o cotidiano e os sentimentos da mulher octogenária. Ela se sente inútil, descartada, não tem mais incentivo ou companhia para sair de casa. Alda Motta observa que na velhice, a maior mortalidade dos homens, além do fato dos idosos viúvos preferirem casar-se novamente com mulheres jovens, acarreta que as mulheres idosas sejam, na maioria, mulheres sós (MOTTA, 1998). Quando elas ficam viúvas, dificilmente se casam novamente.

As mulheres da narrativa são apenas mulheres, não há nomes, somente as expressões “a neta”, “a avó” para definir as personagens. A neta, durante a visita, tenta sempre animar a velha senhora, que sendo dia de seu aniversário, pela primeira vez não fez um bolo e não comprou guaraná: “Agora não tenho mais animação para nada. Aqui não vem ninguém. Vivo só, minha filha” (SOUZA, 1996, p.56). A neta convida a avó para enrolar uma lata com o papel do presente: “Trabalham as duas por alguns minutos. A alegria da avó renascendo. A alegria de participar – segure esta ponta, o laço – a alegria de ser útil” (SOUZA, 1996, p.58). Depois, a neta liga um gravador, pede para a avó dizer algumas palavras, que possam ficar gravadas para a posteridade:

“Hoje estou completando oitenta e sete anos, estou feliz por completar essa idade. Agradeço a Deus por todos os benefícios que me concedeu.

Sinto não ter tido ânimo para preparar coisa alguma, nem mesmo um bolo para quem veio me parabenizar, lembrou-se de mim. Aqui, sozinha, quase não recebo visitas. Tantos filhos... tantos netos...” (SOUZA, 1996, p.55).

Estas palavras da velha senhora são as palavras de abertura do conto. Elas servem de apresentação da personagem aos leitores. Na velhice, a avó se encontra desprezada e esquecida pelos parentes próximos. Por que filhos e netos estariam tão ausentes? Nas palavras de Simone de Beauvoir: “A velhice inspira mais repugnância que a morte” (BEAUVOIR, 1990, p.660). A velhice é vista como sinônimo de decadência, decrepitude:

A casa inteira respira oitenta e sete anos. Móveis antigos, pesados, alguns apoiados com pedaços de madeira, pernas quebradas, como se solidários com a dona. O espelho da penteadeira, encaronhado, cego e inútil encarcerado da moldura de lírios, entalhados no mogno escuro. Do mármore do aparador, faltando um pedaço(SOUZA, 1996, p.56).

A descrição da casa com a mobília envelhecida, metáfora do tempo que desgasta igualmente os objetos e os seres vivos. A expressão “como se solidários com a dona”, remete às debilidades do corpo na velhice: “A doença, a imobilidade, tomou muito soro, engordou” (SOUZA, 1996, p.55). A velhice é vista como um período vazio e sem perspectivas, tempo de sucessivas perdas: da autonomia, da saúde, de vestuário e hábitos modificados para se adaptar a esta última fase da vida. Mudança de casa, filhos controlando tudo:

O quarto é pequeno para tanta saudade. O casarão avarandado com janelas de bandeirolas foi sacrificado para a construção daquela casa, pequena – que exige menos trabalho para cuidar – até o quintal encolheu. Onde estão o bananal, as laranjeiras, os pés de carambola, o poço com bomba, os perus? O terreno foi vendido aos poucos, repartido em lotes – que a senhora precisa ter vizinhos, quintal grande só dá despesa – os filhos agora decidiam tudo (SOUZA, 1996, p.57).

É comum os filhos quererem interferir, controlar a vida – atividades, saídas, uso do dinheiro, vida sexual-afetiva – dos pais idosos (MOTTA,

1998). Entretanto, a velha senhora apesar de ter sido uma grande dona de casa, suas atividades não ficaram restritas ao ambiente doméstico. Ela foi uma mulher que trabalhou pelo seu sustento, foi enfermeira: *“uniforme branco deslizando pelos corredores do hospital, ainda ali, no gavetão, a touca amarelada, bamba e amassada, mas tendo ainda na testa a cruz vermelha, a mesma do retrato e do diploma emoldurados na parede”* (SOUZA, 1996, p.57). No entanto, quando alcança a velhice, torna-se um fardo para os seus familiares. Para ela, restam apenas a saudade e as lembranças de um tempo feliz de trabalho: *“a memória friorenta se embrulhava no passado buscando abrigo”* (SOUZA, 1996, p. 58).

A narrativa se encerra com a neta, muito tempo mais tarde, ouvindo, em sua velhice, as mesmas palavras, gravadas com uma voz arranhada e trêmula: “A avó calada há tantos anos. A mensagem antiga, hoje mais do que nunca decifrada. Solidão de ontem na solidão de hoje” (SOUZA, 1996, p.58). A vida vazia e solitária da avó aposentada repetida na velhice atual da neta, como se fosse um destino prescrito e inexorável para as mulheres que vivem demais.

Alda Motta observa, no entanto, em relação a este aspecto de extrema solidão na velhice feminina, que há uma nova feição absolutamente atual e única das mulheres idosas neste inícios do século XXI:

Expressarem otimismo, alegria, dinamismo e forte afirmação (ou sentimento) de liberdade. Cumprido o ciclo básico da vida familiar, aqueles controles tornados desnecessários – porque internalizados ou superados – a vida na velhice pode agora tornar-se mais leve, mais livre, nesta sociedade pós-revolução feminista, em rápida mudança de valores e de costumes (MOTTA, 1998, p.142 –143).

A autora se refere ao fato de que a maioria das idosas atuais não alcançou vida profissional ativa e, ao mesmo tempo, teve vida social muito mais limitada do que os homens da sua geração, conduzindo-as a um sentimento de maior satisfação e plenitude na velhice. Elas encontram na vida de idosas um tempo de consolidação de experiências, de libertação



das obrigações e controles reprodutivos, um tempo social propício à mudança, “como se uma liberdade de gênero se sobrepusesse à condição (menos favorável) geracional ou de classe (MOTTA, 2002b).

Em “A promessa”, temos a história de uma criança sufocada em cumprir as vontades de sua avó. A velha senhora ainda detém todos os poderes e autoridade sobre a família. Assim, a menina é obrigada a vestir luto fechado por um ano, para cumprir a promessa de uma tia falecida há cinco anos, merecedora de uma graça, mas que morrera sem cumprir o prometido. Assim é descrito o absurdo da garota cumprir uma promessa alheia:

Luto fechado, vestido preto, mangas compridas, contraste doentio com os cabelos longos escorridos, a palidez do rosto, a meninice magra. Tudo tingido na tina: vestidos, camisaõ, a saia de barquinhas na barra de que tanto gostava [...] Luto por uma graça desconhecida. Promessa pesada nos ombros frágeis. Luto, luto. Luto na alma também? Sem brincadeiras, sem cantorias, sem passeios, sem fita no cabelo, sem brinco na orelha. Aí a alminha arco-íris começou a ficar cinza, escura. Aí a tristeza enlutou a alegria. Vida borbulhando lá fora (SOUZA, 1996, p.28).

No trecho, podemos observar que a menina foi mais que silenciada, foi impedida de viver. Todas as atividades da vida normal são cortadas de sua existência. Ela fica à mercê do total autoritarismo da avó e termina encontrando a morte, como saída da terrível prisão. A menina vai definhando, pouco a pouco, até falecer:

Foi quando veio aquela febre – tão sem propósito – Vovó quero água. Quero água. Vovó, falta muito pra terminar o luto? Vovó, no Natal posso brincar no cordão da pastorinha? Posso dar meu nome? Quero dançar no cordão vermelho. Basta um vestido de cetim vermelho. E o Natal a encontrou vestidinha de cetim azul (SOUZA, 1996, p. 29).

A menina dirige os pedidos para sua avó, numa clara indicação da autoridade da velha sobre os outros membros da família, mas tudo indica que não foram atendidos, uma vez que o relato mostra que o

Natal a encontrou com um vestido azul de cetim. Qual a razão do azul e não vermelho? A prosopopeia, personificando o Natal, data solene no calendário cristão, como também a cor azul, são os índices para o leitor subtender que houve a morte da personagem infantil. O luto foi intenso, penetrando no estado de espírito da criança, conduzindo-a para a morte. As cores são referências frequentes nesse conto de Robélia Fernandes e sugestivas do estado de espírito da personagem: “a alminha arco-íris começou a ficar cinza, escura”, “olhos vermelhos”, “vestido preto”, “cetim vermelho” e “cetim azul”. A estagnação da morte impregnando-se no íntimo da menina é descrita com metáforas que mostram imagens da imobilidade, da prisão e da fixidez em que se transformou a sua vida infantil:

“Sem brincadeiras, sem cantorias, sem passeios, sem fita no cabelo, sem brinco da orelha. Aí a alminha arco-íris começou a ficar cinza, escura. Aí a tristeza enlutou a alegria. Vida borbulhando lá fora. Santa Terezinha no céu, entre rosas e anjos. A tia no céu? E aqui essas folhas paradas na água do tanque sem poderem deslizar na enxurrada, esse navio no quadro da parede sem poder viajar, essa garça pousada na página do livro sem poder voar” (SOUZA, 1996, p.28).

Colocar a menina de luto foi desejo exclusivo da avó. A velha vivia das saudades da filha morta: “*Diçiam que era uma moça muito boa, religiosa. Ainda vagava pela casa, depois de cinco anos de sua morte, aquela sombra de tristeza. O carinho com que a avó guardava aquelas lembranças: um livro de missa, um véu de renda, um vestido*” (SOUZA, 1996, p.28). A carência afetiva da velha depositada na filha ausente para sempre. Ela acreditava que se a promessa não fosse cumprida, a filha não encontraria a paz eterna. Na velhice, buscam-se ou criam-se as mais variadas razões para preencher o vazio, as saudades, a falta de perspectivas na vida.

Outros adultos reagiram diante dos fatos: a professora da menina argumentou que luto era coisa da Idade Média, a mãe opinava pedindo para aliviar o luto; o padre afirmando que Deus não gosta de sacrifícios, mas sim de caridade. Nenhum dos protestos teve eco. E a menina? “Não

foi consultada. Pra quê? Criança tem querer? Um ano de luto. Criança está mais perto de Deus.” (SOUZA, 1996, p.27). Na ausência do patriarca, a voz da matriarca se impôs soberana.

Com exceção da figura do padre, não há personagens masculinos. Em geral, nos contos de Robélia Fernandes são retratadas mulheres viúvas ou separadas. As narrativas giram em torno de famílias compostas por mulheres: avós, mães, sogras, noras, filhas e netas. Raramente aparecem as figuras do pai, irmão, marido ou mesmo padrinho. Na carência de homens enquanto chefes da família nuclear burguesa, a mulher ocupa a posição de líder, revestida de maior força e autoridade com o avanço da idade, como se verifica na figura da avó incontestante.

No conto “A carta anônima”, narra-se a história de Dona Alzira, uma senhora de idade entredada pela doença, que vive aos cuidados da nora, Dinorá, ambas viúvas. A narrativa se desenvolve através de pequenos flash backs, cujo conteúdo são as lembranças da senhora idosa dos tempos em que o filho estava vivo, de suas peripécias de homem que amava bebidas e mulheres, de homem que sempre trazia problemas para dentro de casa. Como Alzira não podia mais se ocupar com as tarefas da casa, preenchia as horas do dia sentada na varanda, pensando no passado. Com a força das lembranças, tenta suportar sua moléstia. A imobilidade da doença e da idade lhe obriga a trocar as ações pelas preocupações.

O conto se inicia apresentando os cuidados da nora: “ – A senhora está bem acomodada Dona Alzira? Fofa o travesseiro, coloca-o no encosto da cadeira de balanço, ajuda a velha senhora a recostar-se” (SOUZA, 1996, p.47). A narrativa é construída alternando momentos das ações da nora cuidando da sogra, com as lembranças da velha senhora repassando toda a sua vida.

Ao lembrar-se do filho já falecido, Telêmaco, retornam os sofrimentos, uma vez que ela não concebe um filho morrer antes da mãe. Para ela, quando isso acontece, a lei da vida está terrivelmente invertida. O filho de Alzira era um homem violento e conquistador. Suas recordações recaem justamente na má índole do filho. Ele era casado com Raimunda,

descrita como sendo uma morena bonita, de cabelos compridos, ciumenta, desconfiada e insegura, que por qualquer motivo se apressava a correr para a sogra, “para aconselhar-se, desabafar, enredar” (SOUZA, 1996, p.48). Na última vez, foi em razão de Telê estar envolvido por uma mulher casada. Alzira tentava aconselhar a nora para que tivesse paciência e “ao filho recriminava enérgica, que tomasse juízo, acabasse com esse chamego com mulher casada” (SOUZA, 1996, p.48).

A mulher passou a odiar a amante do filho e de alguma forma desejou puni-la, até mesmo incentivou os moleques da rua a provocarem a “malfeitora”: “Piranha, ladrona de marido das outras. Gritava a meninada no barranco, atiçada por Dona Alzira...” (SOUZA, 1996, p.48). Além disso, Alzira decidiu enviar uma carta anônima para o marido enganado:

“Senhor Ananias,  
Essa missiva é para lhe abrir os olhos. Preste mais atenção no que sua mulher faz. Todo mundo já sabe que ela está arrastando asa por um homem casado. Quem avisa, amigo é, por causa de um grito, se perde uma boiada” (SOUZA, 1996, P. 50).

Depois da carta, as memórias de Alzira eram confusas. Não lembrava muito dos detalhes, somente do filho chegando todo alvoroçado, trazendo consigo Dinorá, a adúltera, visto que o marido havia descoberto tudo e a expulsou de casa, sem direito aos filhos, aos bens, a nada. Telê acusa a mãe de ter enviado a tal carta anônima, enquanto Raimunda, diante dos fatos, decide ir embora para a cidade grande. Dinorá, a amante, por sua vez, assume a casa da “sogra” e os três cachorros, vendendo salgados para ajudar no sustento. Com a passagem dos anos, na convivência com Dinorá, a velha vai aos poucos modificando o conceito que tinha da “nora”. Perdida em suas memórias, olha para Dinorá como se fosse a primeira vez que a visse e reflete: “Admirava-lhe a preocupação sincera com a sua saúde. Admirava-lhe a bondade. Também anos ao lado de Telê, aturando-lhe a bebida, a infidelidade, amando-o, respeitando-o e

devagarinho, vencendo a resistência da família, devagarinho se fazendo amar e respeitar” (SOUZA, 1996, p. 50).

Ao final da narrativa, Alzira, percebendo a proximidade da morte, pede a Dinorá que lhe segure a mão, “quis lhe pedir perdão, quis lhe dizer tanta coisa. Disse apenas obrigada” (SOUZA, 1996, p. 51). No conto aparecem três mulheres: Alzira, a sogra; Raimunda, a esposa traída; além da própria Dinorá, a outra, que se redime cuidando do amante e da “sogra” até o fim. Narrativa moralista que mostra a “outra” sendo aceita porque se regenerou diante dos olhos da família. Essa regeneração foi construída paulatinamente, com Dinorá cumprindo o papel de esposa fiel, indiferente às traições e aos vícios do companheiro e ainda desempenhando o papel de “nora” dedicada. Mesmo não sendo nora ou esposa oficial, mesmo tendo passado o restante da vida amasiada com Telêmaco, perante a sociedade seus erros ficaram justificados por ter adotado um comportamento de acordo com o código, depois de rejeitada pelo primeiro marido.

No momento atual da narrativa, vivem as duas juntas, sogra e nora, ambas na condição de viúvas. Quanto a esta situação, Alda Britto da Motta assinala que os homens morrem mais cedo que as mulheres, em razão disso existe um número maior de viúvas, descasadas e solteiras idosas do que homens nessas mesmas condições. Este quadro de solidão é confirmado nas pesquisas:

Os homens morrem mais cedo e, quando separados ou viúvos, recasam preferencialmente com mulheres de gerações mais novas, não-idosas [...] Com isto, resta sempre uma significativa parcela de mulheres solteiras e, principalmente, descasadas e viúvas, que terminam por assumir aquele posto tradicionalmente masculino, mas crescentemente feminino, de chefes de família. E/ou vivem, simplesmente, a solidão afetiva – ou, pelo menos, a condição de sós. [...] Porque enquanto a chefia masculina de domicílios figura, comumente, a existência de uma partilha de responsabilidades econômicas e/ou sociais (e domésticas) com outro adulto – a esposa – a chefia da família por uma mulher expressa, majoritariamente, a referida solidão geracional e afetiva – isto é, que o homem já não está lá (MOTTA, 1998, p.140-141).

Portanto, vimos que as personagens idosas das narrativas lidas se encaixam na figura da viúva, da chefe de família, vivendo a solidude geracional e afetiva: a avó que faz aniversário e se encontra cada dia mais sozinha, mesmo recebendo a visita da neta; a “sogra” que termina os seus dias aos cuidados da “nora”; e, por fim, a avó que ainda está na liderança da família, impondo seus desejos aos demais familiares, ainda que vivendo das saudades da filha falecida. Mulheres de poder, matriarcas, mas também denunciando um lado frágil no momento de lidar com a dor e a solidude, cada qual com suas crenças, atitudes, nos desmandos das relações familiares, querendo proteger suas afeições e a posição de matriarca. Último lampejo de autonomia e domínio na fase final da vida, quando ainda têm e podem exigir algum respeito dos familiares.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Volume 2.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MOTTA, Alda B. PVC – Bicho-papão para as feministas?, in: PASSOS, Elizete, ALVES, Ivya & MACEDO, Márcia (Org). *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar*. Salvador: NEIM/ UFBA, 1998, p.137 a 145.

MOTTA, Alda B. Viúvas alegres: uma nova/velha geração, in: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecília. *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002a, p. 263-273.

MOTTA, Alda B. Gênero e Geração: de articulação fundante a ‘mistura indigesta’, in: FERREIRA, Sílvia Lucia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo (org). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002b, p.35 – 49.

SANT’ANNA, Mara Rúbia. “Velhos e velhas: objetos de um discurso assexuado”. In: FAZENDO GÊNERO, 1996, Ponta Grossa. *Anais do Seminário de Estudos sobre a Mulher*. Ponta Grossa: Centro de Publicações/UEPG, 1996, p. 157 – 160.

SOUZA, Robélia Fernandes de. *Conversa afiada*. Rio Branco: BOBGRAF/ Editora Preview, 1996.

## Rachel de Queiroz en Caminos de Piedras: una mirada autobiográfica

*Rachel de Queiroz em Caminhos de Pedras:  
uma mirada autobiográfica*

*Rachel de Queiroz as portrayed in Stone Path:  
an autobiographical glance*

Lilian Adriane Ribeiro

**Resumen:** este artículo analiza aspectos autobiográficos de la escritora Rachel de Queiroz en la novela *Caminho de Pedras* (1937), en el que ubico a la protagonista y su obra al contexto histórico, político y social de Brasil en la época de la Dictadura de Getúlio Vargas. Para lograr los objetivos, analicé el corpus bajo las referencias teóricas, di énfasis en las discusiones sobre la relación entre literatura y autobiografía.

**Palabras claves:** autobiografía, literatura, protagonista.

**Resumo:** neste artigo, são analisados aspectos autobiográficos da escritora Rachel de Queiroz no romance *Caminho de Pedras* (1937), situando a protagonista e a obra no contexto histórico, político e social do Brasil à época da Ditadura de Getúlio Vargas. Para estes objetivos, o *corpus de análise* foi examinado à luz de referencial teórico, com ênfase nas discussões sobre a relação entre literatura e autobiografia.

**Palavras-chave:** autobiografia, literatura, protagonista.

**Abstract:** the present paper analyzes aspects of the author's – Rachel de Queiroz – autobiographical accounts displayed in the novel called Stone Path published in 1937 by setting the protagonist, and the novel as a whole, against the Brazilian historical, political and social context of Getúlio Vargas dictatorship. Emphasis is given to the discussions about the relationship between literature and autobiographical accounts.

**Keywords:** autobiography, literature, protagonist.

---

**Lilian Adriane dos Santos Ribeiro** es Licenciada en Filología Portuguesa con Mención en Español por la Universidad de la Amazonia, Master en la enseñanza de español como lengua extranjera por la Universidad de Salamanca-España y Doctora en Literatura Española y en Mujer, Comunicación y Escrituras, del Departamento de Literatura Integradas de la Universidad de Sevilla-España. Socia del GEPEN (Grupo de Estudios e Investigación Eneida de Moraes sobre Mujer y Relaciones de Género (GEPEN/UFPA-Universidad Federal de Pará), socia de Audem (Asociación Universitaria de Estudios de las Mujeres) e investigadora del Grupo Escritoras y Escrituras – Universidad de Sevilla.  
**Correo:** [lidriany@hotmail.com](mailto:lidriany@hotmail.com)

---

## INTRODUCCIÓN

La novelista hace una descripción detallada de la sociedad, de la política y un análisis aislado de cada personaje. Los dramas colectivos se analizan de forma aislada. En *Caminho de Pedras*, Queiroz narra el contexto de la dictadura de Vargas en Brasil (1930-1937), los momentos políticos e históricos que se reflejan en los comportamientos, en los deseos y en la lucha de los personajes.

Rachel de Queiroz en su novela narra la fundación de una célula del PCB (Partido Comunista de Brasil). Relata los dramas, las luchas, las reuniones de los comunistas, las cárceles, las torturas y sus charlas con los operarios. Fortaleza se convierte en una ciudad de lucha y de defensa de las clases oprimidas; un movimiento que intenta erguirse contra la estructura social capitalista. Rachel nos describe el momento histórico y político de Fortaleza: “É preciso lembrar que a década de 1920, no Brasil, foi uma década política: nela começou entre nós a agitação social. Os grupos eram pequenos e a repressão, forte. [...] Ser comunista, então, era uma coisa tão perigosa quanto ser terrorista hoje”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> QUEIROZ, Rachel de, & QUEIROZ, M<sup>a</sup> Luísa de (2010), *Tantos Anos*, José Olympio, Rio de Janeiro, p. 76.

En la novela, la literata muestra la participación de las mujeres brasileñas en las actividades revolucionarias de los años 30, más exactamente la actuación que tuvieron

en la lucha contra el ascenso nazi-fascista y en la preparación de la revolución comunista. Un tiempo fuertemente ideologizado, dividido por orientaciones políticas contrarias y excluyentes: liberalismo. Sólo se reconocían dos clases: la burguesa y el proletariado y quien estaba a favor de una, estaba en contra de la otra.

La llamada “Eras Vargas” comienza con la Revolución de 1930 y termina con la deposición de Getúlio Vargas en 1945. Es caracterizada por el aumento gradual de la intervención del Estado en la economía y en la organización de la sociedad y también por el creciente autoritarismo



y la centralización del poder. Se divide en tres frases distintas: Gobierno Provisorio, Gobierno Constitucional y Estado Nuevo.

Aqui no Brasil a nossa situação era terrível porque estávamos em pleno Estado Novo. E nós, os intelectuais de esquerda, os escritores, os jornalistas, éramos exatamente os mais massacrados. Aqueles que tinham se comprometido no putsch de 1935 ainda estavam presos. Realmente, tudo o que houve aqui durante os governos militares, a tortura, os assassinatos, os desaparecimentos de pessoas, etc., não chegou àquele clima de terror que atravessávamos durante a Segunda grande guerra; principalmente porque não havia para nós, no ambiente internacional, nada que denunciase as iniquidades que se cometiam no Brasil. Nós também sofremos muito, então<sup>2</sup>.

La novela *Caminho de pedras* sale a la luz en pleno Estado Nuevo de Getúlio Vargas.

En 1937 lança o romance *Caminho de Pedras* pela José Olympio. Decretado o estado novo, exemplares de seus romances são queimados, por ordem da Sexta Região Militar de Salvador, sob a acusação de subversivos. Por força de sua militância política, permanece detida por três meses na sala de cinema do quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza. “Foi uma prisão amena: os bombeiros faziam serenata para mim todas as noites”, confessa<sup>3</sup>.

Con el golpe de Estado 1937<sup>4</sup>, ocurre un largo período de reflujo del Movimiento Feminista, que se mantiene hasta las primeras manifestaciones

<sup>2</sup> Op. cit., pp. 137-138.

<sup>3</sup> CLB, op. cit., p. 12.

<sup>4</sup> En el 30 de septiembre de 1937, cuando se aguardaban las elecciones presidenciales previstas para enero del 1938, a ser disputadas por José Américo de Almeida y Armando de Sales Oliveira, que apoyaron la revolución de 1930, fue denunciada, por el gobierno, la existencia de un supuesto plano comunista para tomar el poder. Este plano quedó conocido como el Plano Cohen, y después se descubrió haber sido forjado por un adepto del integralismo, el capitán Olímpio Mourão Filho, el mismo que daría inicio a la Revolución de 1964. Con la conmoción popular causada por el Plano Cohen, con la inestabilidad política generada por la Intentona Comunista, con el miedo de nuevas revoluciones comunistas y con las segundas veces en que fue decretado el estado de sitio en Brasil, fue sin resistencia que Getúlio Vargas dio un golpe de estado y instauró una dictadura en el 10 de noviembre del 1937, a través de un *pronunciamiento* transmitido por la radio a todo el País

de los 70. Es de vital importancia porque va a diferir esta generación de mujeres de aquellas que las precedieron en la lucha por la participación pública. La organización da a los individuos la seguridad de la definición de su papel y de su estatus. En el caso específico de las mujeres, cuya actividad pública aún no era legitimada socialmente, el hecho de presentarse afiliadas

<sup>5</sup> DUTRA, Eliana (1997), *O ardil autoritário: imaginário político no Brasil dos anos 30*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, p. 23. (La traducción es mía).

a las organizaciones les atribuyó elementos de identidad social, fundamental para el desarrollo de una conciencia feminista. La organización es el “lugar privilegiado que el imaginario encuentra en la lucha por el reconocimiento”<sup>5</sup>.

## 1. Análisis Autobiográfico de *Caminho de Pedras*

El título de la obra tiene un sentido metafórico porque refleja el contexto en el que se escribió la novela. *Caminho de Pedras* se refiere a los caminos oscuros de la vida, las piedras son los obstáculos que estas dos mujeres: la protagonista y la autora tuvieron que superar en su infancia, adolescencia, como mujer, como madres, como esposas, pues fueron profesionales en una década en que la mujer estaba excluida de la vida social y su única participación se fundamentaba en misiones pasivas, sólo desarrolladas dentro de su hogar, donde tenían la obligación moral y social de cuidar de los suyos. Las piedras fueron todos los conceptos y roles que estas mujeres tuvieron que romper para llegar a ser sujetos productivos de pleno derecho y actuar como únicas dueñas de su destino.

*Caminho de pedras* marca el reposicionamiento de Rachel de Queiroz frente al partido comunista. El título de esta nueva novela no es aleatorio. Se trata de un libro sobre la organización partidaria en Ceará, sus mecanismos autoritarios, sus prejuicios, e inestabilidades. Como tema central, la novela muestra el romance de Noemi y Roberto, periodista que llega a Fortaleza con la misión de ayudar en la fundación del Partido Cearense. Noemi también se hará miembro de la organización, en el comienzo de la obra estaba casada y era madre de un niño llamado “Guri”. Una vez más, tenemos un personaje femenino comprometido con la causa social, que

no teme desafiar las convenciones y romper con un matrimonio estable en función de hacerse dueña de su propio destino. Otra vez el amor se revela fracasado, desencuentro. La protagonista pierde el hijo, que muere de fiebre súbita, Roberto va a la cárcel, desterrado, ella se queda embarazada, sola, desempleada, sube “una ladera de piedras, despacito”, rumbo a un futuro dudoso<sup>6</sup>.

*Caminho de Pedras* fue la tercera novela publicada por la escritora cearense. En ella cuenta las vivencias, y lo cotidiano, de los trabajadores y de los intelectuales que, en Fortaleza, lucharon por una concienciación social con el principal objetivo de organizar un Partido Comunista en Ceará. En el momento de la escritura de esta novela, la autora se volcó en la organización de una sede regional del PC en Fortaleza. En sus memorias la autora cuenta que ya estaba extremadamente politizada y “comunizada” cuando fue invitada a recibir el Premio Graça Aranha en 1931, entonces se asoció definitivamente al Partido Comunista y asumió algunas funciones en la Célula de Fortaleza. En Río de Janeiro, le dieron las primeras órdenes del Partido:

Pois, nessa vinda para o Rio de Janeiro em 1931, eu trouxe uma carta de Hyder para Mário Magalhães, me apresentando a ele e a Nise da Silveira[...]. Ao voltar para o Ceará, em 1931, após dois meses no Rio, eu levava credenciais do Partido e a missão de promover a reorganização dos destroços do Bloco Operário e Camponês e instalar em Fortaleza uma nova Região. Como em Fortaleza o grupo era muito pobre em pessoas de instrução melhor, operários, na maioria, fiquei como uma espécie de consultora, por causa dos meus contatos no Rio. Inscrevi-me, então, como membro do Partido<sup>7</sup>.

Son muchos los momentos de tensión descritos por la autora en esta obra, por ejemplo, en aquellos en los que la policía persigue en secreto a los militantes en los locales de reunión.

<sup>6</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de (2005), *Rachel de Queiroz*, Rio de Janeiro, Global, Coleção Melhores Crônicas, p. 19. (La traducción es mía).

<sup>7</sup> QUEIROZ, R. & QUEIROZ, Maria Luisa (2010), *Tantos años*, op. cit., p. 39.

Sempre vigiada pela polícia, quando escrevia para mamãe [...] essas cartas eram interceptadas e lidas pelos policiais que achavam ser a carta portadora de informações num código secreto e que “sobradão” era, por certo, algum companheiro na clandestinidade<sup>8</sup>.

Rachel de Queiroz nos muestra, con el personaje Noemi, una mujer que avanza y se destaca entre las demás, principalmente en el sentido de tener coraje de enfrentar, e incluso romper, con el medio social en que vive (trabajo, partido político, amigos, etc.), para realizar sus ideales y

<sup>8</sup> Op. cit., p. 75.

<sup>9</sup> DUARTE, Eduardo de Assis (1999), “Rachel de Queiroz: mulher, ficção e história”, em ANAD, Silvia (Org.), *Mulheres: cinco séculos de desenvolvimento na América* (capítulo Brasil), Belo Horizonte, FIFCH, p. 389. (La traducción es mía).

<sup>10</sup> CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de (1997), *Romance proletário em Rachel de Queiroz vendo o lado de fora pelo lado de dentro*, op. cit., pp. 27-28. (La traducción es mía).

ser feliz. La exposición de ese deseo de vivir sumida en una posición que se haya escogido, para una mujer de la época de Rachel, puede ser considerado como algo innovador. Noemi hace de su lucha socialista una búsqueda de la libertad que se amplia también al plano de la realización personal y amorosa. El camino de piedras del activismo es el puente para la realización y afirmación de la mujer en el universo patriarcal y provinciano<sup>9</sup>.

La otra parte de la novela queda dominada por la temática amorosa y por la superación de una moral convencional, teniendo como punto de partida un triángulo amoroso. Pero, por encima de eso, lo que *Caminho de pedras* muestra es el distante entre el intelectual y el obrero, el problema de la legitimación del intelectual dentro de los movimientos revolucionarios de izquierda<sup>10</sup>.

Instada por el equipo de *Cadernos de Literatura Brasileira* (1997:27), al responder si *Caminho de pedras* fue una reacción al intento del partido comunista de censurar *João Miguel*, la escritora respondió que no le dio importancia alguna a su ruptura con el partido, pero al referirse a la cuestión de la censura, aseguró que, de pronto, en la primera reunión del partido, el intelectual “era puesto en su sitio, en el de ciudadano de segunda

clase, porque los reyes del mundo eran los operarios”, y extrapoló que en *Caminho de pedras* había enseñado eso<sup>11</sup>.

A ella la trataron de la misma manera, de forma hostil por ser burguesa e intelectual, como detalla en la obra, del mismo modo al que los operarios trataban a los burgueses desertores. La propia escritora cuenta en su libro de memorias que fue elegida por el partido no por méritos propios, sino por ser capaz de escribir y mecanografiar, porque muchos de los operarios no sabían ni leer ni escribir.

Obedeci, de má vontade. Mas na província, de onde eu vinha, fazia-se, entre os comunistas, muita questão da disciplina, no caso especial dos “intelectuais”. Os operários, que compunham a aristocracia dos grupos marxistas, exigiam de nós obediência cega. Os intelectuais eram por eles considerados uma espécie de subclasse, pouco merecedora de confiança<sup>12</sup>.

La ficción marcará, por así decirlo, su emancipación intelectual, en la medida en que es una clara denuncia de los engranajes autoritarios y obscurantistas del Partido. Pues el resentimiento de algunos intelectuales de izquierda es mostrado como denuncia en *Caminho de Pedras*. Como algunos de aquellos que rompieron con el PC en los años treinta, Rachel se integró en los grupos de izquierda trotskistas, que tuvieron hegemonía entre la intelectualidad de izquierdas cuando la reorganización comunista (1930-34)<sup>13</sup>. Junto al primer marido, la autora cearense tuvo contacto en São Paulo con Lívio Xavier, Mário Pedrosa, Aristides Lobo, fundadores del movimiento ‘bolchevique-leninista’.

Todos estos aspectos son bastante próximos a las circunstancias vividas por Rachel en la vida real. En aquella época en la que Brasil pasaba por un periodo de fuerte represión con la Revolución de la década

<sup>11</sup> FRANCESCHI, Antônio F. (Org.). (1997), *Rachel de Queiroz*, 1ª. ed., São Paulo, Instituto Moreira Salles, p. 27, y BARBOSA Maria de BARBOSA, M<sup>a</sup> Lourdes (1999), op. cit., p. 83. (La traducción es mía).

<sup>12</sup> QUEIROZ, R & QUEIROZ, M<sup>a</sup> (2010), *Tantos anos*, op. cit., p. 43.

<sup>13</sup> QUEIROZ, R & QUEIROZ, M<sup>a</sup> (2010), *Tantos anos*, op. cit., p. 43.

de los 30<sup>14</sup>. La autora personifica en Roberto, el amante de Noemi, la protagonista, muchas de sus experiencias. Al igual que le pasó a él en la novela, la autora se encargó de recuperar el antiguo “Bloco Camponês”, es decir, tuvo la misión de crear una célula del PC en la ciudad de Fortaleza. Queiroz también ha participado en muchas reuniones y manifestaciones comunistas, estas se hacían en clandestinidad; había que tener mucho cuidado con los papeles, los documentos, los libros, etc.

<sup>14</sup> El 3 de noviembre de 1930, la junta militar pasó el poder a Getúlio Vargas y éste se convirtió en Jefe del Gobierno Provisorio con amplios poderes. La constitución de 1891 fue anulada por Getúlio, y se gobernó a través de decretos.

<sup>15</sup> Vid. FRANCESCHI, Antônio F (Org). (1997), op. cit., p. 127; BRUNO, Haroldo (1977), *Rachel de Queiroz*, Rio de Janeiro, Cátedra, pp. 106-107. Entrevista de Felipe Araújo con Raquel de Queiroz, titulada: *Os Anos da Razão*, op. cit. y la entrevista de Rachel de Queiroz, publicada en la Revista Brazzil, sob el título de “Uma Doce Anarquista”. (Traducida del inglés por Maria Esther Torrinho). <http://www.brazzil.com/p25dec96.htm>.

<sup>16</sup> CBL (1997), op. cit., p. 36. (La traducción es mía).

Rachel de Queiroz, ha presenciado muchas detenciones de sospechosos, algo muy común por entonces. Ello lo refleja en la obra en la que se encuentran diversos relatos sobre la entrada en prisión de algunos de sus camaradas del PC. La propia autora fue encarcelada muchas veces durante su militancia en el Partido Comunista<sup>15</sup>.

Las obras de Queiroz son ricas en detalles históricos, relata todas sus vivencias en Fortaleza y en Río de Janeiro, allí ambientó partes de algunas de sus novelas. Rachel, en una entrevista concedida a la revista *Cadernos de Literatura Brasileira*, acerca de la presencia del regional en su obra, comenta: “la ficción funciona así, no salimos de nuestro origen, no importa donde estemos”<sup>16</sup>.

A través de cada uno de los personajes cuenta la historia de diferentes formas de vivir, unos modos que con total seguridad presenció durante su militancia comunista. Lo curioso es que en la vida real, la escritora y su grupo militante también se reunían en la Praça da Estação do Méier para participar en los mítines o debates comunistas. Una vez más nos encontramos con otro rasgo autobiográfico. También nos cuenta las artimañas para burlar a la policía.

El narrador discute la socialización sexual de la mujer en el sexto capítulo. La escritora nos muestra la mentalidad de muchos hombres de aquella sociedad de la década de los 30. A la mujer se la adoraba y se la deseaba solamente por su belleza, se la trataba como a un objeto sexual, cuyo fin era darle placer al hombre. E incluso eso chocaba con sus propios compañeros de partido, que aunque se presuponía que debían tener una mentalidad mucho más abierta a favor de la igualdad de género, sin embargo mostraban muchos prejuicios.

– Entran para o movimento pensando que há mesmo socialização de mulheres... E escolhem logo as burguesas mais finas e de luxo...[...] disse Judeu. – Socialização de mulheres, ah, ah, ah! – respondeu Samuel. Filipe interveio, aborrecido: – Não irrite o outro com besteiras, Samuel. Você é pau como o diabo!<sup>17</sup>

Este pasaje también nos permite reflexionar sobre las ideologías y las propagandas del Comunismo, que plegaba igualdad y libertad a sus militantes aunque en realidad esa socialización de la mujer nunca existió para el Partido, pues lo que deseaban era reprimir un poco la furia del feminismo y atraer a las feministas para el grupo, ilusionándolas con falsas promesas<sup>18</sup>.

En el fragmento anterior Rachel muestra la dificultad que las militantes tenían dentro del grupo, aunque los camaradas defendiesen la socialización de las mujeres, muchas veces ellas se sentían defraudadas con la mentalidad de algunos hombres y miembros del PC. Muchos de ellos no creían en la igualdad dentro del bloque, veían las mujeres como objeto sexual a la cual podían acercarse y tener relaciones. Puede eliminar esto porque repite las ideas anteriores.

Queiroz a través de Roberto, el periodista refleja rasgos autobiográficos de la escritora, relata sus idas y vueltas a Fortaleza, su particular visión de la ciudad en la que nació y creció. Su vuelta a Ceará,

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>18</sup> KOLLONTAY, Alejandra (1993), *Marxismo y Feminismo*, Madrid, Instituto de Investigaciones Feministas – Universidad Complutense de Madrid, p. 19.

tras su paso por Río, su profesión, el puesto de trabajo que iba a ocupar, etc. La escritora fue periodista durante muchos años en los dos periódicos de Fortaleza *O Diário* y *O Correio*, en los que Roberto trabajó. Al igual que Roberto, Rachel también se quejó siempre del sueldo miserable que le pagaba el periódico. Además de haber sido recibida por un operario al entablar contacto con el Partido en Río de Janeiro.

Las cartas de recomendación es otro punto que el personaje y su autora tienen en común, pero hicieron el camino al revés, Roberto tuvo que presentarse en Fortaleza y la novelista fue a Río de Janeiro a establecer contacto con los representantes del partido carioca, allí llevó con ella una carta de presentación y recomendación para que los camaradas las tuviesen en cuenta y la hiciesen secretaria del partido en Fortaleza.

Otros dos datos autobiográficos en Roberto se encuentran en su gran afición por las hamacas. La escritora dejó siempre muy claro su amor por una red, hasta en su piso de Río de Janeiro puso una para seguir con su rutina del campo. Cosas del destino, Rachel en el día que falleció también murió en la hamaca en el balcón de su piso en la Capital Carioca. También

<sup>19</sup> Es una habitación que no tiene división: salón, cuarto, cocina, la única habitación que está separada de las demás es el cuarto de baño.

<sup>20</sup> QUEIROZ, R (2010), *Tantos anos*, op. cit., p. 40.

mantienen un gusto en común por el *sobradão*<sup>19</sup>, en la obra Roberto vive en uno viejísimo cerca del paseo público. Y la cronista, como nos indica su hermana en *Tantos Anos*, también ocupó un *sobradão* cuando vivió en Fortaleza y no podía quedarse en el Pici por la distancia que había hasta su trabajo, en vez de alquilarse una casa alquiló un sobrado.

Entre esse contatos, recordo o pedreiro Oliveira, um dos participantes mais ativos e interessados; havia também um rapaz de olhos verdes, de cujo nome não me lembro, empregado na Estrada de Ferro. E, principalmente, havia o meu amigo Laudomiro Pereira, bancário, muito culto, já absolutamente politizado. Aliás, descrevi todos eles (com outros nomes) no romance *Caminho de Pedras*. Enfim, já formávamos um núcleo, cujo contato principal, por meio intermédio, era Hyder, que também já “trabalhava”, embora não pertencesse ao Partido<sup>20</sup>.



Esta novela se inspira en el ideario estético-marxista. RQ usa un método mimético, un poder de representación para relatar la realidad social y se muestra partidaria, de un tiempo histórico y de un espacio geográfico. La autora profesa postulados nítidamente socialistas, y llega incluso a transportarlos para el texto, aporta esas experiencias partidarias que vivió en la época en la que fue una camarada del Partido Comunista. La periodista y escritora muestra que cada uno de sus personajes tiene un poco de ella y de la realidad que ésta presenció durante su militancia (Noemi, Roberto, Angelita, Filipe y Rufino). Estos personajes representan los primeros tiempos de Rachel en el partido comunista, el amor a la causa, el tiempo que estaba dispuesta a matar y a morir por el PC, así como aceptar todas las sumisiones. Cuanto más le exigía el partido, más se sometía. Fue la primera fase de su militancia, la fase de las inquietudes, del deseo de justicia social, la presencia el lado heroico, ilegal, de un partido que en aquellos momentos seducía a los jóvenes inquietos y justicieros.

Meu comunismo àquela época, era um desaguadouro para essas inquietações, esse desejo de justiça social, de justiça particular, de justiça privada, de justiça com jota grande, que todo jovem generoso tem. E, naquele momento, o desaguadouro para todas essas ansiedades, decepcionada como estava a mocidade com a revolução de 30 – já estávamos em pleno getulismo – era o comunismo, o socialismo. Havia também esse lado heróico, ilegal, que o Partido tinha naquele momento e que seduzia os jovens<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> CBL, op. cit., p. 78.

Durante los primeros años del PC era necesario dar pruebas de lealtad y Rachel lo relata perfectamente en el libro a través de Noemi. Era menester dar pruebas durante años, principalmente en lo que se refería a la sumisión ideológica al estalinismo<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> QUEIROZ, R (2010), *Tantos anos*, op. cit., p. 77.

De igual manera y a través de otros personajes: João Jaques y Assis, describe lo mucho que le defraudó el Partido y su ruptura con él. Muestra el punto de vista más reaccionario del PC, lo que le hizo abandonar el grupo. En esta obra, su disidencia y ruptura con el partido se representan

a través de los dos personajes antes mencionados. Cuando el grupo empezó a atraparla, a pedirle explicación de su vida personal y su obra, a obsesionarse con la ropa y a exigirle que se dedicase exclusivamente a la causa. Se vio obligada a pedir permiso para cualquier cosa que deseara realizar, incluso tenía que consultar la opinión de sus compañeros para temas menores.

Disgustada con el Comunismo, Rachel no dudó en abandonarlo cuando se sintió amenazada, cuando sintió que su autonomía intelectual estaba amenazada y su libertad de creación frente a la inapelable censura de su segundo libro. En 1932, el Partido Comunista vetó su segunda novela *João Miguel*. Justo antes de salir a la luz, se informó a la escritora de que la obra debería ser sometida a un comité antes de su publicación.

Al narrar la historia de Jaques, Queiroz hace una analogía a la historia de su primer marido, José Auto, salvo que Zé Auto no era comunista, asistía a las reuniones como oyente, pero no hacía parte de la “Quarta Internacional”. Rachel cuenta en el libro que Jacques tras su prisión, las palizas y el hambre sufridos en el tiempo de la cárcel desertó. Como Rachel pasó a ser considerado “traidor” y “elemento frágil” por los miembros del PC. En 1934, prendieron a Zé Auto, esta vez más de un mes, aunque no fuera militante. Cuando salió de la cárcel y regresó a casa, volvió muy amargado, disgustado, y rebelde, por lo que no quiso seguir en Sao Paulo y pidió traslado a Ceará.

En los capítulos 13 y 14 de la novela se describe la experiencia de la prisión de muchos de los elementos de la Cuarta Internacional. Así nos narra la prisión de Aristides Lobo, Mário Xavier, y muchos otros, a los

<sup>23</sup> QUEIROZ, R (2010), *Caminho de pedras*, José Olympio, Rio de Janeiro, pp. 84-86.

que los soltaban casi un mes después: “Roberto fora preso? [...] Quem mais? Naturalmente Samuel, Paulino, Filipe... Filipe nao? [...] Os outros ainda estavam presos”<sup>23</sup>.

En la crónica “Um pão por dia”, Rachel de Queiroz comentó su ingenuidad en la época en la que formó parte del PC: la revolución no se

mostró realizable, y las naciones comunistas acabaron transformándose en tremendas fábricas de corrupción y tiranía<sup>24</sup>.

Noemi es la única protagonista de sus novelas que no tiene raíces en el medio rural, nace y se cría en la ciudad de Acre<sup>25</sup>; después de casarse, se va a vivir a Fortaleza.

El viaje de João Jaques, personaje de la novela al Norte de Brasil simboliza el año 1915 cuando la escritora junto a sus padres, huyendo de la sequía, se fueron a vivir a Belém de Pará. Una aventura y un mundo diferente del suyo de Fortaleza<sup>26</sup>.

La capital Cearense es el segundo espacio buscado por la protagonista en su lucha por la autoafirmación. Se siente oprimida por el medio limitado de origen, parte para la ciudad grande en búsqueda de un espacio más propicio para sus aspiraciones existenciales<sup>27</sup>. De igual manera hizo Rachel, se fue a Río de Janeiro, en búsqueda de autoafirmación y mejora profesional y personal. Al igual que Noemi que tras su matrimonio dejó Acre, Queiroz al casarse con su primer marido, también dejó la ciudad de Fortaleza y se fue a vivir con él en Bahía, Maceió y Río de Janeiro<sup>28</sup>. La vida itinerante de Rachel fue de extrema importancia para su crecimiento personal y profesional. A través de sus viajes conoció mucha gente e hizo sólidos lazos de amistad que fueron de fundamental importancia para su trabajo como cronista y novelista. Ambas sentían que el medio las limitaba y buscaron su espacio, su autoafirmación cosa que el sertão y el Acre no les hubieran proporcionado así como ningún joven aldeano<sup>29</sup>.

La familia Queiroz, al igual que la familia de Noemi, era una familia muy grande<sup>30</sup>. Rachel en *Caminho de pedras* contó la historia de su abuela paterna, gran matriarca del sertão.

<sup>24</sup> QUEIROZ, R. de (2002), “Um pão por dia”, Estado de São Paulo, (01 de junho).

<sup>25</sup> Ciudad Brasileña al Norte del País, cerca de la Amazonía.

<sup>26</sup> QUEIROZ, R, *Tantos años*, op, cit., p. 26.

<sup>27</sup> BARBOSA, Maria de Lourdes Leite (1999), *Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos*, Campinas, Pontes, p. 77. (La traducción es mía).

<sup>28</sup> Véase, las páginas del primer capítulo Síntesis Bibliográfica y Trayectoria Literaria de Rachel de Queiroz.

<sup>29</sup> HOLLANDA, Heloisa, op. cit., p. 18.

<sup>30</sup> BARBOSA, Maria de Lourdes (1999), op. cit., p. 22. (La traducción es mía).

La protagonista, a pesar de tener una familia grande, se considera huérfana de madre viva y viuda, le tuvo ya con una edad muy avanzada. Pero la orfandad de Noemi significó una forma de libertad y de desamparo. Ella al perder a su padre y quedarse huérfana de madre, aunque esta estuviera viva, se vuelve desde muy temprano la única responsable de su destino. Otra posible lectura permitida se da en que por el simple hecho de que la protagonista pertenezca al sexo femenino, se sienta huérfana, y lo hace por el contexto sociocultural en el que le tocó vivir.

Para Poullain la desigualdad educativa entre mujeres y hombres no se inicia a causa de la reproducción sino de la extensión de la familia. La extensión de la estirpe está, pues, en el origen de la división sexual y funcional del trabajo. Las mujeres cuidan de la casa y de los sus y los varones se ocupan de la subsistencia familiar. Los hijos, por su parte, deben reproducir las tareas de los padres y las hijas las de sus madres. Al mismo tiempo, todo este proceso se ve acompañado de la interiorización por parte de las mujeres de las normas y de las costumbres, lo que también debía darse por parte de todos. Es decir, la subordinación de las mujeres se realiza en la evolución de la institución familiar, al imponer a los individuos roles sociales: tiranía de los padres y maridos, y la interiorización por parte de las madres y de las hijas de una dominación masculina<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> POUILLAIN de la Barre, F (1984), *De l'égalié des deux sexes; discours Physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés*, Paris, Fayard, p. 111. (La traducción es mía)

El pensamiento de Poullain confirma lo antes mencionado. La protagonista, sin el modelo materno para seguir, no pudo internalizar la subordinación ni la dominación masculina, costumbres pasadas de madres a hijas. Así, ella crece libre y dueña de su propio destino. Queiroz heredó de su padre su comportamiento rebelde, la capacidad para vivir como una adelantada de su tiempo. Dr. Daniel era profesional liberal y le inculcó su visión gracias a las lecturas revolucionarias. En esa época, también era común que todas las familias acomodadas tuviesen una buena biblioteca y disfrutasen de la lectura de muchos escritores extranjeros. De este modo Rachel tuvo contacto con las ideologías comunistas y las ideas de igualdad de género.

Estas dos mujeres, protagonista y autora, entrelazan sus vidas, nacieron y se educaron en una sociedad patriarcal, sus ascendentes les pasaron sus tradiciones y comportamientos, se educaron como niñas conociendo la “subordinación” al hombre. Se casaron, ambas fueron madres y perdieron a sus hijos, ambas se divorciaron, y encontraron el amor en los brazos de sus compañeros de ideología, y ambas fueron militantes políticas. Ambas transgredieron contras las normas impuestas por la sociedad brasileña, y son consideradas transgresoras y mujeres malditas.

Esta novela desfila entre el contexto de la revolución y de la lucha femenina contra los prejuicios y las ataduras de las convenciones dictadas por la clase dominante. Queiroz nos enseña aspectos muy importantes en esta obra, nos hace reflexionar sobre el drama de los personajes femeninos dentro del contexto político, social, educativo y familiar representado. La familia aquí, como en todas sus obras corresponde al modelo jerárquico, basado en la desigualdad y en la diferencia de privilegios entre sus miembros.

Mientras el hombre tiene el privilegio del acceso público y puede afirmarse a través de los proyectos que en él desarrolla, la mujer “está encerrada en la comunidad conyugal”, el hogar es el lugar donde su ser acontece, donde su vida cobra sentido y desde donde se define esa perspectiva, el hogar adquiere un sentido casi ontológico: la mujer como “ser en su casa”<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> MOLINA, P (1994), *Dialéctica Feminista de la Ilustración*, Barcelona, Anthropos, p. 135.

<sup>33</sup> BOURDIEU, Pierre, op. cit, p. 126. (La traducción es mía).

La verdad de las relaciones estructurales de dominación sexual se deja realmente entrever a partir del momento en que observamos, por ejemplo, que las mujeres que alcanzaron los más altos cargos (...) tienen que “pagar”, de cierto modo, por este éxito profesional con un más pequeño “éxito” en el orden doméstico (divorcio, boda tardía, celibato, dificultad o fracasos con los hijos, etc.) y en la economía<sup>33</sup>.

Noemi casada y madre de un niño, no tenía la ayuda de João Jaques, él no le ayudaba con los quehaceres domésticos, ni en los cuidados del hijo. Ella solo contaba con la ayuda de su comadre. Mientras Noemi trabajaba en el estudio de fotografías, la comadre se encargaba de la casa y de Guri.

Cuando Rachel contrajo matrimonio con José Auto, estos se fueron a vivir a Itabuna-Bahia. Allí estaban lejos de la familia y de los amigos. La escritora confiesa que se sentía muy sola, porque aunque el marido fuera bueno y afectuoso no era una persona solícita. Entonces se sentía en un total desamparo, igual que su personaje. Según ella, fue entonces apareció en su vida una de las personas que le marcó profundamente, una persona muy buena, generosa y maternal. Se llamaba Carmelita. Carmelita era como la comadre de Noemi, era la cocinera, la limpiadora y la niñera.

Rachel, como sabemos, en el intento de superar el dolor de la pérdida de dos seres queridos, decidió volver al Ceará y trabajar en una empresa judía de exportación, la empresa llamada G. Gradhvol et Fils<sup>34</sup>. Así como Noemi, nuestra novelista también estuvo algún tiempo trabajando en el comercio.

<sup>34</sup> HOLLANDA, H (2004), *Rachel de Queiroz*, op. cit., p. 18.

El trabajo y la familia eran como una propia definición del personaje Noemi. Rachel en esta obra nos muestra el trabajo de la protagonista como un elemento que le posibilita la independencia y que al mismo tiempo genera problemas como la desestructuración familiar. Noemi desarrollaba sus funciones públicas: laborales, políticas, económicas, mientras que la mayoría de las mujeres se centraban en el ámbito privado, en el que tenían como eje la familia y el cuidado de los suyos.

También ya formaba parte del PC y fue una mujer que participó activamente de la política de Brasil, participando de las reuniones, distribuyendo panfletos por la madrugada en las calles. Pero, de igual manera tenía su marido, su casa y su hija. Y tuvo que aprender a conciliar la doble jornada, igual que Noemi en *Caminho de Pedras*.

En la novela, la autora nos muestra que el matrimonio de Noemi y Jaques había llegado a su fin. Llevaban días sin hablarse y cuando el marido

intenta tener relaciones con ella, le muestra que el sexo entre ellos ya no tiene sentido y que era inútil, que ya no merecía la pena seguir juntos. Ese impacto que la militancia promueve en la vida de Noemi acaba haciendo incompatible su relación con alguien que, desencantado, sólo consigue mofarse y combatir esa misma militancia. El alejamiento de João Jaques es natural y, como se ve, es desencadenado por la cuestión ideológica<sup>35</sup>. Al matrimonio de Rachel y Zé Auto le paso lo mismo, una vez que este fue a la cárcel en São Paulo, cuando fue liberado no quiso más saber de ideales políticos y ni de la reuniones del partido. Suponemos que a lo mejor también intentó convencer a la mujer de dejar el grupo, pero en esa época, la escritora estaba muy ciega y embocada con el PC.

Esa confusión entre emancipación social y emancipación sexual se explica por Joana Courteau (1985:131), a través del pensador socialista Even Fourier, para quien el cambio del marido por el amante era el único acto de libertad que la mujer casada tenía, una vez que, hasta principios de siglo, su voz no tenía apenas valor, ni tan siquiera en la elección de su propio esposo<sup>36</sup>.

Noemi al enamorarse por Roberto, revela al lector el enfrentamiento que se forma entre la tranquilidad de la casa y el desafío de la calle o sea, la marca que la familia, con sus tradiciones, impone a la mujer transformando en una especie de culpa lo que el personaje femenino de Rachel de Queiroz comienza a cuestionar en la década de 30<sup>37</sup>.

Comienza el castigo social por el acto de coraje de Noemi. El jefe, hombre conservador y patriarcal se muestra descontento con ella, cuando esta rompe su matrimonio con Jaques y se va a vivir con su amante y compañero de partido, y además se hace militante y comunista. El señor Benevides es la personificación del autoritarismo, del patriarcalismo, el típico hombre blanco y burgués.

<sup>35</sup> CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de (1997), *Romance Proletário em Rachel de Queiroz ou vendo o lado de fora pelo lado de dentro*, p. 30. (La traducción es mía).

<sup>36</sup> COURTEAU, Joanna (1985), "The problematic – heroines in the novels of Rachel de Queiroz", in *Luso Brazilian Review*, vol. 22, Winter, p.131. (La traducción es mía).

<sup>37</sup> SOUZA, Patrícia Alcântara de (2008), *Marias de Rebel de Queiroz: recorridos femeninos em O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina*, Góias, Universidade de Góias, pp. 57-58. (La traducción es mía).

La sociedad la condenaba porque en la década de los 30, el matrimonio debería ser indisoluble, y era responsabilidad de la mujer conservarlo, aunque para ello tuviese que reprimir sus sentimientos más espontáneos<sup>38</sup>. Noemi da continuidade al proceso de concienciación ideológica iniciado por muchas mujeres que al final no tuvieron el coraje suficiente de dar un paso al frente.

<sup>38</sup> BARBOSA, M<sup>a</sup> de Lourdes (1999), *Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos*, op. cit., p. 56. (La traducción es mía).

Rachel también se separa de su marido José Auto da Cruz Oliveira en 1939. En este periodo aún no existía el divorcio, pues el Congreso todavía no había aprobado la Ley del Divorcio entre las parejas en Brasil. No tenemos ningún indicio de que su jefe de la empresa de exportación la echara a la calle por haber iniciado un proceso de separación. Pero, quizá dejó Fortaleza para hacer el proceso de separación en Río de Janeiro, porque como la capital cearense era una ciudad pequeña, allí el proceso de divorcio sería más difícil y doloroso para la familia y para ella, ya que eran personas conocidas en la ciudad. Consumado la separación, Rachel empezó a vivir con el médico Oyama de Macedo, su compañero y cómplice de ideales.

Desempleada, se sentía doblemente humillada, primero por la discriminación que le hicieron pasar en la tienda y después porque al perder el empleo ella y el hijo tenían que depender de Roberto. Pensó de inmediato en la discusión que tuvo con el ex marido, cuando este le dijo que jamás dejaría que su hijo fuera mantenido por otro hombre.

Los compañeros de partido que parecían personas más abiertas también comentaron la conducta de los dos enamorados.

Así como la protagonista, la autora quizás haya pasado por los mismos prejuicios y comentarios, porque ambas estuvieron separadas, en una década que aún no existía la ley que apoyara el divorcio, ambas militantes y ambas mujeres en un mundo machista y conservador. No podía ser distinto en una época en que el epíteto de “mujer separada” ya era un estigma, más aún, que si esta misma mujer fuese militante del partido comunista y compartiese su vida con un camarada.



La ficción racheliana aún guarda otras particularidades que envuelven la construcción femenina. Todas las novelas cargan en sí el fatalismo y la ausencia de un final feliz. La busca de la libertad por las letras o por las armas impone la soledad a sus personajes. La libertad de autodeterminarse pide a ellas el sacrificio de la constitución de la familia y de la maternidad. Es el precio que pagan por la rebeldía<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> ABREU, Laile Ribeiro de, *Rachel de Queiroz e sua escrita sertaneja*, UFMG, Minas Gerais p. 3. (La traducción es mía).

Para completar su aflicción, Guri, su único hijo, se pone enfermo y muere. Se trata de un acontecimiento trágico que, sin estar relacionado directamente con su decisión, aumenta profundamente su agonía por la idea de castigo. Se siente denigrada, estéril e inútil, Noemi se entrega al más oscuro de las desesperaciones.

En 1935, la única hija de Queiroz también fallece con apenas 18 meses, víctima de septicemia. Un acontecimiento muy duro para la escritora. Igual que Noemi, pierde su único hijo víctima también de una enfermedad, que según los síntomas, podía ser la misma enfermedad que tuvo la hija de la escritora porque también se murió en un espacio de veinticuatro horas, y esta personifica la muerte de su niña en la de Guri.

A continuación, y para terminar el ciclo de desastres, Noemi y a Roberto fueron detenidos durante la madrugada por distribuir panfletos y además, a él lo enviaron a una colonia penal del Sur y con ello aumentó el número de pérdidas de la protagonista. Totalmente abandonada, sin dinero, sin empleo y vivirá unos días de miseria.

En 1934, atraparon y llevaron a la cárcel a todo el grupo trotskista, menos a Rachel de Queiroz porque tenía una hija pequeña, a la que todavía le daba de mamar, y por ello los policías le dejaron en casa. Así como le ocurre a su personaje su hija la salvó de ser encarcelada pero acabó en prisión muchas veces, aunque algunos periodos entre rejas fueron muy cortos. Al igual que Roberto y Noemi, la escritora tuvo que despertar en muchas ocasiones de madrugada y distribuir panfletos revolucionarios. Cada vez que salía de prisión carecía de dinero, lejos de casa y sin el apoyo

de sus compañeros de partido. De igual manera se sintió innumerables veces Rachel de Queiroz: “Já era membro do partido e vinha estabelecer contatos, receber palavras de ordem e material de propaganda [...]. Era mister dar provas durante anos”<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> QUEIROZ, R., & QUEIROZ, M<sup>a</sup> Luiza (2010), *Tantos anos*, op. cit., pp. 41 y 77.

En este silencio individual, tenemos a Noemi, para quien la libertad en el inicio tenía el sabor a esperanza, la posibilidad de una vida nueva, llena de descubrimientos, pero después se vuelve la dicha se convierte en dolor. Como ya mencionamos anteriormente, la protagonista estaba casada con Jaques, tenía un matrimonio estable, pero encuentra en Roberto el amor ya ausente en su relación matrimonial, pues el nuevo compañero le completa las ideas y las aficiones. Al enamorarse de otro hombre entra en un complejo conflicto interior.

El sufrimiento se ve como sacrificio y renunciar a la libertad interior es lo peor de todos los sufrimientos, porque se trata de la negación de la vida.

A diferencia de muchos mortales, Rachel muestra en esta novela que el matrimonio no es la solución para los problemas. Noemi intenta realizarse a través de él; sus intentos por ser una buena esposa y buena madre, sin embargo, resultarán un fracaso. Aún presionada, la protagonista intenta encontrar maneras alternativas de realización, además de aquellas que por supuesto tenía permitidas.

En el capítulo 27 que es el último capítulo de la novela, hay otro pasaje muy significativo y simbólico. La escritora hace una analogía entre la lucha de la protagonista y las palabras de libertad escritas por Roberto en un muro abandonado. La escena narrada es la de Noemi que al salir del nuevo trabajo, coge un trayecto y este camino la lleva a un muro, que contiene palabras escritas por Roberto. El personaje caminaba hacia su casa cuando tuvo que parar para tomar aire y reconoció la letra del amante en las palabras escritas en el muro del Gasômetro, el mensaje estaba casi apagado, ya casi no se veía lo que estaba escrito, pero Noemi sabía que aquellas palabras habían salido de la mano de su Roberto. El mensaje

decía: “Libertade para...”Liberdade para quem? O nome não se lia mais. O protesto ousado e anônimo ia se apagando, sumindo”<sup>41</sup>.

La protagonista inicia la novela buscando su tan soñada libertad y autorrealización, para encontrarla luchó con lo establecido y enfrentó la sociedad de Fortaleza. Tenía ganas de conocer el mundo, de aprender cosas nuevas, de amar intensamente a Roberto, de poder ser dueña de su vida y destino, después de un año, con largos meses infelices, sus ganas y su ansia de libertad, de lucha se fueron apagando, sumiendo igual a las palabras de protesta del amante. Ahora lo que le quedaba era el coraje de sobrevivir como fuera.

Noemi y su desamparo, su soledad, privada de las relaciones con el marido, el amante, los antiguos compañeros de partido y de trabajo. Con ese desplazamiento de la perspectiva de la narrativa, antes el foco era el Partido Político como el fulcro de la acción, ahora pasa a ser el mundo particular de la protagonista, *Caminho de Pedras* constituye un paso adelante en el proceso creciente de interiorización en la obra de Queiroz, sobre todo, en aquello que se resalta de la psicología femenina. Parte de una problemática individual sobre los compromisos tomados para con la sociedad, el individuo se vuelve social.

En la novela vemos un enfrentamiento establecido entre el estereotipo de la mujer antigua, presa a las tradiciones culturales, representada en la obra y analizada por los personajes secundarios, y de la mujer nueva, que refleja críticamente la condición de sumisión en que vive, representada por la protagonista. Rachel de Queiroz crea sus personajes, tanto los secundarios como la protagonista, como testigos de los cambios de cuño político, religioso, y social en el campo de la cultura del decenio de los años 30, que dividía el periodo conocido como República Vieja y Estado Nuevo<sup>42</sup>.

La dicotomía entre esa mujer antigua y de la mujer nueva es revelada principalmente por medio del recorrido entre el pueblo y el

<sup>41</sup> QUEIROZ, R (2010), op, cit., p. 152.

<sup>42</sup> SOUZA, Patrícia Alcântara de (2008), *Marias de Rachel de Queiroz: percursos femininos no O Quinze, As Três Marias e Dôra*, Doralina, op. cit., p. 49.

urbano. Esta observación se da principalmente en el enfrentamiento entre el comportamiento de la protagonista y lo de los personajes femeninos secundarios, pero también emergen en los conflictos existenciales de la propia protagonista<sup>43</sup>.

Joana Courteau (1985:133) relata que a Noemi la salvaron de una derrota total, de la inutilidad, de la desesperación por su destino biológico: la maternidad. Aunque se coraje que siempre tuvo de romper cadenas,

<sup>43</sup> SILVEIRA, (1984), apud CHIAPPINI, 2002, p. 158.

<sup>44</sup> COURTEAU, Joana (1985), op. cit., p.133, y BARBOSA, Maria de Lourdes Dias (1999), *Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos*, op. cit., p. 87. (La traducción es mía).

<sup>45</sup> HAROLDO, Bruno, op. cit., p. 65. (La traducción es mía).

<sup>46</sup> CHEVALIER, Jean y Gheerbrant, Alain (1993), *Dictionnaire des symboles*, Paris, Éditions Robert Laffont, p. 378. (La traducción es mía).

<sup>47</sup> Op. cit., p. 599. (La traducción es mía).

en un tiempo en el que las mujeres apartadas de sus parejas se veían con malos ojos por la sociedad, y pocas cargaban ese estigma, sirve de ejemplo y abre el camino para los cambios que, poco a poco, se consiguen concretar<sup>44</sup>.

La obra concluye con la escena en la que Noemi sube una rampa, indiferente, enigmática, sintiendo el embarazo como una contingencia, o como una esperanza, símbolo de continuidad y renovación<sup>45</sup>. Ella lleva en el vientre el hijo de Roberto, sube despacito una ladera. La subida es un símbolo de ascensión, el conocimiento de una elevación integrada de todo el ser<sup>46</sup>, y la matriz (útero) “está universalmente atada a la manifestación, a la fecundidad de la naturaleza y a regeneración espiritual”<sup>47</sup>.

Rachel al terminar la obra con la protagonista embarazada ofrece simbólicamente una representación de esperanza. En tiempos revueltos, de hambre, sufrimiento, que esta mujer pueda dar a luz y traer a este mundo malherido un nuevo ser y una nueva vida representará la nueva generación. Pero esto no quiere decir que esté representando o se encuentre afirmando el papel biológico de la mujer. Es simplemente simbólico, la escenificación de comienzo de una vida nueva. Después de presenciar tantas cosas malas, reacciona con un mismo espíritu de indignación y rebeldía en una

sorda irritación contra el inconsciente egoísmo y plácido bienestar de la burguesía. Así, se siente libre pese a la miseria y desolación presentes, que le impulsaron a iniciar una nueva vida.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Laile Ribeiro de. *Rachel de Queiroz e sua escrita sertaneja*. Belo Horizonte: UFMG, p. 3.

BARBOSA, Maria de Lourdes Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos*, Campinas: Pontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, 4ª. ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 126.

BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1977.

CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. “Romance proletário em Rachel de Queiroz vendo o lado de fora pelo lado de dentro”, *Revista de Letras*, Curitiba, UFPR, n.º. 47, 1997, p. 27-28.

CASTRO, R. F. “Los intelectuales trotskistas los años 30”. In: REYES, D. A. *Intelectuales, historia y política*, Río de Enero: 7 letras, 2000, p. 140.

CHEVALIER, Jean y Gheerbrant, Alain (1993), *Dictionnaire des symboles*, Paris, Éditions Robert Laffont, 1993, p. 378.

COURTEAU, Joanna. “The problematic – heroines in the novels of Rachel de Queiroz”. In: *Luso Brazilian Review*, vol. 22, Winter, 1985, p.131.

DUARTE, Eduardo de Assis (1999), “Rachel de Queiroz: mulher, ficção e história”. In: ANAD, Sílvia (Org.). *Mulheres: cinco séculos de desenvolvimento na América (capítulo Brasil)*. Belo Horizonte: FIFCH, 1999, p. 389.

DUTRA, Eliana. *O ardil autoritário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997, p. 23.

FRANCESCHI, Antônio F (Org.). *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles. 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Agir, 2004(Coleção Nossos Clássicos).

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Global, 2005 (Coleção Melhores Crônicas).

KOLLONTAY, Alejandra. *Marxismo y Feminismo*. Madrid: Instituto de Investigaciones Feministas-Universidad Complutense de Madrid, 1993, p. 19.

MOLINA, P. *Dialéctica feminista de la ilustración*. Barcelona: Anthropos, 1994, p. 135.

POULLAIN de la Barre, F. *De l' égalité des deux sexes; discours Physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés*. Paris: Fayard, 1984, p. 111.

QUEIROZ, Raquel. De. "Um pão por dia". Estado de São Paulo, SP. 1 de junho, 2002.

\_\_\_\_\_. *Caminho de pedras*, José Olympio, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_, & QUEIROZ, Maria Luisa de. *Tantos Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SOUZA, Patrícia Alcântara de. *Marias de Rachel de Queiroz: recorridos femeninos em O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina*. Goiás: Universidade de Goiás, 2008, p. 57-58.

## O Emprego Doméstico e as Relações de Gênero no Mundo do Trabalho

*El Empleo Doméstico y las Relaciones de Género  
en el Mundo Laboral*

*Domestic Work and Gender Relations in Labor World*

**Maria Cristina Maneschky**

**Resumo:** com base nas análises sobre as atuais configurações da divisão sexual do trabalho, de Helena Hirata e Danièle Kergoat(2007), discutem-se os significados do emprego doméstico feminino na sociedade brasileira, enquanto, ao mesmo tempo, cresce o número de trabalhadores domésticos em países desenvolvidos. Argumenta-se que esse aumento deve-se à continuidade da ordem social de gênero, conforme conceitua Nancy Fraser. (1997). Trata-se das formas pelas quais, no capitalismo, cuidados e trabalhos são organizados - e separados - assim como se definem as categorias de pessoas que se ocupam de uns e outros e as políticas sociais.

**Palavras-chave:** mulheres, trabalhadoras, domésticas, gênero, cuidados.

**Resumen:** en base a los análisis sobre las actuales configuraciones de la división sexual del trabajo, de Helena Hirata y Danièle Kergoat, se discuten los significados de empleo doméstico femenino en la sociedad brasileña, mientras, a la vez, crece el número de trabajadores domésticos en países desarrollados. Se argumenta que esa importancia se debe a la continuidad del orden social de género, según Nancy Fraser. Se trata de las formas por las que, en el capitalismo, cuidados y trabajos están organizados - y separados - así como se definen las categorías de personas que se ocupan de los unos y los otros y las políticas sociales.

**Palabras claves:** mujeres, trabajadoras, domésticas, género, cuidados.

**Abstract:** Helena Hirata and Danièle Kergoat's (2007) analyses of the current configurations of gendered division of labor ground the discussions held on the meanings that have been assigned to the female domestic worker in Brazil in the present study. It also registers an increase in the number of domestic workers in the developed countries. It argues that this increase is due to the continuity of the gendered social order as conceived by Nancy Fraser (1997). Within capitalism, the gendered social order organizes caring services and work – and separate them – and determines who undertakes which position as well as the proper social policies in this order.

**Keywords:** women, female workers, domestic female workers, gender, cares.

---

---

**Maria Cristina Alves Maneschky** é Doutora em Sociologia (Université Toulouse Le Mirail, França). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Biologia Ambiental. Pesquisadora Associada do Instituto Tecnológico Vale Desenvolvimento Sustentável. É membro do ICSF - International Collective in Support of Fishworkers, rede de pesquisadores, técnicos, professores e ativistas comunitários envolvidos com questões de interesse dos trabalhadores da pesca, inscrita na lista de ONGs internacionais da Organização Internacional do Trabalho e reconhecida pela FAO. Participa, também, do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEM/UFPA).

**E-mail:** [cristina@ufpa.br](mailto:cristina@ufpa.br); [maria.maneschy@vale.com](mailto:maria.maneschy@vale.com)

---

---

## INTRODUÇÃO

Os empregados domésticos constituem uma categoria de trabalhadores e, especialmente, de trabalhadoras, que historicamente é invisível, socialmente falando e, mesmo, fisicamente, uma vez que desenvolvem suas tarefas geralmente de modo solitário, nas “áreas de serviço” das residências. Textos importantes da literatura brasileira trataram dessa personagem com grande sensibilidade, valendo lembrar aqui uma pequena amostra que focaliza a realidade de décadas passadas: *Sonho de Moça* e *Velas por Quem*, respectivamente de Cora Coralina e de Maria Lúcia Medeiros. Solidão, sonhos limitados, destinos que passavam de mãe para filha, sobressaem em ambos os contos.

No Brasil hoje, com grande atraso, trabalhadores e trabalhadoras domésticas alcançam direito à jornada de trabalho determinada e horas extras. Portanto, neste momento, emergem na cena política, enquanto se discutem no Congresso Nacional as últimas medidas para alterar a legislação trabalhista rumo à sua equiparação com as demais categorias. A despeito disso, seu mundo – seu cotidiano, identidade profissional, planos, as representações sociais sobre si próprias e os outros, como cuidam de seus lares... – permanece como se fossem parte de um mundo estranho, tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

Neste texto<sup>1</sup>, estimulada pelo filme *Domésticas* (2001), dos cineastas Fernando Meirelles e Nando Olival, que foi alvo de uma sessão do Projeto

<sup>1</sup> As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente as visões das organizações às quais a autora está filiada.

Cine-Gênero, do GEPEM, abordo o emprego doméstico feminino de uma perspectiva sociológica, inspirando-me principalmente nas autoras Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007). Reflito sobre os significados da permanência e das transformações desse emprego na realidade

brasileira contemporânea enquanto, ao mesmo tempo, o contingente de trabalhadores domésticos em países desenvolvidos conhece um aumento relativo.



## 1. Atividades Domésticas, Emprego Doméstico e a Ordem Social de Gênero no Capitalismo

A discussão que se faz sobre essa categoria socioprofissional insere-se na tradição de estudos feministas sobre o mundo do trabalho e sobre seus agentes, analisando criticamente as relações sociais entre os sexos e seus rebatimentos na esfera do trabalho. Nessa perspectiva, compreende-se que não é à toa que o trabalho doméstico demorou a ser reconhecido como profissão passível de receber o mesmo enquadramento legal de qualquer outra profissão. Não é mero atraso brasileiro, embora também o seja. As atividades em questão são as relativas aos cuidados com o lar e com as pessoas, atribuições historicamente naturalizadas como femininas. São representadas socialmente como decorrências da maternidade e da associação mais próxima das mulheres com a casa e com a criação dos filhos, especialmente quando eles são pequenos.

As atividades domésticas não são, em princípio, trabalho, muito menos profissão, embora cruciais na reprodução social das famílias, das comunidades locais e, por extensão, do próprio sistema econômico capitalista, baseado na separação entre esfera doméstica e esfera produtiva. Esta última é claramente reconhecida como econômica, ou seja, arena da produtividade, do cálculo, da monetarização enfim, da aplicação da racionalidade econômica. Tal separação de esferas segue sendo funcional ao sistema econômico porque parte dos custos de reprodução da força de trabalho dos trabalhadores empregados não são contabilizados, já que assumidos baseando-se nos laços sociais entre as pessoas, muitas vezes como “obrigação de mulher”, de “dona de casa”. Quando essas lides são feitas com a contratação de pessoas de fora do círculo familiar, remuneradas, a literatura também destacou – Heleieth Saffioti dentre outros autores – o fato de o emprego doméstico contribuir para amenizar os potenciais conflitos derivados das oscilações na demanda de trabalhadores por parte dos setores formais da economia. Contingentes de desempregados, temporários ou de longa duração, encontram nos

serviços domésticos alternativa de sobrevivência, além de comumente representarem o primeiro emprego de muitas jovens de famílias de baixa renda Brasil afora. Em artigo sobre o tema, Solange Sanches (2009, p. 880) argumenta nessa perspectiva:

O trabalho doméstico mantém-se, particularmente, nas situações de crise e nos mercados de trabalho desestruturados e com escassa oferta de postos, como uma importante porta de entrada para as jovens de menores rendimentos.

A crítica feminista do trabalho acarretou a maior consciência pública da interconexão entre atividades desenvolvidas na esfera doméstica e na esfera profissional, expressão da divisão sexual do trabalho sobre a qual assenta a divisão mais ampla do trabalho social (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 598). Segundo essas autoras, a divisão sexual do trabalho tem dois princípios organizadores: separação (atividades femininas e masculinas) e hierarquia (valoração inferior para atividades classificadas como femininas), princípios que se sustentam à conta de uma ideologia naturalista que “rebaixa o gênero ao sexo biológico”. É importante assinalar que embora as situações empíricas sejam dinâmicas e mutáveis, a distância característica da divisão sexual do trabalho se mantém, asseveram as autoras.

## 2. A Importância do Cuidar

A crítica dessa representação social de esferas separadas, produção e reprodução, permitiu não apenas a reformulação do conceito de trabalho, libertando-o do “paletó estreito de sua compreensão capitalista” (HIRATA e KERGOAT, 2007), como também deu origem a uma instigante linha de investigação sobre as formas e significados do *cuidar*. Nessa linha, trabalho passou a ser compreendido não mais na ótica restrita da economia capitalista, mas como toda atividade relacionada à *produção do viver*, na expressão das autoras. Consequentemente, também os cuidados com o meio ambiente, com a conservação dos recursos naturais comuns

e com o seu uso sustentável entram nessa categoria de *produção da vida*. São premissas que contestam a lógica produtivista de nossa sociedade de trabalhadores e trabalhadoras, consumidores e competidores e, portanto, premissas que estão obrigando a por o pé no freio do crescimento econômico, assim como a instaurar ritmos produtivos mais ciosos dos tempos do cuidado e da reprodução. Nossas sociedades também são de cuidadores e cuidadoras. A esse respeito, é notável na literatura sobre sustentabilidade ambiental, nas duas últimas décadas, a crescente atenção às dimensões de gênero (MANESCHY, SIQUEIRA e ÁLVARES, 2012).

As análises sobre o papel do cuidado na sociedade contemporânea, dentre as quais sobressaem os estudos de Joan Tronto (2007), questionam a fundo o sistema econômico e sua lógica, ao mesmo tempo em que enfatizam as injustiças baseadas no gênero e na classe social. Desvelam um componente ideológico do sistema econômico, aquilo que Nancy Fraser (1997) denominou de “ordem social de gênero”, a qual se exprime na forma como na sociedade se organizam/separam os cuidados, as categorias sociais que deles se ocupam prioritariamente e as políticas sociais correspondentes.

Hildete Pereira de Melo (1998) tratou dessa dimensão da ordem social de gênero em texto sobre o emprego doméstico na sociedade brasileira. Segundo a autora argumentou na época, a grande oferta de mão de obra e os baixos salários possibilitavam que mulheres de classe média e alta ingressassem no mercado de trabalho, sem que as coletividades criassem instituições que reduzissem os encargos no lar e com a socialização das crianças, tais como creches e escolas em tempo integral.

Em suma, dessa noção da centralidade dos cuidados, refinou-se o sentido da igualdade que motiva tantas reivindicações e lutas sociais por reconhecimento e respeito. Os conceitos de equidade de gênero e de justiça de gênero derivam desse tipo de compreensão das relações sociais entre os sexos e de como elas se expressam na divisão sexual do trabalho. Que igualdade querem as mulheres? O acesso ao trabalho e à remuneração digna nos moldes vigentes? A igualdade dentro da ordem social de gênero

que invisibiliza o cuidar – e, por vezes, o inviabiliza? A igualdade em uma ordem de gênero que hierarquiza e condena os que se dedicam aos cuidados à irrelevância social, à inferioridade de renda e à privação de liberdade de escolha?

### 3. Emprego Doméstico e Mudanças no Mundo do Trabalho

Ao final da década de 1970, Heleieth Saffioti, em seu estudo seminal *Emprego doméstico e capitalismo*, destacou o fato de que então ele absorvia cerca de 20% das mulheres ocupadas no Brasil. Ainda que tenha havido

<sup>2</sup> Atuação feminina; trabalhadoras domésticas. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/secoes/mulher/atuacao-feminina/trabalhadoras-domesticas>. Acesso em 24 de abril de 2013.

<sup>3</sup> Organização Internacional do Trabalho. Domestic workers across the world: Global and regional statistics and the extent of legal protection. Apud PESSOA, Samuel. O emprego doméstico no Brasil. (27/01/2013) Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/samuelpessoa/1221067-o-emprego-domestico-no-brasil.shtml>. Acesso em 24 de abril de 2013.

uma importante redução proporcional, três décadas depois é ainda expressiva a atividade. Segundo dados oficiais, mais de 6,7 milhões de mulheres (contra 500 mil homens) atuavam nesse ofício em 2009 (Atuação feminina, 2012)<sup>2</sup>. Outra fonte indicava para o mesmo período 7,2 milhões de trabalhadores domésticos, sendo 93% de mulheres (OIT apud PESSOA, 2013).<sup>3</sup> Este último autor ressaltou que tais trabalhadores correspondiam a 7,8% do total da população ocupada no Brasil no ano de referência. É importante refletir sobre o significado dessa continuidade. Com efeito, o Brasil está entre os vinte países do mundo com maior percentual de trabalhadores domésticos na população ocupada, conforme os dados da OIT, que Pessoa (2013) destacou. Ademais, a permanência e o crescimento dos serviços domésticos remunerados é fenômeno mundial, como esclarece Sanches (2009, p. 880):

Os/as trabalhadores/as domésticos/as são uma parcela expressiva da força de trabalho no mundo. Segundo a OIT, estimativas conservadoras

apontam mais de 100 milhões de pessoas, que representam entre 4% até 10% da ocupação total (feminina e masculina) nos países em desenvolvimento e cerca de 1% a 2,5% nos países desenvolvidos. Na América Latina, o trabalho doméstico conta com aproximadamente 12 milhões de pessoas e representa 14% da ocupação feminina na região.

Nos chamados “anos dourados do capitalismo”, do pós-guerra à década de 1970, foi possível supor que nos países em desenvolvimento essa configuração do mercado de trabalho tenderia a se modificar, como aconteceu em grande medida com os países desenvolvidos, suplantada pelo próprio desenvolvimento econômico, pelo advento das políticas sociais próprias dos Estados de Bem Estar e pelo aumento dos custos desse trabalho ligados à sua maior cobertura social. E, finalmente, dada a elevação geral da escolaridade que tenderia a restringir a oferta de mão de obra para aquela que, segundo disse a personagem Roxane ao final do filme *Domésticas*, *ninguém escolhe como profissão, do mesmo jeito que escolhe ser professora, enfermeira ou artista*. Mas, essa tendência não se confirmou na amplitude esperada. Por outro lado, é preciso notar que nos países desenvolvidos assiste-se há pelo menos duas décadas a uma retomada da importância dos serviços pessoais remunerados, não necessariamente na forma de emprego doméstico, com suas características de regularidade de exercício para os mesmos empregadores. Tratam-se, especialmente, dos diaristas, cuidadores de idosos, babás e outros prestadores de serviços pessoais em domicílio. Mais uma vez, recorre-se à análise de Sanches (2009, p. 880) a respeito das movimentações pertinentes:

Do ponto de vista da demanda por esse serviço [doméstico], vêm concorrendo para isso mudanças na organização e na intensificação do trabalho, diminuição do gasto público com serviços sociais, envelhecimento das populações e falta de políticas de conciliação entre trabalho e responsabilidades familiares.

Hirata e Kergoat (2007) identificam um movimento em nível internacional o qual denominam de polarização do emprego: de um lado,

aumento da proporção de mulheres como “funcionárias e profissões executivas de nível superior”, que investem em suas carreiras e, de outro lado, maior número de mulheres em situação precária, enfrentando desemprego e flexibilidade no emprego, a *feminização* de correntes migratórias, dentre outras. As autoras ressaltam, então, essa característica da ordem social de gênero dominante, segundo a qual os cuidados com as pessoas, os encargos domésticos são principalmente “questão de mulheres” e não de interesse geral, a despeito das grandes mudanças que se deram no reconhecimento e na efetivação das mulheres como trabalhadoras:

Como o trabalho doméstico nem sempre é levado em conta nas sociedades mercantis, e o envolvimento pessoal é cada vez mais solicitado, quando não exigido pelas novas formas de gestão de empresas, essas mulheres (...) externalizam “seu” trabalho doméstico. Para isso, podem recorrer à enorme reserva de mulheres em situação precária... (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 601)

As autoras sublinham as novas modalidades de engajamento no trabalho no mercado concorrencial da globalização. A título de exemplo, tem-se a exigência de dispor de qualificações variadas, como o bilinguismo, o domínio das tecnologias de informação e comunicação, o “vestir a camisa” da empresa etc. Por outro lado, diante da maior instabilidade dos empregos, das ocupações temporárias ou em tempo parcial, estar atualizado é condição para a empregabilidade, isto é, ser capaz de ter as competências validadas no mercado. Em consequência, tende-se a diluir as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo da vida privada, da fruição e do lazer, como acentuam autores da Sociologia do Trabalho, a exemplo de Giovanni Alves (2009). Tudo isso implica o envolvimento pessoal cada vez maior no trabalho, de que falam Hirata e Kergoat (2007) na citação acima.

Nesses termos, o trabalho doméstico tende a ser externalizado, apontam as autoras. Nos países do norte, isto se resolve muitas vezes mediante recurso a mulheres migrantes de outros países, enquanto nos

países em desenvolvimento, por meio de recurso a migrantes internas e pela própria existência de trabalhadoras excedentes em larga escala em relação à oferta de empregos, como característica estrutural dos mercados de trabalho locais.

O quadro abaixo sintetiza as análises de Hirata e Kergoat (2007) sobre as configurações atuais da divisão sexual do trabalho, expressões da polarização dos trabalhos das mulheres:

<b>Trabalho assalariado</b>	<b>Trabalho doméstico</b>
Mais mulheres em profissões de nível superior Trabalho “imaterial” com fortes demandas de investimento pessoal (tempo, qualificação continuada, redes de contatos...)	Mulheres com necessidades e meios de repassar a outras as tarefas domésticas e familiares  Externalização dos encargos domésticos
Grandes contingentes de mulheres em situação precária Internacionalização do trabalho reprodutivo <sup>4</sup>	
Expansão dos empregos em serviços em países desenvolvidos e em desenvolvimento	Atenuam-se os antagonismos entre responsabilidades familiares e profissionais das mulheres que podem pagar por serviços domésticos

Hirata e Kergoat (2007) formulam conceitos que expressam os padrões correntes – modelos - de articulação entre responsabilidades domésticas e profissionais. Elas se referem, em primeiro lugar, ao modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, segundo o qual aos homens cabe o papel de provedor e às mulheres o de cuidar da família e do lar; neste caso, evidentemente, não se coloca o problema de articular a dupla responsabilidade. Restam, então, dois outros modelos: o da conciliação e

<sup>4</sup> Um filme de ficção que aborda a migração de mulheres latino-americanas para os EUA e que se empregam em casas de família é **Spanglish**, filme americano de 2004.

o da delegação. A conciliação segue sendo uma problemática “feminina”, pois cabe especialmente a mulheres efetuar a combinação; é delas que se esperam os arranjos necessários para tal e são ainda elas que sentem as maiores culpas pelas falhas ou dificuldades que enfrentam. O modelo da delegação, pelo qual se transfere a outrem uma parte dos encargos domésticos, emerge como consequência da polarização crescente dos

<sup>5</sup> Há, ainda, o modelo da parceria, que pressupõe uma partilha mais equitativa dos afazeres domésticos entre os casais. Mas as autoras não o desenvolvem, apontando para o fato de que pesquisas sobre emprego do tempo em diferentes países evidenciam a distância entre a realidade das práticas e o modelo.

<sup>6</sup> Emenda Constitucional que ampliou os direitos dos trabalhadores domésticos no Brasil.

empregos das mulheres, sintetizada no quadro anterior.<sup>5</sup>

No Brasil, conhecemos de longa data o repasse dos encargos do lar a empregadas domésticas. Em particular, herdamos uma longa história de recurso ao trabalho doméstico de crianças e adolescentes, o que só veio a ser efetivamente proibido em 1990, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e, recentemente, ratificado pela Emenda Constitucional 72/2013.<sup>6</sup> Em relação à Amazônia, os estudos de Maria Luíza Nobre Lamarão (2008) e de

Carlos Alberto Maciel e Maria Luíza Nobre Lamarão (2007) discutem aspectos da sociabilidade nas relações entre as famílias empregadoras e as crianças e adolescentes empregadas, considerando-as como relações de poder “estruturadas a partir de uma história que se objetivou na formação de estigma e subalternidade” (MACIEL e LAMARÃO, 2007).

As empregadas domésticas a quem se “delegam” os cuidados com os filhos, também têm de delegar essas responsabilidades. Hirata e Kergoat (2007) observam que as práticas de delegação estão muito longe de expressar equidade entre os gêneros. Elas apontam especificamente as migrantes internacionais que vão cuidar de filhos alheios nos países de destino ao preço de longos períodos de afastamento dos próprios filhos. Os modelos da conciliação e da delegação suscitam questões de grande interesse para pesquisas sobre as configurações atuais da divisão sexual do trabalho, como indicam Hirata e Kergoat (2009): como mulheres de



diferentes classes sociais os implementam? O que acarretam para os filhos? Quem são as mulheres que fazem a conciliação e a delegação?

## CONCLUSÕES

O emprego doméstico permanece atualíssimo. Entre nós, a cultura dominante guarda ainda marcas da história, o que explica em grande parte a invisibilidade, o estranhamento e a distância entre os mundos de quem emprega e de quem é empregado nesse ofício. Sob esse prisma cultural, as mudanças constitucionais no estatuto da trabalhadora doméstica no Brasil são profundas.

Mulheres de diferentes classes sociais enfrentam barreiras semelhantes para combinar cuidados e trabalho, mas dispõem de meios muito desiguais para criar soluções. Frequentemente recorrem a outras mulheres, seja na família, seja no mercado. Os conceitos de conciliação e de delegação estimulam pesquisas e lançam luzes para se buscar compreender as muitas redes sociais que sustentam a ordem social de gênero, no interior das famílias e entre famílias diferentes, e que ainda pesam mais sobre elas do que sobre eles. Os efeitos dessa ordem social sobre as crianças nas famílias com menos recursos permanecem um problema atual. As novas regras trabalhistas vão certamente aliviar parte dos custos sociais da delegação para essas trabalhadoras, ao mesmo tempo em que contribuirão para tornar públicos os dilemas e as fragilidades do cuidar, questão que nos interessa a todos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. *A condição de proletariedade: a precariedade do trabalho no capitalismo global*. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2009.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

FRASER, Nancy. *Justice interruptus; critical reflections on the “postsocialist” condition*. New York, Routledge, 1997.

LAMARÃO, Maria Luíza Nobre. A Constituição das relações sociais de poder no trabalho infanto-juvenil doméstico: estudo sobre estigma e subalternidade. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Belém, 2008.

MACIEL, Carlos Alberto B. e LAMARÃO, Maria Luíza Nobre. Estigma e subalternidade no trabalho infantil doméstico: marcas da sociabilidade do aviamento na Amazônia brasileira. Trabalho apresentado na III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. São Luís, 28 a 30 de agosto de 2007. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoF/0e39ca18a1eb5f08f312CarlosAlberto\\_maria\\_Luiza.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoF/0e39ca18a1eb5f08f312CarlosAlberto_maria_Luiza.pdf). Acesso em 2 de maio de 2013.

MANESCHY, Maria Cristina, SIQUEIRA, Deis e ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista de Estudos Feministas*, v. 20, n. 3. P. 713-737. 2012.

MELO, Hildete Pereira de. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Brasília, 15 (1). 1998.

PESSOA, Samuel. O emprego doméstico no Brasil. (27/01/2013)  
Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/samuelpessoa/1221067-o-emprego-domestico-no-brasil.shtml>. Acesso em 24 de abril de 2013.

SANCHES, Solange. Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17 (3): 312, setembro-dezembro/2009.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308.

## ENTREVISTA: Maria Angela D’Incao

*Depoimento de Maria Angela D’Incao, Doutora e Pesquisadora na área de Sociologia, Concedido, em maio de 2013, à Editoria da Revista Científica Gênero na Amazônia.*

**RE – Quando iniciou suas atividades acadêmicas – ensino, pesquisa, extensão, editoração de livros (UNESP/UFPA)?**

**MAD** – Iniciei minhas atividades acadêmicas no ano de 1966, em Presidente Prudente, SP<sup>1</sup>, que à época era um Instituto Isolado, uma Faculdade de Filosofia – como tantas outras que hoje compõem a UNESP. A Faculdade de Filosofia/PP tinha, entre outros cursos, o de Ciências Sociais e foi a ele que me dirigi após a minha formatura no ano anterior, na Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Minha família era de Presidente Venceslau e eu procurava um local para ficarmos próximos. Além do mais, meu namorado, que viria a ser meu marido, também era da região e programamos nos casar e viver por lá.

Tinha como apresentação uma carta, entre outras, do Florestan Fernandes, meu professor que atestava minhas capacidades como sua estudante. Contou também, nesse momento, a presença de minha irmã, a socióloga Maria Conceição D’Incao que lá já estava trabalhando.

Nesse período inicial passei anos preparando aulas que eram muitas e variadas. Éramos poucos no departamento de Sociologia e esperavam tudo de uma jovem professora. As aulas variavam de Metodologia e Pesquisa as Sociologias teóricas e do desenvolvimento. Além disso, havia uma demanda dos alunos sobre orientações e leitura do Capital e outros autores como Rosa Luxemburgo. Assim, nos primeiros anos de trabalho, não havia pesquisa, tão somente leituras e preparação de aulas. Foram anos de muito aprendizado sobre os clássicos de Sociologia e os atores nacionais, tanto de sociologia quanto de economia desenvolvimentista.

Era a época da Ditadura Militar e sofri juntamente com outros colegas da faculdade uma investigação militar. Os membros da comissão militar estavam implicados, entre outras coisas, com a presença, em

minha bibliografia programática, do livro de Maurice Dobb, *A Evolução do Capitalismo*. Tivemos que depor e explicar nossa bibliografia considerada tão radical. Saímos fortalecidos desse momento horrível, mas é bom não esquecer o sofrimento que passamos e as incertezas que nos rodearam por todo o tempo.

De qualquer modo, reputo esses anos como extraordinários em minha formação e a presença da ditadura, com todos os seus horrores, mostraram-me muito de nosso país, e assim, aprendi a preencher lacunas possíveis durante o regime de ferro. Uma delas foi desenvolver programas de estudos, cursos de extensão universitária, conferências e palestras sobre temas emergentes no país e nas Ciências Sociais. Assim, entrando em contato com colegas de São Paulo, cassados ou não pelo regime militar, formulamos palestras e conferência sobre os índios, o desenvolvimento do país, a importância das ciências para a compreensão da Sociedade, entre outros. Aí pode ter começado esse gosto que tenho de organizar debates e discussões de temas relevantes a compreensão de tópicos com diversidade de posições.

Um pouco mais tarde se colocou a necessidade de fazer um doutorado, aí começaram as pesquisas. Passei a viajar de ônibus uma vez por semana, 600 km, para assistir ao curso de pós-graduação que fiz com Maria Sylvia Carvalho Franco, na USP. Disso derivou um doutorado, pelo regime antigo, para o que pesquisei e escrevi uma tese sobre os empresários rurais na Alta Sorocabana. O tema central foi o de relacionar a grande extensão de terras nas mãos de poucos e o baixo rendimento por hectares a formas empresariais, que buscavam sempre quantidades de terra maiores e não propriamente de desenvolvimento da área rural. Procurava entender a racionalidade (Maurice Godelier) desses empresários, proprietários, os mais diversos, presentes na região em questão que é, até hoje, a mais pobre região do Estado de São Paulo.

Depois de meu doutorado continuei viajando para reciclar-me profissionalmente. Foi assim que estagiei na Universidade de Oxford (1980-5) onde, sem dúvida, estive, pela primeira vez em minha vida, longe

das intermináveis reuniões de departamento e burocracias universitárias. Assim o tempo para estudar, pesquisar e escrever sobre temas que me interessavam nessa nova fase de minha vida foi das coisas mais gratificantes. Entre esses temas está o da família, tema de meu projeto para estagiar na Inglaterra onde desenvolvi e aprendi grandemente com estudos e novas leituras, contatos e novas maneiras de pesquisar, escrever e me relacionar em uma Universidade extraordinária. Foram anos centrais em minha vida de pesquisadora.

**RE – Na área do ensino de (e/ou outra do Capitalismo das Ciências Sociais), quando e como você iniciou a desenvolver os estudos sobre a questão da mulher e as teorias de gênero? Houve algum fato que a conduziu para esses estudos?**

**MAD** – Os estudos de família me levaram, sem dúvida, à temática da mulher e das teorias sobre relações de gênero. Em Oxford, em busca de interlocutores para a minha pesquisa sobre o tema da família e com minha pouca experiência inicial com a língua inglesa, frequentei – por orientação de Hermínio Martins<sup>2</sup>, naquele tempo o colega que cuidava de minha inserção na Universidade – o seminário que acontecia no Queen Elizabeth House (QEH)<sup>3</sup> sobre temática da mulher. Frequentei durante minha estadia em Oxford o seminário semanal organizado por um conjunto de antropólogas. Foi, na verdade, a primeira vez que compreendi a grandeza que o tema do trabalho trazia para as questões das relações de gênero, tanto nas sociedades tradicionais quanto nas contemporâneas.

O debate sobre trabalho e mulher em diversas localidades das sociedades não capitalistas

<sup>2</sup> Hoje, Herminio Martins é Emeritus Fellow, St Antony's College, University of Oxford e Pesquisador Honorário no Instituto de Ciências Sociais, na Universidade de Lisboa. Grande pesquisador sociólogo e filósofo que tem escrito sobre modernidade, tecnologia, entre outros. Tive a honra de me tornar sua amiga por todos esses anos desde o nosso conhecimento inicial.

<sup>3</sup> Teve uma duração de cerca de dez anos, mas, a partir de 1983, o grupo deixou de existir como tal, dando lugar ao International Gender Studies Centre (IGS), também em Queen Elizabeth House com vários cursos de mestrado e outros.

quer na China, na África ou inclusive na Índia, foram muitíssimo úteis na compreensão dos grupos familiares. Além disso, muitos dos seminários eram históricos sobre o tema da mulher no passado. Aprendi

<sup>4</sup> Muitos autores tratam dessa questão histórica, pela qual se sabe que uma das primeiras representações divinas criadas pelos seres humanos foi a figura da “Deusa” – a “mãe terra”. Conforme a mitologia grega, a Grande Mãe criou o Universo sozinha sendo Gaia criadora primária, a “Mãe Terra”. Trato desse tema em um artigo a ser publicado. Além disso, Rosângela Angelin, no texto *Gênero e Meio Ambiente: a atualidade do eco feminismo*, aborda muito bem a questão.

muito com esse grupo de mulheres da academia. Seminários com imagens e alegorias que mostravam a grandeza da mulher no passado e o quanto as relações capitalistas transformaram essa grandeza em subalternidade<sup>4</sup>. Esse grupo chefiado por antropólogas sociais, entre elas Shirley Ardener (casada com o brilhante antropólogo Edwin Ardener), marcou muito minha visão do feminismo e das relações de gênero nas sociedades tradicionais e contemporâneas. Até aí, não me ocorria estudar gênero e relações com a subalternidade da mulher.

**RE – Quais as principais linhas do estudo sobre mulher e gênero que você tem desenvolvido até hoje? É possível situar no tempo, as preocupações acadêmicas sobre essas linhas? E hoje, qual a linha central de suas inquietações?**

**MAD** – Na verdade, acredito que minha inclinação aos estudos sobre mulher e gênero apareceu mais fortemente na Amazônia, precisamente em Tucuruí, no Pará. A constituição de casais sendo a mulher bem mais jovem que o homem tocou-me profundamente e, então, procurei entender essa questão. Decorrente dessas inquietações, escrevi um artigo intitulado *Sobre o Amor na Fronteira* que está publicado no primeiro livro que organizamos juntamente com Maria Luzia Alvares, para o GEPEM e o Museu Goeldi, na coleção Eduardo Galvão em 1995.

Acredito que, após essa visão, passei a observar o tema. E nas entrevistas sobre família que fizemos na Travessa Cumaru, em Igarapé

Açu, e também em Uraim e São João do Capim, elaboramos questões intencionando investigar o trabalho e a presença da mulher como pessoa ativa na agricultura camponesa e não unicamente como dependente do trabalho do homem.

Desenvolvi os estudos sobre família na literatura brasileira optando pela chamada análise dos sentimentos. Creio que essa linha de análise foi bastante frutífera e sempre procuro essa perspectiva em minhas análises sobre a mulher. Ela prioriza as emoções e as relações com as emoções.

A minha maior inquietação hoje se situa no ainda presente desprestígio das mulheres nas relações amorosas. Isto é percebido tanto na situação das mulheres que não se casam quanto em situações onde as mulheres são contestadoras ou pobre ou negras. Este tema é recorrente, tanto nas situações das uniões e separações quanto nas situações de crimes contra a mulher, entre outros. O fato de elas serem consideradas “de vida fácil”, então, é profundamente negativo nas avaliações dos próprios crimes. O custo da vida da mulher é muito baixo neste país. Um estudo das leis no que toca à mulher seria um estudo que gostaria de ver feito. A promotora Luiza Nagib produziu um livro importante nessa direção, **A Paixão no banco dos réus**.

**RE – Principais correntes que você tem estudado na questão da mulher e teorias de gênero? A seu ver, houve mudanças nesse eixo de estudos e pesquisas?**

**MDA** – Quanto aos meus trabalhos, pratico um pouco de antropologia social aliada à formação que tive como socióloga. Acredito que as relações de gênero pedem visões que consigam focalizar o tema das mulheres e procurem compreender, de modo sistêmico, as relações que elas mantêm com a sociedade maior. Além disso, é preciso, em primeiro lugar, ter um problema que se queira investigar.

No caso dos estudos de gênero, pode-se dizer que, no Brasil, como no resto do mundo, que antes era um tipo de estudo denunciativo, hoje ele

se refere mais à compreensão das posições e relações dentro do sistema maior. Assim, os estudos feministas, até os anos 70, tinham como objeto central “a mulher” no singular. Os trabalhos produzidos neste período tinham a preocupação de explicar as causas da opressão feminina, da subordinação da mulher na história do patriarcado. A partir de meados dos anos 70, há uma mudança de enfoque: de mulher para mulheres. O conceito de gênero é pensado como uma construção social das identidades sexuais e como objeto de estudo das feministas. Com isso, os estudos de gênero se constituem um avanço na compreensão de que é preciso desconstruir, desnaturalizar o masculino e o feminino. E daí, compreender a problemática dentro de um conjunto de relações significativas em um sistema social, cultural determinado.

Antes, se procurava causas universais e questões de origem. O patriarcado ou o capitalismo? Patriarcado capitalista? Capitalismo patriarcal? Eram questões que o debate produziu.

A partir de 1970, os conceitos de classe, raça, gênero e as diferenças entre mulheres foram introduzidos e não apenas as desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre os homens. Então, gênero começa a ser pensado como um dos elementos constitutivos das relações sociais, que se articula com outras categorias configurando situações de gênero específicas.

Assim, as discussões sobre gênero entram na explanação científica das diferentes ciências sociais que trabalham gênero nas diferentes sociedades ou grupos humanos. Coloca-se a necessidade de compreender a constituição de certo sistema social e as específicas relações – aspecto relacional – que, juntamente com outras categorias, determina certo tipo de relações de gênero não mais a essencialidade universal da questão.

A minha vivência em Belém de 1993 a 1997 foi muito rica e decisiva nas minhas pesquisas sobre a temática da mulher e relações de gênero. Minha relação com as colegas de lá me indicaram a importância do tema, quando organizamos e publicamos um volume intitulado **A Amazônia**



e a crise da Modernização (MPEG, 1994) o qual, entre outros, também discutiu o tema das relações de gênero<sup>5</sup>.

Tenho tentado mostrar o papel da mulher na produção agrícola, mas não só. Também focalizo a questão da fronteira. É o caso do artigo “*Sobre o amor na fronteira*” publicado no volume **A Mulher Existe?** (GEPEM, 1995). Este trata da questão da busca de uma união economicamente estável entre mulheres pobres na vivência de uma situação de transformação do mundo tradicional, dada uma economia de rápidas transformações igual à que a Amazônia sofreu com a economia chamada de enclave.

Em 1997, publicamos um artigo no volume **Mulher e Modernidade na Amazônia**, tomo I, onde analisamos os distintos grupos presentes na Amazônia.

O artigo publicado juntamente com Humberto Cotta Júnior, “Transformações e permanências no espaço feminino”, no volume **Mulher e Modernidade na Amazônia**, tomo II (Letras a Margem, 2001) mostra como o trabalho na agricultura é mistificado e ocultado por muitos. Além disso, estão para serem publicados mais alguns artigos sobre a pesquisa que fizemos em Igarapé Açu e em Uraim constantes de pesquisa efetuada há cerca de 10 anos e que só agora está sendo preparada para ser publicada, por motivos de natureza pessoal.

Quanto às teorias, acredito que as relações de gênero pedem teorias que deem conta de focalizar o tema das mulheres e procurem compreender, de modo sistêmico, as relações que elas mantêm com a sociedade maior e com o poder.

**RE – Você considera importante os estudos atuais sobre diversidade social e a conexão com as demais áreas das ciências de um modo**

<sup>5</sup> Fruto de uma Conferência Internacional patrocinada e apoiada pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Emilio Goeldi. Foram muitas as pessoas que apoiaram a Conferência além dos colegas que me acolheram no Museu. Além disso, também sou grata aos colegas do curso de Antropologia da UFPA que sempre ocuparão um lugar central em minhas melhores lembranças de Belém.

**geral (ciências da terra, as da saúde, as da tecnologia & informação etc) nas questões relativas a gênero, raça, geração e classe social?**

**MAD** – A diversidade social sempre foi um tópico essencial na visão da Sociologia, Antropologia e das demais Ciências Sociais. Ela é essencial na compreensão das relações de gênero nas distintas sociedades e os aspectos constitutivos dos demais aspectos sociais têm importante significado.

**RE – Quais os principais autores que você utiliza nesses estudos? Pode discorrer sobre essas contribuições?**

**MAD** – Os Autores, evidentemente, são muitos, variados e fazem parte de toda a formação da Antropologia e da Sociologia. Seria um tanto longo, mas, sobre o tópico da mulher, gostaria de enfatizar que priorizo muito os trabalhos de natureza histórica e os que tratam das relações amorosas e as de poder dentro das sociedades, além da educação feminina. Ainda é importante a compreensão do conceito de relações que todo grupo humano apresenta.

**RE – Considerando sua contribuição na pesquisa brasileira sobre gênero, amor, casamento e conjugalidades, quais os seus trabalhos importantes para as discussões sobre a diversidade social?**

**MAD** – Bom, a diversidade social pode ser talvez vista em estudos que consideram as diferenças sociais e culturais de uma sociedade. O meu trabalho sobre Família na Literatura, editado pela Brasiliense, talvez seja meu trabalho mais importante. O método que desenvolvi de estudar o passado por meio da sociabilidade constante na literatura já rendeu bons frutos. Destaco o trabalho de Mauro Viana Barreto sobre a Amazônia de Inglês de Souza. Um belíssimo trabalho feito para mestrado em Antropologia na UFPA. Muitos outros artigos de análise de romances foram produzidos no mesmo mestrado. O conceito de sociabilidade desenvolvido sem dúvida expõe a natureza das relações sociais.

**RE – No seu ponto de vista, há avanços na mudança de olhar as mulheres brasileiros/as?**

**MAD** – De um modo geral, sim. Evidentemente se tem que analisar essa questão dentro de múltiplas circunstâncias, nas quais o passado não pode ser menosprezado. Obviamente, que as mulheres continuam ganhando menos que os homens e que continuam sofrendo o assédio sexual em muitas situações. Todavia, hoje não se pode negar que as mulheres têm papel importante na sociedade brasileira, tanto pela educação mais primorosa que a os homens quanto no afimco com que encararam uma profissão e seu papel concomitante de chefes do lar.

Talvez, também, seja bom lembrar que o Brasil não é particularmente um país tradicionalista, apesar de cruel com as mulheres fora das regras e pobres. Assim, as mulheres brasileiras em muitos aspectos podem inovar e lutar por posições melhores. Uma vista nos movimentos sociais de mulheres mostra a grande afluência a esses movimentos reivindicatórios. Esses talvez sejam elementos que esclarecem a melhora da visão sobre as mulheres.

Caminhamos, também, para uma crítica grande aos meios de comunicação que usam imagens de mulheres para consumo de bebidas ou outras mercadorias.

Outro indício da melhoria das condições das mulheres é o quanto o número de pessoas sós, os *singles*, tem crescido no país. Muitas mulheres, mas não só, os homens e gays também, estão distantes do casamento como única opção de futuro. Ao contrário, a profissão se coloca como condição mais importante na construção do devir. É claro, que a busca de um companheiro sempre está presente em todos os gêneros, mas a dissolução de uma união também é sempre uma possibilidade.

**RE – E sua inserção nos grupos e núcleos de estudos de gênero?**

**MAD** – Eu, na verdade, participo do GEPEN, ainda que a distância, e de uma ONG que trata de questões culturais e educacionais. Nesta

ONG, trabalhamos também com temas de gênero. Assim, tenho feito conferências, orientado algumas teses e escrito bastante. Estou agora a terminar a escrita de artigos e livros de minha pesquisa aí na Amazônia. Tenho escrito para jornais, o que me atrai muito escrever sobre temas emergentes.

---

---

**Maria Ângela D’Incao** estudou no curso de Ciências Sociais na USP e fez Pós-Doutoramento na Universidade de Oxford – Inglaterra. É professora na UNESP, Pesquisadora na área de Sociologia e consultora nos estudos de camponeses e família rural e urbana, com ênfase na região amazônica. Pesquisadora filiada ao GEPEM/UFPA. Desenvolve estudos comparativos de família, relações entre globalização no Brasil e relações internacionais. Além disso, é organizadora de diferentes eventos acadêmicos nacionais e internacionais. É autora de livros e editora. Entre seus livros, no período 2001-2010, destacam-se: *Mulher e Modernidade na Amazônia, tomo II* (org.); *Diversidade Biológica e Cultural da Amazônia* (org.); *O Brasil não é mais aquele... Mudanças sociais após a redemocratização*; *Uma Região, uma Cidade e sua Gente*; *A Amazônia e a Crise da Modernização* (org.); *Democracia, Crise e Reforma: estudos sobre a era FHC* (org.).

**E-mail:** [madincao@uol.com.br](mailto:madincao@uol.com.br)

---

---

## ENTREVISTA: mulher e maternidade

*Depoimento Concedido pela Coordenadora do GEPEM à Rádio Cultura do Pará, no Dia Internacional da Mulher (8/3/2013).*

**Maria Luzia Miranda Álvares**

**RC – De acordo com o que vocês observam no grupo de estudos, há uma mudança na forma de pensar das mulheres com relação ao trabalho e a criação dos filhos?**

**MLA –** Primeiramente temos que observar algumas evidências sobre essa questão. O ato biológico de gerar filhos transformou-se em ato mecânico e cultural que se tornou atividade clássica de gerir a casa (gerenciar, administrar, dirigir etc) – veja – gerar filhos não leva necessariamente as mulheres a tarefas da casa. Ela concebe, dá a luz, amamenta, cuida do bebê e de seu trato em todos os níveis – do acalentar ao amamentar – da proteção ao estímulo para que esses bebês tenham qualidade de vida compartilhada.

Mas para que se possa comentar essa situação, é necessário estar atentas aos marcadores sociais. Um deles é o mais acintoso, o mais cruel – o da situação de classe social. Nós não podemos ter o mesmo cálculo sobre os cuidados da maternidade e o ato do trabalho fora de casa entre as mulheres de maior poder aquisitivo e as de menor poder aquisitivo. Aquelas, hoje, avançaram no reconhecimento de que são inteligentes, são saudáveis, e podem ser independentes do salário do marido, companheiro ou parceiro; podem ter um emprego fora de casa para conseguir essa independência financeira. Entretanto, elas têm recursos para assalariar outra mulher, cuidadora dos filhos.

As mulheres de menor poder aquisitivo necessitam deixar os filhos em casa para conseguir o seu sustento e às vezes só ela é responsável pelo salário da família. Às vezes tem uma parenta para cuidar de seus filhos, outras nem isso têm, deixando-os trancados em casa, mas esse é outro assunto.

Então, como/quando se vê essas questões:

**a) Há mudança na forma de pensar das mulheres com relação ao trabalho e à criação dos filhos?**

**MLA** – O meu ponto de vista é que há, sim, uma maneira nova de elas pensarem essas ações. Isto é demonstrado pelo contingente feminino que entra no mercado de trabalho, algumas casadas, outras solteiras, mas a maioria já tem sua própria família, seus filhos, um ou dois que seja. Creio que para essa conciliação, cada uma delas tem seu meio próprio e estratégico para conciliar o tempo de trabalho fora de casa e o tempo de ficar com os filhos. Mas para isso precisa-se de uma pesquisa que possa averiguar quais são essas estratégias – ou dividir com o marido, ou com parentas – mães, avós, principalmente; ou creches, sempre muito difíceis de encontrar na classe social de menor poder aquisitivo. Precisa-se também de políticas públicas e pressão para que as empresas possam adequar-se a esse novo momento das mulheres e da sociedade em geral.

**b) Elas estão preferindo cuidar dos filhos ou isso acaba acontecendo porque o mercado não é “gentil” com profissionais mães?**

**MLA** – A maioria das mulheres sempre optou cuidar dos filhos, e mais: dos filhos dos outros, de suas amigas, parentas etc. Mas elas se ressentem de que nesse cuidado nem sempre entram seus companheiros. Então, é preciso estimular que a maternidade não é instintiva, é construída. Senão, os homens serão excluídos dessas tarefas a serem compartilhadas e do amor aos filhos. As empresas continuam, sim, discriminando as mulheres que cuidam de filhos, não só na entrada ao emprego profissional, mas também na ascensão funcional. Sabe-se de algumas empresas que quando as mulheres estão afastadas no período de aleitamento, embora elas tenham direito a uma ascensão funcional, elas perdem em relação às outras. Elas têm suas prioridades e se em determinado momento é o de cuidar dos filhos, optam por isso em detrimento do trabalho, do estudo etc. Mas o comum é conciliarem as duas, três situações vivenciadas no cotidiano.

**c) Ou será que agora as mulheres estão mais interessadas em ter o direito de escolher (trabalhar ou cuidar dos filhos)?**

**MLA** – Antes, as mulheres casadas que não tinham filhos eram vistas com discriminação. Hoje, independente da instituição do casamento elas querem ter filhos. Podem optar entre uma e outra situação, e até mesmo em deixar de ter filhos e não se importam que a sociedade as discrimine. A pílula anticoncepcional trouxe uma independência para a vida das mulheres e hoje ela tem a sua escolha o direito a engravidar. O trabalho? Bem o trabalho tornou-se importante para ela se sentir amada, compensada a sua inteligência, sentir-se bem interiormente sabendo que além de toda a cultura da natureza da biologia que lhe dá a condição de gerar filhos ela também pode gerir a sua vida não se importando mais com as normas que diziam que a sua condição feminina era só a de ser mãe.

---

---

**Maria Luzia Miranda Álvares** é Professora Associada 3 (IFCG/UFPA). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento/NAEA e Doutorado em Ciência Política/IUPERJ. Experiência na área de Ciência Política, com ênfase em estudos eleitorais e partidos políticos, participação política das mulheres e relações de gênero. Jornalista de “OLiberal”/PA. Coordenadora do GEPEM/UFPA. Coordenadora Regional do OBSERVE.

**E-mail:** [luziamiranda@gmail.com](mailto:luziamiranda@gmail.com)

---

---

# Normas de publicação

A Revista Gênero na Amazônia ([www.generonaamazonia.ufpa.br](http://www.generonaamazonia.ufpa.br)) é uma publicação semestral (junho e dezembro) do GEPEM/UFPA. Com o objetivo de fomentar o debate sobre mulher e relações de gênero em diferentes manifestações e enfoques teórico-metodológicos, numa perspectiva inter e multidisciplinar, a revista recebe trabalhos inéditos sob a forma de artigos e/ou resenhas bibliográficas, assim também traduções, entrevistas, dossiês temáticos e outras manifestações intelectuais de autores/as brasileiros/as ou estrangeiros/as.

Neste sentido:

- 1 - Os textos devem ser enviados para [efsantos47@gmail.com](mailto:efsantos47@gmail.com) no formato de arquivo doc. sem exceder a 1MB, incluindo as imagens; ou em CD-ROM e postado no Correio para a Editora GEPEM - Cidade Universitária José da Silveira Neto (UFPA/IFCH - Altos) - Av. Augusto Corrêa, s/n- Guamá, 66075-110- Belém/PA.
- 2 - Os textos serão submetidos à avaliação do Conselho Científico, mantido o sigilo mútuo. Eventuais sugestões de modificação de estrutura ou conteúdo serão comunicadas ao/à(s) autor/a (es/s), com prazo para reapresentação.
- 3 - O/a(s) autor/a (es/s) e coautores/as (se for o caso) de texto selecionado assinarão termo de cessão de direitos autorais, permitindo a publicação.
- 4 - No caso de artigos que mencionem o nome social de pessoa (física ou jurídica) e/ou depoimentos *ipsis litteris/ipsis verbis*, deve ser enviada uma declaração assinada pela pessoa citada no texto ou pelo/a seu/sua representante legal, autorizando a menção a quaisquer das exposições públicas referidas. As imagens originais só serão publicadas com autorização da fonte (autor/a) e das pessoas que eventualmente possam ser identificadas nas fotos.
- 5 - o texto deve ser redigido em português ou em língua estrangeira (espanhol, francês, inglês) e formatado de acordo com as seguintes orientações, no caso de artigos e resenhas:

## 5.1 - Artigos:

a) oito a vinte páginas (incluindo anexos) no tamanho A4; texto justificado, margens 2,5cm e parágrafos a 1cm da margem; entrelinhamento 1,5; resumo/resumen/abstract (em torno de 600 caracteres com espaço – é recomendável tradução especializada), contendo três a cinco palavras-chave (substantivos citados no texto



do resumo); nome(s) do/a(s) autor(es)/a(s) e dados curriculares resumidos, incluindo e-mail que possa ser divulgado;

b) fonte Garamond: 12 ( texto, título de seções e de tabelas); 11( citações com mais de 3 linhas) e 10( legendas e notas);

c) citações e figuras (máximo de 10) de acordo com as normas ABNT específicas;

d) referências: ao longo do texto, usar remissão ou sistema autor/data; ao final do artigo, listar segundo a ABNT (NBR 6023);

e) notas bibliográficas e/ou explicativas, em rodapé;

f) usar letras maiúsculas para indicação de anexos( Ex: Anexo A; Anexo B etc.).

## **5.2- Resenhas Bibliográficas:**

I) tratar de livro publicado nos últimos dois anos (considerar a edição da revista);

II) não exceder a cinco páginas tamanho A4;

III) digitalizado em fonte Garamond 12 ( texto e seções); justificado com margens de 2,5cm e parágrafos a 1cm da margem; entrelinhamento 1,5;

IV) conter os seguintes tópicos, respectivamente:

a) referências editoriais do livro, segundo a ABNT;

b) nome do/a resenhador/a e dados curriculares resumidos, incluindo e-mail que possa ser divulgado;

c) resumo informativo= descrição/enumeração sucinta da estrutura da obra: divisão e assunto dos capítulos;

d) resumo do conteúdo da obra= assunto tratado, abordagens essenciais e ponto de vista do/a autor/a do livro ( perspectiva teórica, método, linguagem etc.);

e) comentários avaliativos = apreciações/percepções do/a resenhador/a sobre o enfoque, a qualidade do conteúdo, o modo como o texto está formulado/ elaborado/ constituído (recomenda-se evitar, ao longo do texto, inserções de trechos (citações diretas) da obra resenhada.

OBS: é recomendável que os itens c, d, e sejam apresentados em seção com título específico.